



Amanhece em Paris

The Flying Man

Ann Hulme



A Grande Guerra os separou... Agora, cheios de medo eles buscam a felicidade
Jake vivo? O coração de Alice começou a bater num ritmo frenético. Era
inacreditável estar em Paris e ter diante dos olhos o homem amado, o ídolo que
ocupara seus sonhos loucos durante o período de guerra. A custo controlou a
vontade de jogar-se nos braços dele.

A realidade provocou o inevitável desencanto: Tudo havia mudado; também ela...
e ele. Outra guerra se iniciara. Aquele Jake que fora dado como morto talvez tivesse
mesmo morrido porque esse homem, física e emocionalmente ferido, agia como um
estranho hostil. Capaz até de arrumar uma cama para que Alice deitasse com outro,
apenas para o deixasse em paz!

Digitalização: Tinna
Revisão: Cynthia



Projeto Revisoras





Título original: The flying man

Copyright: Ann Hulme

Publicado originalmente em 1988 pela
Worldwide Romance, Toronto, Canadá

Tradução: José Batista de Carvalho

Copyright para a língua portuguesa: 1990

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Av. Brigadeiro Faria Lima 2000 — 3º andar
CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
Impressa na Artes Gráficas Parâmetro Ltda.

A autora

Ann Hulme nasceu em Portsmouth e estudou no Royal Holloway College, pertencente à Universidade de Londres, onde se bacharelou em francês. Inquieta, aventureira, passa a maior parte de seu tempo viajando e escrevendo. Já morou na França, Alemanha, Tchecoslováquia e Zâmbia, países que a fascinaram e lhe forneceram elementos para seus romances. Atualmente vive em Bicester, Oxfordshire, com o marido e os dois filhos.

Entre os títulos mais recentes de sua bem-sucedida carreira de escritora estão Interlaken Intrigue, The Garden of the Azure Dragon, The Hungarian Adventures e A to place for a Lady.

CAPÍTULO I

— As mulheres inglesas seguirão seus homens até a frente de combate! — declarou a Srta. Frobisher, do alto da tribuna em que se encontrava, por baixo de urna enorme bandeira do Império Britânico e ladeada por obedientes acólitas. — E, quando juntos tivermos vencido a guerra, empurrando o inimigo até o lugar de onde ele veio, veremos se alguém ainda terá coragem para insultar as mulheres britânicas, recusando-nos o direito do voto.

Alice Morrell ficou refletindo sobre aquela frase, perguntando-se se a Srta. Frobisher estava realmente querendo dizer que eram os alemães que recusavam às mulheres inglesas o direito de voto.

— Eles não ousarão! — continuou a Srta. Frobisher, já quase sem fôlego, mas ainda perfeitamente audível no local em que Alice estava sentada com Jennie Frobisher, nos fundos do salão.— Senhoras, a guerra contra o cáiser pode ainda não estar ganha, mas a luta das mulheres britânicas por justiça é vitoriosa.

— O que você acha de tia Emma? — cochichou Jennie;

— Ela me assusta — respondeu Alice. — É como se Boadicéia, Joana d'Arc e a rainha Elizabeth I houvessem se reunido numa só mulher. Sabe... eu não ouvi a Sra. Pankhurst. Jennie deu de ombros.

— Qualquer dia desses, tia Emma vai desmoralizar essa Sra. Pankhurst!

A Srta. Frobisher havia terminado, mas as atentas mulheres reunidas no auditório olhavam para a oradora por baixo de seus enormes chapéus de brim da última moda, no mais absoluto silêncio. Estavam fascinadas pela presença e pela voz da oradora, ou pelo menos não sabiam se a fala havia realmente terminado. Nesse caso, tinham medo de começar a aplaudir bem no instante em que o discurso recomeçasse. Felizmente, a Srta. Frobisher resolveu sentar-se e as duas auxiliares começaram a bater palmas. A esse sinal a audiência prorrompeu em entusiásticos aplausos.

— Vamos — chamou Jennie, agarrando o braço de Alice. — Se nos demormos, esse pessoal consumirá num instante todos os docinhos e o chá.

As duas moças eram de longe as mais jovens naquele auditório. A audiência era formada basicamente por mulheres casadas, respeitáveis mães de família, de forma que era difícil imaginá-las na frente de combate, como havia proclamado a Srta. Frobisher. Jennie e Alice aproveitaram a hora dos aplausos para abrir caminho até a acanhada cozinha, contígua ao salão principal.

— Não sei por que ela tem de nos fazer de escravas para alimentar suas hordas de militantes — pronunciou-se Alice, enquanto enchia uma pesada chaleira na pia esmaltada, já toda rachada.

— Mas é para isso que estamos aqui! — respondeu Jennie, alegremente, arrumando docinhos num prato sobre um velho carrinho de lanche, juntamente com uma pilha de xícaras e pires.

— Essa é toda a comida que há? — perguntou Alice, desanimada. — Apenas um prato de pãezinhos recheados? Aquelas mulheres devorarão isso aí em menos de cinco segundos.

Jennie abriu os braços.

— Não é culpa minha. Afinal de contas, estamos em guerra. O açúcar está racionado e ninguém quer se oferecer para fazer doces.

Ouviu-se um murmúrio de conversa no auditório, mas a chaleira ainda estava longe de ferver.

— Ora, vamos! — exclamou Alice, como se isso pudesse aumentar o calor do fogo. — Acho que nunca conseguiremos aprontar isso a tempo. A costureira só trouxe meu vestido esta manhã e eu nem tive tempo de prová-lo. Disse que voltará às seis da tarde.

Jennie ficou em silêncio, dividindo cuidadosamente os docinhos em dois pratos, para que parecessem em maior quantidade.

— Ah, Jen! — voltou a falar Alice, com ar de desalento. — Você não vai faltar à festa dos Harris, não é?

— De que adiantará eu ir? Logo que começar a dança, terei de ir me esconder no banheiro. Para você, sim, vale a pena, porque nunca levou um chá de cadeira na vida.

— Você não arranjará mesmo com quem dançar se ficar trancada no banheiro. Mas não será tão dramático assim, porque Robbie, Gerard e Philip Harris a tirarão para dançar.

— Robbie é seu noivo. Ele está aqui de licença e não vai querer perder tempo com outras garotas. Gerard dançará com Blanche... e Blanche cuidará para que só isso aconteça. Philip Harris está livre, mas ele e eu não temos absolutamente nada em comum. Não há nada pior do que dançar com alguém sem trocar palavra. Não, prefiro o banheiro.

— Nada disso — divergiu Alice, com firmeza. — Passarei para apanhá-la, e não vou gostar de encontrá-la lendo. Na última vez você arranjou um jeito de levar um livro. Onde já se viu, numa festa, alguém se trancar no banheiro para ler?

— Pois faço isso sempre — reconheceu Jennie, calmamente. As duas moças pegaram juntas a enorme chaleira e, com esforço, a colocaram no carrinho. — Além disso, não acho direito... toda essa alegria. As outras famílias parecem de luto, já que quase todos os rapazes partiram para a guerra.,

— Todos nós nos sentimos assim! — corrigiu Alice, com ênfase. — No entanto, logo Robbie e Phil voltarão para a França e queremos tornar alegre a estada deles aqui. A festa é para eles.

No auditório, as senhoras de casacos de pele de raposa e enormes chapéus conversavam em grupos, enquanto esperavam pelo chá. Quando Alice e Jennie apareceram empurrando o carrinho, não pouparam exclamações entusiasmadas. Nos dez minutos que se seguiram as duas jovens estiveram totalmente ocupadas. Quando a reunião foi se dissolvendo e Alice pôde respirar aliviada, percebeu bem ao lado dela a enorme e angulosa figura da Srta. Frobisher, encimada por um chapéu arredondado, de cor malva.

— Como vai aquele seu namorado, Robert Harris? — perguntou a mulher, sem mais preâmbulos. — Quando é que ele partirá para a frente de combate?

— Depois de amanhã — respondeu Alice, tendo mais uma prova do pouco tato da Srta. Frobisher. Mesmo assim, continuou falando com naturalidade: — Foi sorte Robbie e Phil estarem em casa de licença ao mesmo tempo... É por isso que a Sra. Harris vai dar uma festa. Philip se incorporará ao regimento na semana que vem. Robbie está na Real Força Aérea.

— Ah, é um homem voador! — falou a Srta. Frobisher, com uma risadinha. — O mundo está mudando, minha cara. O homem nas nuvens e a mulher no Parlamento, não é mesmo? — A Srta. Frobisher emitiu uma espécie de guincho, dando a entender que aquelas últimas palavras eram uma piadinha. Obedientemente, Alice mostrou um sorriso. — Às vezes fico me perguntando como será daqui a cinco ou seis anos — prosseguiu a mulher, cheia de retórica.

Nesse instante a porta principal abriu-se sozinha, dando passagem a uma corrente de ar fria, e Jennie foi fechá-la. Alice sentiu um arrepio.

A Srta. Frobisher observava os movimentos de Jennie.

— Minha sobrinha é uma moça sensível e tem a cabeça no lugar. Infelizmente não se pode dizer a mesma coisa da irmã dela, porque Blanche é uma linguaruda. Saiu à mãe.

Depois disso a mulher girou o corpo e se afastou, de chofre. Alice entendeu aquela atitude, já que conhecia a situação em que se encontrava a família Frobisher.

Era de aceitação geral que uma mulher se casasse com um homem de classe mais elevada que a sua ou que um homem tomasse por esposa uma mulher de classe inferior, mas nunca o contrário. Na prática, porém, essa teoria se revelou um fracasso com a mãe de Jennie, Maisie Frobisher. Quando era uma bonita, inteligente e espirituosa dançarina do teatro de revista, Maisie havia conquistado o coração de um dos freqüentadores do meio artístico, rapaz de boa família, e acabou por convencê-lo a casar-se com ela. No entanto, tornar-se uma lady foi um sonho que se transformou num doloroso pesadelo. A alegre corista londrina tornou-se uma criatura nervosa e infeliz, trancada numa prisão na qual havia entrado com os próprios pés. Cortados de uma hora para outra todos os laços com a vida passada, ela se viu no meio de pessoas com as quais não tinha nada em comum e perante as quais constantemente temia cometer alguma gafe. A família do marido simplesmente se recusava a recebê-la. Quando ele morreu, Maisie ficou praticamente sem vintém e com duas filhas já perto da idade de se casar, Jennie e Blanche.

Jennie era desajeitada e tímida, mas Blanche... Blanche herdara tudo de belo que a mãe havia possuído na juventude, o corpo perfeito, os ondulados cabelos loiros e aqueles olhos azuis de uma incrível vivacidade. Não era muito inteligente, mas tinha a finura de espírito característica dos habitantes de Whitechapel, dos quais descendia pelo lado materno. Além disso, era ambiciosa. O mínimo que almejava era casar-se com um homem rico, para restaurar a fortuna da família. A Sra. Frobisher agarrou-se a essa possibilidade como um náufrago que segurasse uma tábua de salvação. Tudo dependia, naturalmente, de "expor" Blanche aos olhos da sociedade... e isso custaria dinheiro. Engolindo o orgulho, a Sra. Frobisher foi visitar, acompanhada pelas filhas, uma rica e excêntrica tia do finado marido, Emma Frobisher.

A Srta. Frobisher, previsivelmente, torceu o nariz para Blanche. Por outro lado, a discreta e inteligente Jennie conquistou instantaneamente sua simpatia. Maisie Frobisher e Blanche não puderam entender quando, desprezadas e humilhadas, ouviram tia Emma recusar-se rudemente a fazer qualquer coisa por Blanche, mas oferecer-se para pagar todas as despesas necessárias para que Jennie fosse estudar em Oxford. ""

A essa altura a batalha pelo voto feminino estava prestes a terminar, com a vitória das mulheres. Com isso, a Srta. Frobisher estaria livre para dedicar suas energias e sua forte personalidade à questão da educação feminina. Para Jennie, foi como se houvesse aparecido uma fada madrinha para transformar em realidade um secreto e aparentemente impossível sonho. Havia um certo preço a ser pago, como servir obsequiosamente a Srta. Frobisher e auxiliá-la em suas muitas atividades de feminista. Daí a obrigação de empurrar o carrinho do lanche na reunião pelo sufrágio feminino. Mesmo assim, era um preço muito baixo pela oportunidade de fazer parte do pequeno e seletivo grupo de mulheres que freqüentavam uma universidade.

— Você é feliz, Jennie? — perguntou Alice, afetuosamente, quando as duas voltavam para casa.

Jennie sorriu.

— Sim, sou feliz. Espero que você também seja feliz, Alice, e consiga tudo o que quer na vida.

Meio encabulada, Alice respondeu:

— Serei totalmente feliz quando a guerra terminar e Robbie e eu pudermos nos casar.

— É uma perspectiva e tanto — avaliou Jennie. — Quanto a mim, não tinha futuro antes que tia Emma fizesse sua oferta. Agora, tenho um amanhã.

Jennie sempre exagerava a dimensão de tudo, dando uma importância enorme a assuntos às vezes corriqueiros. Bem que Alice gostaria que ela não fosse assim. Pensar num "amanhã", por exemplo, chegava a assustá-la. Queria casar-se com Robbie, sim, mas mesmo essa perspectiva não a entusiasmava como deveria. Eles já estavam noivos

há dois anos, mas parecia cada vez mais difícil imaginar que um dia se tornariam realmente marido e mulher.

Nesse instante, o guincho agudo dos freios de um veículo interrompeu aqueles pensamentos de Alice. O som de uma sineta manual precedeu a aparição de um furgão, que dobrou a esquina. Com metade do corpo para fora da janela do veículo, um rapazola de uns catorze anos agitava a sineta, enquanto gritava, a plenos pulmões:

— Zepelim! Ataque aéreo! Procurem abrigo! Paradoxalmente, o garoto parecia estar se divertindo muito. Logo apareceram várias pessoas correndo, homens e mulheres com crianças no colo, desorientadas, como se não soubessem o que fazer. As duas moças ficaram de pé na calçada, protegendo os olhos e olhando para o céu.

— Lá está! — exclamou Alice, apontando.

Lá em cima, por trás do cume dos telhados, apareceu a sinistra silhueta, flutuando silenciosamente. Alice comparou o dirigível a um enorme peixe, talvez um boto ou um golfinho. Vários adjetivos podiam ser usados para defini-lo: poderoso, tranquilo, ameaçador, engraçado, assustador, desajeitado, belo...

— Que coisa terrível — murmurou Jennie. — Acha que eles vão jogar bombas em nossas cabeças?

O zepelim, no entanto, seguiu adiante, aparentemente na direção das docas do Tamisa, onde as bombas que jogasse causariam maiores prejuízos. Os dirigíveis, que muitas vezes bombardeavam alvos civis, numa prova da vilania do cáiser, sempre fascinavam as pessoas. Alice e Jennie não eram as únicas que, em vez de buscar abrigo, ficavam de pé na rua para vê-lo. Sem ser notado pelas duas, um homem envergando o uniforme da Real Força Aérea havia parado à porta de uma tabacaria, de onde estava saindo, para observar a aeronave. Ele olhava com preocupação e interesse, como se examinasse a mecânica do engenho. Depois que o zepelim desapareceu, ele desdobrou um maço de cigarros vazio e fez um desenho do dirigível. Era um desenho muito bem-feito, do tipo que os engenheiros costumam fazer. Preocupado, não reparou quando as duas moças passavam. Jennie o viu, mas seguiu adiante, apressada. -

No final da rua elas se separaram, cada uma indo na direção de sua casa. Alice morava com uma irmã da mãe, Sra. Daventry, e o primo Gerard. Os pais dela haviam morrido num acidente ferroviário ocorrido na França, quando a garota estava com doze anos. Mesmo antes disso, porém, ela jamais os via. Num lugar de destaque na árvore genealógica de Alice estava o avô Nathanael Morrell, um bem-sucedido industrial do norte. Homem de grande estatura, personalidade forte e os cabelos ruivos herdados pela neta, Nat Morrell havia brigado com a família inteira e a maioria dos parceiros nos negócios, sempre se saindo bem. O filho dele, pai de Alice, tinha sido expulso de casa aos vinte e um anos, indo para Londres em busca de fortuna. Homem tão bonito quanto caprichoso, jamais tentou reconciliar-se com o pai e, para completar a desgraça, fez um casamento desastrado com uma mulher fraca e sem graça, do tipo água-com-açúcar, segundo comentário maldoso do velho Nat.

Mas Edward Morrell havia herdado o suficiente da tenacidade do pai para conseguir com seu próprio esforço um razoável sucesso na vida, como importador de vinhos. Isso o obrigava a constantes viagens aos vinhais. A mulher, por ter a saúde delicada, foi definhando até se transformar numa semi-inválida que passava longos períodos internada em clínicas de repouso. O parto da filha única, Alice, tinha sido difícil e os médicos proibiram o casal de ter mais filhos. Como na época os métodos anticoncepcionais não eram conhecidos ou socialmente aceitáveis, uma proibição médica desse tipo significava que, pelo menos no aspecto do relacionamento sexual, o casamento havia chegado ao fim. Em suas constantes viagens pelos vinhais da França, Itália e Espanha, Edward Morrell satisfazia-se com visitas aos bordéis dos lugares por onde passava. Ironicamente, quando a mulher resolveu acompanhá-lo numa visita ao sul da França, na primeira viagem que os dois faziam juntos em muitos anos, um desastre de trem matou a ambos.

Num certo sentido, isso não fez de imediato muita diferença para Alice. As viagens do pai e as internações da mãe os mantinham mesmo longe a maior parte do tempo. Assim sendo, ela continuou na companhia da tia Ethel Daventry, já viúva, e do primo Gerard. Viviam os três numa antiga e espaçosa mansão vitoriana de tijolos vermelhos. As estreitas janelas restringiam a entrada da luz, deixando na penumbra os enormes cômodos. Além disso, por causa das correntes de ar, durante o inverno as lareiras tinham que ser alimentadas a carvão mineral, o que saía caro. Quando o vento soprava na direção errada, a chaminé não dava vazão à fumaça e a sala de visitas ficava parecendo um defumadouro da Noruega.

Mesmo assim, era uma casa razoavelmente confortável, servida por um eficiente grupo de empregados. Alice sempre tinha sido feliz ali. A casa era toda cercada por gramados bem cuidados e arbustos de loureiros, no meio dos quais ela e o primo brincavam de caubói e índio, até que Gerard foi mandado para estudar fora.

Enquanto isso, o velho Nat continuava em atrito com os vizinhos, os sócios ou qualquer parente que estivesse a seu alcance. Finalmente, no leito de morte, brigou também com os advogados que vinham cuidando de seus interesses há tantos anos. Acusou-os de incompetência, dispensou-os e contratou os serviços de um outro escritório, redigindo um novo testamento. Por motivos que jamais seriam explicados, deixou o grosso de sua considerável fortuna para uma neta desconhecida que morava na longínqua Londres. Isso era ainda mais difícil de entender porque ele nunca havia posto os olhos na menina e nem mesmo a reconhecera formalmente. Aos doze anos, Alice era uma órfã para quem o pai havia deixado uma quantia modesta, mas que lhe permitiria viver com razoável conforto. Aos dezesseis, transformava-se de uma hora para outra numa riquíssima herdeira.

A posse súbita de tanto dinheiro foi para ela de tão pouca significação quanto tinha sido a perda dos pais. Jamais havia conhecido o avô Nat e ainda não tinha idade suficiente para administrar a herança. Na verdade, o único pensamento que lhe ocorreu no primeiro momento foi que, agora, teria dinheiro para pagar um curso de arte. Desde cedo ficara claro que Alice era dona de um genuíno talento artístico. Aplicava-se no curso de arte do currículo escolar e acalentava o sonho de um dia poder ir para Paris, estudar mais seriamente. Aí, porém, estava a questão.

Dinheiro não era problema, mas a idéia de uma jovem viver sozinha em Paris, e ainda por cima circulando nos meios artísticos, deixava a Sra. Daventry escandalizada. Era uma perspectiva que envolvia muita coisa... até posar nua, segundo argumentava a mulher, abaixando a voz e olhando para os lados. Além disso, os artistas eram notoriamente gente de vida desregrada. Se Alice queria um curso extra de arte, que o fizesse na Inglaterra. Sem dúvida, desenvolver o dom da pintura seria ótimo para a educação de uma moça, mas tornar-se uma pintora de verdade, talvez até fazendo da arte um meio de vida... Não, isso estava fora de questão!

Pouco depois de ter começado a guerra, Alice conheceu Robbie Harris, durante um torneio de tênis do qual ela participava em dupla com Gerard, agora formado em advocacia. Gerard era um rapaz corpulento e, desde criança, com tendência para engordar. Consciente disso e do risco que correria limitando-se a uma vida sedentária por trás da mesa de trabalho, ele previsivelmente se transformou num fanático por exercícios físicos. Aliás, Gerard era previsível em tudo, das roupas que vestia às opiniões que externava. Excelente jogador de tênis, não gostava de fazer dupla com moças, argumentando que elas sacavam sem muita força e em geral corriam devagar. No entanto, sempre estava pronto a jogar ao lado da prima, por um motivo que ela conhecia muito bem: Gerard havia se apaixonado no instante em que, retornando de Oxford, descobriu que aquela garota sardenta e de cabelos de cor cenoura sempre amarrados em rabo-de-cavalo, que usava avental holandês e meias pretas, se transformara numa linda mulher, de belíssimos cabelos ruivos e uns olhos verdes que, quando estava enraivecida ou assustada, quase adquiriam a cor da esmeralda.

Alice gostava muito de Gerard, mas sabia que jamais esse sentimento se transformaria em amor. Sempre o consideraria um irmão mais velho. Por outro lado, não raro aquele jeito certinho e prático do primo chegava a irritá-la. Às vezes, quando ela se levantava cedo e ia para o jardim pintar, o que fazia com frequência no verão, sempre o via à janela do quarto, de pijama listrado, respirando fundo e exercitando os braços. Aquilo parecia haver se tornado uma coisa típica de Gerard, como a mania que ele tinha de erguer o copo de uísque e dizer: "Tintim".

Gerard era inteligente o bastante para entender e aceitar os sentimentos da prima. Humildemente, cumpria seu papel de parceiro no tênis, oferecia o ombro quando ela estava deprimida e acompanhava-a aonde quer que fosse, se não havia nenhum outro disponível. Tomava conta de Alice com devoção e genuína lealdade, mas via aquele namoro com Robbie Harris com silenciosa desaprovação. Gerard não se deixaria dominar por um ciúme egoísta, e Alice sabia disso. Tudo o que ele queria era que a prima fosse feliz. Se desaprovava Robbie, tinha motivos mais palpáveis: achava que o noivo de Alice não era totalmente indiferente à fortuna que o velho Nat Morrell havia deixado para a neta. Tinha sido justamente esse o motivo da primeira e única briga séria entre Gerard e Alice.

— É uma coisa horrível o que está dizendo, Gerry! Será que vou ter que passar o resto de minha vida pensando que todo homem está atrás de meu dinheiro? Robbie me ama!

— Um homem teria que ser feito de pedra para não amá-la! — exclamou Gerard, traindo-se. Logo, porém, ele dominou o embaraço e voltou a usar o que Alice chamava de "voz de advogado": — Seria tolice não pensar na possibilidade.

A Sra. Daventry achava Robbie muito charmoso e concordou de pronto com o noivado. Sempre que se falava em casamento, porém, apresentava objeções, dizendo que aqueles eram tempos de guerra, que Robbie estava sempre fora, que havia muitas incertezas... Alice suspeitava que havia o dedo de Gerard naquilo. Tia Ethel era do tempo em que sempre se consultava o homem da casa a propósito de tudo, e no caso em questão o homem da casa era Gerard, com seu colarinho engomado e seus óculos de armação de ouro, que sempre tirava para limpar quando queria ganhar tempo em alguma discussão. Entre a verdadeira simpatia que nutria por Robbie é o hábito de dar ouvidos às opiniões do filho, a Sra. Daventry optou pela cautela. Alice estava agora com vinte e quatro anos, mas ainda era jovem o suficiente para esperar por mais um ou dois anos.

Naquela tarde, Gerard estava na sala de visitas, na frente da lareira, com o semblante fechado e as mãos enfiadas nos bolsos. Quando a prima entrou, tirando o chapéu e soltando os cabelos ruivos, ele se voltou.

— Oi, Gerry! — saudou Alice, alegremente, jogando o chapéu no banquinho do piano. — Você chegou cedo. Acabei de ver um zepelim. Tinha ido com Jennie ouvir a tia dela conclamar as mulheres britânicas a, se necessário, irem para a frente de batalha.

— Foi mesmo? — falou Gerard, com desânimo. — Sorte sua alguém achar que você está apta para lutar.

Instantaneamente a alegria de Alice desapareceu.

— Ah, não! De novo, Gerry? Eles o recusaram outra vez? — Quando ele balançou afirmativamente a cabeça, Alice cedeu a um impulso e correu para abraçá-lo. — Sinto muito, Gerry! Imagino como você deve estar se sentindo.

Ouvindo aquilo, Gerard deu vazão a sua revolta:

— Eu não me importaria tanto se não fosse o fato de que sou duas vezes mais apto do que metade dos caras que foram aceitos! O único problema é minha deficiência visual.

— Mas nem todos estão obrigados a ir para a guerra, Gerry. Além disso, não é culpa sua. Todos sabem que você fez tudo para se juntar a nossas tropas.

— Nem todos! — corrigiu Gerard, com voz cortante. — Quando eu vinha caminhando da estação para cá, uma mulher que nunca vi mais gorda apareceu não sei de onde e me entregou isto.

Vagarosamente, ele retirou uma das mãos do bolso e abriu-a, mostrando uma pequena pena branca. A mão estava trêmula e molhada de suor, de uma forma que Alice jamais havia testemunhado.

Revoltada, ela pegou a pena branca da mão do primo e amassou-a entre os dedos.

— Que mulher idiota! Se ela não o conhecia, como pôde ficar tirando conclusões só porque você não estava de uniforme, meu Deus? Você não devia ter aceitado, Gerard.

— Eu não podia recusar. É como receber uma intimação. Alguém aparece de repente e lhe entrega o papel, que você recebe automaticamente. — Gerard virou-se de lado para não mostrar o rosto. — Mas o que piora a coisa é essa droga de festa na casa dos Harris, esta noite. Todos os rapazes de minha idade estarão de uniforme, inclusive os irmãos Harris. Haverá até gente que veio de outras partes do Império para se juntar à luta, como aquele amigo canadense de Robbie.

— Que amigo canadense de Robbie? — inquiriu Alice, mal ele acabou de falar.

Gerard pareceu surpreso.

— Ele não lhe contou? Robbie convidou um piloto canadense que conheceu há algum tempo. O nome do sujeito é Sherwood. Tem um jeito de alce das montanhas americanas e, sempre que vê uma mulher, fica com os olhos brilhando. É claro que os outros rapazes, como cães de guarda, imediatamente levam as moças que estão acompanhando para algum canto, onde estarão em segurança.

Alice mordeu o lábio. Provavelmente não tinha a menor importância o fato de Robbie não ter falado no assunto com ela, mas às vezes parecia haver muitas coisas sobre as quais ele não lhe falava. Por exemplo, tinha uma verdadeira obsessão por voar. Vez por outra, era como se a mente dele estivesse ocupada por alguma coisa, algo que se transformasse em rival do amor de Alice. Talvez fosse por isso que Robbie raramente falava em aviões quando estava com ela. Devia perceber que a noiva sentia ciúme.

Recentemente, é verdade, eles haviam conversado sobre um assunto diferente, uma coisa que ela não poderia discutir com Gerard ou com a Sra. Daventry. Robbie queria levá-la para a cama. Dizia que já não agüentava mais esperar até o casamento, o que era compreensível. No entanto, de alguma maneira ela não se sentia pronta para se comprometer até aquele ponto, pelo menos não enquanto permanecesse uma espécie de barreira entre eles.

Robbie não negava que havia um problema no relacionamento deles, mas acreditava que, se fossem para a cama, tudo estaria resolvido. Algum instinto profundamente enraizado, porém, dizia a Alice que aquilo só complicaria tudo. No mínimo, ressaltaria o fato de que eles se encontravam apenas esporadicamente. Robbie a teria nos braços por algum tempo, para partir logo em seguida. A Real Força Aérea vinha sempre em primeiro lugar. A verdadeira vida dele estava bem longe, uma vida que o satisfazia tanto quanto qualquer encontro com uma mulher.

Uma vez Robbie até havia tentado explicar a ela como era voar. Mais que com a explicação, Alice tinha ficado impressionada com a paixão que identificara na voz e nos olhos do noivo. Era exatamente igual a quando ele falava de amor ao ouvido dela, beijando-a e acariciando-a. Quando falava do avião que pilotava, era como se estivesse se referindo a uma mulher. O aparelho tinha até um nome feminino, Sara, em homenagem a uma prima de Robbie. Por mais que quisesse trocá-lo para Alice, ele tinha medo de que isso trouxesse má sorte. Era incrivelmente supersticioso em tudo o que se referia a aviação.

Assim sendo, Alice o dividia com Sara, uma máquina feita de madeira, lona e ferro e que tinha um motor por coração. Só que, quando esse coração funcionava, Sara se tornava tão viva quanto Alice. Antes de ser noivo de Alice, Robbie era amante de Sara.

Mesmo assim, era difícil recusar o que ele estava pedindo. Desapontado, Robbie a acusava de não amá-lo. Alice não sabia como explicar o que sentia em relação àquela

máquina voadora chamada Sara. Tudo o que podia fazer era continuar dizendo "não", o que sempre levava a uma nova briga.

— Se você me amasse de verdade... — dizia Robbie, cheio de razão.

Sozinha, Alice ficava pensando naquilo. "Sim, eu me entregaria, se o amasse. Talvez não o ame..."

No entanto, jamais chegou a externar essa idéia traiçoeira. Robbie dependia dela, contava com a lealdade dela quando estava longe, na frente de batalha. Nem mesmo no fundo da alma ela deixaria que se sedimentasse a idéia de que podia ter concordado em se casar com o homem errado.

Naquela noite, sem sombra de dúvida, ele voltaria a insistir. Alice não sabia por quanto tempo ainda conseguiria resistir.

CAPÍTULO II

Robbie esperava por ela no hall, ao pé da escada.

— Meu Deus, Alice! — ele exclamou. — Você está linda!

Realmente, ela estava linda. O vestido verde combinava com a cor dos olhos, e os cabelos, à luz artificial, pareciam chamas de um fogo intenso. As moças solteiras usavam poucas jóias e raramente ostentavam pérolas. Alice, porém, levava no pescoço o colar de pérolas que havia pertencido à mãe. Coladas à pele, aquelas contas mostravam um brilho quase translúcido.

Mas Robbie também estava lindo, ostentando a beleza de um rapaz saudável. A artista que havia em Alice sempre reparava nisso. Os gregos da Antigüidade, sim, haviam entendido a beleza masculina, glorificando-a em estátuas de atletas e guerreiros. Olhando agora para Robbie, que envergava com garbo o uniforme da Real Força Aérea, mostrando um sorriso encantador no belo rosto de garoto, Alice ficou se perguntando se um dia terminaria o retrato que havia começado a pintar na última licença dele. Dessa vez, Robbie encontrara tempo para posar apenas uma vez, o que impediu maiores progressos. Num certo sentido, aquele retrato parecia refletir o relacionamento deles. Tinha dificuldades para prosseguir e não estava saindo conforme o planejado.

Outras dúvidas haviam começado a aparecer durante # atual licença dele. Pela primeira vez, Alice se perguntava se não era um idealismo tolo pensar que Robbie não se importava com o dinheiro dela. Aquela dúvida havia começado a atormentá-la poucos dias antes, numa tarde em que a Sra. Bingley, uma vizinha que falava pelos cotovelos, tinha ido tomar chá com a Sra. Daventry. Sem ser vista, Alice escutou a conversa das duas.

— Os Harris sempre foram uma família de esbanjadores — dizia a vizinha tagarela. — Aqueles meninos foram criados na ilusão de que tinham de sobra, mas a verdade é que lady Harris tem dívidas com praticamente todos os lojistas da cidade... — Subitamente a Sra. Bingley interrompeu o que dizia, como se de uma hora para outra se lembrasse de que Robert Harris era noivo de Alice. — Oh, desculpe! Eu não estava me lembrando de que...

No entanto, ficou claro pelo tom de voz que ela se lembrava muito bem. Apenas aproveitava a oportunidade para falar mal da vida alheia.

A Sra. Bingley tinha uma filha que era conhecida por todos como "Harriet pobrezinha". Harriet pobrezinha tinha a saúde fraca, padecendo "do peito". Constantemente o médico era convocado à casa dos Bingley para examinar o peito de Harriet... mas sem encontrar nada, segundo comentava maldosamente Robbie, referindo-se aos seios pequenos da moça. Harriet pobrezinha estava presente naquela noite, como de costume seguindo os passos da mãe por todos os cantos. Era uma jovem muito pálida e de cabelos escorridos, vestida numa inadequada tonalidade de verde. Seguindo a moda para vestidos de noite, o dela tinha o busto folgado, o que parecia chamar a atenção para a pequenez dos seios.

Parecia tristonha e sem nenhuma disposição para estar numa festa, mas quem no mundo poderia mostrar-se alegre ao lado de uma mãe gorducha, vermelha e sem tato como a Sra. Bingley?

— Harriet pobrezinha está aqui — disse Robbie, maldosamente. — Ela e aquela mãe horrorosa.

Alice correu os olhos pela sala.

— Estou procurando por Jennie Frobisher. Se ela estiver outra vez escondida no banheiro, vou ter que arrancá-la de lá. Será que você pode me ajudar, Robbie? Ela é tão tímida!

Robbie soltou uma risadinha.

— Não posso invadir o banheiro das mulheres, se é isso o que você está querendo. Mas eu até que tentei, apresentando-a a Jake. Alice voltou-se para ele.

— Quem é Jake?

— Jake Sherwood. Deve estar por aí em algum lugar. É um piloto canadense amigo meu. Como ele estava em Londres, convidei-o para vir aqui esta noite. Quando sua amiga Jennie pôs os olhos nele, fugiu logo em seguida. Acho que teve medo de que Jake a estuprasse. — Robbie olhou para os lados, num gesto desnecessário, porque ali eles não estavam ao alcance de ouvidos curiosos. — Escute aqui, Alice — ele cochichou. — Não estou disposto a ficar aqui falando de outras pessoas. Partirei depois de amanhã e só Deus sabe quando terei outra licença. Provavelmente se passarão meses...

Alice percebeu que não conseguiria tirar aquilo da cabeça dele. Robbie falava muito depressa e já tinha tudo planejado. Mais tarde, depois do jantar, quando as pessoas já tivessem meio entorpecidas pelo vinho, ele subiria disfarçadamente para o quarto. Alice deveria esperar cinco minutos e atravessar a biblioteca, saindo no jardim. Depois, entraria novamente na casa pela janela francesa da sala de jantar. Dali, instruía Robbie, chegaria com facilidade ao quarto dele, sem ser notada por ninguém, bastando para isso escalar a escada espiral que era usada pelos criados.

— Não é apenas porque estamos noivos e vamos mesmo nos casar — ele argumentava. — Sabe muito bem o que sinto por você, Alice, e se também me ama...

Era o mesmo argumento de sempre. Alice não queria dizer "sim", mas já estava cansada de repetir "não". Além disso, ele partiria para o front dentro de vinte e quatro horas. Qualquer coisa poderia acontecer a Robbie. Talvez ela estivesse sendo injusta, pudica demais e antiquada. Quase sem sentir, ouviu-se dizendo, num tom débil:

— Está bem, eu irei.

Alice disse aquilo como se quisesse pôr um fim à discussão, mas agora não havia como retroceder. Robbie sorriu nervosamente.

— Vai ser maravilhoso, e ninguém ficará sabendo. Provavelmente ele estava com a razão. À proporção que se aproximava a hora do jantar, porém, o coração de Alice entrou em disparada. Agora ela percebia, sem sombra de dúvida, o quanto era equivocado aquele namoro. Não amava Robbie da mesma forma que ele a amava. Isso era muito evidente, porque não se sentia fisicamente atraída por ele.

"Talvez eu seja rígida", ela deplorava. "É claro que o problema sou eu. Quando estivermos no quarto dele, a coisa será um fiasco total e Robbie jogará a culpa em cima de mim."

Mas o tempo passava implacavelmente. Depois do jantar, Robbie segurou a mão dela e cochichou:

— Vou agora. Daqui a cinco minutos, faça como eu lhe disse. Já cuidei para que a janela da sala de jantar ficasse aberta e verifiquei que não há ninguém lá.

Logo em seguida ele se afastou, deixando Alice como uma ovelha prestes a ir ao matadouro. Olhando em volta, ela viu o primo, bem ali perto. Se Gerard soubesse, ficaria furioso. Daria um soco no nariz de Robbie e arrastaria Alice para casa. Só que Gerard estava muito ocupado com Blanche Frobisher. Num insinuante vestido cor-de-rosa, a

moça olhava nos olhos dele enquanto falava, com ar sedutor. Gerard limpava os óculos e, mesmo a distância, era possível ver que transpirava abundantemente.

Nesse instante Alice reparou que a Sra. Bingley a olhava com curiosidade. Como Harriet pobrezinha não estava à vista, provavelmente havia conseguido se soltar por algum tempo da correia que a prendia à mãe. A Sra. Bingley, talvez farejando um escândalo, aproximou-se de Alice com um sorriso falso no rosto vermelho.

— Está sozinha? — perguntou a mulher, fingindo timidez. — Mas onde anda seu namorado?

Alice sentiu vontade de responder, bem alto, que Robbie havia subido para o quarto, onde esperaria por ela, mas conseguiu sorrir e inventar uma desculpa:

— Ele está dando atenção a outros convidados.

— É tão bom ver toda essa gente junta! — tagarelou a Sra. Bingley. — Hoje em dia as festas são tão raras, o que é uma pena para vocês, jovens. Minha pobre Harriet, então...

Em seguida ela passou a relatar em detalhes os últimos sofrimentos de Harriet pobrezinha.

Bem mais de cinco minutos deviam ter se passado antes que Alice conseguisse se livrar da Sra. Bingley sem chamar a atenção. Quando isso foi possível, ficou a ponto de entrar em pânico. Robbie devia estar achando que ela havia perdido a coragem no último minuto e resolvido não ir.

Depois de atravessar o salão, Alice conseguiu entrar na biblioteca sem ser vista. "Atravesse a biblioteca e saia no jardim", tinha dito Robbie. Com aquela instrução na cabeça, ela não prestou muita atenção no que estava fazendo. Acabou saindo no meio de um grupo de pequenas palmeiras entre as quais um casal havia se escondido. Os dois voltaram para ela os olhos cheios de culpa. Boquiaberta, Alice verificou tratar-se de Harriet pobrezinha e Philip, irmão de Robbie. Harriet estava muito ruborizada, o que a deixava particularmente bela. Além disso, estava corria a parte de cima do vestido fora do lugar. Pelo jeito, não só o médico se interessava pelo peito de Harriet pobrezinha.

Vermelho como um pimentão, Philip achou que devia dizer alguma coisa:

— Por Deus, Alice! Você nos deu um susto enorme! Pensei que fosse a Sra. Bingley.

— Desculpem — gaguejou Alice. — Não se importem comigo. Continuem, por favor.

— Você viu minha mãe? — perguntou Harriet, ansiosa.

— Sim, mas ela estava conversando com alguém. Não vai aparecer por aqui, Harriet, tenho certeza.

— Graças a Deus! — exclamaram Philip e Harriet, como se fossem uma só pessoa.

Alice deixou-os atrás das palmeirinhas e saiu pela porta lateral que dava para o jardim. Estava muito escuro, especialmente para quem vinha do salão profusamente iluminado. Alice tropeçou num vaso de cerâmica vazio, produzindo um enorme barulho. Isso fez com que um gato saísse de algum lugar e fugisse por entre os arbustos. Assustada, ela deixou escapar um gritinho. Por sorte havia muito barulho na casa e era pouco provável que alguém tivesse ouvido.

Se Philip e Harriet não estivessem tão absorvidos um pelo outro, sem dúvida se perguntariam para onde ela estava indo, sozinha, quando a festa chegava ao auge. Rezando para que a Sra. Bingley não encontrasse aqueles dois, Alice foi se esgueirando ao longo da parede da biblioteca. Àquela altura, Robbie devia estar querendo saber por onde ela andava e por que ainda não havia aparecido.

Finalmente Alice alcançou a janela francesa por onde deveria entrar na sala de jantar. No exato instante em que ergueu as mãos, porém, a janela se abriu, mostrando a silhueta de um homem envergando o uniforme da Real Força Aérea.

— Oh, Robbie! — exclamou Alice, aliviada. — Você me assustou. Eu ia subir, juro... É que encontrei umas pessoas e...

Nesse momento, horrorizada, ela percebeu que aquele não era Robbie, mas sim um rapaz que nem conhecia. Dominada pelo pânico, Alice girou nos calcanhares e fugiu

correndo dali. Não podia voltar pela biblioteca e passar outra vez por Philip e Harriet. Assim sendo, o jeito seria embrenhar-se no jardim.

Correndo no meio dos arbustos e canteiros de flores, ela tropeçava em coisas que não via por causa da escuridão e enganchava o vestido nos galhos. Como não conhecia muito bem aquele jardim nem mesmo à luz do dia, ao luar sentia-se no meio de uma selva, um mundo fantasmagórico e cheio de sombras, um labirinto no qual poderia correr até cair de exaustão.

Finalmente resolveu parar. Quando olhava para os lados, tentando descobrir um caminho a seguir, uma mão surgiu da escuridão para segurá-la firmemente pelo braço.

Alice soltou um grito de medo.

— Mas que tolice! — censurou uma voz ao ouvido dela. — Vamos entrar. Desse jeito você vai acabar se machucando ou pegando uma pneumonia.

Alice voltou-se para ver quem falava, mas distinguiu apenas uma alta silhueta masculina.

— Vá embora! — ela suplicou, baixinho.

— Não vou machucá-la — prometeu o desconhecido, com impaciência na voz: — Vamos, deixe-me conduzi-la. Do contrário, você vai cair de cara no chão — ele concluiu, de uma forma pouco cortês.

Envergonhada e humilhada, Alice deixou-se levar de volta à casa por aquela mão que continuava a segurá-la pelo braço.

O rapaz afastou para o lado a cortina aveludada e os dois entraram na sala de jantar, iluminada apenas pela luz fraca de um abajur. Depois, o salvador... ou seqüestrador... soltou-a e voltou-se para fechar a janela francesa e puxar a cortina. Só quando ele se virou novamente Alice pôde vê-lo com mais nitidez.

A primeira reação foi de espanto, por tê-lo confundido com Robbie. Era um rapaz bem mais alto que o noivo dela e de complexão sólida. Os cabelos eram castanho-claros e levemente ondulados. Alguma coisa naquele rosto dava a entender tratar-se de uma pessoa que não se submetia com docilidade.

— Seus sapatos estão sujos de lama — ele observou, num tom bem pouco simpático, correndo rapidamente os olhos pelo corpo de Alice, até olhá-la nos olhos. — Pegue isto e limpe-os.

Enquanto tirava um lenço do bolso e estendia para ela, mais parecia estar dando uma ordem do que fazendo um oferecimento.

Alice pegou o lenço e sentou-se para limpar os sapatos, sentindo calor nas faces. Como explicar àquele homem o que estava fazendo? Quem era ele, afinal? Mas é claro! Só podia ser o canadense, o tal de que Gerard falara e que Robbie convidara... um piloto.

— Você precisa de uma dose de conhaque — pronunciou-se o rapaz, começando a se afastar.

— Não, obrigada — recusou Alice, calcando os sapatos agora limpos. O que ela queria mesmo era sair dali, o mais depressa possível. Depois de ficar segurando o lenço sujo de lama por alguns instantes, ela o jogou na lareira. Era pouco provável que o dono o quisesse de volta. — Imagino que você esteja se perguntando o que eu fazia lá fora — ela falou, com cuidado.

— Não estou me perguntando nada, porque você mesma me disse para onde estava indo.

Sem dar atenção à recusa dela, o rapaz saiu e voltou um minuto mais tarde com um copo de conhaque.

— Beba! — ele ordenou.

Alice tomou um gole e tossiu. Depois, ergueu a cabeça para encará-lo, cheia de coragem.

— Muito bem! E o que é que você vai fazer a respeito? — ela desafiou.

— O que quer que eu faça? Que suba com você? Seria um prazer...

Ao ouvir isso, o embaraço de Alice se transformou em raiva.

— Sinto muito por tê-lo confundido com outra pessoa — ela se desculpou, com frieza.
— Mesmo assim, o que você disse foi extremamente ofensivo.

O rapaz não pareceu se abalar.

— Sim, eu sei. É claro que você não estava procurando por mim, o que é uma pena. Só que fez um barulho danado e eu pensei que algum intruso podia estar invadindo a casa. Não pode me censurar por ter vindo verificar. Mas por que saiu correndo? — Como ela não respondesse, ele continuou: — Não havia necessidade disso, porque sou uma pessoa discreta. Não tenho o costume de sair por aí contando histórias, pelo menos não sobre garotas bonitas... E não tive a intenção de ofendê-la. — Fazendo uma pausa, ele passou a mão pelos cabelos. — Acho que não me encaixo muito bem em sua faixa social. Fui criado no meio do que se convencionou chamar de plebe ignara.

— Não é difícil acreditar nisso — despachou Alice. Logo em seguida ela teve mais uma prova de que aquele rapaz não era de usar meias palavras.

— Não me entenda mal, mocinha, porque não estou pedindo desculpa de nada! Minha família é de gente boa e não sinto vergonha dela. Não sinto vergonha de nada. — Dizendo isso, ele deu um passo adiante, o que fez Alice recuar. — Não torça esse narizinho lindo para mim — ele concluiu, com calma, mas em tom de advertência.

— Não sei nada sobre você e, portanto, não posso menosprezá-lo — tranquilizou-o Alice. — Mas também não vou aceitar ser insultada só porque você se acha no direito de fazer o que quiser. Não me deve nenhuma explicação e não quero saber nada sobre você.

Alice levantou-se e foi até um espelho que havia por cima da lareira, para ajeitar os cabelos. Dali podia vê-lo no outro lado da sala, segurando o copo de uísque e displicentemente encostado na parede.

Nesse instante um barulho na fechadura da porta que dava para o salão fez com que os dois se voltassem. A porta se abriu e Robbie apareceu. Alice quase havia se esquecido do noivo, mas não duvidava que ele iria procurá-la.

— O que está fazendo aqui, Jake? — perguntou o recém-chegado, depois de um momento de espanto.

— Estou apenas tomando meu uísque — respondeu Jake, fazendo em seguida um gesto de cabeça na direção de Alice. — Não é sua noiva?

— É, sim, e pelo jeito vocês já se conheceram.

A essa altura Robbie já devia ter percebido que os planos dele para aquela noite tinham ido por água abaixo. Alice sentia-se aliviada, mas preferia que a coisa houvesse acontecido de outra forma.

— Alice, este é Jake Sherwood — apresentou Robbie, com atrasada formalidade. — Jake, esta é Alice Morrell, minha noiva. Já lhe falei dela.

— É verdade, mas você não falou muita coisa. E pode acreditar, amigão, que não sou de atrapalhar o divertimento de ninguém. Sempre guardo para mim o que ouço e vejo.

— Essa agora é muito boa! — falou Alice, cheia de raiva, olhando para Robbie. — Foi uma idéia idiota e eu fui ainda mais idiota ao concordar! Não fiquem pensando, vocês, que vou levar essa história adiante, agora. E não me importa se... — Alice apontou para Jake. — Não me importa se esse aí merece ou não confiança. Não consigo entender como você pôde convidá-lo, porque ele é totalmente destituído de boas maneiras. Foi loucura e maldade apresentá-lo a Jennie!

Feito o protesto, Alice passou pelos dois e marchou para o salão, de volta à festa. Logo deu com Gerard, que parecia ansioso.

— Finalmente! — exclamou o primo. — Já ia procurar por você. Por onde andou?

— Robbie queria me apresentar àquele amigo canadense — mentiu Alice, um tanto insegura. — Eu... deixei os dois na sala de jantar, tomando drinques.

Aliviado, Gerard relaxou o semblante.

— Ah, então está tudo bem. Mas por que Robbie precisou ir tão longe para apresentá-la ao amigo?

— Não seja curioso, Gerry — resmungou Alice, com enfado.

— Bem, mas o que achou de Sherwood? — perguntou Gerard — Eu o achei o tipo de sujeito que se melindra com facilidade.

— Isso para não dizer coisa pior — comentou Alice, com raiva. — Acho que... Bem, ele é extraordinário.

Se conhecesse melhor o homem de quem estava falando, Alice teria o que pensar.

O pai de Jake Sherwood tinha sido um lenhador, homem honesto, trabalhador e que acalentava um sonho. Esse sonho centrava-se no filho, um garoto bonito e forte que sentia verdadeiro fascínio por máquinas. O menino passava todo seu tempo livre na pequena estação de trens, fazendo mil e uma perguntas aos maquinistas e pedindo para dar voltas nas locomotivas. Em casa, desmontava tudo, de despertadores e relógios de algibeira à calandra que a mãe usava para espremer roupa lavada. Observando o filho, o homem fez uma promessa:

Jake teria instrução, iria para uma faculdade onde pudesse saciar sua sede de saber. Um dia aquele menino seria alguém... se transformaria no homem que daria as ordens, e não num que á elas obedecia, como tinha feito o pai durante toda a vida. Quando o velho morreu, consumido pela dureza do trabalho a que se entregava para sustentar a família, Jake não tinha mais de quinze anos. O sonho, porém, não havia morrido e a mãe do garoto cuidou para torná-lo realidade.

— Você irá para a faculdade, meu filho. Era isso o que seu pai queria e daremos um jeito para cumprir a vontade dele.

De alguma forma o dinheiro foi conseguido, tanto para alimentar mãe e filho como para custear os estudos do rapaz. A mulher costurava e lavava roupa para fora, enquanto ele fazia todo tipo de trabalho. Consertava coisas e, ao entregar o trabalho, sempre ouvia o mesmo comentário:

— Parece que esse menino é capaz de consertar tudo. Homens rudes viviam e trabalhavam naquele lugar, pouco antes da virada do século. Formada principalmente por imigrantes, era uma comunidade fechada, de gente que trabalhava duramente, amava com paixão e resistia bravamente ao sofrimento. Para trabalhar ali um homem precisava ter a concordância dos que haviam chegado antes dele. O supervisor fazia as contratações, mas eram aqueles homens fortes, bronzeados e de sotaques ininteligíveis, sempre vestindo camisa xadrez e calça de brim, que permitiam a permanência do forasteiro. Não gostavam de biscateiros, que nunca ficavam no lugar por muito tempo. Os que insistiam acabavam quebrando um braço ou uma perna, misteriosamente atingidos por alguma coisa.

Jake, porém, era bem-aceito. Aquele era o garoto que todos tinham visto crescer, correndo entre as locomotivas, que agora tentava abrir caminho para a faculdade. Era um bom menino, que vivia com a mãe viúva. Respeitar a família, cuidar dos parentes mais velhos, tratar com respeito a mãe... isso aqueles homens rudes entendiam e aprovavam. Do modesto envelope de pagamento que recebiam, quase tudo ia para o Velho Mundo, pára alguma aldeia da Geórgia ou da Ucrânia. Era lá que moravam seus pais, que talvez morressem de fome se não recebessem aquela ajuda mandada do Novo Mundo pelos filhos.

Jake aprendeu a lutar com aqueles homens. Não era um esporte para cavalheiros, mas sim a violenta luta de socos que acontecia por trás dos barracões. Quem tivesse a desventura de cair e não levantasse rapidamente, muitas vezes acabava permanentemente desfigurado pelo bico da bota que o atingia no rosto. Todos gostavam de Jake, mas o garoto precisava aprender a cuidar de si. Isso ele aprendeu.

Já na faculdade, Jake se viu obrigado a levar uma vida dupla. Os estudos de engenharia iam muito bem, além do que ele não perdia oportunidade para saciar sua

curiosidade em outras áreas. Visitava exposições de arte e se familiarizava com as obras dos grandes mestres da pintura. Ia a concertos e emocionava-se com a música dos grandes compositores. Com algum dinheiro que conseguiu economizar, comprou uma coleção de livros de escritores famosos e leu-os todos, de Dickens a Dostoiévski, de Balzac a Mark Twain.

Foi quando a mãe dele adoeceu. Segundo os médicos, nada poderia ser feito se ela continuasse naquela cama de ferro da enfermaria de indigentes do hospital. No entanto, teria alguma chance se pudesse comprar os remédios receitados, que custavam dinheiro. Jake sabia onde arranjar dinheiro e passou a viver sua outra vida.

Em ruas escondidas da periferia da cidade, com olheiros postados para avisar quando a polícia se aproximava, realizavam-se lutas a dinheiro. Eram combates em que homens bem vestidos, de sapatos lustrosos e mãos macias apostavam altas somas nos punhos dos lutadores. Embora não fosse a parte mais bem remunerada, o vencedor da luta poderia ganhar uma boa quantia. Jake havia aprendido a lutar com os lenhadores e precisava comprar remédios para a mãe. Inevitavelmente, acabou descoberto, porque não havia como explicar os olhos roxos e os lábios partidos. Um dia, foi chamado à sala do reitor da faculdade.

— Esta escola, Sr. Sherwood, não está acostumada a ver seus alunos participando de lutas vulgares — declarou solenemente o mestre. — O senhor não pode continuar freqüentando nossas aulas.

Depois que a mãe morreu, Jake empacotou os livros e cruzou a fronteira com os Estados Unidos. Foi para Detroit, onde se requisitava gente como ele, para ajudar a desenvolver a nascente indústria automobilística.

Aproximava-se rapidamente o dia em que cada família iria querer ter seu próprio carro. Jake entendia de engenharia mecânica e sabia desenhar, além de se relacionar muito bem com os operários das máquinas. Nada parecia capaz de impedi-lo de subir cada vez mais. Ganhava bem e não tinha ninguém com quem gastar além de si próprio. Como ficava quase o tempo todo na prancheta de trabalho, criando motores cada vez mais avançados para os novos carros, o dinheiro que ganhava foi se acumulando no banco.

Depois de algum tempo, alguém lhe sugeriu investir ali mesmo o dinheiro ganho. Já que trabalhava para a indústria automobilística, por que não se tornava também um de seus donos? Jake aceitou o conselho e passou a ganhar mais dinheiro ainda. Estava então com trinta anos de idade e já provocava comentários.

— Dentro de cinco anos, será um milionário — profetizavam os colegas de trabalho.

Tudo levava a crer que ele não só realizaria o sonho do pai como também se tornaria uma encarnação do sonho americano: o homem que se faz por si, que vai do nada ao topo do sucesso à custa do próprio talento e de muito trabalho.

Por essa época, estourou uma guerra na longínqua Europa. Seria uma guerra diferente das que se conheciam até então. No palco do conflito, havia necessidade de homens que entendessem o funcionamento de novas máquinas que seriam utilizadas nos combates. Acima de tudo, precisava-se de homens para voar.

Jake era jovem, bem-sucedido e sem nada a perdê-lo. Além disso, não podia dizer que já havia alcançado tudo o que queria. Instantaneamente, viu-se dominado por aquele novo desafio. Pensando no futuro, olhou para o céu e viu que o homem estava conquistando um novo espaço, viu fantásticas máquinas que voavam...

CAPÍTULO III

Quando acordou, na manhã seguinte, Alice se deixou ficar um bom tempo na cama, refletindo sobre os acontecimentos da noite anterior. Como podia ter sido idiota a ponto de se deixar envolver naquela situação ridícula? Com ou sem Jake Sherwood, a noite teria

sido um fiasco total. Ela podia ter acabado na cama de Robbie, desempenhando um papel que duvidava muito ser capaz de representar de forma convincente. Como alternativa, poderia ser forçada a dizer a Robbie que não queria fazer amor com ele, o que seria a verdade pura e simples.

Não, jamais conseguiria dizer isso a Robbie, o homem com quem pretendia se casar. Mas o que faria quando se tornasse esposa dele?

Mais tarde, naquela manhã, Robbie apareceu para pedir desculpas. Disse que não imaginava que Jake estaria na sala de jantar e acrescentou, num tom agressivo, que não podia assumir a culpa disso. Era o último dia da licença e ele havia conseguido entradas para o Chu Chin Chow, que estava se apresentando na cidade. Depois do espetáculo, os dois poderiam ir jantar fora.

Quando Robbie chegou para apanhá-la, naquela noite, Alice logo percebeu que ele estava mal-humorado. Alguma coisa havia acontecido além do desastre do encontro marcado. Em forte contraste com seu jeito alegre e jovial, Robbie afundou numa poltrona e ficou mexendo na sobrecoberta bordada do encosto dos braços, a cabeça jogada para trás e os cabelos caindo em mechas sobre a testa. Parecia um jovem animal feroz que tendo desafiado o velho líder do grupo, havia descoberto que o adversário ainda tinha dentes e sabia usá-los.

No entanto, mesmo amuado como evidentemente estava, ainda era uma atraente figura naquele uniforme da RAF. Alto, esbelto e saudável, era o tipo de homem que fazia disparar o coração das mulheres. Qualquer uma se apaixonaria por ele, mas nesse aspecto Alice se achava diferente das demais. Longe do noivo enchia-se de dúvidas que só na presença dele pareciam perder a importância.

Por outro lado, ele não tinha o direito de ficar sentado ali, de cara fechada, dando a entender que cabia apenas a ela a culpa pelo que havia acontecido na noite anterior. A irritação dominou o semblante de Alice, provocada pelo egoísmo do noivo, pela insistência dele em fazer valer seu ponto de vista. Robbie não deixou de reparar na mudança verificada no rosto dela.

— Não precisa ficar de cara fechada comigo — ele reagiu, num tom inusitadamente agressivo. — Já lhe disse que não imaginava que Jake estaria na sala de jantar àquela hora. Pelo menos, foi apenas ele. Jake não dará com a língua nos dentes.

— Não estou de cara fechada com você — respondeu Alice, ríspidamente. — Você é que está de mau humor e não pode esperar que eu me mostre feliz da vida.

Pelo tom de voz, ficou evidente que ela falava a sério. Isso fez com que Robbie instantaneamente mudasse de postura.

— Escute aqui, Alice — ele chamou, apurando-se na poltrona. — Você não acha que eu estou atrás da droga de seu dinheiro, não é?

— Não! — exclamou Alice, automaticamente, com suficiente convicção para fazê-lo relaxar um pouco. — Mas por que isso agora?

— Porque aquele seu primo andou me falando coisas. Ontem à noite, me censurou por tê-la tirado da festa para apresentá-la a Jake na sala de jantar. Sua ausência, segundo me disse, poderia ser mal interpretada e eu devia me preocupar com sua reputação. São palavras dele, não minhas! Bem, eu não podia contar a verdade a ele, não é mesmo? Fui obrigado a ficar lá como um idiota, escutando. Não pude nem rebater. Se soubesse da história toda, provavelmente ele tiraria o paletó e me convidaria a acompanhá-lo até a rua!

A muito custo Alice conseguiu controlar o riso. Robbie tinha motivos para ficar zangado, mas aquela história toda estava começando a ficar hilariante. Ter que ouvir uma lição de moral de Gerry devia ser pior do que levar um soco no nariz. Alice até podia visualizar a cena: Gerry de peito estufado, declarando que a reputação da prima devia ser preservada a qualquer custo, enquanto Robbie escutava de cabeça baixa, como um rapazinho que houvesse agido de forma irresponsável.

— Não tem graça nenhuma, Alice! — explodiu Robbie, ao ver o riso nos olhos da noiva. — A coisa toda foi embaraçosa como o diabo. E o velho Gerard ainda acha que estou querendo dar o golpe do baú. O que me diz disso?

O mais espantoso era Robbie não dizer uma só palavra se desculpando pela humilhação por que ela havia passado. Agora os olhos verdes de Alice não mostravam qualquer sinal de divertimento.

— Se quer saber, Robbie, não gostei nada do que aconteceu ontem à noite — ela declarou, com rispidez. — Não gostei nem um pouco! Então, quer dizer que você ficou embaraçado. Ora! Meu constrangimento foi muito maior. Pensei que Sherwood fosse você! Estava escuro e... Bem, acabei falando o que não devia. Foi horrível, Robbie! E ele é um homem desagradável. Nem teve a delicadeza de fingir que não, havia entendido. Pelos modos que demonstrou, fico imaginando que tipo de educação aquele homem pode ter tido. Pelo jeito como se serviu de uísque, sem a menor cerimônia, não seria de admirar se levasse embora a prataria da casa!

Para espanto de Alice, aquilo fez dissipar-se todo o mau humor de Robbie, que soltou uma gargalhada. Depois de um minuto, ele teve de afastar dos olhos as lágrimas provocadas pelo riso convulsivo.

— Ah, preciso contar isso a ele! Pelo amor de Deus, Alice! Jake Sherwood é podre de rico. Acho que ele nem sabe o que fazer com todo o dinheiro que tem. A idéia de vê-lo enfiando talheres de prata no bolso... Robbie voltou a rir de forma descontrolada.

— Ainda bem que você acha isso engraçado — falou Alice, séria. — Pois conte a ele, se quiser!

Antes daquele diálogo, Alice estava para perguntar a Robbie que qualidades ele via em Jake Sherwood para admirá-lo. Agora, já sabia a resposta: dinheiro. Robbie gostava realmente de Jake, mas parte disso se devia à fortuna do amigo... conseguida só Deus sabe como. Sem dúvida era dessa forma também que ele a amava, o que dava razão às suspeitas de Gerry: Robbie queria dar o golpe do baú. Só não se podia dizer que ele estivesse fazendo isso de forma inescrupulosa. Como amava Alice, casando-se com ela apenas estaria unindo o útil ao agradável. Robbie Harris era um homem sobre o qual o dinheiro exercia uma atração tão grande quanto a beleza, o charme ou a inteligência.

— Sabe de uma coisa? — falou Robbie, inclinando-se para a frente com os cotovelos apoiados nos joelhos, naquele jeito infantil que conseguia desarmar os corações mais duros. — Você tem razão quando diz que ele se serve de uísque sem a menor cerimônia. Provavelmente estava bêbado e hoje não se lembrará de nada do que aconteceu ontem.

— Ele se lembrará de cada gesto e cada palavra — contrapôs Alice, amarga. — Esse tipo de gente sempre se lembra de tudo.

Robbie levantou-se, caminhou dois passos e abraçou-a.

— Pare com isso, meu amor — ele aconselhou, cheio de charme. — Que importância pode ter? — Em seguida ele a beijou, apertando o abraço, o que deixou Alice possuída por um inexplicável pânico. — Seja boazinha comigo, Alice. Sabe muito bem o que sinto por você. Ontem à noite eu queria tanto... Bem, Jake acabou estragando tudo, mas não precisamos brigar por causa disso.

Sem dúvida Robbie queria sentir uma reação no corpo da noiva, mas não aquele pânico estúpido. Queria provocar nela um desejo igual ao que ele estava sentindo. Alice até que tentava, mas era algo que não podia fingir. Robbie sempre a fazia sentir-se daquele jeito, como se houvesse fracassado.

— Você vai gostar do Chu Chin Chow — prometeu Robbie, um tanto ansioso. — Eles usam roupas fantásticas e, como artista, é claro que você saberá admirar. Lembre-se de que será a minha última noite. Portanto, não vamos deixar que nada saia errado.

Alice sorriu e, impulsivamente, passou as mãos em volta do pescoço dele. Queria arranjar um jeito de compensá-lo pelo desapontamento de senti-la tão fria.

— Nada sairá errado — ela prometeu.

Apesar de tudo, Alice gostou do espetáculo. Depois Robbie a levou para jantar num pequeno restaurante perto do teatro. Àquela época, considerava-se "apressado" uma moça solteira sair para jantar com o namorado sem a companhia da mãe ou de algum parente. No entanto, dadas as circunstâncias, e como Alice estaria usando o anel de noivado, a Sra. Daventry acabou concordando, desde que eles ocupassem uma mesa bem no centro do restaurante, num lugar iluminado. O que ela não queria era que a sobrinha fosse vista sozinha com o noivo em algum canto escuro.

Havia muitos rapazes de uniforme no restaurante e o ambiente estava alegre. Era como se todos houvessem resolvido esquecer que havia uma guerra em curso, que a qualquer momento poderia tirar a vida de muitos deles. Mesmo esse estado de espírito contagiando Alice e Robbie, era impossível esquecer que ele partiria na manhã seguinte.

— Irei com você até a estação — prometeu Alice, ardorosamente.

— Você não pode, meu bem — falou Robbie, com um sorriso paciente. — O trem parte às seis e meia em ponto e não sei como você se levantaria tão cedo. Além disso, fará frio e a estação estará cheia de gente. Eu não me importarei.

Só que ele se importava, e Alice sabia muito bem disso. Tanto era verdade que havia uma ponta de resignação na voz de Robbie. Se ela não desse um jeito de ir à estação na manhã seguinte, ele se sentiria profundamente ferido.

Alice só não entendia por que não conseguia se entusiasmar com aquele namoro. Talvez fosse por causa da guerra, ou pelo fascínio que Robbie sentia pela aviação, ou pelo longo noivado. No fim das contas, talvez o dinheiro estivesse levantando uma barreira entre eles, pelo menos na mente de Alice.

Apesar disso tudo, nenhum dos dois tomava a iniciativa de um rompimento. Robbie nem pensaria nisso, porque estava firmemente determinado a casar-se com ela, fossem quais fossem as razões. Quanto a ela, como poderia destruir as esperanças de um homem que estava prestes a partir para a frente de combate? Assim sendo, a guerra só prolongava aquela agonia, adiando um desenlace que seria imprevisível.

Depois de um demorado silêncio, Robbie arregalou os olhos e exclamou:

— Meu Deus! Lá está Jake!

Tratava-se da última pessoa que Alice queria ver naquele momento, mas realmente era ele quem se aproximava, respondendo ao aceno de Robbie. Foi quando Alice reparou, com espanto, que Jake era bem mais velho do que os outros rapazes. Aqueles homens de uniforme eram todos muito jovens, especialmente os aviadores, alguns deles mal saídos da adolescência. Robbie, que tinha vinte e seis anos, às vezes dizia que se sentia um velho no meio daquela garotada. Jake, porém, devia ter pelo menos trinta anos. Homens dessa idade dificilmente se apresentavam como voluntários às Forças Armadas, porque em geral tinham suas carreiras ou outros compromissos...

Jake não estava sozinho. Trazia uma moça pendurada no braço, exatamente o tipo que Alice imaginava interessá-lo. Era uma loira platinada num vestido vermelho justo, com muito batom nos lábios e aqueles olhos de quem já havia bebido um bocado. Quando eles chegaram à mesa, ela continuou se apoiando no braço de Jake, com um sorriso idiota provocado pelo excesso de bebida. — Esta é Tilly — apresentou Jake, sério. Robbie parecia estar se esforçando muito para não rir.

— Não quer sentar-se, Srta... Tilly?

— Acho que vou aceitar — respondeu a moça, desabando na cadeira. — Opa! — ela exclamou, percebendo que havia derrubado uma taça de vinho.

A partir daí travou-se uma conversa cheia de constrangimento, marcada pelo, -incontrolável soluço de Tilly.

— Este lugar é muito alegre, não acha? — pronunciou-se a amiga de Jake, olhando para Alice e soltando um bafo de gim. — Gosto quando meus namorados me levam a lugares elegantes, cheios de gente grã-fina. Isto é, eles têm que pagar de alguma forma,

não é mesmo? Minha mãe sempre me dizia: não faça nada de graça, menina. Era isso o que ela dizia.

Pegando desajeitadamente um maço de cigarros, ela conseguiu espalhá-los em cima da mesa.

Jake evitava olhar para Alice, mas devia perceber o desdém dos olhos verdes que o fitavam. Comentando que partiria na manhã seguinte, Robbie falou alguma coisa dando a entender que Jake teria mais uma semana de licença. Finalmente, lamentou o fato de o trem sair tão cedo, o que dificultaria a ida de Alice à estação.

— Mas não haverá problema — pronunciou-se Jake, de chofre. — Posso apanhar a Srta. Morrell e levá-la até a estação. — Nessa altura apareceu um sorriso nos lábios dele. — É o mínimo que posso fazer!

— Mas é claro, porque você tem o Sizaire! — exclamou Robbie, com um sorriso luminoso. — Jake tem um automóvel, Alice, um Sizaire-Berwick. Você precisava vê-lo! É uma linda máquina.

Alice não queria ver máquina nenhuma, menos ainda ser transportada numa delas. No entanto, seria a única forma de poder despedir-se do noivo na estação. Quando os dois homens combinaram a hora em que Jake deveria apanhá-la, ela apenas assentiu. Robbie escreveu o endereço e fez um mapa num papel fornecido pelo garçom. Jake dobrou o papel e guardou-o no bolso. Logo em seguida despediu-se e foi embora, arrastando pelo braço á cambaleante Tilly.

— Aquela garota está bêbada! — censurou Alice. — Ele não podia tê-la deixado chegar a esse ponto... e não devia trazê-la aqui!

— Há sempre uma porção de garotas cercando Jake — respondeu Robbie, querendo desculpar o amigo. — Não sei se o que as atrai é o charme dele ou apenas o carro. Seja como for, elas o cercam como abelhas no mel. É a mesma coisa aqui ou na França.

— Não diga! — falou Alice, deixando bem claro que aquela explicação não isentava Jake da culpa.

Robbie soltou uma risadinha.

A noite estava agradável e eles resolveram caminhar do restaurante até a estação. Enquanto andavam, de braços dados, Alice reparou que as pessoas os olhavam. Notou principalmente como algumas mulheres olhavam para Robbie. Chamou em particular a atenção uma mulher que desceu de um táxi, embrulhada num enorme e caro casaco branco de pele. Devia ter uns trinta e cinco para quarenta anos e, à luz do lampião de gás, aquele rosto pintado não era nada atraente. Olhando rapidamente para o jovem casal que passava, ela arranjou um jeito de deixar cair a bolsa na calçada. Robbie interrompeu o passo, abaixou-se e apanhou a bolsa, que devolveu com um sorriso.

— Obrigada — agradeceu a mulher, numa voz tão desagradável quanto o sorriso.

Por alguns instantes a desconhecida esquadrinhou Alice com os olhos de cílios compridos, logo se voltando outra vez para Robbie. Finalmente aproximou-se o homem que havia descido do táxi atrás dela e levou-a embora.

— Aquela mulher deixou cair a bolsa de propósito! — disse Alice, num tom cortante.

— É uma mulher bonita, apesar da idade — comentou Robbie. — Você viu aqueles diamantes? — Em seguida ele olhou para a noiva. — Mas... parece que você ficou com ciúme!

Robbie disse aquilo traindo a esperança que sentia.

— Daquela pavora? — ridicularizou Alice.

Ficou evidente que ela havia se deixado abalar pelo incidente, o que era um absurdo. Mas o jeito como aquela mulher olhara para Robbie a deixara enraivecida, porque havia um convite velado naqueles olhos ridiculamente pintados. Alice preferia mil vezes Tilly, que pelo menos era honesta em sua promiscuidade.

— Tenho esse poder sobre as mulheres! — vangloriou-se Robbie, ao ouvido dela. — Não é raro uma delas se jogar em minha frente, ou pelo menos deixar cair a bolsa a meus pés!

Enquanto ele ria, Alice olhava fixamente para um tapume onde um cartaz proclamava a excelência de uma gelatina em pó que, artificialmente adoçada, não oferecia os mesmos perigos do açúcar.

— Sabe de uma coisa, Robbie? Acho que já vi o retrato daquela mulher em algum lugar.

O dia seguinte amanheceu sem chuva, mas estava nublado e frio. Jake chegou exatamente na hora marcada e entrou para ser apresentado à Sra. Daventry. Gerard havia partido bem cedo para Oxford, onde veria um cliente, e Alice ficou contente por ele não estar ali.

A Sra. Daventry ficou evidentemente impressionada, em parte porque aquele reluzente Sizaire-Berwick estacionado na frente da casa podia muito bem ser confundido com um Rolls-Royce... e em parte porque, naquela época, os aviadores ainda eram muito raros e sempre impressionavam. Além disso, a própria Alice se via forçada a reconhecer que Jake Sherwood era um homem muito bonito. Não seria de admirar se o idoso coração da Sra. Daventry batesse mais depressa na frente daquele canadense.

Para andar no Sizaire, que era conversível, Alice teve que vestir uma capa por cima do conjunto de seda vermelho que estava usando. Jake havia levantado a capota de lona, mas mesmo assim estava ventando e ela precisou passar um lenço por cima do chapéu e amarrá-lo no queixo.

Depois que eles tomaram assento no carro, Jake tirou de algum lugar um pequeno cobertor, que ofereceu a ela.

— Ponha isto sobre os joelhos, para se proteger do vento.

— Foi muita gentileza sua se oferecer para me levar — disse Alice, apenas para ser educada, mas tendo quase que gritar para se sobrepor ao barulho do motor. Jake deu de ombros.

— No restaurante, pensei que você recusaria meu oferecimento.

— Por quê? — perguntou Alice, na defensiva. Enquanto eles falavam, o carro passou por um buraco da pista, assustando o cavalo de um leiteiro.

— Bem, eu gostaria de estar enganado... mas tenho a impressão de que você não gosta muito de mim.

Embaraçada por aquela resposta franca, Alice não soube o que dizer. Fez de conta que o barulho impedia a continuação da conversa e, como Jake parecia concentrado em dirigir, os dois prosseguiram em silêncio até a estação.

O vento soprava frio na plataforma cheia de gente. O trem transportaria principalmente tropas de infantaria que se dirigiam às frentes de combate.

— Estou pegando uma carona com o Exército — brincou Robbie.

Em seguida ele a conduziu por entre pessoas e pilhas de bagagem. Havia muitos casais, com moças como Alice penduradas no pescoço dos maridos ou namorados, que dentro de instantes partiriam para a guerra.

Ninguém sabia dizer exatamente onde ficava a tal "frente de combate". Não se sabia nem para que porto aquele trem levaria os homens que transportava, onde eles seriam embarcados para a França. O que mais se via ali eram uniformes caqui, espadas penduradas em reluzentes talins e rostos jovens cheios de otimismo. Mas havia também alguns de semblante fechado, homens que retornavam da licença para os campos de batalha e já sabiam o que os esperava.

O entusiasmo agora era bem menor do que no início da guerra. A contagiante onda de patriotismo de antes ia aos poucos sendo substituída por um sentimento de frustração, como se a guerra houvesse chegado a um impasse. Recentemente havia sido decretado

o recrutamento obrigatório, já que o número de voluntários não era suficiente para substituir os que morriam em combate.

Alice reparou que vários veteranos, inclusive oficiais, estavam embriagados. Provavelmente haviam passado na farra a última noite da licença. Por outro lado, como era grande o número de jovens que se juntavam às tropas pela primeira vez, o Exército havia tentado criar ali uma atmosfera de entusiasmo semelhante à dos primeiros tempos. Uma banda tocava furiosamente marchas patrióticas e por todos os lados viam-se bandeirolas vermelhas, azuis e brancas, o que fez Alice lembrar-se da reunião feminista promovida pela Srta. Frobisher. Estavam ali também algumas elegantes senhoras de meia-idade, na certa pertencentes a algum grupo de Apoio do Lar para as Tropas. Aquelas mulheres sem dúvida incentivavam suas filhas a entregar penas brancas a homens que nem conheciam, como Gerard.

Alice havia escolhido a roupa que estava usando para que, no norte da França, Robbie tivesse uma visão de cor e vida sempre que se lembrasse dela. Agora, porém, sentia-se deslocada naquele conjunto tão chamativo, porque todas as outras mulheres usavam roupas bem mais discretas. Pensando bem, as roupas não tinham a menor importância. O que aqueles homens queriam guardar na memória eram os rostos, tanto que não afastavam os olhos das esposas ou namoradas.

— Você é a garota mais linda que eu já vi — murmurou Robbie ao ouvido de Alice, depois de beijá-la. — Gostaria de, tê-la sempre comigo.

— Volte para mim, Robbie — conseguiu dizer Alice, agarrada às mangas do uniforme dele.

De uma hora para outra, nada importava a não ser o retorno de Robbie. Não importavam as brigas ou desentendimentos, nem mesmo se Robbie estava ou não interessado no dinheiro dela. O que importava eram as pessoas, a vida.

Minutos mais tarde chegou a hora da partida. Robbie debruçou-se na janela do trem e levou à boca as mãos em concha.

— Alegre-se, querida! — ele gritou. — Não vai demorar muito.

Logo em seguida o trem se pôs em movimento, produzindo um barulho que se sobrepôs a tudo, inclusive à bandinha, que agora tocava uma canção de despedida. Alice ficou acenando até a composição dobrar numa curva ao longe, imaginando se ainda conseguia distinguir a mão de Robbie no meio daquela floresta de braços que se agitavam para fora do trem. Finalmente, viu-se sozinha no meio da multidão agora silenciosa que ainda ocupava a plataforma.

Como praticamente havia se esquecido de Jake Sherwood, espantou-se ao ver aquela figura em uniforme da RAF bem ali perto. Com quepe meio jogado para trás, o canadense parecia não dar muita importância ao regulamento.

— Está pronta para voltar, Alice? — ele perguntou, observando-a atentamente com aqueles olhos cinzentos.

Alice fez um gesto afirmativo com a cabeça, grata por ele não ter dito nada estúpido do tipo "Não se preocupe que ele voltará". Também estava contente por não ter ficado sozinha, mesmo a companhia sendo aquele aviador grosseiro de quem gostava tão pouco. Até o perdoava por tê-la chamado de "Alice", com tanta sem-cerimônia. Afinal de contas, tratava-se de um amigo de Robbie que estava prestando um favor. De pois daquele dia ela não voltaria a se encontrar com ele e não seria difícil esquecê-lo.

Quando o carro parou na frente da casa dela, Alice voltou-se para ele e procurou sorrir.

— Não quer entrar para tomar café da manhã, mesmo um pouco fora de hora?

Depois de ficar olhando para ela por alguns instantes, Jake balançou a cabeça.

— Não, obrigado.

— Estou certa de que minha tia ficaria muito contente — reforçou Alice, sem precisar mentir.

Sentia-se obrigada a insistir, mas não queria que ele aceitasse, o que Jake provavelmente percebeu.

Ele continuava a fitá-la, pensativo. Havia constatado que aquela linda garota de cabelos que pareciam o pôr do sol e tristonhos olhos verdes era diferente de todas as outras que já conhecera. Só que ela pertencia a outro homem. Jake gostava de mulheres, mas vivia ocupado demais para se fixar num relacionamento mais permanente. Por outro lado, jamais havia conhecido uma garota como aquela. Se isso houvesse acontecido, talvez tudo fosse diferente.

Mas por que ela o olhava daquele jeito, com aqueles maravilhosos olhos verdes, como se temesse ser atacada? Naturalmente esse perigo não existia, nem de longe. Por mais que ele se sentisse atraído, tratava-se da noiva de Robbie e... Pensando nisso, Jake franziu a testa, lamentando não poder dizer nada para confortá-la. Sabia muito bem que só por verdadeiro milagre o amigo ou ele próprio sobreviveriam àquela guerra. Por isso, seria tolice alimentar falsas esperanças, ainda mais com uma garota inteligente como aquela, que logo perceberia a mentira.

— Não costumo tomar café da manhã — disse Jake, afinal. — E agora preciso voltar. — Desviando do rosto dela os olhos cinzentos, segurou o volante com as duas mãos. — Quero me desculpar por ter estado no lugar errado durante aquela festa... e ontem também, com Tilly. Levei-a para casa logo que saímos do restaurante... Isto é, para o lugar onde ela mora. Deixei-a lá... e não me aproveitei do fato de ela estar embriagada. Queria que você soubesse disso.

Alice ficou com as faces muito coradas.

— Eu... Bem, acho que você agiu certo.

Jake voltou-se outra vez para olhá-la, aparentemente nervoso.

— O que eu queria mesmo lhe dizer é que sinto muito por ter estragado seu encontro com Robbie. É que...

— Você não estragou nada! — interrompeu-o Alice, com os olhos fuzilando. — Não interrompeu nada!

Jake desceu e deu a volta no carro para ajudá-la a descer. À porta da casa, quando ela se voltou para se despedir e agradecer pelo transporte, foi ele quem falou antes:

— Voltarei a procurá-la antes de partir, para o caso de você querer que eu leve alguma carta para Robbie.

— Bem, eu... — gaguejou Alice.

Aquele homem tinha o poder de deixá-la sem saber o que dizer. Em todo o caso, ele já estava indo sem esperar resposta, pondo o Sizaire em movimento e fazendo um lacônico aceno de mão.

CAPÍTULO IV

Alice desejava que as últimas palavras dele não fossem a sério. Preferia que fossem como as que as pessoas costumam dizer quando se despedem, sem intenção de cumprir a promessa: "Eu farei uma visita... Eu escreverei..."

No entanto, Jake Sherwood não era do tipo de homem que fazia promessas só por fazê-las. Se dissesse que iria procurá-la, é claro que a procuraria.

Mesmo assim, Alice preferia que ele esquecesse a promessa. Por isso, alguns dias mais tarde, quando descia a escada, sentiu uma onda de aborrecimento ao ouvir a exclamação da Sra. Daventry:

— Por Deus, capitão Sherwood! Que surpresa agradável! Alice não sentia a mínima vontade de rever aquele homem.

Por mais que tentasse, achava difícil esconder o quanto a irritavam a segurança e a auto-suficiência demonstradas por Jake Sherwood.

Quando ela entrou na sala de visitas, a Sra. Daventry agitava-se nervosamente.

— O senhor aceita um chá, capitão Sherwood?

Jake recusou o oferecimento. Diante da minúscula figura da Sra. Daventry, ele dominava a sala de jantar. Parecia muito à vontade. Era notável como aquele canadense, mesmo envergando o uniforme da RAF, conseguia transmitir um ar de informalidade.

Por cima da cabeça da dona da casa os olhos dele encontraram os de Alice. Instantaneamente os lábios de Jake se abriram num sorriso que, pela primeira vez, ela definiu como encantador.

— Eu não disse que viria? — lembrou o visitante.

— Foi muita gentileza ter vindo — agradeceu Alice, esperando não parecer muito convincente.

— Infelizmente esta tarde tenho um compromisso com a Sra. Bingley — desculpou-se a tia de Alice. — Não poderei ficar. Mesmo assim, foi um prazer enorme revê-lo, capitão...

Logo em seguida a Sra. Daventry saiu e eles ficaram a sós.

— Você não gostou da minha vinda — constatou Jake, friamente.

Pronto! Outra vez ele conseguia deixá-la na defensiva. Sentindo-se num beco sem saída, Alice achou que deveria reconhecer pelo menos parte do que sentia.

— Não esperava revê-lo, apenas isso. Mesmo assim, sua visita me livra da obrigação de comparecer a mais uma das reuniões promovidas pela Sra. Bingley, que são sempre uma chatice. Por que não senta?

Sem esperar que ele aceitasse o convite, Alice acomodou-se na poltrona mais próxima.

Com a descortesia que lhe era característica, Jake virou as costas e caminhou até o piano, em cima do qual havia uma coleção de retratos de família, todos em molduras vitorianas de prata e madeira trabalhada. Uma a uma, ele pegou aquelas fotografias e examinou-as, com olhar crítico. Havia uma da Sra. Daventry bem jovenzinha, num vestido cintura de vespa com anquinhas. Uma outra mostrava o Sr. Daventry, com uma enorme barba, segurando uma espingarda e com um pé sobre um veado abatido. As demais documentavam, na maioria, os vários estágios da infância e adolescência de Gerard e Alice. Gerard aparecia sempre sério e pomposo, enquanto Alice em geral mostrava um sorriso no rosto sardento, os longos cabelos presos por uma fita como Alice no País das Maravilhas.

Jake só voltou a falar depois de examinar todos os retratos, ainda de costas para ela:

— Sabe... passei a maior parte de minha vida adulta sozinho... em pequenos apartamentos ou mesmo quartos de hotel. Por isso, chega a me fascinar ver uma casa cheia de lembranças de família. Minha mãe guardava coisas assim em casa, quando eu era menino. Depois que ela morreu, apareceu uma parenta e levou tudo embora. Deve ter levado também as fotografias. Bem que eu gostaria, hoje, de ter ficado com algumas.

Jake disse aquilo com naturalidade, aparentemente sem qualquer sentimentalismo, mas Alice sentiu-se tocada. Inesperadamente, havia descoberto um ponto vulnerável naquele homem tão auto-suficiente. De alguma forma aquilo a deixou relaxada e logo ela se viu falando dos próprios pais, do desastre de trem, da infância passada naquela casa.

Jake escutou em silêncio. Quando ela fez uma pausa, ele perguntou:

— O que é que você faz atualmente, o dia inteiro?

Aquilo mais parecia uma acusação de ociosidade, pronunciada num tom de velado insulto. Como por encanto desapareceu a boa disposição de Alice, dando lugar ao velho antagonismo.

— Por que me pergunta isso? — ela devolveu, em tom de desafio.

— Você é jovem, instruída, inteligente. No entanto, esse tipo de vida... — Depois de fazer uma careta e encolher os ombros, ele fez um gesto largo com uma das mãos, abarcando não só a confortável sala de visitas, com seus móveis discretos e caros, mas também o mundo em que Alice vivia. — Isso não me parece suficiente para você.

— Está querendo dizer que sou uma inútil? — protestou Alice, de pronto. — Já lhe disse antes que não sou obrigada a ouvir seus insultos. Não sei o que o trouxe aqui... mas pode ir embora já, neste minuto!

Com os olhos verdes brilhando muito, como duas esmeraldas, ela marchou para a porta com a intenção de abri-la dramaticamente para que ele saísse. Jake, porém, antecipou-se e cortou-lhe o caminho, segurando-a pelos braços para detê-la.

Alice sentiu em todo o corpo a energia transmitida pelos dedos que a seguravam. Por isso, foi com voz trêmula que formulou o protesto:

— Como ousa fazer isso? Tire as mãos de cima de mim ou chamarei a criada!

— Não, você não vai fazer isso — duvidou Jake.

Mesmo assim ele a soltou, para imenso alívio de Alice. Logo em seguida, porém, como se quisesse deixá-la ainda mais confusa e enraivecida, perguntou, cheio de sarcasmo:

— Então, já que você não é uma inútil, me diga por que... por que não é apenas mais uma garotinha rica e mimada.

Agora Jake estava indo longe demais, na certa de propósito. Talvez quisesse forçá-la a pôr para fora toda a verdade.

— Não ligo a mínima para o que você pensa de mim! — declarou Alice, sem parar para pensar se aquele era um jeito de falar adequado a uma moça bem-educada. — Quem é você, afinal, para questionar meu estilo de vida? Se sou rica, isso não é crime. Suas mãos é que devem ser bem sujinhas, porque Robbie me disse que é um milionário que enriqueceu por si.

— Certo e errado — ponderou Jake, com naturalidade. — Enriqueci à custa de meu esforço, apesar de ainda não ser um milionário. Mas um dia serei. — Ele sorriu para Alice, um sorriso que não atenuava os traços do rosto cheio de determinação. — Eu mereci cada níquel que possuo, porque trabalhei como um escravo para consegui-los. Posso dizer que comecei do nada. Minha mãe e eu vivíamos em dois cômodos de um cortiço miserável, e ela acabou se matando de trabalhar para ajudar a pagar meus estudos. Não recebi ajuda de ninguém mais, Srta. Morrell. Ninguém jamais ligou a mínima, como você diz. Esta é a primeira coisa que se deve aprender quando se é pobre: não esperar ajuda de ninguém. Os pobres não têm direito a nada. Como representam um embaraço para os ricos, estes os mantêm quietinhos com obras de caridade. Instrução e oportunidade de crescimento são coisas pelas quais um pobre deve lutar muito, e sozinho! Você tem razão quando diz que eu sujei minhas mãos. Sujei mesmo. Vivia num chiqueiro e tive que enfiar as mãos na sujeira para me levantar.

Depois que ele se calou, o eco daquelas palavras permaneceu no ar. Alice estava muito pálida, tocada pelo que acabara de ouvir. Depois de algum tempo ela resolveu falar:

— Eu queria ser pintora, mas não me deixaram. Às vezes é mais fácil quando a pessoa é pobre, porque a única alternativa é lutar. Em meu caso, sempre aparecia alguém dizendo que a vida de artista não fica bem para uma moça, que eu só causaria embaraços à família... Não, eu deveria ficar em casa, quietinha, me preparando para um casamento respeitável. Em nossa sociedade uma mulher não serve para mais nada, sabia? Só que eu sempre quis ser pintora... e acho que ainda quero. Jake abriu os braços com impaciência.

— Mas a vida é sua ou deles? Por que não manda essa gente toda para o inferno e põe em prática o que sempre quis?

Alice agitou a cabeça. Para ele, tudo parecia muito fácil.

— Você não compreende! — ela voltou a falar, numa voz cheia de frustração. — Essas pessoas me amam, e eu não poderia causar-lhes desgosto. Para um homem é muito mais fácil. Quando eu disse que queria ir para Paris estudar arte, minha tia e meu primo reagiram como se minha intenção fosse dançar canção em público, usando apenas roupas de baixo!

Jake começou a rir.

— Está aí uma coisa que eu gostaria de ver!

— Aposto que sim — comentou Alice, agora controlada. — Mas não vai ver nem daqui a cem anos, capitão Jake Sherwood.

— Mas fale-me sobre o que é ser uma artista. Imagino que não tenha desistido totalmente de pintar. — Pela forma como ele a olhava, estava muito interessado. — Onde é que você pinta?

— Bem, é... é aqui — gaguejou Alice. — Tenho uma espécie de estúdio no sótão da casa.

— Eu gostaria de ver — pediu Jake.

Meio relutante, Alice conduziu-o até a escada que levava ao sótão. Não gostava de mostrar os quadros que pintava a pessoas sem sensibilidade, gente como a Sra. Bingley para quem a idéia de arte se confundia com a chamada "arte decorativa", peças produzidas aos milhares para enfeitar as casas de pessoas sem um mínimo de bom gosto.

Empurrando a porta do estúdio, ela se afastou para que Jake entrasse primeiro naquele santuário tão preservado.

O retrato inacabado de Robbie estava no cavalete, de frente para a porta. Havia uma janela de vidro no teto, aberta por causa da atividade que Alice desenvolvia ali. Pela forma como a luz batia no quadro, dava a impressão de que o retratado estava se voltando para observar quem entrava, com aqueles olhos azuis e francos. Durante um bom tempo, Jake ficou de pé diante do quadro, em silêncio.

— Há quanto tempo você está trabalhando nesse retrato? — ele perguntou, finalmente.

— Há uma eternidade — respondeu Alice, suspirando. — Esperava terminar nesta última licença de Robbie, mas ele só pôde vir posar uma vez. Ontem até que tentei trabalhar um pouco, mas como ele não está aqui é como se uma janela se fechasse e eu não pudesse... não conseguisse dar vida ao retrato. Você compreende o que eu quero dizer?

Apreensiva, ela olhou para Jake esperando a resposta.

— É claro que compreendo — ele garantiu.

Por mais algum tempo Jake ficou examinando o retrato Inacabado daquele belo representante do homem britânico. Alice havia captado muito bem o jeito de Robbie olhar as pessoas, um jeito só dele, com franqueza e uma certa dose de ingenuidade nos olhos azuis. O que ela não havia captado era o outro lado do caráter de Robbie, mais calculista e egoísta. Talvez isso não transparecesse na pintura porque era um aspecto que ela não via no noivo.

Jake experimentou uma sensação de desconforto, não pelo que via naquele retrato, mas sim pelo que não estava ali. Mais que o retratado, a obra mostrava um traço muito importante do caráter da artista. Aquela jovem pintora era vulnerável demais, e nem se dava conta disso. Mulheres assim em geral acabavam feridas. Jake só esperava que Robbie... Ora, que Robbie fosse às favas!

— Você tem muito talento — ele elogiou, em voz alta. Jake estava sendo sincero. Antes de entrar naquele estúdio, esperava ver pinturas de paisagens ou naturezas-mortas, o tipo de "arte" a que as moças de boa família costumavam se dedicar. Agora, repreendia-se por não ter percebido logo que Alice não perderia tempo com coisas assim.

Pouco tempo depois eles desceram a escada e voltaram à sala de visitas, onde Jake pegou o quepe.

— Bem, vou embora.

Por alguns instantes ele ficou girando o quepe nas mãos e Alice reparou naquele gesto. Foi quando notou que várias cicatrizes e manchas marcavam aquelas mãos fortes. Será que ele havia machucado as mãos em algum lugar?

— Quer que eu leve algum recado... para Robbie? — perguntou Jake.

Alice não respondeu logo, distraída em contemplar as mãos dele.

— Hein? Oh... diga apenas que tentarei terminar o retrato... antes que ele venha outra vez.

Jake sorriu, divertido, e ergueu as duas mãos.

— São punhos de um pugilista. Isso a deixa chocada?

— Não consigo entender como há homens que conseguem se envolver nessas lutas — criticou Alice, com honestidade. — Parece coisa de bárbaros.

— Ao passo que a guerra que se está travando é bastante civilizada, não é isso? — caçoou Jake.

Alice desviou os olhos.

— Você deve me achar uma tonta — ela disse, com calma.

— Muito ao contrário. Acho que você é uma pessoa inteligente e uma artista talentosa. Robbie é um rapaz de muita sorte. Estou falando sério. Não diria isso se não pensasse assim.

Alice sentiu as faces coradas.

— Vou acompanhá-lo até o carro — ela se ofereceu. Impecavelmente polido, o Sizaire-Berwick estava estacionado bem na frente da casa.

— Aí está meu orgulho e minha alegria — declarou Jake, ainda girando o quepe nas mãos.

— Mas onde você o deixa quando vai para a França?

— Ah, eu o despacho de navio — respondeu Jake, num tom casual.

— Você o leva junto? — espantou-se Alice.

Jake riu daquela reação.

— Por que não? Sabe de uma coisa, minha linda inglesinha? Parece que tudo o que eu digo a perturba. Quase sempre a deixo exasperada ou, na melhor das hipóteses, perplexa. No entanto, se um homem... ou uma mulher... se alguém quer fazer alguma coisa, deve simplesmente fazê-la sem se preocupar com mais nada. Era disso que eu estava lhe falando antes e continuo falando agora.

— E tem toda razão! — apoiou Alice, impulsivamente. — É assim mesmo que deve ser! Se você quer levar o carro para a França, por que não levá-lo?

Jake soltou uma gargalhada, apertando os olhos. Aquele riso espontâneo contagiou Alice, que também começou a rir.

Jake respirou fundo para observá-la. Ela ficava linda quando ria. Havia tanta vida naquele rostinho encantador, tanta inteligência... e uma fragilidade que partiria o coração do mais duro dos homens. Aquela casa de tijolos vermelhos, de aspecto tão respeitável, era como um estojo que guardasse uma jóia rara. Apesar da rudeza com que ele vinha tratando até então aquela jovem, não gostaria de vê-la enfrentando sozinha a crueldade e as decepções do mundo. Robbie não era do tipo protetor. Ao contrário, tinha sempre tendência a se apoiar em alguém; Mas quem podia ser o homem certo para aquela garota que tinha um riso tão franco e que ficava ainda mais linda com os cabelos soltos ao vento? Não podia ser ele, Jake Sherwood. Não, isso não! Não daria certo. Robbie pelo menos pertencia ao meio dela, enquanto ele, Jake, vinha de um mundo bem diferente. Pareceria um intruso, alguém expelido de uma absurda máquina do tempo.

Quando Alice conseguiu parar de rir, ergueu os olhos para ele. Ficou confusa ao ouvir o pedido:

— Acho que você não vai gostar do que tenho a dizer, mas sinto uma vontade enorme de beijá-la. Será que posso?

Sem dar tempo para que ela reagisse, Jake puxou-a para bem perto. Aqueles cabelos de fogo cheiravam a lírio 4o campo. O primeiro propósito dele era beijá-la na face, um beijo puro e leve. No entanto, o perfume daqueles cabelos e a proximidade da pele macia logo o fizeram mudar de intenção. Envolvendo pela cintura o corpo esbelto de Alice, ele colocou os lábios nos dela, num beijo cheio de calor.

Ofegante, Alice sentiu o coração em disparada. Queria gritar, mas seria incapaz mesmo de falar. Sentia um redemoinho na cabeça, como se o mundo a sua volta estivesse girando loucamente. Sem querer, ergueu as mãos e segurou nos ombros de Jake, pressionando ainda mais o corpo contra o dele. Parecia não mais ser dona dos próprios movimentos.

Então ela se lembrou, ambos se lembraram... e deram um passo atrás, ao mesmo tempo, como se uma força desconhecida os apartasse.

Alice pôs-se fora do alcance dele, fitando-o com olhos arregalados. Devagar, como se não tivesse consciência daquele gesto, ergueu uma das mãos e tocou os lábios trêmulos, antes de murmurar:

— Por que fez isso? Jake encolheu os ombros.

— Não sei — ele resmungou. Parecia uma resposta evasiva, mas era a verdade pura e simples. — Eu não tinha a intenção de... — Nervosamente, ele passou a mão pelos cabelos castanhos. — Mas não estou arrependido. Sinto muito se a deixei perturbada, mas não me arrependo do que fiz.

Quando terminou de falar, ele a encarou como se a desafiasse a discordar.

— Pois devia. — explodiu Alice, enraivecida. — É amigo de Robbie e ele confia em você! Seja como for, as pessoas daqui, o tipo de gente que eu conheço não se comporta desse jeito. Nós dois mal nos conhecemos!

— Espere um instantinho — rebateu Jake, com calma, mas num tom que era mais uma advertência. — Em primeiro lugar, como já lhe disse antes, não faço parte de seu círculo, não sou como as pessoas que você conhece. Não me pareço com elas e elas não se parecem comigo. Em segundo lugar, será que não pensou que Robbie confia também em você? Devia ter me repellido, sabia? Só que não notei em você nenhuma reação desse tipo.

— Olhe aqui — falou Alice, com dificuldade. — Acho que está fazendo uma idéia totalmente errada de mim. Isso é até compreensível, porque nosso primeiro encontro foi... bem, foi o que se costuma chamar de "circunstâncias comprometedoras". No entanto, não é daquele jeito que eu costumo agir. Não tenho o costume de escapulir das festas para me encontrar com um rapaz em algum quarto. Aquilo foi uma idéia maluca e impulsiva e... para ser franca, até gostei de você ter aparecido para atrapalhar tudo. Fiquei aliviada.

Jake pareceu espantado.

— E quanto a Robbie? Ele não me pareceu tão contente assim. Ficou louco de raiva... não com você, mas comigo.

— Mas por quê? Não foi culpa sua. Seja como for, o que acontece entre mim e Robbie não é de sua conta.

— Você o ama? — perguntou Jake, genuinamente curioso. Alice não conseguiu sustentar o olhar dele.

— Sim, é claro que o amo. Vou me casar com ele. Estamos noivos há... há muito tempo.

— Jamais consegui entender noivados longos — declarou Jake, em tom de censura. — Ou a pessoa quer se casar ou não quer. Para que esperar?

— Mas as pessoas esperam. — A própria Alice percebeu que falava como se precisasse se defender. — Um noivado longo é uma coisa normal.

— Uma coisa normal? — repetiu Jake, rindo. — Que forma romântica de tratar o assunto!

— Cale a boca! — ordenou Alice, com as faces tão vermelhas quanto os cabelos. — Não me importo nem um pouco com o que você pensa! Amo Robbie e vou me casar com ele.

Ela disse aquilo aos gritos, incapaz de controlar a própria voz.

— Então, meus parabéns. Como você mesma disse, Robbie é meu amigo e não tenho nenhuma objeção a fazer. — Durante alguns instantes ele a olhou como se a desafiasse.

Logo, porém, relaxou o semblante e abriu a porta do Sizaire. — Entre. Vou levá-la para dar uma volta. Existe por aqui alguma casa de chá ou coisa assim?

— Não quero ir a lugar nenhum com você — recusou-se Alice. — Quero apenas que vá embora!

— Está bem, peço desculpas por tê-la beijado. Será que isso ajuda em alguma coisa? Devia aceitar minhas desculpas, ou estaria sendo mal-educada. E onde está a tradicional hospitalidade dos ingleses? Aqui estou eu, um estrangeiro que não consegue nada e ninguém na cidade. Venha sentar-se comigo para conversar em algum lugar público, cheio de gente, onde eu não poderei beijá-la! Prometo que nem segurarei em sua mão e que a trarei de volta dentro de uma hora.

— Se quer companhia, por que não vai procurar sua amiguinha Tilly?

Jake fez uma careta.

— Aquela garota não sabe conversar, pode crer. Todos os talentos dela estão concentrados numa única atividade da espécie humana. Se eu quisesse isso, iria procurá-la, sim, mas tudo o que quero agora é companhia.

Alice suspirou e olhou para a casa. Os criados podiam, tê-los visto ali, conversando, e deviam estar se perguntando porque. que tanta d mora. Talvez até tivessem visto quando Jake a beijou. Ela não podia ficar ali por mais tempo e, como um asno empacado, aquele homem se recusava a ir embora.

— Está bem, vou pegar meu chapéu — Alice deixou-se vencer. — Mas será por apenas uma hora, está ouvindo?

As casas de chá de High Street estavam muito cheias àquela hora da noite e ela se recriminou por não ter pensado em algum lugar menos concorrido. Por outro lado, talvez fosse melhor ficar ali mesmo, no meio da multidão, porque poderia ser perigoso estar com Jake em algum lugar discreto e sem muita gente.

Um vozerio enchia o salão, competindo com o barulho dos talheres batendo nos pires. Uma inquieta garçonete levou-os até uma mesa encostada num canto.

— Aqui está bom? — perguntou a moça, impaciente. — É um bom lugar e vocês poderão ver a orquestra. Daqui a pouco eles começarão a tocar.

Logo em seguida ela se afastou para atender ao chamado de urna mesa ali perto, balançando o bloquinho de anotações que levava pendurado no pescoço.

— Então, vamos ouvir uma banda — comentou Jake, afável.

— Não é uma banda — corrigiu Alice, rispidamente. — Haverá um piano, um violino e um outro instrumento, mas eles não tocarão músicas compostas depois do século XIX. Você não ouvirá ragtime, se era isso o que estava esperando.

Jake apoiou os cotovelos sobre a mesa e sorriu.

— Você tem medo de mim? — ele perguntou, franzindo a testa, como se aquela possibilidade o preocupasse.

Alice espantou-se com a pergunta.

— Não! Só acho que você é rude e... insensível. Não quer dar ouvidos a nenhuma objeção que apresento. Eu não queria vir aqui.

— Mas veio — rebateu Jake, mostrando a implacável realidade.

Antes que Alice pudesse responder, a garçonete retornou e passou a recitar o que deve estar repetindo para todos os fregueses:

— Chá-para-dois? As-bombinhas-acabaram-mas-os-bolos-estão-ótimos. Uma-verdadeira-delícia.

— Apenas o chá — encomendou Alice.

— Não gosto de chá — pronunciou-se Jake, sorrindo para a esprevidada garçonete. — Você acha que o pessoal da cozinha faria uma xícara de café para mim?

Ante aquele sorriso, o frágil profissionalismo da moça desmoronou.

— Vou perguntar, mas duvido que não façam. Já que o senhor está de uniforme...

Depois disso ela saiu caminhando, continuando a olhar Jake enquanto dava os primeiros passos.

— Meu Deus! — exclamou Alice, cheia de ironia. — Você sempre deixa as mulheres assim, derretidinhas?

— Com você não fiz progresso algum.

— Não estou disponível — lembrou Alice.

— É verdade, eu me esqueci. Na próxima vez em que for beijada por um homem, alguém que não Robbie, o eterno noivo, seria bom você resistir um pouquinho. Isso ajudará a lembrar que não está... disponível.

— Não pense que não serei capaz de ir embora, deixando você aqui sozinho — ameaçou Alice, com calma, mas apertando os olhos.

A orquestra começou a tocar. Como ela havia previsto, era composta por um piano, um violino e um violoncelo. Tocava uma seleção de músicas que, pela interpretação, pareciam todas iguais umas às outras.

— Posso lhe fazer uma pergunta? — falou Alice, num impulso.

Jake olhou para ela com curiosidade.

— Pergunte.

— Você demonstrou patriotismo ao vir para cá, lutar ao lado das tropas britânicas. Mas o que o levou a fazer isso? Isto é... você é mais velho do que os outros, do que a maioria deles. Não estou querendo ser rude...

— Isso não me ofende. Estou com quase trinta e quatro anos. Quanto a sua pergunta, não foi bem uma questão de patriotismo, pelo menos não esse patriotismo ou nacionalismo extremado que você quis dar a entender. Eu apenas queria voar.

Voar. O que podia haver naquilo para exercer tanto fascínio sobre todos ele? Eram todos iguais os homens voadores. Punham no ar suas engenhocas de madeira, ferro e lona e nelas realizavam fantásticas proezas. Muitas vezes, porém, acabavam arrebrandando-se no chão. Quando não morriam, arrastavam-se para fora dos destroços determinados a repetir a dose no dia seguinte.

Depois de observar as reações estampadas no rosto dela, Jake perguntou: ""

— É disso que você não gosta, da aviação? Eu sou um piloto. O que há de errado nisso?

— Eu não compreendo vocês, aviadores.

Alice correu os olhos pelo salão, onde as pessoas conversavam animadamente, gesticulando. Ela havia mentido ao dizer a Jake que amava Robbie e que queria casar-se com ele. Amava Robbie, sim, mas não a esse ponto. Casar-se com ele seria um erro enorme. Mas Jake não deveria saber disso, nem Robbie... pelo menos não por enquanto. Abandonar Robbie em plena guerra seria impossível. Enquanto durasse o conflito, o noivado teria que ser mantido. Talvez existisse na mente de Jake alguma suspeita de que ela havia mentido. Se de alguma forma conseguisse descobrir a verdade, ele acabaria revelando tudo a Robbie. Não de propósito talvez... mas bastaria resvalar um pouco a língua, fazer alguma referência. E não era só isso, porque o noivado funcionaria como um freio ao comportamento de Jake. Ele podia roubar um beijo, talvez até tentar um flerte sem conseqüências, mas pararia por aí enquanto ela fosse noiva de Robbie. Reparando que Jake a observava, Alice corou.

— O que foi? — ele perguntou, com extrema simpatia nos olhos cinzentos, o que devia ser muito raro. — Você parecia a quilômetros daqui. Dá a impressão de estar carregando nos ombros um fardo pesado demais.

— Estou preocupada com Robbie, eu acho — ela respondeu, baixando os olhos, com medo de sustentar aquele olhar que parecia capaz de ir até a alma.

Jake, por sua vez, permaneceu em silêncio, sentindo a mesma impotência que já experimentara na estação, aquela total incapacidade de proporcionar a ela qualquer tipo

de conforto. Vendo aquele rosto pálido e lindo, sentiu uma vontade enorme de abraçá-la novamente, murmurar palavras ternas...

Não, não devia fazer isso. Ao contrário, precisava se esforçar para manter a cabeça no lugar. Não tinha necessidade de se envolver com aquela garota, que nem estava interessada nele. Além disso, já era um homem de quase trinta e quatro anos, idade suficiente para manter as mãos longe do fogo, livrando-se das tentações.

A garçonete serviu o chá e o café, que eles passaram a beber em silêncio. Percebendo que estava com a mão trêmula, Alice depositou a xícara sobre o pires, deixando o chá pela metade.

— Quer que a leve para casa agora? — ofereceu-se Jake, afastando a xícara de café vazia.

Alice ergueu os olhos para ele e sorriu de um jeito amargo.

— Desculpe, Jake — ela pediu, com sinceridade. — Você queria companhia, mas, nesse aspecto, estou sendo um fracasso total. Foi uma tolice me trazer aqui, porque não tenho nada para conversar com você. Não pense que estou apenas querendo manter uma postura digna. A questão é que não temos mesmo o que dizer um ao outro.

— É, não temos — concordou Jake, calmo. — Você é a namorada de Robbie e não tem por que ficar aqui comigo. Como você mesma disse, somos diferentes. Temos formação diferente, pontos de vista diferentes e idéias diferentes.

Não era verdade, porque Jake tinha uma porção de coisas para falar com ela... e bem que gostaria de puxar alguns assuntos. Por trás do exterior frio daquela jovem adorável, era possível vislumbrar um fogo que começava a queimar, hesitante. Mas, se ele falasse nisso, muito provavelmente Alice fecharia todas as portas. Jake fez um gesto pedindo a conta e voltou-se para ela.

— Bem, vamos embora. Essa bandinha está destruindo meus tímpanos. Parece pior até do que voar em altas altitudes.

Pouco depois eles caminhavam pela calçada na direção de onde estava estacionado o carro. High Street era sempre um lugar muito movimentado e a vaga mais próxima que Jake encontrara ficava perto de um pequeno parque. Embora não fosse o verdadeiro nome, as pessoas chamavam aquele lugar de Parque dos Escolares, por causa de uma escola infantil que havia ali perto. Era um prédio de tijolos aparentes, com duas portas de entrada onde se lia: "Meninos" e "Meninas".

— Por que não entram todos pela mesma porta? — perguntou Jake, apontando.

— Os meninos puxariam as trancas e soltariam as alças dos aventais das meninas — justificou Alice.

Jake olhou para ela com ar travesso.

— Quando crescem, eles continuam fazendo o mesmo.

Aquilo não era bem um parque, mas sim um quadrado de grama com bancos de madeira, alguns canteiros e balanços a um canto. Algumas crianças tinham estado se balançando, mas agora corriam pelo gramado, rindo e gritando.

— Venha! — exclamou Jake, segurando na mão de Alice e arrastando-a na direção dos balanços vazios.

— O que está fazendo? — ela gritou, esforçando-se para acompanhá-lo.

Sem a menor cerimônia, ele a levantou pela cintura e sentou-a num dos balanços.

— Segure-se que vou empurrar.

Alice agarrou as correntes que sustentavam o assento e esticou as pernas, para que os pés não batessem no chão.

— Se o zelador do parque nos vir aqui, vai nos pôr para fora!

— Fugiremos correndo — resolveu Jake, despreocupado.

— Ele deve ser idoso e não conseguirá nos alcançar. Alice sentiu no rosto a pressão do ar provocada pelo forte impulso que ele deu ao balanço, o que também fez levantar a saia dela até os joelhos.

— Pare, Jake! Não empurre o balanço com tanta força!

— Apesar do protesto, ela não pôde deixar de rir. — Pare! Você é completamente doido! E está me fazendo agir também como uma louca!

— Já era tempo de alguém fazer isso!

Depois de algum tempo Jake parou de empurrar e foi para a frente do balanço.

— Pule! — ele sugeriu.

Sem pensar no que estava fazendo, Alice soltou as correntes que segurava e desprendeuse do assento, indo cair nos braços dele.

Aparentemente sem fazer muito esforço, Jake a manteve nos braços por um breve instante, antes de devolvê-la ao chão.

— Tudo bem? — ele perguntou, com um sorriso de alegria quase infantil.

Alice pensou um pouco e concluiu que, na verdade, estava tudo errado. Jamais havia se sentido daquele jeito com Robbie... com o coração tão... tão leve. Quando Robbie a abraçava, quase sempre ela queria soltar-se e fugir. Nos braços daquele homem, porém, sentia-se feliz. O que estava acontecendo de errado? Jake olhava para ela de uma forma enigmática.

— Bem que eu gostaria que você não fosse a namorada de Robbie — ele declarou, subitamente sério.

— Mas eu sou... — balbuciou Alice, embora, no íntimo, desejasse poder dizer o contrário.

— Sim, é claro — concordou Jake, com ar de desapontamento. — Seu chapéu está fora do lugar.

Alice levou as duas mãos à cabeça para ajeitar o chapéu.

— Não é de admirar, pelo jeito como você empurrou aquele balanço. E agora, está no lugar certo?

Jake não respondeu, como se não houvesse ouvido a pergunta. Estava fascinado por aqueles olhos verdes que brilhavam tão intensamente...

Nesse instante eles ouviram uma voz de protesto:

— Ei!

Voltando-se ao mesmo tempo, viram a figura uniformizada do velho zelador do parque, que vinha na direção deles com um olhar agressivo.

— Será que vocês não sabem ler? — esbravejou o homem. — Esses balanços são para crianças de no máximo doze anos. As correntes podem se quebrar!

— Agora é correr! — comandou Jake.

No instante seguinte eles corriam para fora do parque, de mãos dadas e rindo muito. Desistindo da perseguição, o velhinho vociferava:

— Vocês dois são piores do que as crianças!

Pouco tempo mais tarde o Sizaire parou na frente da casa de Alice. Jake desceu e deu a volta no carro para ajudá-la a sair. Alice soltou o chapéu da cabeça e estendeu a mão para se despedir, embora aquele gesto formal agora parecesse um tanto fora de lugar. Era como se, definitivamente, houvesse sido derrubada a enorme barreira que antes havia entre eles.

Jake olhou para aquela mãozinha muito branca e reparou numa minúscula mancha verde por entre os dedos... Era tinta. Sentiu vontade de rir, mas conseguiu controlar-se.

— Foi um prazer, Srta. Morrei! — ele declarou, apertando a mão que ela oferecia. — Continue pintando!

O correto seria ele soltar a mão dela logo em seguida, mas não fez isso. Inexplicavelmente, Alice também não fez nenhuma tentativa para soltá-la.

No instante seguinte ela se viu dizendo, numa voz meio trêmula:

— Na sua próxima licença, se vier a Londres, você vai nos visitar... não vai? Ou melhor... se tiver tempo de vir outra vez antes de partir.

Durante, um bom tempo eles ficaram segurando um a mão do outro, como se alguma força os impedisse de soltá-las. Alice recriminava-se por ter perdido tempo naquela casa de chá. Poderia ter tido uma agradável conversa com Jake, sem precisar se esforçar para isso. Agora, quando já estavam para se separar, sentia que teria muito o que dizer e perguntar.

Finalmente, depois de mais um leve aperto, Jake soltou a mão dela. Alice ficou olhando enquanto ele saltava para dentro do carro e sentava-se ao volante. Quando o motor deu partida, porém, ela sentiu-se possuída por um inexplicável medo, como se houvesse o perigo de jamais voltar a vê-lo. Impulsivamente, gritou:

— Jake!

O som dos pneus girando na pista de cascalho abafou aquele grito. Jake foi embora sem olhar para trás.

CAPÍTULO V

Aquela não foi a última vez em que ela o viu no verão de 1917. A visita de Jake, embora parecesse indesejada, a princípio, havia deixado Alice inquieta, como se alguma coisa houvesse começado para ficar inacabada. Ela se via perambulando pela casa, incapaz de se concentrar no que quer que fosse, nem mesmo na pintura. Às vezes ficava parada, olhando com desagrado alguns trabalhos que antes a haviam deixado satisfeita. Tentava ver com os olhos de Jake os quadros que lhe mostrara, querendo saber como ele os vira.

Jamais Alice havia submetido aqueles trabalhos à crítica de um estranho. Gerry, Robbie e outros amigos sempre davam sua opinião, mas não faziam isso com total isenção. Uma artista não poderia se desenvolver contando apenas com a avaliação dos amigos, e Alice sabia disso. Precisava de Jake... ou de alguém como ele.

Alice estava nervosa e tensa. Sentia o ar carregado, como se uma tempestade se prenunciasse, embora o céu lá fora estivesse claro e brilhante. O tempo estava tão bom naquela semana que algumas temerárias amigas de Alice estavam planejando ir à praia, com a finalidade de expor seus novos trajes de banho, que a Sra. Daventry insistia em considerar "indecentes", já que deixavam à mostra boa parte das coxas das mulheres.

Já era noite e Gerard estava trancado no escritório, preparando uma ação judicial que iria apresentar no dia seguinte. A Sra. Daventry estava na sala de visitas, tricotando placidamente, enquanto Alice circulava pela casa, indo de um a outro aposento, nervosa.

A Sra. Daventry percebeu o estado de espírito da sobrinha.

— Por que não se senta para ler ou... ou faz alguma coisa, Alice? O que há com você, menina?

— Eu não sei.

Era verdade. Alice ignorava o que a deixara inquieta. Talvez, bem lá no íntimo soubesse... mas não teria coragem de trazer à tona a resposta. Tinha medo de chegar a uma conclusão que consideraria impensável.

Debruçando-se numa das janelas que davam para o jardim, ela apoiou o queixo nas mãos. Naquela época do ano, sempre começava a escurecer mais cedo. Só podia ser por teimosia que a Sra. Daventry continuava a tricotar sem luz artificial.

A certa altura ouviu-se lá fora o barulho de um motor, seguido pelo som de pneus freando no cascalho. No mesmo instante o coração de Alice disparou. Ela sabia que era Jake. Sabia também que, no subconsciente, tinha estado esperando por ele.

Afastando-se da janela, saiu correndo da sala, sem dar atenção ao chamado da Sra. Daventry:

— Aonde vai, Alice, a esta hora?

Alice abriu a porta da rua e correu para fora. O Sizaire estava parado em frente ao portão, ainda com o motor em movimento. O homem de uniforme sentado ao volante parecia pensativo, hesitante. Talvez estivesse tão surpreso quanto Alice por se ver ali. Quando ela se aproximou, ofegando, ele disse, antes de qualquer cumprimento:

— Eu fiquei em dúvida se devia ou não entrar na casa. Em seguida ele abriu a porta do lado do passageiro e Alice entrou no carro, como se aquilo houvesse sido combinado. Sem dizer mais nada, Jake pôs o carro em movimento, numa marcha vagarosa, até parar por trás da igreja, numa alameda arborizada. Como tantas que havia em outras cidades do país, aquela ali se chamava alameda dos Namorados.

Jake desligou o motor do carro e recostou-se no banco, passando o braço por cima do encosto. Agora anoitecera e estava bem escuro naquele local abrigado pelas árvores. Os fundos da igreja iam assumindo um aspecto fantasmagórico, com pequenas formas escuras esvoaçando entre as árvores.

Eram morcegos, que durante o dia se escondiam no campanário da igreja. Alice sentiu-se como um deles e se reprovou. Não devia estar ali, voando na escuridão e sentindo o que sentia naquele momento.

Os galhos das árvores balançaram à brisa da noite e ela estremeceu.

— Está com frio? — perguntou Jake.

— Um pouco. Nem me lembrei de pegar um casaco. Quando ouvi o barulho de seu carro... saí correndo.

— Ah, sim — murmurou Jake, com um leve sorriso, enquanto passava o braço por cima do ombro dela, transmitindo calor e proteção. — Eu fiquei em dúvida sobre se deveria vir ou não. Minha licença está terminando e amanhã irei embora.

— De que estação você partirá? — perguntou Alice, com voz trêmula.

— Não, você não deve ir até lá. Já passou por isso uma vez esta semana e não quero que se submeta a mais uma despedida.

Depois disso eles ficaram em silêncio por alguns instantes. Pensavam em Robbie, de quem ambos gostavam e não queriam ferir.

— Quando será sua próxima licença? — quis saber Alice.

— Não sei. Seja como for, pode ser que eu venha a Londres. Talvez seja até melhor se... — Jake ergueu uma das mãos e acariciou os cabelos dela. — É engraçado...

— Realmente — concordou Alice, para acrescentar, quase em desespero: — Só não entendo por quê...

— Eu também não.

Em seguida ele abaixou a cabeça e beijou-a nos lábios, docemente. Alice correspondeu ao beijo, entreabrindo os lábios e deixando que a língua dele roçasse a sua. Em seguida, encostou uma das mãos no peito dele, mas não o empurrou.

— O que foi? — perguntou Jake, ao ouvido dela. — Está com medo?

— Sim, um pouco — ela confessou.

Na verdade estava apavorada, sem saber se deveria dar ouvidos à voz da razão ou ao clamor da emoção.

Jake sorriu e segurou a mão que sentia no peito. Quando os dedos se entrelaçaram, a frieza do metal do anel de noivado despertou-lhe uma lembrança incômoda. Lembrou-se, então, de quando ela havia corrido pelo jardim, na noite da festa, e perguntou:

— Você já foi para a cama com Robbie?

— Não. Ele... ele vive insistindo. Sei como Robbie deve se sentir, mas... é que... ele está sempre indo embora...

"Indo embora...", refletiu Jake. Também ele estaria sempre indo embora, porque nada era permanente para um homem voador. A mulher, porém, era obrigada a ficar em casa, dia após dia. Isso transformava qualquer amante numa espécie de bandido que aparecia no horizonte, tomava posse de sua presa e voltava a desaparecer numa nuvem de poeira.

— E com mais alguém?

— Não.

Jake soltou a mão dela e acariciou-lhe o rosto com as costas dos dedos. Depois murmurou, bem perto do ouvido:

— Então, gostaria que fosse eu. Gostaria muito de ser o primeiro.

Alice suspirou e estremeceu nos braços dele. Naquele momento ela se deixaria possuir, sem oferecer resistência. Dominado pelo desejo, Jake estava a ponto de pedir que ela cedesse. No entanto, controlou-se. Não que fosse a primeira vez em que ele faria amor com uma garota no banco do carro, estacionado em alguma rua deserta. O verdadeiro problema era a garota.

Acostumado a lidar com jóias de imitação, de uma hora para outra tinha nas mãos um diamante verdadeiro.

Além disso, Alice estava confusa e não poderia discernir com clareza o que queria. Talvez acabasse concordando, o que mais tarde representaria para ambos um enorme problema. Mais que tudo Jake desejava possuí-la, mas não queria que, depois, qualquer um deles sentisse arrependimento.

E ela se arrependeria, porque era o tipo de garota criada para sentir medo, como se a culpa e o medo fossem parte integrante da inocência. Ele também se arrependeria, porque tinha escrúpulos ligados à idéia de lealdade. Robbie era não apenas um amigo, mas também um companheiro de armas que, nesse exato momento, estava em combate. Aproveitar-se da disposição de Alice e fazer amor com ela seria o mesmo que abater Robbie pelas costas.

Alice estremeceu a cada movimento de Jake, por sutil que fosse. Apesar do silêncio, o corpo traiçoeiro reagia, deixando claro sua disposição de ceder. De nada adiantaria mentir.

No entanto, Jake foi mais forte que ela. Para aquecê-la, tirou a jaqueta do uniforme e envolveu-a. Transferido para ela, o calor do corpo dele foi como um presente.

Jake havia pego o maço de cigarros e agora acendia um.

— Você ainda pretende se casar com Robbie? — ele perguntou, soltando uma baforada de fumaça.

— Sim — respondeu Alice, como se aquela afirmação provocasse dor. — Sim, eu pretendo. Ele... Eu devo...

Jake suspirou alto.

— Provavelmente você tem razão. Afinal de contas, ele é de seu círculo social e lhe proporcionará o tipo de vida a que está acostumada.

O silêncio abateu-se sobre eles, até que Jake terminou o cigarro, pôs o carro em movimento e dirigiu de volta à casa. Alice desceu e devolveu a jaqueta. Estava tremendo de frio nas mãos e não se importava com isso, porque o mundo todo parecia tremer. Seu corpo doía, ansiando pelo que não podia ter.

De pé na calçada, estendeu os braços abertos, esperando que ele descesse.

— Não — negou-se Jake. — Agora você deve entrar em casa.

— Por quê?

— Porque não quero que me veja quando eu estiver indo embora. Isso daria azar. Nós aviadores... somos todos supersticiosos, como você deve saber.

Alice girou o corpo e saiu caminhando vagarosamente na direção da casa. Sem se voltar, ouviu o barulho do carro que se afastava.

Nos dias que se seguiram, Alice pintou como nunca, descobrindo, como tantas outras pessoas, que o trabalho era excelente remédio para os males do espírito, a ansiedade e a incerteza. Olhando para o retrato inacabado de Robbie, concluiu que o problema ali era um bloqueio mental, uma espécie de "bloqueio de artista", semelhante ao que se chamava de "bloqueio de escritor". A solução seria recomeçar a trabalhar no quadro, o que naturalmente levaria a uma conclusão. Na teoria parecia perfeito, mas na prática a coisa não funcionou tão bem. O quadro parecia reagir... Pelo menos, era essa a

impressão de Alice. Dava a impressão de ter adquirido vida própria, como o famoso retrato de Dorian Greg. Não ia envelhecendo, como seu afamado similar, mas permanecia obstinadamente incompleto.

Alice sempre encontrava dificuldade para trabalhar naquele retrato quando Robbie estava longe. Agora estava ainda mais difícil, porque, quando ela fechava os olhos e tentava visualizar o rosto do noivo, era outro semblante que lhe aparecia. Então, abria os olhos e olhava para o alto, imaginando o que ambos estariam fazendo nos céus da França. Será que Jake havia levado o Sizaire para o outro lado do canal?

Finalmente, Alice experimentou uma outra tática. Levou o retrato de Robbie para um canto do estúdio, onde não ficasse tão à vista, e começou um novo trabalho.

No estúdio Alice sentia-se em seus domínios exclusivos. Quando alguém ia ali, era apenas para visitá-la e sempre batia antes de entrar. Gerard era o visitante mais constante, indo lá diariamente quando retornava do trabalho. Sempre aparecia com um copo de uísque na mão, que costumava tomar antes do jantar. Puxava conversa, mas procurando não atrapalhar o trabalho dela.

Às vezes Alice ficava se perguntando por que o primo ainda não havia se casado. Afinal, estava com trinta e seis anos e era um bem-sucedido advogado. Além disso, tinha um vasto círculo de amigos e uma vida social às vezes intensa. Não era possível que ainda alimentasse ilusões com relação a ela, Alice.

A única mulher no horizonte de Gerard parecia ser Blanche Frobisher, e assim mesmo porque, como a Sra. Daventry costumava dizer, Blanche praticamente "se oferecia" a ele. A determinação de Blanche de se tornar a Sra. Gerard Daventr saltava aos olhos e o próprio Gerard já deveria ter notado. Mesmo assim, ele continuava a ignorar a situação. Tratava com cortesia Maisie Frobisher, mãe de Blanche e Jennie, o que nem todas as pessoas faziam. Ao mesmo tempo, parecia estar sendo apenas paciente com Blanche, sem se mostrar atraído por ela.

— Dá no mesmo — dizia a Sra. Daventry, sempre de mau humor quando falava no assunto. — Não seria a primeira vez que a moça assediaria um homem a ponto de ele se casar com ela. Não digo que Blanche seja má pessoa, mas não é o tipo de moça que eu escolheria para nora... muito menos tendo por mãe uma mulher tão vulgar!

Pobre Maisie... Devia ter sofrido tanto que nem merecia aquela reputação, por mais frívola que houvesse sido na juventude.

Fosse como fosse, Blanche já devia ter-se convencido de que acabaria vencendo aquela batalha. Tanto que freqüentemente visitava a casa do homem que tinha em mira, mesmo sem a companhia da mãe, e sempre a pretexto de ver Alice. E isso apesar de Alice não ser tão amiga dela como era de Jennie.

Blanche escolheu para fazer uma dessas visitas uma tarde em que Alice estava sozinha na casa, acompanhada apenas pelos criados.

— A Srta. Frobisher veio visitá-la — disse Jessie, a copeira. Achando tratar-se de Jennie, Alice não teve dúvidas.

— Diga a ela para subir até aqui.

Minutos mais tarde, ficou surpresa quando viu Blanche entrar no estúdio.

— Eu estava aqui perto e achei que seria boa idéia vir vê-la — disse a irmã de Jennie, com sua voz melosa.

Empoleirando-se no braço de uma antiga poltrona, ela voltou para Alice os olhos azuis que pareciam os de uma boneca de porcelana. Usava um vestido azul com enchimento de quatro polegadas nas ancas, cintura seguindo a linha natural do corpo e um decote que deixava à mostra a junção dos seios pequenos e macios. Estava sem espartilho, Blanche era de pequena estatura, com ombros estreitos parecendo os de uma criança, mãos e pés pequenos. Gostava de usar roupas cor-de-rosa e turquesa, o que às vezes fazia Alice pensar, maldosamente, que ela parecia uma boneca de açúcar pronta para enfeitar um bolo de aniversário.

Blanche levantou alguns centímetros a saia, cruzou as pernas e ficou balançando um dos pés para a frente e para trás. Talvez aquilo surtisse efeito em Gerard, mas quem estava ali era Alice, o que tornava o gesto no mínimo ridículo. Percebendo isso, depois de algum tempo ela se levantou e saiu circulando pelo estúdio, como uma mascote aborrecida que procurasse algo com que se divertir.

Alice ficou observando-a com crescente irritação. Já sabia que Blanche tinha o mau costume de pegar qualquer coisa que lhe chamasse a atenção, perdendo o interesse um ou dois minutos mais tarde, sem jamais devolver o objeto a seu lugar de origem. Ali mesmo no estúdio, muitas vezes pegava tubos de tinta e os espremia sobre a superfície mais próxima, só para ver a cor. Evidentemente, jamais se preocupava em limpar o que havia sujado.

Era justamente o que fazia naquele momento.

— Blanche! — exasperou-se Alice. — Tinta é lima coisa cara! Gostaria que você pai asse de espremer os tubos desse jeito!

Blanche voltou para ele, os olhos arregalados.

— Custa caro, é? Mas você não precisa se preocupar com isso, não é mesmo? Isto é, tem um bocado de dinheiro... seu mesmo. — Descuidadamente, soltou o tubo perto da paleta em que havia espalhado a tinta. Em seguida, olhou em volta. — Você é muito inteligente, Alice, para conseguir fazer tudo isso. Olhe só aquele retrato de Robbie! É muito parecido com ele. Eu não sei fazer nada. Tive aulas de piano, mas não sei tocar.

— É claro que alguma coisa você faz bem — pronunciou-se Alice, com enfado.

Como se quisesse confirmar o que dizia, ela correu os olhos pelo corpo esbelto, provocante e bem-feito da visitante. Blanche havia nascido para ser uma concubina. Na Itália renascentista, um príncipe teria mandado pintar um quadro em que ela apareceria deitada numa cama forrada de seda, com um cão de estimação circulando por perto e alguns servos ao fundo. Na França da década de 1840 ela teria sido uma grande cortesã, uma Dama das Camélias. Agora, porém, estava fora de época e de lugar, perdida num subúrbio de classe média.

A certa altura Jessie apareceu para dizer que um vendedor estava à porta, querendo falar com alguém da casa. Alice limpou as mãos, pediu licença e foi atender, apenas para despachar o homem. Não demorou mais que cinco minutos, mas quando voltou a subir a escada teve a premonição de que não deveria ter deixado Blanche sozinha no estúdio.

Desgraçadamente, a premonição se confirmou. Blanche estava de pé na frente do retrato de Robbie, com um tubo de tinta vermelha na mão direita.

— Oh, Alice! — ela exclamou, com cara de tonta. — Eu sinto muito! Estava bancando com o tubo e... acho que a tampa não estava bem presa. Devo ter apertado acidentalmente. A tinta espirrou...

Duas listras vermelhas cortavam o retrato de cima a baixo, além de um borrão grande. Alice pegou o frasco de aguarrás e um pano.

— Está tudo bem, Blanche, eu limparei isso — ela disse, tentando chegar perto do quadro. — Mas será que você pode sair do caminho?

— Desculpe... — Blanche agora parecia realmente assustada, pondo-se de lado para observar o trabalho de Alice, — Talvez seja melhor eu ir embora.

Alice nem pensou em desdizê-la.

— Acho que é melhor, sim! Imediatamente Blanche se retirou.

Alice estava acabando de limpar o quadro quando Jennie apareceu. Encontrou a amiga desgredada e enraivecida.

— O que houve?

Alice limpou o suor da testa com as costas da mão suja de tinta.

— Bem, nada. Blanche esteve aqui, andou mexendo em tudo e conseguiu espirrar tinta no retrato de Robbie. Mas eu já dei um jeito.

Jennie empalideceu. Pondo sobre a poltrona os livros que carregava, foi tirando vagarosamente as luvas. Depois perguntou, de chofre:

— Acha que ela pode ter feito isso acidentalmente? Surpresa, Alice olhou para a amiga.

— Como assim?

— Estou perguntando se foi um acidente. Você viu quando aconteceu?

Alice franziu a testa.

— Aonde está querendo chegar, Jen? Eu não vi porque não estava aqui na hora, mas antes ela estava mexendo nas coisas, brincando com os tubos de tinta. — Alice hesitou, lembrando-se de como eram as listras de tinta no retrato. — É esquisito. Se a tinta realmente espirrou... — Alice interrompeu a frase, lembrando-se de que era da irmã de Jennie que estavam falando.

— Já entendi — disse Jennie, abatida. — Eu sinto muito, Alice, sinto mesmo. Ela... ela faz esse tipo de coisa. Sei que Blanche é minha irmã, mas... Quando éramos crianças, ela vivia destruindo tudo o que eu fazia, dobraduras de papel, castelos de areia, qualquer coisa. Agora, já adulta, vez por outra ainda age da mesma forma. Algumas semanas atrás eu estava trabalhando num ensaio e deixei os manuscritos em cima de minha mesa. Quando voltei, ela havia derramado tinta sobre as folhas de papel. Ela jurou que tinha sido um acidente, mas logo em seguida descobri que várias páginas de um livro que eu estava lendo haviam sido arrancadas. Blanche negou ter sido ela, mas é claro que ninguém... — Jennie balançou a cabeça, com desânimo. — Eu não devia falar nisso com você, mas se ela faz esse tipo de coisa também com gente de fora...

— Você já falou nesse assunto com sua mãe? — arriscou Alice.

O olhar que Jennie lhe dirigiu foi mais eloquente que qualquer resposta. Para Maisie Frobisher, Blanche era o exemplo perfeito de como deveria ser uma moça e representava todas suas esperanças para o futuro. Se Jennie criticasse a irmã, só ouviria da mãe veementes protestos.

— Acho que Blanche é uma pessoa... doente — diagnosticou Jennie, com voz fraca.

O silêncio que se seguiu permitiu que elas ouvissem com clareza a chuva que começava a bater na clarabóia. Enquanto elas conversavam, havia escurecido bastante, impedindo a continuação de qualquer trabalho no estúdio. Alice tirou o avental que usava quando estava pintando e pendurou-o atrás da porta.

— Está querendo dizer que ela é mentalmente doente? — perguntou Alice, tentando falar da forma mais natural possível.

O desgosto no rosto da amiga dispensava a resposta.

— Não vou dizer que ela seja louca — ressaltou Jennie.

— Só que... num certo sentido, é como se fosse duas pessoas, duas mentes numa única cabeça. Minha irmã sabe ser uma garota charmosa. Mas às vezes se transforma por completo, agindo com maldade e espírito de vingança. — Jennie sorriu com amargura. — Já sei que, se não conseguir se casar, Blanche acabará tendo que viver a minha custa. Jamais conseguirá se sustentar sozinha, como você já deve ter percebido. O pior é que mamãe não entende a necessidade de uma mulher ter formação universitária. Por causa disso até me acha pouco feminina. Só que outro dia disse que, como vou estudar em Oxford, estarei em condições de arranjar um bom emprego. Em outras palavras, sou eu que devo sustentar a família.

— Mas você tem o direito de cuidar de sua própria vida!

— protestou Alice.

Jennie balançou a cabeça, agitando os cabelos longos."

— Não, não tenho esse direito. Tenho mesmo é que cuidar de mamãe e Blanche, o que já venho fazendo há muito tempo.

— E se você quiser se casar? Jennie soltou uma gargalhada.

— Não sou uma moça casadoira... Pelo menos é isso o que mamãe diz. — De um instante para outro Jennie ficou séria. — Mas foi uma droga Blanche ter estragado o retrato de Robbie.

— Ela não o estragou — tranqüilizou-a Alice, sem precisar mentir

Como alguém poderia estragar uma coisa que já estava errada? Na verdade, aquele retrato era um monumento ao equívoco.

Uma forte cerração havia caído sobre a região, mantendo-se por dois dias inteiros. Não havia quem gostasse daquilo. Forçadas à inatividade, as pessoas manifestavam sua irritação das mais variadas maneiras.

Robbie e Jake haviam se apossado das duas cadeiras ao lado do fogão de ferro que aquecia o refeitório. Recurvado sobre uma prancha de madeira apoiada nos joelhos, Robbie escrevia uma longa carta para Alice. Jake parecia adormecido, com as pernas compridas espichadas, o que obrigava quem queria passar a dar uma volta ou passar por cima dos pés dele.

Finalmente alguém acabou batendo com o pé na perna dele. Jake acordou e se mexeu. Espreguiçando-se, olhou para Robbie.

— Ainda não acabou essa carta?

— Já disse tudo o que queria. Agora, vou escrever: "Caiu uma forte cerração desde ontem..."

— Não me parece uma carta de amor — criticou Jake.

— Talvez não seja — murmurou Robbie, fechando o bloco de papel de carta. — Está tudo acabado, sabia? Apenas ela não consegue reunir coragem para me falar no assunto, muito menos para romper o noivado. Sei disso há muito tempo. Devia facilitar tudo para que ela tomasse a iniciativa do rompimento, mas sempre me iludo com a idéia de que ainda é possível ajeitar as coisas. Bem, já vi que não é possível. Na próxima vez que for em casa, a deixarei livre do compromisso. Devia ter feito isso em minha última licença, mas não tive coragem.

Jake endireitou-se na cadeira.

— Quando a guerra terminar...

— Essa droga de guerra nunca vai terminar! — interrompeu-o Robbie, aborrecido. — Parece uma coisa que se manterá por toda a eternidade, como um daqueles castigos cruéis que os deuses da Antigüidade grega inventaram no Olimpo quando estavam com raiva da espécie humana.

— Você não pode fazer isso! — explodiu Jake. — E se estiver enganado a respeito de Alice? Deixar o caminho livre para um rompimento será o mesmo que dizer a ela que rompa o noivado. Será o mesmo que tomar você a iniciativa do rompimento, dar a entender que não quer se casar com ela. Você não pode fazer isso...

Percebendo que estava falando num tom muito alto, Jake se calou.

— Mas alguma coisa tem que ser feita — rebateu Robbie, obstinado. — Não posso mais levar isso adiante. Além do mais, não será como se eu a deixasse sem qualquer perspectiva. Ela se arranjará. Acabará se casando com aquele primo engomado, Gerard.

— Não! — exclamou Jake, com veemência. — O que peço, Robbie, é que pense bem no assunto. Essa garota merece um tratamento melhor de sua parte.

— Eu a trato muito bem! — defendeu-se Robbie, ofendido. — E você não precisa falar como se eu fosse um cafajeste!

— Não estou querendo dizer nada disso. Mas você está sendo um idiota em não perceber que... — Jake conteve a respiração, deixando no ar o que ia dizer. — Vai acabar igualzinho a mim, sem ter nada para que voltar quando terminar a guerra.

Robbie soltou uma gargalhada.

— Ora, não me venha com essa! Quando a guerra terminar, você pegará todo o dinheiro que já tem e tratará de aumentá-lo. — Em seguida ele olhou com curiosidade para o amigo. — Afinal, o que pretende fazer quando voltar para o Canadá?

— Começar uma companhia de aviação para transporte de passageiros. As ferrovias estão com os dias contados. As pessoas vão querer mesmo é voar de um lugar para outro. Robbie emitiu um longo assobio.

— Você pensa alto mesmo! Deveria estar na sala do comando, discutindo estratégia bélica com os generais. — Além do tom de galhofa, parecia haver na voz dele uma ponta de inveja. — Vocês que sabem ganhar dinheiro sempre se saem bem. Bem que eu gostaria de saber como você conseguiu.

— Trabalhando, meu amigo.

— Não faz meu gênero. Se me casar com Alice, vamos viver do dinheiro dela, porque não tenho nenhum. Gerard, aquele asno pomposo, acha que estou querendo dar o golpe do baú.

— E você está? — perguntou Jake, em tom de pouco interesse, mas olhando diretamente para o companheiro.

— Já lhe disse que gosto de Alice! — lembrou Robbie, ressentido. — Por outro lado, só ajudaria ter uma esposa rica.

Dizendo isso, ele se recostou na poltrona, preguiçosamente, mostrando um riso descarado no belo rosto de menino. Aparentava bem menos que os vinte e seis anos que já havia completado.

Muitas mulheres ficavam caidinhas por Robbie e isso só se explicaria pelo instinto maternal, concluiu Jake. Alice devia sentir a mesma coisa.

A expressão de Jake deve ter alertado Robbie, porque logo em seguida ele voltou a falar:

— Isso não é crime nenhum! E você não tem nada que ficar me olhando com essa cara de censura! Todo santo dia tem alguém se casando por dinheiro, sabia? Alice é uma excelente garota, linda, talentosa... e rica. Você não pode me criticar por tentar me apoderar de tudo isso, se estiver ao alcance de minha mão! Pelo menos, tem que me dar um crédito por reconhecer minha derrota. Já lhe disse que estou disposto a me retirar com as mãos abanando!

Jake ficou olhando para o companheiro com a boca meio aberta. Ah, aquele parasita miserável... Talvez fosse mesmo melhor para Alice não se casar com ele!

Logo em seguida Jake se arrependeu de ter pensado aquilo. Afinal de contas, gostava de Robbie e sempre se dera bem com ele. E apesar de todos os defeitos, se era Robbie que Alice queria, o melhor seria não deixar que o próprio Robbie estragasse tudo. Uma discussão naquele momento também não ajudaria em nada.

Levantando-se, Jake foi até a janela, de onde ficou espiando para fora.

— Está clareando — ele observou. — Acho que vou levantar vôo para dar uma olhada por aí.

— Irei com você como seu observador — ofereceu-se Robbie.

— Não preciso de nenhuma dama de companhia! — dispensou Jake, bruscamente.

— Talvez precise — insistiu Robbie. — E não venha me agredir se eu lhe sugerir uma consulta com o capitão-médico.

Jake voltou-se com os olhos fuzilando.

— Estou perfeitamente bem de saúde! Robbie ergueu uma das mãos num gesto de paz.

— É claro que está bem de saúde, mas seu poder de concentração deve estar muito prejudicado. Ouça, você não é o único que...

Enquanto vestia a pesada jaqueta de couro que usava para voar, Jake resmungou:

— Cale a boca! Não preciso de nenhuma babá. Fique aí e termine essa droga de carta. Não vou demorar.

Enquanto caminhava na direção dos hangares, Jake reconheceu que, pelo menos num aspecto, Robbie estava com a razão. Ele não estava tão perfeitamente em forma quanto devia estar um homem para fazer voar um avião. Aos trinta e quatro anos, talvez já

estivesse velho demais para aquele tipo de vida. Todos os outros o olhavam como a um velho e, nos últimos tempos, às vezes era assim que ele próprio se sentia. Frequentemente ficava tão cansado que nem conseguia dormir direito. Apenas cochilava, com metade dos sentidos de sobreaviso.

Aquela exaustão física e mental era resultado de dois anos de combates aéreos, quando ele era obrigado a suportar baixíssimas temperaturas, os efeitos da altitude na cabine aberta, o oxigênio rarefeito e a própria tensão do combate. Era assim a vida de quem guerreava nos ares.

Enquanto o avião planava por sobre as nuvens, o pensamento de Jake voou para Alice. Não era da conta dele, mas Robbie não podia abandonar a noiva daquele jeito, mesmo recorrendo à conversa mole de "dispensá-la do compromisso". Mas... e se Robbie estivesse certo? Será que a própria Alice não queria se ver livre? Alice livre... Mesmo que isso fosse verdade, não faria nenhuma diferença naquele momento.

Jake inclinou-se para a frente e deu uns tapinhas na bússola. Estava enguiçada outra vez! Esticando o pescoço para fora da cabine, ele procurou avistar pontos de referência lá embaixo, uma estrada, uma ferrovia, qualquer coisa. Tudo o que conseguiu ver foi um emaranhado de trincheiras que se cruzavam, algumas abandonadas, outras com o movimento de um formigueiro. No outro lado viam-se alguns caminhões trafegando em fila numa espécie de estrada. Ele devia estar ainda sobre as linhas aliadas. Não havia voador suficiente para ultrapassar a terra-de-ninguém.

Agora ele estava começando a experimentar a sensação de liberdade que o voo sempre proporcionava. Apesar disso, sentiu que a mente divagava e precisou sacudir com força a cabeça para se concentrar no presente. Estava realmente cansado, com a mente cansada e os reflexos retardados. Devia ter ido procurar o capitão-médico, como Robbie havia sugerido. Se não tivesse se zangado tanto com o que ouvira de Robbie a respeito de Alice, certamente teria dado ouvidos ao amigo. Só que tinha um medo enorme de ser obrigado a ficar em terra. Quando ficava muito tempo sem voar, era como se as energias fossem se acumulando em seu íntimo, a ponto de explodir. Antes, numa situação como essa, ele procurava garotas para encontros amorosos que funcionavam como válvula de escape. Ultimamente, porém...

As asas do avião inclinaram-se para descrever a curva e o piloto não pensou em mais nada, dominado pela emoção do voo. As correntes de ar faziam vibrar o trem de pouso, produzindo uma música de acordes às vezes dissonantes, outras vezes perfeitamente harmoniosos. Desde que pudesse voar, nada mais importava para Jake. Se chegasse o dia em que ele fosse proibido disso...

Jake procurou afastar aquele pensamento. Pouco a pouco, lá do fundo do subconsciente, Alice foi emergindo para ocupar outra vez a mente dele. A imagem de Alice era muito nítida, com os cabelos de fogo e aqueles olhos que fuzilavam quando ele a deixava zangada... que parecia ser uma constante. Mas havia também lembranças daquele corpo maleável e esbelto nos braços dele. Ah, o que não daria para voltar a abraçá-la...

Aquela imagem foi subitamente dissipada e substituída por um sopro de ar na nuca de Jake, como um sexto sentido que o advertisse do perigo. Instantaneamente ele olhou em volta. Deus do céu! Só podia ter adormecido! Bem embaixo dele, lá estava toda uma esquadrilha de Albatrozes, com suas grandes cruzes negras perfeitamente visíveis. Como ele podia não tê-los visto? Mais surpreendente ainda era os alemães não o terem visto.

Imediatamente Jake mudou o curso do voo, buscando a proteção da nuvem mais próxima. Nesse exato instante, porém, um alemão o descobriu, desgarrando-se dos companheiros para sair em sua perseguição. Sem dúvida buscava a emoção de um confronto individual. Durante algum tempo os dois ficaram voando em círculo, cada um tentando colocar-se numa posição de vantagem sobre o inimigo, cortando as nuvens a

uma estonteante velocidade. Depois, tão subitamente quanto ha-, via aparecido, o Albatroz desapareceu.

Jake continuou girando por mais algum tempo, até se convencer de que o alemão havia desistido do combate para se juntar novamente aos companheiros. Provavelmente a esquadrilha de Albatrozes se dirigia a um alvo específico, o que impedia o piloto alemão de perder tempo em um combate desnecessário. Jake temia aqueles caças alemães mais do que queria admitir. Os Albatrozes fluíam tão serenamente... como se aquele espaço aéreo pertencesse exclusivamente a eles.

Nesse instante um som surdo ecoou nos ouvidos de Jake, ao mesmo tempo que o avião corcoveou como um cavalo bravo. Logo em seguida repetiram-se o barulho e o desgoverno do aparelho. Os Albatrozes começaram a aparecer de todos os lados. Agora Jake não tinha mais dúvidas de onde poderia estar. Estava em território inimigo e não teria escapatória... Um projétil atingiu o painel de instrumentos, danificando o altímetro e o inclinômetro. Não tinha mais idéia sobre em que altitude voava... ou se se mantinha horizontal. Jake sentiu que também havia sido atingido, provavelmente na articulação do fêmur com o quadril. Como normalmente acontece em ferimentos sérios, a sensação inicial foi mais de entorpecimento que de dor.

Jake ainda teve tempo de agradecer aos céus por Robbie não estar ali com ele, porque Alice esperava pelo noivo. Graças a Deus, ninguém esperava por ele, Jake.

Depois disso ele sentiu que estava caindo e preparou-se para o impacto final. Sentindo cheiro de gasolina, olhou para baixo e viu que o combustível escorria abundantemente do tanque, encharcando as botas de vôo. Então, começou a rezar como não fazia desde o dia em que estivera ao lado do leito de morte da mãe. Com os lábios trêmulos, pronunciou a prece:

— Por favor, meu Deus, faça com que eu tenha uma morte imediata. Não me deixai ser consumido vivo pelo fogo...

Era um daqueles dias compridos e sufocantes de final de verão. Alice ficou a manhã toda no jardim, pintando uma aquarela da casa. A certa altura, foi interrompida pela criada.

— O almoço será servido dentro de quinze minutos, Srta. Alice. Vim também lhe trazer esta correspondência, que acabou de chegar.

Imediatamente Alice reconheceu a letra de Robbie.

— Obrigada, Jessie — ela agradeceu, pondo de lado o pincel.

Rasgando o envelope, tirou as folhas cobertas pelas letras contorcidas de Robbie e começou a ler. O choque veio nas primeiras linhas da segunda folha:

"...Jake Sherwood está desaparecido há uma semana e tudo leva a crer que foi abatido. Jake era um excelente piloto e teria trazido o aparelho de volta à base, mesmo em pane. Mesmo que se visse obrigado a descer no mar, teria arranjado um jeito de voltar à base. Era um bom homem, um excelente amigo e vou sentir muita falta dele. Gladiador, não se torne amigo de outro gladiador, diziam com muita propriedade os antigos romanos. Ultimamente temos perdido bons companheiros. Sei que você não gostou de Jake quando ele esteve em Londres, mas posso lhe garantir que aquele canadense era um diamante bruto, um companheiro de armas da mais absoluta lealdade. Acima de tudo, foi um homem que deixou de lado uma carreira coroada de sucesso para vir lutar ao nosso lado. Todos aqui estão inconformados com essa perda..."

Sem querer ler o resto, Alice dobrou a carta e guardou-a no bolso do avental. Mais tarde terminaria a leitura. Automaticamente, foi recolhendo os pincéis. As cores do jardim, tão brilhantes à luz do sol de apenas alguns momentos antes, eram agora aos olhos dela matizes totalmente sem graça. O próprio sol parecia ter perdido a luz, como se houvesse sido encoberto por uma enorme nuvem.

Suportar aquele almoço foi uma verdadeira agonia. Gerard estava em casa, o que era pouco comum à hora do almoço. Debruçando-se por cima da mesa, ele sussurrou:

— Está tudo certo, não está, moça?

— Tudo certo — respondeu Alice, num tom neutro, achando que seria melhor não tentar explicar.

Explicar o quê? Como dizer que o desaparecimento de um homem que ela mal conhecia e com quem não tinha nada em comum a havia abalado terrivelmente? Mas será que alguém estava chorando por Jake? Aparentemente ele não tinha família. Mesmo sem saber explicar isso, Alice sentia a morte daquele estrangeiro como se uma parte do corpo dela estivesse sendo arrancada.

Depois do almoço, apenas para sair de casa, ela resolveu visitar Jennie. Infelizmente a amiga havia saído para ajudar a Srta. Emma Frobisher, mas Maisie Frobisher e Blanche estavam em casa, ocupadas em encurtar a bainha de velhos vestidos para que ficassem de acordo com a nova moda. As duas puseram de lado o trabalho de costura quando Alice foi levada para a sala de visitas pela única criada da casa.

Mexendo nervosamente no colar de pérolas falsas que tinha no pescoço, Maisie garantiu que Jennie não demoraria e pediu a Alice que ficasse para o chá. Blanche ficou de lado, observando atentamente a visitante. Com aqueles lábios carnudos no rostinho de porcelana, parecia uma criança que se preparasse para alguma brincadeira maldosa. Ao mesmo tempo, parecia temer que Alice mencionasse, na presença de Maisie, o fato de ela ter tentado destruir o retrato de Robbie. O incidente havia acontecido algumas semanas antes, mas era impossível saber se já estava perdoado ou esquecido. Maisie destruiria com facilidade os argumentos de Jennie criticando o comportamento de Blanche, mas dificilmente conseguiria o mesmo com a Srta. Morrell.

Imediatamente Alice identificou aquela preocupação no rosto da irmã da amiga. Era um medo tolo, porque o assunto não seria abordado.

Com despreocupação, Alice abriu uma revista que estava ao lado da poltrona, uma dessas revistas de mexericos que agradavam muito a Maisie Frobisher. Era uma edição antiga que Alice pensou já ter visto em algum lugar. Já vira, sim, porque lá estava, bem na página central, a foto da mulher do táxi.

"Eu sabia!", pensou Alice, triunfante.

Aquela mulher devia gostar muito de couro, porque na foto aparecia com uma caríssima estola de couro de raposa. A legenda da foto dizia: "A Sra. Henry Lyndhurst, viúva do criador do Tônico de Saúde Lyndhurst, esteve entre os convidados para o bazar realizado para recolhimento de fundos destinados ao esforço de guerra".

— O que está vendo aí, Alice? — perguntou Blanche.

— Nada. É só uma foto que chamou minha atenção.

— Que foto, querida? — perguntou Maisie Frobisher, interessada. — Ah, sim, a da Sra. Lyndhurst! O marido dela era um milionário, sabia? Naturalmente não foi o primeiro marido. O primeiro foi um jogador que acabou se suicidando... Foi um escândalo enorme. O rapaz foi acusado de estar trapaceando no jogo. Seja como for, depois disso ela se casou com Henry Lyndhurst. Como ele já estava bem velho, ao casar-se com ela parecia estar querendo apressar o fim.

Aquilo foi dito num tom forçadamente neutro, mas com a vulgaridade característica de Maisie Frobisher.

Pela primeira vez Alice deu graças a Deus pela verdadeira obsessão que Maisie sentia pelo que faziam as pessoas ricas e pela irrefreável tagarelice da mulher. Isso a deixava com a única obrigação de ficar sentada, escutando. Pelo menos, concentrando-se nas palavras de Maisie, podia parar um pouco de pensar naquele avião explodindo no ar.

— Ela deve ter a minha idade — disse Maisie, ainda se referindo à Sra. Lyndhurst. — Conheci o primeiro marido dela, sabe? Bem, não cheguei exatamente a conhecê-lo, mas ele costumava ir aos camarins para paquerar as garotas. Estou falando de quando eu trabalhava no teatro.

Blanche mexeu-se nervosamente na cadeira, mas Maisie não se deixou interromper.

— Não acho que ele era um bom homem. — Por alguns instantes ela ficou pensativa, talvez considerando que o próprio e finado marido também não podia ser chamado de "bom homem". — Pelo menos, é o que me lembro daqueles tempos. Você já viu meu álbum, Alice?

— Mamãe! — repreendeu-a Blanche.

Indiferente, a Sra. Frobisher foi até a escrivaninha e tirou de uma das gavetas um álbum de capa verde. Sentando-se ao lado de Alice, foi passando vagarosamente as páginas.

— Esta sou eu, pouco depois de ter completado dezoito anos. Era bonita, não acha?

— Muito bonita — concordou Alice, olhando a alegre jovem da foto, de cabelos cheios e ondulados e usando um vestido que lhe ressaltava o traseiro avantajado.

No entanto, naquele instante ela pensava mesmo era na Sra. Lyndhurst, que devia ter uns quarenta e quatro anos, um pouco mais do que havia aparentado ao sair do táxi. Era uma viúva rica e que gostava de homens jovens.

— Aqui está meu nome no programa — mostrou a Sra. Frobisher, orgulhosa. — Posso lhe garantir que não é toda garota que consegue ter seu nome impresso num programa de teatro. Está certo que o teatro de revista não é grande coisa, mas aqui está meu nome impresso: "Com a Srta. Maisie Labelle". Naturalmente meu nome verdadeiro não era Labelle, mas Fichett. Só que é impossível imaginar uma artista chamada Maisie Fichett, não é mesmo? Por isso, transformei-me em Maisie Labelle! É um nome francês e significa "a bela". Foi sugerido pelo diretor da companhia.

Com orgulho, Maisie passou no cartão amarelo do programa os dedos em que brilhavam anéis de pedras falsas.

— Nada disso interessa a Alice, mamãe — criticou Blanche.

— Ao contrário, me interessa muito — protestou Alice, com sinceridade, mas sem muito entusiasmo.

Aquele álbum guardava fragmentos do "picante século XIX" e sua vibrante vida teatral. Bem que ela gostaria de examiná-lo demoradamente, mas não naquele momento, quando sentia no coração o peso da carta de Robbie.

Aparentemente arrependida, Maisie fechou o álbum.

— É claro que você não poderá entender, Alice querida. Isto é... já que nasceu em berço de ouro. Quando eu tinha catorze anos já trabalhava fazendo chapéus, dez, doze horas por dia. Enquanto houvesse serviço, era preciso continuar trabalhando, até concluir tudo. Quando não havia serviço, não se ganhava nada, ficava-se com fome!

Nesse momento ouviu-se a voz de Jennie, e Blanche deixou escapar um suspiro de alívio. Meio a contragosto, a Sra. Frobisher levantou-se para ir guardar o álbum. Jennie entrou e fez uma saudação geral. Parecia cansada e aborrecida, mas os olhos brilharam de satisfação ao ver Alice acomodada no velho sofá.

— Pelo jeito você está esgotada, Jen — observou Alice, preocupada. — Devia ter-me chamado para ajudar, fosse qual fosse a tarefa.

— Tia Emma gosta de ter Jennie sempre por perto — voltou a falar a Sra. Frobisher, torcendo o canto da boca. — Acho que aquela velhota é meio doida. Essa história de direitos da mulher... Só gostaria de saber que direitos uma mulher pode reivindicar, se este mundo é dos homens. Vocês garotas vão acabar descobrindo isso, e podem escrever o que estou dizendo.

— Conquistamos o direito do voto! — protestou Jennie, corando fortemente. — E também já podemos ser eleitas para o Parlamento.

— Vocês não conquistaram nada! — rebateu Maisie, enfrentando o olhar da filha. — Vi muito bem aquelas passeatas pelo voto feminino! Só havia mulheres endinheiradas, que têm tempo de sobra para essas baboseiras. Quem estava preparando o jantar e cuidando das crianças enquanto elas marchavam empunhando suas bandeiras? Algumas infelizes que não têm tempo nem para pensar nos próprios direitos! Não foram aquelas mulheres

que conquistaram o direito do voto. Foi apenas uma concessão dos homens, que não se incomodaram em perder uma parcela mínima do enorme poder que têm. Se quer confirmar o que estou dizendo, basta ir a um dos bairros pobres da cidade. Se uma mulher do povo tiver a coragem de dizer na cara do marido, e na frente de outras pessoas, que é igual ou melhor do que ele, vai levar uma surra no ato. E sabe por quê? Simplesmente porque ele não tem nada para dar! Não tem nada além do orgulho de poder cantar de galo naquele terreiro. É claro que esse homem não vai deixar que nenhuma mulher lhe tire esse direito. Emma sabe uma porção de coisas, mas não sabe absolutamente nada sobre homens! Um homem pode não ter nada, mas tem sempre o orgulho de ser macho! É bom que você não se esqueça disso!

Jennie não soube o que contrapor àqueles argumentos e sorriu com amargura.

— Eu só queria que tia Emma não tivesse tanto entusiasmo em sua militância.

— Não sei do que está se queixando — intrometeu-se Blanche, com rabugice. — Lembre-se do que ela faz por você!

Ante o olhar de censura da mãe, Blanche calou-se, mas ficou evidente que ela jamais esqueceria a recusa da tia em ajudá-la.

Pouco depois o chá foi servido pela desleixada empregada da casa. A toalha da mesa tinha alguns remendos e duas das xícaras estavam com partes das asas coladas. O bolo, bastante seco e farelento, sem dúvida tinha sido feito para "durar a semana toda". Quanto ao chá, não se podia dizer que fosse da melhor qualidade.

Foi com alívio que Alice viu a louça finalmente ser recolhida pela empregada, de uma forma absolutamente estabana. Era de admirar que aquelas peças ainda estivessem inteiras. Só então ela pôde ir para um canto com Jennie e contar à amiga que Jake estava desaparecido e presumivelmente morto.

Por alguns instantes Jennie ficou em silêncio.

— Parece que só recebemos notícias ruins — comentou a jovem, finalmente. — Eu... sinto muito... mesmo ele sendo um homem assustador.

— Assustador? — surpreendeu-se Alice. Jennie enrubescceu.

— É que havia tanta energia nele... assim como a água fervendo numa chaleira. Ele me parecia um homem... desumano. Isso não a assustava?

— Não, isso não me assustava — respondeu Alice, pronunciando devagar as palavras. — A princípio ele me aborrecia, porque me parecia muito auto-suficiente e até rude. Só que, além de ser estrangeiro, Jake tinha uma certa dose de timidez, e nós não fomos muito simpáticos com ele. No final, eu... estava gostando um bocadinho dele. Bem que gostaria de tê-lo conhecido melhor. — Erguendo a cabeça, Alice cruzou com o olhar atônito de Jennie. — Ele está desaparecido e presumivelmente morto... Não se pode ter certeza, é claro... mas o mais provável é que...

— Ele era um homem perigoso! — cortou Jennie, com veemência. — Se você estava mesmo começando a gostar dele Alice, e ate bom que essa notícia se confirme. Espero que ele não volte nunca mais... não para interferir em sua vida Nunca mais!

CAPÍTULO VI

Jake estava envolvido pela escuridão. Sentia-se sufocado, como se houvesse sido enterrado vivo. Às vezes abria-se uma fenda naquela escuridão e ele via uma cena fortemente iluminada. Era uma cena desconexa, sem qualquer significado, mas que provocava muita dor. Jake começou a temer aqueles momentos de claridade, porque os sofrimentos que eles traziam eram quase insuportáveis. Queria parar de ter aquelas visões absurdas para poder dormir em paz, sem sentir dor.

Ao mesmo tempo, alguma coisa o advertia de que, se adormecesse, seria para sempre. Plantado sobre a linha que delimitava a vida e a morte, era como se ouvisse

chamamentos de ambos os lados. Se desse um passo na direção do lado escuro, seria inapelavelmente engolido e jamais encontraria o caminho de volta.

Olhando para o lado onde havia claridade, Jake viu a figura de Alice, de pé ali bem perto. O sol batia naqueles cabelos ruivos, produzindo reflexos dourados. Sem dizer nada, ela estendia para ele a mão muito alva, sugerindo com o olhar que a segurasse, a promessa de levá-lo para bem longe dos perigos escondidos no lado escuro,

Depois disso Jake submergiu, como se saísse de um poço profundo e escuro para flutuar na superfície de um mar oleoso. Como um mergulhador que retornasse de uma grande profundidade, ele pôde finalmente respirar livremente e abrir os olhos. Sentia dores pelo corpo todo. Aos poucos, foi divisando a figura esbelta da mulher que se debruçava sobre ele.

— Alice? — murmurou Jake.

— Desculpe, senhor — pronunciou-se a mulher, — Meu nome é Monique, não Alice.

Mesmo com a voz fraca, Jake insistiu:

— Mas eu vi Alice...

A mulher prendeu a respiração e inclinou-se um pouco mais para a frente.

— Por favor, senhor, procure entender o que eu disse. Está me ouvindo?

— Sim... — murmurou Jake, mal-humorado, achando que cabia àquela mulher a culpa pelo desaparecimento de Alice.

— Agora solte a minha mão, monsieur. Apertou-a com tanta força que até machucou meus dedos.

Enfim Jake estava acordado e plenamente consciente. Pôde então atender ao que ela pedia e, embora com certa dificuldade, relaxou o aperto na mão da mulher. Antes de retirar totalmente a mão, ela acariciou a dele, querendo confortá-lo.

Jake podia vê-la agora, apesar da visão um pouco turva. Tratava-se de uma morena de cabelos muito pretos. Evidentemente não era Alice, o que o deixou com uma ponta de desapontamento e amargura.

Quando tentou mudar de posição, Jake sentiu uma onda de dor percorrer-lhe todo o corpo e emitiu um gemido. A reação da mulher foi imediata.

— Procure ficar imóvel!

Esforçando-se para resistir à dor, Jake concluiu que aquela mulher estava com a razão. Ele não devia mesmo se mover, porque estava gravemente ferido. Sentindo uma umidade quente e desagradável, percebeu que estava deitado sobre o próprio sangue.

Reparando que ele abria novamente os olhos, a mulher inclinou-se outra vez sobre o corpo do ferido.

— Aqui está em segurança e não será encontrado pelos alemães. No entanto, precisa da ajuda de um médico.

— Não! — resmungou Jake.

Apesar da dor que o gesto provocou, ele estendeu a mão e agarrou o pulso da mulher. O contato com um médico podia representar o risco de ser descoberto, o que o levaria a um campo de concentração, provavelmente na Alemanha. E isso o levaria para ainda mais longe de Alice.

— Mas não há alternativa, senhor — ponderou a desconhecida. — Conheço um médico. Ele já está bem velhinho, mas é excelente médico e tenho certeza de que não nos trairá. Já mandei chamá-lo.

O médico não demorou muito para chegar. A essa altura Jake se esforçava para manter-se num estado de semiconsciência, pela simples razão de que queria ver o que aquelas pessoas iriam fazer com ele. Fraco como estava, teria que se submeter a qualquer coisa, mas queria pelo menos estar em condições de protestar. Não era fácil manter a consciência, mas ele acabou descobrindo uma forma de conseguir isso. Bastava mexer-se um pouco para que uma enorme dor o assaltasse, o que o obrigava a continuar

acordado. Isso sempre significava uma verdadeira agonia, mas era o preço que ele precisava pagar. No final, o expediente acabou dando certo.

O médico disse que se chamava Berthier e, cortesmente, pediu desculpas pelas dores que provocava enquanto o examinava.

— Minhas pernas ainda estão aí? — perguntou Jake, num fio de voz.

A terrível dor que sentia nas pernas não significava necessariamente que elas ainda estivessem presas ao corpo. Em várias oportunidades, vira em hospitais homens queixando-se de dores em membros que já haviam sido amputados.

Berthier percebeu aquela preocupação e apressou-se em acalmá-lo:

— Sim, sim, monsieur.

Algum tempo mais tarde, Berthier e a mulher afastaram-se um pouco e passaram a discutir em voz baixa. Jake entendia apenas fragmentos daquela conversa:

—...um hospital?... impossível... preciso operá-lo imediatamente, ou ele vai acabar morrendo...

— Vou morrer, uma ova! — declarou Jake, com obstinação. No entanto, sabia muito bem que estava morrendo. Se o sangue não parasse de escorrer, se não fizesse alguma coisa para deter um provável processo infeccioso, ele seria inapelavelmente levado para aquele lado escuro...

Berthier retornou e aproximou a boca do ouvido do ferido. Em seguida, com o mesmo jeito cortês de antes, passou a explicar o que Jake já sabia. Finalmente, chegou ao ponto crucial da questão.

— Não achamos prudente levá-lo para um hospital. Quase todos, mesmo os que são, dirigidos por civis, estão com alemães feridos. Deixá-lo num deles, mesmo por um curto período de tempo, seria um risco muito grande. É claro que, se estiver disposto a se entregar aos alemães, eles o internarão num hospital e lhe darão tratamento. No entanto, como prisioneiro...

— Não! — descartou Jake, de imediato.

— A única alternativa, monsieur, será eu mesmo operá-lo... e aqui. Já fiz operações em condições parecidas, mas isso foi há muitos anos. Além disso... — O médico fez uma pausa. — Além disso, não temos anestésico. Acha que seria capaz de suportar? — Havia ânsia e urgência na voz do francês. — Precisa tomar uma decisão rapidamente, monsieur. Se perder mais sangue, ficará fraco demais e...

— Sim — decidiu Jake. — Sim! Faça logo o que precisa ser feito!

Ele não queria morrer. Queria, sim, continuar vivo para voltar a ver Alice, de alguma forma, em algum lugar, algum dia. Pagaria qualquer preço para conseguir isso.

Em seguida os franceses fizeram com que Jake ingerisse uma razoável quantidade de conhaque. Tratava-se provavelmente de um conhaque da melhor qualidade, mas o estado em que ele se encontrava não lhe permitia fazer esse tipo de apreciação. Rapidamente a bebida produziu efeito, fazendo com que ele ficasse com a mente ainda mais entorpecida. Já não entendia mais o que aquelas pessoas diziam e não conseguia falar de forma coerente, apenas pronunciando palavras desconexas. Estava outra vez naquele território imaginário e perigoso, mas sabia que, se conseguisse manter Alice na mente, tudo estaria bem.

Algum tempo mais tarde ele foi retirado de onde estava e carregado por uns degraus até outro aposento da casa. Aquilo causou uma dor indescritível e serviu para que Jake continuasse consciente. Sabia que estava bêbado e sentia o cheiro de conhaque impregnando a atmosfera.

Quando o médico começou sua tarefa, Jake imaginou que estava delirando ao ouvir o grito de alguém. Depois, percebeu que partira dele próprio aquele grito, ao sentir penetrar o bisturi na carne dolorida. A certa altura, ouviu uma voz a distância:

— Cuidado! Ele está muito fraco e... talvez não resista. Jake queria gritar que estava disposto a resistir a tudo, mas conseguia apenas balbuciar uma palavra:

— Alice... Alice...

Depois disso perdeu a consciência.

A guerra ia chegando a um termo, mas nem por isso diminuía a selvageria e o sacrifício de vidas. Entre as últimas vítimas estava Philip Harris, que imprudentemente ergueu a cabeça numa trincheira e foi alvejado por um atirador alemão postado ali perto. Em novembro, porém, as hostilidades cessaram. Os canhões silenciaram e o fogo que havia queimado durante quatro longos anos no norte da França finalmente se extinguiu.

Robbie voltou para casa, mas não antes que se passasse outro ano. Primeiro ele serviu com as tropas aliadas que ocuparam a Alemanha e, depois, foi mandado para o norte da Inglaterra. Finalmente, já perto do Natal de 1919, pôde vestir roupas civis e retornar a Londres.

Sua volta ao lar foi em parte obscurecida pela perda do irmão, em honra de quem havia sido colocada uma placa de bronze na parede da igreja paroquial. Além disso, Robbie estava dominado por uma estranha fadiga, uma curiosa sensação de abatimento, sem dúvida por causa dos quatro anos em que dirigira todas suas energias para a guerra. Agora, perplexos e desnorteados, todos procuravam uma forma de retornar à vida de antes.

Para piorar, Robbie estava desempregado. Depois de muita insistência junto às pessoas influentes que conhecia, lady

Harris conseguiu para o filho o lugar de escrevente no departamento de contabilidade de uma indústria de produtos alimentícios. Mas era um emprego modesto demais e ele não estava muito disposto a aceitar, ainda esperançoso de encontrar algo melhor.

Há muito havia desistido da decisão de dispensar Alice do compromisso, assunto sobre o qual discutira com Jake na França. Do ponto de vista dele, no presente momento isso seria impraticável. Era o caminho mais certo a ser seguido por um homem que tivesse princípios, mas que tivesse também, seu próprio dinheiro, o que não era o caso dele. Era duro ter que reconhecer isso, mas Robbie não tinha um tostão. Precisava do dinheiro de Alice, pelo menos até que surgisse uma oportunidade capaz de fazê-lo construir sua própria fortuna. Com seu otimismo muito peculiar, ele acreditava firmemente que alguma coisa acabaria acontecendo. Com o mesmo otimismo, vislumbrava um casamento perfeitamente feliz. E por que não? Ele e Alice tinham tido seus estremecimentos durante o noivado forçosamente prolongado, mas a culpa cabia exclusivamente à guerra, e não a nenhum deles dois. E Robbie gostava de Alice mais do que jamais havia gostado de qualquer outra garota e não via motivos para que ela não correspondesse na mesma medida. De quem mais ela poderia gostar? Robbie pensou em Gerard, mas logo o descartou. Apesar de ser um bom sujeito, Gerry Daventry era maçante. Sem muita modéstia, Robbie concluiu que nenhuma garota hesitaria um só instante para escolher entre ele próprio e Gerry. É claro que a escolha de Alice também o favorecia. Afinal de contas, estava com vinte e oito anos, tinha um físico perfeito e retornava da guerra com uma irrepreensível folha de serviços prestados à pátria. Não, não era como se estivesse se casando sem ter nada para oferecer à noiva rica.

Robbie estava em casa há pouco mais de um mês quando chegou o Ano Novo de 1920. Havia nevado e Alice chamou-o para um passeio a pé pelo parque. O ar estava cheio pelos gritos das crianças que corriam e brincavam na neve. Lembrando-se de quando estivera naquele mesmo parque, na companhia de Jake, Alice tomou uma decisão e voltou-se para Robbie. Precisava contar a ele, e o melhor seria contar logo, naquele dia mesmo. Várias vezes havia resolvido deixar para mais tarde, achando que o momento não era propício. No entanto, depois de ouvi-lo falar com tanto otimismo sobre o futuro, o futuro deles dois, concluiu que não seria correto protelar nem mais um dia.

Robbie tagarelava o tempo todo, sem reparar que a noiva estava mais silenciosa que de costume. Finalmente, Alice decidiu que não poderia esperar mais e o interrompeu:

— Por favor, Robbie! Tem uma coisa que preciso lhe falar. Uma ponta de apreensão passou pelos olhos azuis do rapaz, que se voltou para ouvi-la.

— Eu queria ter lhe falado antes, mas... — começou Alice, com evidente dificuldade. — Bem, vou falar agora. Eu... não posso me casar com você, Robbie. Sinto muito. Cheguei a essa conclusão há muito tempo, mas não tive como lhe falar. Estávamos em guerra e você corria um constante perigo de vida... Durante todos esses anos fiquei esperando uma oportunidade... Só que para esse tipo de coisa as oportunidades não surgem. Precisamos criá-las. Não existiria outra forma mais delicada de lhe comunicar minha decisão, assim como não seria correto de minha parte deixar passar mais tempo. Se de alguma forma o feri, Robbie, acredite que não tive a intenção. Apenas... não é possível. Por favor, procure entender...

Reforçando o pedido, Alice ergueu para ele os olhos verdes.

Durante um bom tempo Robbie ficou a fitá-la.

Logo percebeu que Alice fazia um enorme esforço para não chorar, o que só complicaria as coisas. Em outras circunstâncias ele estaria disposto a discutir com ela, procurando demovê-la, se ao menos vislumbrasse a possibilidade de ser bem-sucedido. Mas seria inútil. Bastava olhar naqueles olhos verdes para ver que não teria a menor chance. Se houvesse discutido o assunto com Alice muito tempo antes, talvez conseguisse demovê-la. Agora, apenas estaria travando uma batalha antecipadamente perdida.

— Eu estaria mentindo se lhe dissesse que isso me apanha de surpresa — pronunciou-se Robbie, com amargura. — Há muito tempo que não vejo muito entusiasmo em você. Desde aquela festa em minha casa, quando Phil e eu estávamos de partida para a guerra... Jake Sherwood esteve presente... Você se lembra? Já naquela época as coisas não iam bem entre nós dois, não é mesmo?

Como resposta, Alice apenas balançou afirmativamente a cabeça.

— É engraçado... — continuou Robbie. — Phil e Jake estão mortos. De todos os rapazes que usavam uniforme naquela festa, fui eu o único a voltar para casa. Só não sei dizer se eles... Phil e Jake... É bem provável que, num certo sentido, eles tenham tido mais sorte que eu. A impressão que tenho é de que, depois dessa guerra, ninguém está conseguindo realizar o que havia imaginado... Você não acha?

— Oh, Robbie! — exclamou Alice, quase chorando. — Eu sinto muito, mas infelizmente não posso mudar meus sentimentos.

— Não a estou culpando, Alice — apressou-se em esclarecer Robbie. — Não foi isso o que eu quis dizer. É que... Bem, estávamos todos tão otimistas antes da guerra... Agora tudo o que existe é um vazio, uma falta de perspectiva. Pode parecer estranho, mas sinto como se houvesse perdido essa guerra. Antes pelo menos eu era alguém. Hoje, minha mãe vive chorando a morte de Phil, que sempre foi o preferido dela.

Robbie parou de falar e ficou refletindo sobre a situação em que se encontrava a partir daquele momento. Agora, teria de aceitar a droga de emprego que a mãe havia arranjado, já que não poderia contar com o dinheiro de Alice enquanto não conseguisse uma colocação melhor. Pensando bem, talvez a situação não fosse assim tão desesperadora. Ele ainda era jovem e havia outras garotas. Nem todas eram tão bonitas e atraentes como Alice, mas sem dúvida ele seria capaz de encontrar alguma que fosse ao menos bonitinha... e que tivesse um pouco de dinheiro. Alguma coisa tinha de acontecer.

Atravessando o barulhento grupo de crianças, eles tomaram o caminho de volta. Ao portão da casa, Robbie virou-se para Alice e perguntou, como se pensasse naquilo pela primeira vez na vida:

— E o que você pretende fazer, Alice? Agora está livre de mim. Vai se casar com o pobre Gerard?

— Não — respondeu Alice, calmamente. — Por enquanto, não pretendo me casar com ninguém.

— Mas alguma decisão vai ter que tomar — concluiu Robbie, com uma risadinha. — Não consigo imaginá-la como uma solteirona conformada, tendo apenas um bando de gatos para lhe fazer companhia.

Naquela noite mesmo Alice contou a novidade a Gerard e à Sra. Daventry. Gerard não se preocupou em esconder o alívio que sentiu.

— Jamais gostei mesmo daquele cara, embora o tratasse bem em respeito a você, Alice. Não vou dizer que ele tivesse más intenções, mesmo porque só recebeu elogios durante a guerra, mas o fato é que se trata de um parasita, um aproveitador. O que ele gosta é de sair voando por aí, bancando o passarinho, ao mesmo tempo que põe em risco a própria vida e a dos outros. Quanto a arranjar um emprego, trabalhar das nove da manhã às cinco da tarde... Ah, isso não serve para ele.

Surpreendentemente, quando se pronunciou, a Sra. Daventry externou um ponto de vista abertamente contrário ao do filho. Fazia aquilo pela primeira vez na vida.

— Como você pôde fazer isso, Alice? Como pôde agir dessa forma com aquele pobre rapaz? Depois de tudo por que ele passou! Como pôde dispensá-lo assim, sem mais nem menos? Foi um comportamento censurável e eu nem sei bem como dizer o que estou sentindo. — Enquanto ela falava, os seios arfavam. — Sinto vergonha de você e vergonha de mim mesma. Eu a criei para agir com correção, ou pelo menos pensava estar agindo assim. Seu dever, sem sombra de dúvida, era ficar ao lado de Robert Harris. Não vejo como poderei perdôá-la pelo que fez.

Alice empalideceu ante aquela inesperada e furiosa investida.

— Está sendo muito injusta, tia Ethel! Acha mesmo que agi assim, como uma criança que joga fora um brinquedo de que não gosta mais? Robbie é um homem de vinte e oito anos, e não um rapazinho. Ele entendeu que o que fiz não foi simplesmente "dispensá-lo". Esse noivado devia estar terminado há muito tempo, mas não encontrei o momento certo para falar com Robbie antes. Tudo o que fiz agora foi falar em algo que nós dois já sabíamos.

Ao ouvir aquilo, a Sra. Daventry resolveu mudar de tática.

— Pois muito bem! Só que você precisa se lembrar de que já está com quase vinte e seis anos. Se ainda pensa em se casar um dia, deve levar em conta que, a partir de agora, bem poucos homens se interessarão por você. Já pensou nisso? Agiu com muito egoísmo, Alice. Melhor dizendo, agiu como uma tola perfeita.

O que a Sra. Daventry fazia naquele momento era apenas repetir o óbvio, chamar a atenção para a dolorosa realidade. Terminadas as alegres celebrações da vitória, milhares de jovens mulheres da classe média olharam-se umas para as outras, sem coragem para externar a pergunta que estava na mente de todas elas: "E agora?"

Realmente, e agora? Cada uma daquelas mulheres tinha sido criada para se casar, ser uma dona de casa, esposa devotada de um marido protetor e bem-sucedido. Elas não sabiam trabalhar, não haviam sido preparadas para abraçar uma profissão. Durante a guerra, ficaram sentadas em casa esperando o retorno dos rapazes... e os rapazes, em sua maioria, foram tragicamente mortos. Havia muito poucos homens solteiros, e aquelas jovens precisavam repensar suas vidas.

Muitas delas seguiram caminhos que, em outras épocas, seriam vistos com reservas. Jennie Frobisher, por exemplo, iria para Oxford.

— Eu até tenho sorte — dizia a moça. — Sorte por não ter nada a perder e minha vontade sempre foi fazer um curso universitário.

Harriet Bingley fugiu de casa para se dedicar à vida teatral. Isso chegou a causar um certo escândalo, mas a Sra. Bingley explicou que a pobre Harriet se vira obrigada a agir assim por ter perdido a pureza com um herói de guerra.

Ao saber disso, Alice concluiu que esse herói de guerra só podia ser Philip Harris... o mesmo Philip Harris cujo corpo agora repousava cercado de honras na igreja paroquial.

Jake, por seu turno, não repousava em lugar algum... Ele simplesmente havia desaparecido.

Na verdade, mesmo se sentindo no limiar de um novo tempo, ninguém poderia prever como seria "o amanhã".

Dentre todos os habitantes de Londres, foi para Blanche Frobisher que aquela manhã se mostrou mais sombria. Ao ouvir de Jennie a notícia do rompimento do noivado entre Alice e Robert Harris, ela instantaneamente empalideceu e voltou-se para a irmã.

— Mas será que você não está entendendo? Não percebe o que isso significa para mim? Agora que ela descartou Robbie, muito provavelmente se casará com Gerard. Eles são primos e essas coisas sempre se resolvem em família. Você vai para Oxford. Voltará com um diploma na mão e na certa acabará se elegendo para o Parlamento. Afinal de contas, é esta a época em que as mulheres estão buscando conquistar seu lugar; Alice tem um bocado de dinheiro, além de Gerard, é claro. E quanto a mim, irmãzinha? Como é que vou fazer? — Um ar de frustração dominou aquele rosto de boneca. — Se ao menos tia Emma me desse metade do que está oferecendo a você, eu arranjaría um marido sem a menor dificuldade. Só que agora Alice está com Gerard ao alcance da mão, enquanto você não tem por que se queixar da falta de dinheiro. Isso não é justo, Jennie! O que sobrou para mim nessa história toda?

No entanto, Blanche não sabia que Alice tinha outros planos, que já na primavera começou a transformar em realidade. O retrato de Robbie continuava no estúdio, ainda inacabado, representando uma fase da vida dela que se encerrara. Alice embrulhou a tela, do jeito que estava, e mandou-a para lady Harris.

Concentrada como estava no que fazia, nem reparou na chegada de Gerard e levou um susto ao ver o primo de pé à porta, observando-a. O rapaz atravessou o estúdio e sentou-se perto da janela, por onde entrava um sol forte.

— Está mesmo decidida a ir embora, não é?

— Sim — respondeu Alice, com um leve tremor na voz. — Vou para Paris. Pretendo estudar pintura, uma coisa que sempre quis fazer. Com um pouco de sorte e alguma experiência, pode ser que eu consiga trabalho na arte comercial. Não posso pensar em nada além disso, porque não sou nenhuma Rem-brandt! Mas sei que tenho algum talento e procurarei fazer com que ele me renda alguma coisa.

— Você não precisa trabalhar — observou Gerard, fazendo um gesto de enfado.

— Preciso, sim. Numa época como esta, não posso ficar aqui como uma princesa, apenas pensando na roupa que irei vestir no dia seguinte. Se até Harriet pobrezinha está trabalhando, minha obrigação é me profissionalizar.

— Existe alguma coisa que eu possa fazer para tirar essa idéia de sua cabeça? — perguntou Gerard, gravemente.

— Não, Gerry, estou mesmo decidida. — Ao ver a expressão que havia no rosto honesto do primo, Alice explodiu: — Não estou partindo para uma vida de perdição, Gerry! Minha intenção é trabalhar.

Muito vermelho, Gerard demorou um pouco para replicar:

— Seja como for, Alice, você me deve uma explicação! E não me venha com essa história de se "desenvolver na área artística"! Conheço-a muito bem, priminha, muito mais do que você imagina. Tem que haver algum outro motivo, alguma coisa que você não contou a mamãe e duvido que tenha contado a Harris. Mas vai ter de me contar!

Foi a vez de Alice enrubescer. Pondo de lado o pincel que tinha na mão, voltou a falar, devagar:

— Sim, Gerry, eu lhe devo uma explicação. O fato é que... — Por alguns instantes ela ficou em silêncio, hesitante. — Você se lembra de Jake Sherwood? É aquele canadense que esteve aqui e que está... desaparecido...

Com um misto de atenção e perplexidade, Gerard assentiu.

— Jake era uma pessoa estranha — continuou Alice, no mesmo tom de antes. — Ele me fez perceber que eu não deveria me casar com Robbie. Sabe... Na verdade, eu não sentia como se pertencesse a Robbie. Jake...

— Está querendo me dizer que se apaixonou por aquele... aquele lenhador? — interrompeu-a Gerard, num tom enraivecido. — Bem, imagino que, além de ter aquele charme selvagem, ele era um tremendo garanhão...

— Pare com isso, Gerry! Eu não disse que me apaixonei por ele. Apenas... senti-me diferente depois de conhecê-lo. Jake fez com que eu passasse a me olhar de outra forma, o que também alterou meu relacionamento com as outras pessoas. Uma vez ele me disse uma coisa de que nunca vou me esquecer: "Se alguém quer fazer alguma coisa, deve simplesmente fazê-la sem se preocupar com mais nada". Jake tinha razão. Eu quero me dedicar à pintura, e é isso o que eu vou fazer.

— Entendo... — disse Gerard, com a voz trêmula de emoção. — Então, depois de pronunciar essa pérola da filosofia de botequim, ele partiu para se tornar um herói. Era um homem que tinha tudo, mas sacrificou a própria vida pela pátria. — Gerard estava agitado, de uma forma como jamais Alice vira antes. — Não posso competir com um herói, Alice — ele reconheceu, agora mais calmo. — Não teria chances contra Sherwood quando ele estava vivo... e certamente não poderei competir com ele agora, quando já está morto! É justamente esse o problema dos heróis: eles são imortais! Permanecem sempre jovens, viris, belos e triunfantes. As garotas se apaixonam por eles enquanto estão vivos e continuam a amá-los depois que morrem. Um sujeito comum como eu, que vive enfiado num escritório de advocacia, que chances poderia ter contra um herói?

Gerard abaixou a cabeça e ficou olhando para as próprias mãos.

— Você nunca me amou, Alice, a não ser como primo. Só que eu... Você sempre foi muito querida para mim, e meus sentimentos não mudaram. Está com vinte e seis anos e tem a vida inteira pela frente. Não quero que vá até o fim do arco-íris porque não encontrará lá nenhum pote de ouro, mas apenas frustrações e sofrimentos. Não sou um homem pobre. Ao contrário, sou um advogado muito bem-sucedido. Se você quisesse apenas se tornar uma pintora profissional, eu não me oporia. Está entendendo o que quero dizer, não está?

Alice aproximou-se do primo e apoiou as mãos nos ombros robustos.

— Sim, eu entendo, Gerry, e fico muito grata. Você é provavelmente a melhor pessoa que já conheci até hoje. Mesmo assim, não poderia me casar com você. Seria um erro tão grande quanto me casar com Robbie.

— Você se apaixonou por aquele sujeito, não foi? — perguntou Gerard, abatido.

— Não sei como responder, Gerry. Eu mal o conhecia... A maior parte do tempo estávamos discutindo ou simplesmente sentados lado a lado, em silêncio, tentando pensar no que dizer um ao outro. No fim das contas, é bem provável que nenhum de nós dois tenha chegado a dizer o que queria. Lamentar pejo que não se disse é sempre pior do que arrepender-se pelo que se disse. Mas não se preocupe comigo, Gerry. Tenho certeza de que tudo dará certo.

— Se precisar de alguma coisa, você nos procurará? Isto é... Paris... — A voz dele foi sumindo, ao mesmo tempo que os ombros se encolhiam. Era a própria figura do desânimo. — Tudo pode acontecer!

CAPÍTULO VII

A Paris do início dos anos 20 vibrava com uma efervescência que nem o extravagante século XIX poderia igualar. A cidade borbolhava de gente e idéias novas. Todos queriam esquecer os quatro anos de horrores e as devastadas planícies de Flandres e Champagne, ao norte. As mulheres diminuía cada vez mais o comprimento das saias,

dispensavam o uso de espartilho e faziam ondulados permanentes nos cabelos. A maquilagem, antes marca registrada da mulher leviana, era agora um sinal de sofisticação. Os restaurantes e os cafés dos Champs-Élysées eram verdadeiras passarelas da elegância e da moda. Todos pareciam querer viver da forma mais intensa possível, para recuperar o tempo perdido.

Difícilmente se registrasse em uma época anterior um fluxo tão grande de pessoas dirigindo-se para a França. Na Inglaterra, no finalzinho da guerra, a carestia era muito grande e a vida estava difícil para todos. Muita gente que resolvia tentar a sorte em outro país acabava se decidindo pela França. Esses exilados por conta própria tomavam o lugar daqueles que antes faziam as delícias das noites parisienses. Nobres britânicos e condes prussianos, que viviam entregues aos prazeres desenfreados da mocidade, quase todos haviam perdido a vida nas trincheiras. Mas estavam chegando os americanos, cheios do dinheiro proporcionado por suas indústrias em expansão. E, naturalmente, chegavam os russos... vindos de trem e sem um níquel no bolso.

Fugindo dos bolcheviques, eles corriam para a mesma Paris a que costumavam ir na época em que tinham poder e riqueza. Agora eram apenas refugiados, mas procuravam manter um estilo de vida que não poderiam sustentar. Os casados vendiam as jóias da esposa, enquanto os solteiros tentavam conseguir dinheiro na alcova da mulher de algum banqueiro. Apesar de não terem sido preparados para nenhum tipo de trabalho, muitos desses jovens russos sabiam dirigir automóveis... e acabavam se tornando motoristas de táxi. Muitos deles tinham sido oficiais da cavalaria e dirigiam seus táxis como se participassem de uma carga de cavalaria. Como eram aristocratas, tratavam os pedestres com o mais absoluto desdém.

No quarteirão de Montparnasse concentrava-se metade dos escritores de todo o planeta, que se sentavam nos enfumaçados cafés para discutir sobre os romances. Alice chegou a Montparnasse como um pombo-correio que viesse do céu. Logo no primeiro dia, subiu ao alto de uma colina para contemplar a enfumaçada cidade que o barão Haüssman havia planejado para Napoleão III.

A princípio estava temerosa, achando que seria olhada com estranheza. Logo, porém, verificou que naquela comunidade de boêmios e artistas ninguém achava nada estranho. Nos primeiros dias Alice alugou um quarto numa modesta pensão, mas pouco tempo depois recebeu oferta para alugar um pequeno apartamento na alameda pavimentada de pedra que partia da Place du Tertre. O apartamento tinha dois pequenos cômodos, além de uma cozinha escura e um minúsculo banheiro. Ficava no alto de um prédio praticamente em ruínas, em cima de uma padaria; As tábuas do assoalho rangiam e o papel da parede estava tão desbotado que parecia estar ali desde meados do século XVIII, quando Montmartre era apenas uma vila para onde acorriam pessoas vindas de Paris, buscando divertimento e fugindo às leis vigentes nos limites da cidade. Por outro lado, das janelas do apartamento Alice podia ver as torres bizantinas da basílica de Sacré-Coeur, tão perto que parecia ser possível alcançá-las com a mão. Ali ela estava mais sozinha do que na pensão, mas tinha mais privacidade.

Na Place du Tertre artistas iniciantes e sem dinheiro exibiam seus trabalhos, esperando vendê-los aos turistas. Alice não precisava de dinheiro, mas precisava saber se alguém se interessaria em comprar um trabalho dela. Assim sendo, numa manhã ensolarada, encheu-se de coragem e desceu carregando alguns quadros que retratavam a paisagem vista do apartamento. Depois de algum tempo, conseguiu vender um dos quadros, o que representou um enorme incentivo. Depois disso ela passou a ir à praça com certa frequência, sempre que conseguia produzir uma quantidade razoável de trabalhos. Um dia, como não tinha muitos quadros para expor, levou também uma pintura do interior do apartamento, que fizera num dia chuvoso.

Sentada no banquinho dobrável que sempre levava, ela observava os passantes quando percebeu que alguém examinava atentamente aquele trabalho. Era um homem

de cabelos pretos e muito fartos, que tinha entre os dentes um cigarro aceso. Vestia um elegante e caríssimo terno feito a mão, que envergava com a mais absoluta naturalidade.

Olhando rapidamente para ela, o homem apontou para a pequena tela.

— Você pintou isso?

— Sim — respondeu Alice, meio embaraçada. — É o interior de meu apartamento.

O desconhecido enfiou a mão no bolso e, por um instante, Alice pensou que ele tiraria algum dinheiro para comprar o quadro. Em vez disso, o homem retirou um pequeno cartão branco, que estendeu para ela.

— Sou projetista de interiores — ele informou. — Preciso da ajuda de alguém que tenha talento e imaginação. Gostaria que me procurasse.

Logo em seguida foi embora, sem dizer mais nada.

Alice leu o nome impresso no cartão: Paul Daquin. Quando o sol começou a esquentar muito, ela voltou para o apartamento e fixou o cartão na moldura do espelho. Por algum motivo, porém, relutou em aceitar o convite e o cartão ficou no mesmo lugar até o outono.

Agora as folhas começavam a cair nos grandes boulevards. As crianças, fugindo de suas babás, corriam para saltar alegremente sobre os montes amarelos e vermelhos. Já não havia flores nos canteiros do Jardin du Luxembourg e não se viam mais casais de namorados sentados embaixo das árvores.

Paris ia se esvaziando com a aproximação do inverno, à proporção que as pessoas buscavam o sol das regiões sulinas. Havia um vazio também no coração de Alice, mas ela esperava que o trabalho preenchesse esse vazio. Por isso, pegou no espelho o cartão de Paul Daquin e dirigiu-se ao escritório dele.

Chegando lá, a primeira impressão que teve foi de que havia ocorrido ali um acidente, porque o lugar estava um verdadeiro pandemônio. Depois, percebeu que devia ser sempre assim. Daquin, de pé no centro da sala e dessa vez usando roupas mais simples, gritava com uma datilógrafa que usava bobs nos cabelos. A mulher, que também gritava com ele, jogou para o alto os papéis que tinha em cima da mesa e retirou-se, pisando firme no chão.

Daquin voltou-se para Alice.

— Quem é você?

Ao fazer a pergunta, ele ergueu uma das sobrancelhas, parecendo ter saído de alguma pintura de El Greco.

Alice lembrou-o do encontro na Place du Tertre, mas seria impossível dizer se o homem realmente se recordava. Em seguida, sem a menor cerimônia, Daquin agarrou o pulso dela e arrastou-a para uma sala contígua, no centro da qual estava um enorme abajur. Era certamente o mais horroroso abajur que Alice já vira na vida. Tinha uma base de madeira com entalhes dourados, um quebra-luz prateado com espalhafatosas faixas de veludo verde e uma franja de fitas douradas.

— Olhe para isso — ordenou Daquin.

— Não me agrada — declarou Alice, com honestidade.

— Chère mademoiselle, não estou pedindo que goste. Isso pertence a um porco gordo que entrou na guerra paupérrimo e saiu riquíssimo. É um homem que tem dinheiro demais e bom gosto de menos. Comprou essa monstruosidade para a amante e quer que se desenhe um quarto em volta. Você pode muito bem fazer isso.

— Mas é evidente que... — começou a protestar Alice.

— Minha cara Alice, quem somos nós, você e eu, simples almas dedicadas à arte, para questionarmos a extravagância de um burguês gordo que usa, veja só, polainas? Traga-me algumas idéias amanhã.

Mesmo enraivecida e achando aquela tarefa impossível, Alice chegou em casa, colocou papel na prancheta e pôs-se a trabalhar. Três horas mais tarde, afastou-se um pouco e contemplou o que parecia ser a descrição das fantasias do príncipe regente em Brighton.

No dia seguinte, quando foi levar o desenho a Daquin, encontrou-o ao telefone.

— Mais parece um bordel árabe — ele comparou, examinando o desenho.

Alice não gostou de ouvir aquilo.

— Nunca estive num bordel árabe.

— Pois eu já — retrucou Daquin, com a maior naturalidade. Dois dias depois ele apareceu no apartamento, sem aviso prévio.

— Você é um gênio! O cliente é um imigrante que veio da Argélia e seu desenho despertou nele lembranças da juventude. O homem adorou, chegando a emocionar-se. Agora vou levá-la para jantar.

Paul Daquin fez o convite com um sorriso que parecia ser o de um belo cigano, os dentes muito brancos contrastando com a tez morena dos nativos do Mediterrâneo.

Depois desse dia Alice executou vários outros trabalhos para Paul, que pagava com generosidade. Por outro lado, era talvez o homem mais difícil com quem se podia trabalhar. Estava sempre gritando e tratava os clientes com espantosa descortesia. Trabalhava horas e horas seguidas, aparentemente sem se dar conta da passagem do tempo. Muitas vezes Alice era obrigada a chamar a atenção dele para o fato de que já havia escurecido e ela precisava ir embora.

Paul tinha sido casado uma vez, mas, o que não era surpreendente, a esposa havia pedido o divórcio. Ele não parecia lamentar o abandono da mulher.

— Ela era daltônica — dizia Paul, com ênfase no adjetivo. Uma coisa, porém, ele conhecia muito bem: a clientela para quem criava interiores caríssimos e de extraordinária vulgaridade. Por trás daquele jeito rude estava um homem com raro tino comercial. Era invejado pelos respeitáveis burgueses que se banhavam nos espalhafatosos banheiros que ele criava e as mulheres da alta sociedade adoravam ser insultadas por Paul Daquin.

— Paul dorme com elas. Os maridos pagam pelos projetos e ele seduz as mulheres... — confidenciou a datilografa a Alice. — A datilografa, Juliette, trabalhava para Paul com a mais absoluta lealdade, ao mesmo tempo que o odiava. Alice não conseguia entender aquele absurdo. Pelas costas, Juliette sempre se referia ao patrão como lê beau sabreur, numa referência às supostas proezas que Paul realizava na cama. Às vezes Alice se perguntava se Juliette o detestava daquela forma por terem os dois já sido amantes um dia. Ou talvez fosse justamente pelo contrário.

Mesmo podendo ser verdade aquelas acusações de que Paul levava para a cama as mulheres dos clientes, nas constantes ocasiões em que se encontrava com Alice ele só falava do trabalho que estivessem realizando ou de algum novo projeto. Se jantar a dois era normalmente considerado uma ocasião romântica, isso não parecia passar pela mente de Paul. Alice julgava entender o motivo daquele desinteresse. Paul devia ver nela apenas uma artista que lutava para se firmar. Por que ele desperdiçaria seus talentos de amante com uma artista iniciante? Preferia se resguardar para as mulheres ricas. Sendo verdadeiro esse raciocínio, ela precisaria pôr uma tranca na porta do quarto no dia em que Paul descobrisse que a nova auxiliar era dona de uma enorme fortuna. Enquanto isso não acontecesse, ela estaria segura.

Quando era mais jovem, muitas vezes Alice ficava se perguntando por que o velho Nat Morrell lhe teria deixado toda aquela fortuna. Em sua mente de adolescente, sempre chega vá a conclusões românticas. Imaginava, por exemplo, que tinha sido um ato de remorso. Agora, mais velha e mais experiente, achava que devia ter sido um último ato de vingança do velho. O dinheiro havia destruído o namoro dela com Robbie e poderia acabar estragando o relacionamento de trabalho que mantinha com Paul. Apenas Jake... Só que Jake não existia mais. Quanto a Paul, tratava-se de um homem inescrupuloso, talvez o mais imoral que ela já havia conhecido. Mesmo assim, Alice gostava dele. Não se preocupava com o fato de que ele poderia ser perigoso ou até cruel.

Depois que os garis recolheram as últimas folhas caídas, a temperatura caiu demais para que Alice ficasse em alguma praça ou esquina, pintando a paisagem. Numa tarde,

ela saiu de Montmartre e dirigiu-se ao grande Museu do Louvre. Adorava ficar perambulando entre aquelas maravilhosas pinturas. Aquilo, ao mesmo tempo que lhe dava consciência das próprias limitações, proporcionava uma sensação de irmandade com os criadores das obras-primas da pintura.

Não era época de muito afluxo de turistas e as galerias estavam quase vazias. Alice percorreu várias delas e foi para diante de um enorme quadro a óleo que mostrava um cavaleiro da Guarda Imperial de Napoleão. Montado no cavalo, os adornos do uniforme tremulando ao vento, ele era a própria imagem da autoconfiança, como se nada pudesse deter seu galope rumo a um destino glorioso.

Alice ficou se perguntando por que as pessoas sempre consideravam a guerra uma coisa gloriosa, apesar de todos seus horrores. Os guerreiros eram vistos como heróis, quase deuses. A certa altura ela sentiu que não estava sozinha na galeria. Desviando os olhos do quadro do guerreiro, reparou num homem sentado num banco, um pouco adiante, que contemplava as pinturas penduradas na parede oposta. Aparentava ser bastante alto, mesmo sentado, e razoavelmente jovem. Algo extraordinariamente familiar naquele homem produziu uma sensação estranha em Alice. Era como se ela estivesse sonhando. Naquela galeria, cercada por pinturas que retratavam fantasmas do passado, ela teve a impressão de que um outro fantasma se materializava, embora se mantivesse tão silencioso e imóvel quanto os que estavam nas molduras.

Alice saiu caminhando vagarosamente na direção do homem, acreditando realmente que aos primeiros passos aquela figura poderia desaparecer no ar. No entanto, ele continuava ali, real e sólido, carne e osso. Quando Alice se aproximou o suficiente, o homem ergueu aqueles olhos cinzentos de que ela se lembrava tão bem.

— Oi, Alice — ele a saudou.

— Jake... — balbuciou Alice, incrédula. Era como se a galeria estivesse girando e os quadros dançassem nas paredes. — Jake, é mesmo você... e está vivo!

Era verdade. Aquele homem não era apenas fruto da imaginação dela, a materialização passageira de um sonho impossível. Era o mesmo Jake de outrora, embora sutilmente mudado. O sorriso, por, exemplo, era tão encantador quanto antes. Mas foi um sorriso que desapareceu quando ele formulou uma pergunta com mal contida ânsia:

— E Robbie?

— Ele está bem — apressou-se em dizer Alice, sem responder logo à outra pergunta que havia nos olhos dele. — Voltou para casa são e salvo. Infelizmente, o mesmo não aconteceu com o pobre Phil. Você se lembra do irmão de Robbie? Desgraçadamente, perdeu a vida num dos últimos dias da guerra. Foi um golpe terrível para lady Harris... — Alice fez uma pausa antes de continuar: — Nós... Robbie e eu não nos casamos. Você estava certo no que disse sobre noivados longos.

— Foi você quem rompeu o noivado?

Alice sentiu uma ponta de revolta ao ouvir aquela pergunta. Afinal de contas, e apesar de todos seus defeitos, Robbie era um cavalheiro e não teria tomado a iniciativa de romper, o noivado.

— É claro que fui eu! — ela respondeu altivamente.

Bem, aquele era realmente o velho Jake. Mesmo num momento como aquele, quando os dois deviam sentir apenas alegria pelo inesperado reencontro, ele conseguia dizer alguma coisa que a perturbava. ""

— Você não muda mesmo, Jake — comentou Alice, suspirando.

Mesmo assim, estava feliz por ver que ele havia sobrevivido. Mas isso não devia ser assim tão surpreendente, porque homens como Jake Sherwood sempre sobreviviam a tudo.

Nesse instante os olhos de Alice pousaram numa bengala encostada no banco em que ele estava sentado. Era uma bengala resistente e com reforço de borracha na extremidade, diferente das que os homens usavam apenas para acompanhar a moda.

Aquela bengala destinava-se a seu uso específico. Sim, Jake havia sobrevivido, mas não totalmente ileso.

Por um breve momento Alice ficou se perguntando, horrorizada, se aquelas pernas ainda conseguiam caminhar. Lembrou-se de que ele não havia se levantado para cumprimentá-la, embora isso pudesse ser atribuído à descortesia natural de Jake. Será que alguém o havia levado até ali, devendo voltar mais tarde para carregá-lo, como um fardo qualquer? Alice fez uma prece fervorosa e desesperada para que isso não fosse verdade. Não... Jake não suportaria uma vida assim!

Jake reparou naquele olhar e na expressão do rosto dela e dispôs-se a explicar:

— É por causa da bacia, que foi afetada um tanto seriamente — ele resmungou. — Mas não estou completamente aleijado, se foi isso que você pensou. Consigo andar, só que com uma lerdeza danada. Às vezes, sem qualquer aviso prévio, a bacia parece se soltar e eu vou ao chão como uma peça de jogo de boliche. O pior é quando vou me sentar ou me erguer. Por isso, peço que me desculpe por não ter dado pulos de alegria à sua chegada.

Alice respirou aliviada.

— Não tem importância — ela disse, sentando-se no banco ao lado dele. — O que está fazendo em Paris?

— Estou... convalescendo — respondeu Jake, com amargura. — Acho que é isso o que recomendam a um enfermo quando nada mais pode ser feito.

Seis meses antes ele havia sido operado na bacia por um renomado cirurgião francês, o que resultará numa ligeira melhora, mas dificilmente voltaria a andar sem a ajuda da bengala.

— O problema é que não pude ter a assistência apropriada na hora em que sofri os ferimentos. Felizmente, os médicos garantem que, com o passar do tempo, não sentirei mais dor.

Jake não falou na intensidade das dores que sentia, mas Alice achou que deviam ser muito fortes. Era evidente que havia sobrevivido a ferimentos muito sérios. A pele dele estava com aquela tonalidade acinzentada das pessoas que passam muito tempo numa cama de hospital e os cantos da boca mostravam rugas, certamente provocadas pelo sofrimento. Com a mesma inocência com que fizera uma prece aos céus para que ele não estivesse aleijado, Alice queria poder abraçá-lo com espontaneidade, mostrar o quanto sentia pelo que havia passado. No entanto, temia que o gesto fosse mal interpretado ou, pior ainda, mal recebido.

Por isso, preferiu contar a ele que agora estava se dedicando de corpo e alma à pintura e relatou os modestos sucessos que vinha obtendo nos trabalhos com Paul. Por algum motivo Alice se sentia embaraçada ao falar de Paul a Jake e, mesmo mais tarde, não soube encontrar uma explicação para isso. Não chegou a fazer uma descrição de Paul e só se referia a ele como monsieur Daquin.

Jake escutou com atenção e indisfarçado interesse. Era surpreendente verificar que ele se interessava por arte, tanto que estava visitando um museu. Afinal, obras de arte tinham muito pouco a ver com automóveis ou máquinas voadoras. Só que ele demonstrava entender bem tudo o que ela ia expondo e a conversa foi ficando animada, o que deixou Alice completamente relaxada. Era bom demais voltar a encontrá-lo, não só pela constatação de que ainda estava vivo, mas também porque agora ela sabia que não estava sozinha em Paris. Jake era um amigo, conhecia as pessoas que ela conhecia e não exigiria explicação para tudo. Sabia entendê-la.

— Que tal ir almoçar comigo amanhã? — convidou Alice, num impulso. — Não tenho muito jeito para cozinha, mas há uma boa rotisseria perto do apartamento onde moro. Além disso, posso preparar uma salada.

— Acho uma boa idéia — aceitou Jake.

Só então Alice se lembrou de que morava no primeiro andar de um prédio e se perguntou como ele faria para chegar lá em cima.

— Se consegui escapar da guerra, conseguirei também chegar a seu apartamento! — garantiu Jake, num tom cortante, quando ela tocou no assunto.

No dia seguinte Jake chegou carregando uma garrafa de Nuits-St. Georges, pão e um patê apetitoso acondicionado num pote de vidro decorado.

— Encontrou o endereço com facilidade? — perguntou Alice, ao recebê-lo à porta.

— Sim. Vim de táxi, dirigido por um desses russos malucos.

— Você não precisava ter trazido nada — censurou-o Alice. — Dê-me isso aqui.

Com certo alívio, Jake entregou o que trazia e entrou no apartamento.

— É pequeno demais — ela se desculpou.

— Será que estou bêbado, ou é o assoalho que está dançando? — perguntou Jake, com um sorriso matreiro.

Alice olhou para ele e os dois caíram na gargalhada.

— Oh, Jake, estou tão contente por você estar aqui! — ela confessou, sorrindo. — Estou tão contente por você ter... escapado à guerra. Não me importa se essa foi "a guerra para acabar com todas as guerras". O fato é que ela destruiu praticamente tudo o que tínhamos.

— Vai ser preciso reconstruir tudo — concordou Jake. — Se for possível.

Foi com enorme abatimento que ele pronunciou as últimas palavras. De pé no centro da minúscula sala, os dois ficaram a se fitar, tentando descobrir o que havia mudado e o que havia permanecido como antes. Ambos haviam sobrevivido, mas estavam cheios de cicatrizes. Sim, eles haviam mudado.

Alice achou que Jake parecia agora uma pessoa bem mais agradável, menos arrogante. Também, só Deus sabia os sofrimentos que havia passado.

Jake também fazia sua avaliação e concluiu que ela continuava linda como antes. No entanto, havia amadurecido. Tinha sido uma garota adorável e agora era uma mulher encantadora.

Algum tempo mais tarde os dois se dedicaram à tarefa de pôr a mesa. Jake se deslocava com razoável agilidade pela sala, apesar do assoalho que "dançava". Talvez quisesse dar uma demonstração de que não era inválido. Alice imaginava o quanto aquela atividade lhe causava dor, mas jamais deixaria transparecer sua apreensão. Jake era um homem orgulhoso e se magoaria profundamente.

Finalmente eles sentaram-se à mesa para almoçar, e puderam retomar a conversa. A princípio falaram das pessoas que Jake havia conhecido em Londres. Quando ele perguntou por Gerard, Alice se surpreendeu. Não imaginava que Jake pudesse ter conversado mais longamente com o primo dela, ou que se lembrasse até de Harriet pobrezinha.

— Ela agora é atriz profissional — informou Alice. — Mudou o nome para Glória e está se saindo muito bem. Pelo que sei, está se apresentando numa peça em West End, usando apenas uma malha justa e lantejoulas.

Jake soltou uma risadinha maliciosa.

— E o que aconteceu com aquela garota moreninha, aquela a quem Robbie me apresentou?

— Você deve estar falando de Jennie. Foi para Oxford.

— Ela sempre me olhava como se eu estivesse prestes a fazer alguma coisa terrível — lembrou-se Jake. — Quanto a você, me olhava como se eu já tivesse feito algo assim.

Alice enrubesceu.

— Eu não sabia como reagir, Jake. Você era... diferente.

— Você também — ele observou, calmamente. Perturbada, Alice começou a tamborilar com os dedos sobre a mesa.

— O que aconteceu com você, Jake? Robbie me escreveu dizendo que todos achavam que tinha sido derrubado e morto. Será... será que podemos falar nisso?

— Sim, é claro que podemos falar nisso — respondeu Jake, enigmático, passando a relatar o que havia acontecido em seu último vôo. — Quando percebi que o avião estava caindo, achei que não escaparia com vida. Mas a visão das chamas me encheu de determinação. Eu já tinha visto homens serem consumidos pelo fogo e... Bem, minha única esperança era conseguir aterrisar, desligando o motor, e planar. No entanto, como estava sem os instrumentos, fiz avaliações erradas. Por exemplo, voava a uma altitude menor do que imaginava. Então, vi que me dirigia velozmente para uma colina. Lá embaixo, vi um velho camponês que agitava os braços para mim, freneticamente. Era incrível a nitidez com que eu via aquele homem. Logo em seguida fui me chocar contra a colina e o avião inteiro pareceu desmoronar em cima de mim. A partir daí não lembro mais nada porque desmaiei. Quando acordei, estava numa cama de uma casa estranha.

— Mas como foi que... — tentou falar Alice, mas Jake pareceu não ouvir o que ela dizia.

— O velho camponês que viu o acidente correu para me arrastar para longe antes que os alemães chegassem. Ele também me salvou de ser assado vivo. Mais tarde ele me contou que, pouco depois de me ter tirado das ferragens, o avião inteiro foi envolvido pelas chamas. "Foi lindo, monsieur", disse o velhote. "Parecia uma dessas fogueiras que fazemos nos dias santos, só que enorme!" Não deve ser muito engraçado quando se está no meio do fogo. Bem, ele acabou me levando para a casa de uma condessa, uma pessoa de certo prestígio que vivia nas vizinhanças. Essa mulher era uma verdadeira aristocrata e de um patriotismo incomum. Os alemães a tratavam com cortesia, segundo me disse... e aposto que era isso mesmo o que acontecia! Eles não ousariam dar buscas na casa dela sem um motivo muito forte. A casa ficava num lugar afastado e a criadagem era da mais absoluta confiança. Ali eu estava a salvo. É provável que os alemães tenham se convencido de que o piloto daquele avião havia conseguido escapar na direção dos territórios ocupados pelas tropas aliadas. O problema era que eu estava com um pedaço de metal alojado na bacia, mas por questão de segurança não podia ser levado para um hospital. No dia seguinte ao desastre a condessa mandou chamar um velho médico aposentado que morava no lugar e em quem se podia confiar. O homem fez o que pôde, mas é preciso levar em conta que ele havia se formado em 1866 e não praticava a medicina desde 1898! Por outro lado, havia servido durante a guerra franco-prussiana como cirurgião do Exército francês e odiava lês boches. O velhote se superou para me salvar, inclusive realizando uma improvisada cirurgia em cima da mesa da cozinha da condessa. Como não havia anestésico, fui "anestesiado" com uma garrafa de excelente conhaque providenciada na adega da casa. Depois me disseram que foi uma sorte eu não ter morrido. Sorte, nada! Só não morri por causa da ajuda daquela gente boa.

Jake ficou alguns instantes em silêncio, pensativo. Depois continuou:

— Fiquei meses trancado naquela casa, mas não se passou um só dia sem que temesse ser descoberto.

— Que horror, Jake! Ficar trancado durante tanto tempo, sem saber o que estava acontecendo, sem ter notícias do andamento da guerra... O que você fazia? O que você pensava?

— Pensava muito em você — foi a resposta franca que a desconcertou completamente. Vendo-lhe o embaraço, ele apressou-se em acrescentar: — Também lia um bocado. A condessa tinha muitos livros.

Alice levantou-se e começou a tirar a mesa, recusando a ajuda que ele ofereceu. Não havia mesmo muito o que fazer. Bastava recolher os pratos e levá-los para a cozinha. Quando ela retornou, Jake estava de pé à janela, contemplando a basílica de Sacré-Coeur.

— Aquela igreja foi construída para celebrar o fim de uma -guerra, a guerra franco-prussiana — ele comentou ao vê-la retornar.

Num gesto instintivo, Alice segurou-lhe o braço. Jake voltou-se. Havia uma pergunta nos olhos cinzentos que Alice não conseguiu captar.

— E você, Alice, o que tem feito? O que costuma fazer quando não está pintando ou trabalhando para esse tal Daquin?

Alice abriu um sorriso.

— Bem, tenho andado muito... ou pelo menos andei um bocado durante o verão. Costumo ir às galerias. Há sempre muito o que aprender com os grandes mestres. Jake tomou-lhe as duas mãos e observou os dedos frágeis.

— Não apareceu nenhum homem em sua vida?

— Não! Quer dizer, apenas Daquin, mas ele é meu patrão.

— Ele é casado?

— Parece que é divorciado. — Para deixar bem claro que não tinha nenhum interesse em Paul, Alice acrescentou: — Acho que ele tem algum envolvimento com a secretária... Sempre que eu apareço eles mudam de assunto. Mas brigam demais...

— Só se demonstra tanto ódio por alguém que tanto se amou, não é sempre assim? — ajudou Jake.

— É, acho que sim... — respondeu Alice, olhando-o nos olhos. — Mas... e você?

Jake bateu com a bengala no assoalho de madeira, produzindo um som surdo.

— Eu sou um ex-combatente cheio de cicatrizes — disse apenas, pouco disposto a deixar a conversa seguir aquele rumo. Com dificuldade, desvencilhou-se dela e apanhou o chapéu. — Sinto muito, Alice, preciso ir embora.

— Mas tão cedo? — protestou Alice, recriminando-se por fazê-lo reviver um passado cheio de sofrimentos.

— Obrigado pelo almoço — ele agradeceu.

— Vou descer com você — apressou-se ela, preocupada com o estado precário da escada estreita e sinuosa.

— Não sou um aleijado, Alice. Apenas ando devagar e um pouco sem jeito.

— E qual o problema de eu ir com você?

— Pelo amor de Deus, Alice! — explodiu Jake, num súbito acesso de cólera. — Deixe-me em paz, por favor! Não quero sua ajuda!

— Então vá sozinho! — ela respondeu, no mesmo tom.

Alice ficou escutando enquanto ele descia, o coração apertado de apreensão. Conteve a respiração quando houve uma pausa, porém logo a descida foi retomada.

De repente, o barulho da queda pareceu fazer vibrar todo o velho edifício. Alguém começou a gritar em francês, muito alto, e abriram-se várias portas do andar de baixo. Alice saiu correndo do apartamento e desceu a escada de dois em dois degraus.

Jake estava na metade do segundo lance, apoiado contra a parede, com uma das pernas dobradas à frente do corpo e a outra esticada. Tinha os olhos semicerrados e estava com o rosto contorcido pela dor. A bengala havia rolado sozinha até o último piso.

Toda a família do apartamento embaixo do de Alice havia acorrido para prestar socorro. O homem estava em mangas de camisa e a mulher ainda segurava uma caçarola. No meio dos dois, um garoto de uns sete anos olhava para Jake com curiosidade e espanto.

— Que inferno!... — gemeu Jake, como se assim pudesse exorcizar a dor.

— Rien casse? — quis saber o homem, ajudando Jake a sentar-se num degrau.

— Não... não quebrei nada... — Jake respondeu com dificuldade.

O francês deu de ombros e, acompanhado pela mulher, voltou para casa. Em vez de acompanhá-los, o menino desceu correndo o resto da escada e retornou com a bengala.

— Via, m'sieu! — ele entregou, mas foi Alice quem a apanhou.

— Acho melhor você voltar a meu apartamento para tomar alguma coisa. Não tenho conhaque, mas deve ter sobrado vinho. Posso também fazer um pouco de café. Venha...

Segurou no braço dele, mal contendo o susto pela reação violenta que seu gesto provocou.

— Tire a mão de cima de mim! — gritou ele, afastando bruscamente o braço. — Por que não me deixa em paz, Alice? Sei cuidar de mim sozinho!

Embora pudesse compreendê-lo, as palavras a feriram profundamente. Era triste ver um homem antes tão vigoroso e auto-suficiente naquela situação e doloroso vê-lo transferir sua frustração para ela. Não, decidiu. Não cederia à piedade.

— Chega de criancices, Jake.

A determinação dela impediu qualquer protesto. Ele aceitou o braço que ela estendia, mas deixou escapar o comentário mordaz:

— Daqui a pouco, você vai querer pôr a comida em rainha boca.

Alice respirou fundo.

— Sei que não é fácil, Jake, mas acho que seu orgulho está mais ferido do que seu corpo. Pare com essa bobagem e deixe-me ajudá-lo.

Com muito esforço ela ajudou-o a se pôr de pé e entregou a bengala. Quando tentou levá-lo ao apartamento, Jake reagiu de imediato:

— Para baixo, mocinha!

Alice achou melhor não contrariá-lo. Segurou firmemente no braço dele e, sempre um degrau adiante, foi descendo o último lance.

Já fora do prédio, ela o deixou na calçada e fez menção de se afastar.

— Espere aqui que vou chamar um táxi.

— Vou caminhar até a Place du Tertre! — dispensou Jake, com obstinação.

Alice apertou as mãos e balançou a cabeça, desalentada.

— Oh, Jake! Você não precisa me provar nada! A única coisa que conseguiu mostrar até agora foi que o acidente o deixou birrento e infantil!

Jake ergueu a mão e apertou o ombro dela, com força.

— Escute aqui, Srta. Morrell: agradeço muito por sua ajuda e por sua preocupação, mas não quero nada disso. Também não quero ouvir seus sermões. Se quer saber, aquele nosso encontro no museu foi uma infelicidade do acaso! Você pensava que eu estivesse morto e eu a imaginava casada e feliz com Robbie. Teria sido muito melhor para nós dois se continuássemos assim, a salvo em nossas decepções. Nem imagina o quanto eu gostaria que aquele encontro não tivesse acontecido. Agora, peço sua ajuda em só mais uma coisa: suma de minha vida, desapareça!

Alice não soube o que responder, e não havia mesmo nada que ela pudesse dizer. Apenas ficou de pé na calçada, com os olhos cheios de lágrimas de humilhação e raiva, mas esforçando-se para não chorar. Não, ela não podia nem devia chorar naquele momento.

Jake afastou a mão do ombro dela e acrescentou, agora mais delicado:

— Desculpe, mas têm de ser assim.

Nesse momento um táxi apontou na esquina, trafegando na direção do centro de Paris. Jake estendeu o braço e fez sinal para que ele parasse. Depois de embarcar, olhou para fora e se despediu:

— Adeus, Alice... — foi tudo o que ele disse, antes de partir.

CAPÍTULO VIII

Não era com frequência que os escritórios do Tônico de Saúde Lyndhurst tinham o privilégio de receber uma visita da viúva de seu fundador, mas aquele era um desses dias.

— Ela só vem aqui para criar problemas — observou desalentado um dos funcionários do departamento contábil.

O rapaz disse aquilo enquanto espiava, através da suja vidraça do primeiro andar, a mulher envolta num caríssimo casaco de pele que se preparava para embarcar na limusine. Estava cercada por uma obsequiosa corte de funcionários graduados, "todos se desdobrando em reverências", conforme comentou sarcasticamente o empregado da contabilidade.

Naquele momento, Robbie só pensava em arranjar um jeito de sair do trabalho uns quinze minutos mais cedo. Espantando uma mosca com um envelope, ele perguntou, distraidamente:

— Quem é?

— A Sra. Lyndhurst, a alegre Edith. Está lá embaixo, no jardim, distribuindo charme e ameaças veladas.

Por falta absoluta do que fazer, Robbie levantou-se e foi até a janela, juntar-se ao cínico observador.

— Ora, ora... — ele murmurou.

Girando nos calcanhares, pegou o paletó no espaldar da cadeira e, ante o olhar espantado do colega, saiu do escritório sem dar qualquer explicação.

Antes de chegar ao jardim, parou diante de um espelho para ajeitar os cabelos e endireitar o nó da gravata. Precisava parecer o mais natural possível... Mas será que ela se lembraria?

Os olhos de Edith Lyndhurst se fixaram nele instantaneamente, deixando claro que ela estava se lembrando. Robbie aproximou-se do grupo com atrevimento, o que deixou perplexos os funcionários mais antigos. O rapaz ignorou-os e reservou seu sorriso infantil apenas para a recém-chegada. Edith cochichou uma pergunta a um dos gerentes e Robbie ouviu parte da resposta:

— Harris... Trabalha em nosso departamento contábil.

— Já não nos encontramos antes, Sr. Harris? — perguntou Edith, afável.

Robbie se aproximou, sentindo o coração acelerado. Era como nos velhos tempos, quando ele cortava os céus procurando inimigos para combater. Até que a comparação vinha a calhar, porque também naquele momento qualquer erro poderia ser fatal. Por outro lado, se agisse com tato, abriria para si perspectivas sem limites.

— Já nos encontramos, sim, muito rapidamente. Na verdade foi um encontro casual. Não esperava que a senhora se lembrasse.

— Mas é claro que eu me lembro, e muito bem.

A voz de Edith tinha um tom cristalino, embora sem musicalidade. Não chegava a ser desagradável, mas tinha uma certa dureza e faltava-lhe o calor da espontaneidade. No instante em que ela pareceu hesitar, Robbie prendeu a respiração.

Edith Lyndhurst parecia estar tomando uma decisão de impulso. Abrindo a carteira preta de couro, ela tirou um cartão de visitas e uma caneta de ouro. Rapidamente, escreveu alguma coisa nas costas do cartão e entregou-o ao rapaz.

— Darei um coquetel amanhã à noite e gostaria que você, comparecesse... Se estiver livre, naturalmente.

Robbie não precisou fazer muito esforço para compreender a mensagem contida nas entrelinhas. Ele só devia se apresentar se estivesse livre não apenas na noite seguinte.

— Anotei aí o endereço e a hora — completou a mulher. Robbie pegou o cartão com os dedos levemente trêmulo.

Sem esperar pelo agradecimento, Edith girou o corpo e entrou na limusine. O motorista uniformizado fechou a porta, enquanto lançava a Robbie um rápido olhar.

"Mais um gigolô", pensou. "Ela vai devorar vivo esse pobre-diabo."

Robbie planejou cuidadosamente a hora em que chegaria na festa, não muito tarde para não ser descortês, mas demorando-se o suficiente para que ela ficasse se perguntando se ele iria de fato. A casa, da época da Regência e cuidadosamente conservada, ficava em Chelsea. No exterior predominava o bom gosto clássico; porém, no

interior, a exibição de luxo beirava o mau gosto. Depois de ser recebido à porta pelo mordomo, Robbie foi levado por um criado de libré até o espaçoso salão em que os convidados conversavam numa atmosfera impregnada de álcool e fumaça de cigarro.

Logo que entrou, ele cruzou por alguns instantes o olhar com o da Sra. Lyndhurst. Em seguida, porém, ela dirigiu os olhos novamente para o homem com quem conversava. Robbie sentiu uma onda de triunfo. Estava certo, ela já devia estar um pouco impaciente.

Num gesto distraído, pegou uma taça de champanhe e iniciou uma conversa com uma senhora gorducha, que usava um vestido preto e ostentava um colar de pérolas no busto volumoso. Não demorou muito, sentiu um perfume forte indicando a aproximação de uma mulher.

— Foi muita gentileza ter vindo, capitão Harris — murmurou Edith. — Está sendo bem servido?

Robbie ergueu o drinque pela metade.

— Muito bem, obrigado.

— Espero que os pratos também o agradem — voltou a falar a anfitriã. — Salmão defumado e caviar... se é que Bertie já não comeu tudo... — Ela disse aquilo lançando um olhar na direção do homem com quem estivera conversando. — Ah... como é guloso!

"Pobre Bertie", pensou Robbie, divertido.

Edith não voltou a lhe falar durante a festa, mas Robbie não se surpreendeu quando, pelo final e já com muitas pessoas se retirando, ela murmurou, de passagem:

— Fique, por favor, se não tiver outro compromisso. Convidei apenas alguns amigos para o jantar.

O "jantar" consistiu de um cardápio caríssimo, que dificilmente um salário mensal de Robbie conseguiria pagar. No entanto, ele sabia que papel estava desempenhando ali. Depois que todos os outros partiram, Edith caminhou até a lareira de mármore, onde se deixou ficar por alguns instantes, de costas para ele. Os cabelos cintados eram cuidadosamente ondulados. A pele era perfeita, sem dúvida resultado de um tratamento regular executado por mãos profissionais e competentes.

— O que é feito da jovem dos cabelos de fogo? — ela perguntou, casualmente, enquanto tirava de uma cigarreira prateada um cigarro russo envolto em papel preto, que pôs numa piteira.

— Nós rompemos — respondeu Robbie, levantando-se para acender o cigarro dela e percebendo o mal dissimulado sorriso de Edith. "Sua raposa...", ele pensou, mas sem sentir rancor. — Foi muita gentileza sua me convidar para esta noite. Gostaria de poder lhe demonstrar melhor minha gratidão.

Os olhos de Edith, emoldurados por cílios compridos, brilharam intensamente na direção do rapaz.

— Bem, talvez isso seja possível — ela disse, sorrindo, enquanto soltava no ar a fumaça do aromático tabaco. — Espere aqui uns minutinhos.

Edith não seria tola a ponto de deixar que um amante a visse se despindo. Os esteticistas a quem ela recorria eram competentíssimos, mas não seriam capazes de restaurar no corpo dela a elasticidade que só a juventude proporciona. Robbie só voltaria a vê-la quando já estivesse vestida na camisola de cetim branco.

Enquanto esperava, ele se serviu de outro drinque, já se sentindo à vontade naquela casa esplendidamente vulgar. Sabia perfeitamente por que tinha sido convidado, mas isso não o aborrecia. Era algo que sabia fazer muito bem... é até que faria de bom grado, porque desejava aquela mulher.

Muito previsivelmente, no quarto havia uma profusão de acortinados e almofadas com forro de cetim plissado, além de quebra-luzes franjados, recipientes para cosméticos de cristal lapidado e estatuetas em porcelana de garotas de pernas compridas que seguravam vistosos cães pela correia. Significativamente, havia no quarto apenas um pequeno espelho, e mesmo assim por cima da penteadeira.

— Foi um francês que projetou tudo nesta casa — confidenciou Edith, de forma inesperada. — Veio de Paris e se autodenominava projetista de interiores. Ele era... muito bom.

— Eu também sou muito bom — murmurou Robbie ao ouvido dela.

Edith ficou agradavelmente surpresa com o ardor demonstrado pelo rapaz. Já tivera outros amantes jovens, mas nenhum como aquele, que parecia desejá-la de fato.

Algum tempo mais tarde, com o cotovelo apoiado no travesseiro macio, ela ficou contemplando o corpo nu de Robbie.

— Sabe de uma coisa? Algumas pessoas diriam que sou velha demais para você.

Ela disse aquilo acariciando a testa do rapaz com dedos de bem tratadas unhas.

— Pois estariam erradas, porque você me excita — declarou Robbie, e eles riram com cumplicidade.

Robbie não mentia. Tudo naquela mulher e na casa dela exalava dinheiro e poder. E não havia nada que lhe agradasse mais.

Um sorriso matreiro brincou nos lábios de Edith, que provavelmente intuía o fascínio do rapaz.

— Sabe de uma coisa, meu menino bonito? Posso fazê-lo muito feliz.

— Você já me fez muito feliz — murmurou Robbie.

— Não foi isso o que eu quis dizer, e você sabe muito bem. O que pode significar apenas uma noite entre os lençóis de uma cama, por mais deliciosa que tenha sido? Por outro lado, você estava certo quando disse que era bom. É mesmo muito bom. Eu... eu tenho uma porção de amigos, mas às vezes me sinto sozinha.

Robbie cobriu a mão dela com a sua. Sentindo uma nova onda de desejo, guiou a mão da amante até a região genital, para que ela se encarregasse de apressar a ereção.

— Mas posso também fazê-lo sentir-se um desgraçado — murmurou Edith. — Está disposto a correr o risco?

Robbie rolou sobre ela, sorrindo.

— Estou.

— Tolinho...

Uma semana se passou antes que Alice recebesse notícia de Jake. Finalmente, chegou uma carta. Não era bem uma carta, mas apenas um bilhete. Laconicamente, dizia:

"Comprei um quadro e gostaria de ouvir sua opinião. Por favor, venha".

— Ah, quem pode compreender Jake Sherwood?! — exclamou Alice, sentindo-se invadida por uma onda de felicidade.

Embora fosse breve e concisa, a mensagem demonstrava a disposição de Jake de reatar os laços de amizade.

O apartamento dele ficava numa discreta área residencial, numa avenida larga de sólidos edifícios do século XIX. Localizava-se no primeiro andar, mas o prédio dispunha de elevador. Ali não precisava subir ou descer escadas curvas e traiçoeiras. A porta foi aberta por uma mulher idosa e corpulenta que envergava roupa escura. Enquanto era conduzida para a sala de visitas, Alice surpreendeu-se ao ouvir música. Alguém estava tocando piano, e muito bem.

— C'est monsieur... — informou a francesa, imperturbável, em resposta à pergunta muda da visitante.

Quando a mulher estendeu a mão para abrir a porta, Alice a deteve:

— Não, espere! Eu mesma me farei anunciar.

A governanta se afastou, imperturbável. Bem devagar e silenciosamente, Alice girou o trinco e abriu a porta.

A sala era ampla, arejada e bem iluminada. O mobiliário do início do século XIX, de excelente qualidade, adequava-se perfeitamente à arquitetura do prédio. Eram peças criadas há muito tempo por habilidosos artesãos e que Jake, como filho de um carpinteiro

e ele mesmo projetista, certamente sabia apreciar. Grandes janelas davam para uma varanda e o piano de cauda ficava a um canto da sala, refletindo o sol de outono.

Sentado diante do teclado, Jake tocava para seu próprio prazer. Movia os dedos com leveza e segurança, extraindo da melodia um misto de ternura e paixão.

Quando ele terminou, Alice aproximou-se e encostou o braço em cima do piano.

— Que lindo, Jake! Eu nunca imaginei que tivesse afinidade com a música. Você toca muito bem!

— Jamais imaginou que eu pudesse tocar o mais rudimentar dos instrumentos, não é isso? — interpretou Jake, com secura. — Vi muito bem sua perplexidade.

— Jake, não é isso! Apenas fiquei surpresa. Como você nunca falou nada sobre isso, eu pensei que...

— Pensou Srta. Morrell, que eu era um caipira ignorante do outro lado do mundo.

— Sem dúvida, às vezes dá mesmo essa impressão! Jake baixou a cabeça, fugindo àquele ataque. Cuidadosamente, fechou a tampa sobre o teclado do piano.

— Quando lhe mandei o bilhete, imaginei que não viesse.

— Talvez tivesse sido melhor. Você foi rude, grosseiro. Ou estou sendo injusta?

— Não.

O arrependimento de Jake transparecia em seu rosto, mas ele não o traduziu em palavras.

Como podia duvidar que ela viesse a seu encontro? Na verdade, concluiu Alice, Jake sequer desconfiava de seus sentimentos. Porém só um amor intenso justificava sua compreensão, a capacidade de superar as sucessivas mágoas que ele lhe infligia para tentar uma aproximação.

Ela tirou o chapéu e, sem a menor cerimônia, colocou-o sobre o piano.

— Bem, onde está o fantástico quadro? Jake sorriu, aliviado.

— Está ali na parede. Não é o único, porque comprei vários. Só que esse me impressionou em particular.

Depois de pegar a bengala, ele apoiou-se no piano com a outra mão e finalmente se pôs de pé. Alice virou o rosto, como se estivesse indiferente àquele esforço.

— Você se recuperou bem depois daquela queda? — ela perguntou, em tom casual.

— Estou ótimo. Tudo o que me restou foram alguns hematomas num lugar que, minha cara jovem, você não vai poder olhar.

Passando por ela, Jake coxeou até o outro canto da sala e pegou uma tela desajeitadamente embrulhada num papel marrom.

— Espero que não seja o nu de alguma Vênus gorda, rosada e lasciva, pintado por algum seguidor de Boucher.

Jake mostrou-se ofendido.

— Não, é claro que não. Não costumo andar por aí comprando quadros indecorosos. Este aqui foi pintado por Renoir.

— Renoir?! — ela repetiu, incrédula. — Então você comprou um Renoir, assim sem mais nem menos?

— Não foi "sem mais nem menos". Eu pedi a um marchand que ficasse atento e me avisasse quando aparecesse uma tela que valesse a pena. Naturalmente, não é uma das obras-primas de Renoir. Trata-se de um quadro pintado há poucos anos, quando ele já estava velho e não tinha mais tanta firmeza nas mãos. Comprei também vários outros quadros, de pintores modernos. Como ninguém os quer eles atualmente, custam pouco. Portanto, comprei-os em boa hora... Mas você verá como eles subirão de preço quando as pessoas perceberem seu verdadeiro valor artístico.

— Você fala mais como um investidor do que como um amante da arte — observou Alice, mesmo sabendo que não estava sendo muito justa.

— Por que não ser as duas coisas? Por que os ingleses são tão esnobes em relação ao sucesso nos negócios?

— Não sei — respondeu Alice, rindo. — Deve ser reflexo dos princípios vigentes no século passado. Um cavalheiro não devia jamais "sujar" as mãos no comércio.

— Só que eles sujaram as mãos numa porção de outras coisas.

A essa altura ele já havia desembrulhado o quadro, que pôs numa cadeira. Era uma tela pequena, retratando uma menina de vestido azul segurando um buquê de papoulas silvestres. O colorido das flores contrastava fortemente com os tons azuis, cinzentos e verdes do fundo e com o vestido da menina, ao mesmo tempo que refletia nos cabelos dela.

— O talento do velho artista foi prejudicado pela inutilidade das mãos — observou Jake. — Ele pintou esse quadro com o pincel amarrado aos dedos. Mesmo assim, ainda tinha muita genialidade e precisava deixá-la registrada na tela, de uma forma ou de outra, não importava o que isso custasse. Acho que posso entendê-lo. Gosto desse quadro mais do que das primeiras obras de Renoir, pintadas quando ele tinha pleno controle dos movimentos e podia realizar com perfeição tudo o que planejava.

— Eu também gosto — disse Alice, devagar. — Mas talvez o quadro tenha para mim um significado diferente do que para você.

— Tem muitos significados para mim — declarou Jake, com os olhos fixos na tela. — As papoulas nas mãos da menina, por exemplo... As papoulas cresciam em abundância nos campos de batalha. Do alto, víamos extensões enormes de campos vermelhos, o que me lembrava a antiga lenda dos dentes do dragão. Você deve se lembrar, Jasão e os Argonautas... Os reis inimigos de Jasão semeavam a terra com dentes de dragão e de cada um desses dentes brotava um guerreiro. A impressão que eu tinha era de que cada uma daquelas papoulas brotava do corpo de um soldado tombado... — Jake tocou levemente a tela, passando as costas dos dedos nos cabelos de fogo da menina. — E os cabelos... me fazem lembrar de você.

O coração de Alice disparou. Incapaz de fazer qualquer comentário, deixou que ele a observasse. Mechas avermelhadas circundavam suas faces, levemente enrubescidas pelo ar frio. Jake estava diante da mais pura representação das cores do outono, tudo o que um artista poderia querer retratar. Vermelho, castanho, rosa acobreado e o verde intenso dos olhos.

— Meu Deus... — ele murmurou. — Você é tão linda que chega a me emocionar...

Em seguida, abraçou-a com força e pressionou os lábios contra os dela, num beijo desesperado.

Alice sentiu-se transportada para um outro mundo. Desejava Jake com loucura, como nunca havia desejado um homem. Enlaçando-lhe o pescoço, queria trazê-lo para mais perto de si, queria sentir o calor daquele corpo querido, transmitir a sensualidade que afluía com força.

Mas o encantamento se desfez diante da reação inesperada de Jake. Depois de murmurar algo ininteligível, afastou-a sem muita gentileza.

— Chega, Alice!

— Não estou fazendo um jogo, Jake — declarou Alice, com veemência, achando que ele podia estar duvidando da sinceridade de seu comportamento. — Eu não estava fingindo... Não saberia fingir mesmo que fosse para impedi-lo de me possuir. Se... se é isso o que você quer, é também o que eu quero.

Quando ela tentou abraçá-lo novamente, Jake agarrou-a com força pelos pulsos e empurrou-a para trás, quase fazendo-a cair no chão.

— Já disse que chega, Alice! Não é isso o que eu quero! Alice arregalou os olhos para ele.

— Mas você disse...

— Eu disse que você é linda, e não estava mentindo. Não disse que queria começar um caso com você!

Alice sentiu as faces em brasa.

— E por que não?

Parecendo mais transtornado do que enraivecido, Jake virou-se de costas.

— Ouça, Alice: se e quando eu quiser levá-la para a cama, direi isso muito claramente. Não preciso de nenhum convite."

— Eu não fiz um convite! — explodiu Alice, furiosa.

— Ah, não? E onde foi que aprendeu a se comportar desse jeito? Aqui em Paris... ou será que as coisas na Inglaterra mudaram depois de minha partida? O que aconteceu com aquela juvenzinha respeitável que se orgulhava tanto de não ter ido ao quarto de Robbie, mesmo quando era noiva dele?

— Como é que você, justamente você, tem coragem de me falar desse jeito? Lembre-se de que, naquela ocasião, ofereceu-se para tomar o lugar de Robbie, e nem me conhecia direito! Como ousa agora me criticar? Você, seu moralista, preconceituoso, grosseiro... — Por alguns instantes Alice ficou sem palavras, mas logo as recuperou. — Então é isso o que pensa de mim? Acha que ando por aí me jogando nos braços dos homens? Bem, não é isso o que tenho feito. Nunca fiz... e não vou começar agora, menos ainda com você! Adeus!

Alice pegou a bolsa, que havia deixado sobre uma cadeira, e se retirou. Ainda o ouviu chamá-la pelo nome, mas não deu atenção. Aquele miserável... E pensar no quanto tinha sido tola! Interpretar um beijo como uma demonstração de que ele realmente a desejava... Pior ainda, havia deixado claro que ela o desejava num instante de irreflexão que lamentaria pelo resto da vida.

Alice voltou para casa jurando que nunca mais voltaria a vê-lo, nunca mais falaria com ele, nunca mais!

Na verdade, o "nunca mais" durou apenas uma semana. Paul Daquin estava com um novo projeto em andamento e pediu a ajuda de Alice, o que significava trabalhar nos absurdos horários de Paul. Uma noite, depois de ficar até tarde no estúdio, ela comeu uma omelete rápida num pequeno café e finalmente seguiu para Montmartre. Fazia frio e as luzes da rua tremulavam na névoa. A chuva que caía durante o dia havia molhado os ladrilhos da calçada. Era preciso coragem para sair numa noite tão sombria. Apesar disso, as mulheres da rua continuavam em seus postos. Algumas delas já conheciam Alice e até a cumprimentavam com um polido Bonsoir, madame.

Depois de subir a escada e abrir a porta do apartamento, Alice descobriu, surpresa, que a luz estava acesa. Espichado no pequeno sofá e sem paletó, Jake cochilava. Devia estar ali há algum tempo e sem dúvida andara pela cozinha, porque sobre a mesa via-se uma garrafa de vinho pela metade. O paletó estava pendurado no encosto de uma cadeira.

Alice pegou a garrafa de vinho e o copo sujo e levou-os para a pia. Depois, retornou à sala e ficou contemplando o inesperado visitante. Estava satisfeita. Jake devia ter concluído que, depois da última discussão, ela não iria procurá-lo. Por isso, resolvera tomar a iniciativa de procurá-la.

Logo, porém, aquela sensação de vitória foi substituída pela frustração. O homem seguro e forte que ela havia conhecido na época da guerra, e que a fizera ver um novo horizonte, era agora solitário e amargurado. Mesmo cochilando ele parecia cansado, com marcas visíveis de uma dor constante.

Esforçando-se para não ceder à condescendência, Alice deu dois passos e bateu no ombro dele.

— Como entrou aqui? — ela inquiriu quando ele abriu os olhos.

— A zeladora abriu a porta para mim.

— Ela não tinha esse direito!

— Deve ter sido porque viu que eu sou um... mutilado de guerra. A coitada perdeu dois irmãos na guerra, você sabia?

— Não, eu não sabia — admitiu Alice, espantada. — Bem, ela agiu como achou melhor. Mesmo assim, isso não explica sua presença aqui.

Jake olhou em volta, como se sentisse falta de alguma coisa.

— Onde está o resto do vinho?

— Meu vinho está em minha cozinha e você está sentado em meu sofá. Veja também que ainda estou aqui, esperando uma explicação. Por que estava cochilando aí?

— Ora, porque vim andando desde Pigalle e tive que subir aquela maldita escada. Isso quase me matou. Quando cheguei aqui, estava cansadíssimo e acabei adormecendo enquanto esperava por você.

Diante da explicação, a raiva de Alice evaporou.

— Fiquei trabalhando até tarde com Daquin, que arranhou um novo cliente. Mas, por Deus, por que não tomou um táxi? Fique aí que vou preparar um pouco de café.

De volta à cozinha, ela abriu o armário e pegou duas xícaras. Jake apareceu à porta, tentando vestir sozinho o paletó, mas Alice ignorou o esforço que ele fazia. Resoluta, concentrou-se na tarefa de fazer o café. Com o canto do olho, porém, viu quando ele ajeitou o nó da gravata e passou a mão pelos cabelos, querendo parecer mais apresentável.

— Imagino que tenha vindo aqui pedir desculpas, capitão Sherwood — disse Alice, pausadamente.

— Sim, se é isso o que você quer.

A resposta não a satisfez. Ao contrário.

— O que eu quero? Você é que deveria tomar a iniciativa! Será que não tem educação? Não, não quero ouvir suas desculpas!

— Por que não se decide?

Alice caminhou para a sala, carregando a bandeja, e ele a seguiu. Como havia deixado a bengala no sofá, ia se apoiando nos móveis, o que a deixou de coração partido. Mesmo assim, ela evitou olhar na direção dele.

— Por que não tomou um táxi? — ela voltou a perguntar, enquanto punha a bandeja sobre a mesa.

Jake afundou no sofá, com um suspiro de alívio.

— Eu fui de táxi até Pigalle. Depois, vim andando. Estava demorando muito a passar um táxi e eu tinha pressa de chegar aqui. Imaginava que você bateria a porta na minha cara, mas quando cheguei o apartamento estava fechado.

— Eu deveria mesmo ter posto você para fora. — Alice tentou parecer zangada, mas falhou completamente. Seus olhos estavam carregados de ternura.

— Alice...

Jake desviou o rosto, fugindo ao olhar dela, e aceitou o café. A xícara tremeu no pires, derramando parte do líquido.

— Eu não devia ter falado com você daquele jeito. Não fui justo e eu não queria dizer o que disse. — Fez uma pausa, como se escolhesse cuidadosamente as palavras. — Seja como for, não quis dizer o que você entendeu.

— Nesse caso, não deveria ter dito — replicou Alice, ressentida. — Você agiu como se eu fosse uma mulher qualquer, uma prostituta. Um leve sorriso desenhou-se no rosto de Jake.

— Seria impossível você se parecer com uma delas, Alice. Ouça: o que aconteceu foi por minha culpa exclusiva. Eu a beijei, o que não devia ter feito, e você acabou interpretando mal.

— Sim, eu interpretei mal — Alice suspirou. — Achei que você estava sendo sincero, imaginei que sentia o que eu estava sentindo.

— O que senti naquele momento não importa. Importa é o que você sentiu. — Depois de hesitar por alguns instantes, ele pôs de lado o café sem ter tomado um só gole. — Não

imaginava que você pudesse me dedicar algum sentimento e... Há uma coisa que preciso lhe falar, Alice.

— O quê? Que no amor o homem é que sempre deve tomar a iniciativa? Que não é decente uma moça de família como eu pensar nessas coisas? Que as mulheres não sentem... que elas não sentem nada, não é isso?

— Não, não é isso! Quem sentiria prazer em fazer amor com uma estátua? A questão, Alice, é que não adianta nada você me querer. Está perdendo seu tempo. Eu sou apenas uma carapaça sem nada por dentro.

— Conversa! Diga de uma vez que não sente atração por mim. E não venha se queixar por não estar na plenitude de sua forma física. Tem a bacia afetada, é verdade, o que deve causar dor e desconforto, mas não é um inválido e isso não faz diferença nenhuma para mim, nenhuma! Meu Deus! Esta noite você subiu sozinho aquela escada, depois de ter andado de Pigalle até aqui! Se quisesse me levar para a cama, nada...

— Nada me impediria? — completou Jake, quando ela deixou a frase no ar. — Está certo que a caminhada e a escada não fariam muita diferença, mas existe outra coisa que me impede. — Subitamente, ele jogou o corpo para a frente e agarrou-a pelos ombros, passando a sacudi-la com violência.

— Eu não posso, Alice! Compreenda, por favor! Estou tentando lhe dizer, mas parece que você não quer entender. O que determina meu comportamento, não é o desejo de proteger sua reputação ou a minha. Também não me preocupa se, agora, sou obrigado a andar apoiado numa bengala. Não é nada disso, droga! Estou lhe dizendo a verdade pura e simples... Eu não posso... não posso mais...

As palavras dele sumiram no ar e o apartamento ficou no mais absoluto silêncio. Um silêncio cheio de frustração e agonia. Ô que pior poderia haver do que um homem tão belo e antes tão cheio de vida ver-se subitamente privado de sua masculinidade?

Alice ficou paralisada, incapaz de pronunciar uma única palavra. Nem remotamente havia pensado naquela possibilidade. Depois de um tempo que seria impossível precisar, ela engoliu em seco e limpou a garganta.

— Foi... por causa da queda do avião? Os ferimentos... Jake balançou a cabeça e passou a mão pela testa, molhada de suor.

— Não — ele resmungou. — Não, foi... Mas que importância isso tem para você?

— É claro que tem importância para mim! — garantiu Alice, muito pálida.

Agora era possível sentir a profundidade do amor que sentia por aquele homem, um amor de que só muito recentemente ela tomara consciência. Jake havia reaparecido quase como um estranho, mas ao mesmo tempo era alguém que ela conhecia muito bem. Não poderia permitir que ele saísse outra vez de sua vida. Precisavam um do outro, em igual medida.

Jake estava ferido, solitário e cheio de ódio por si próprio e pelo resto do mundo. Estava trancado numa prisão e, sem ela, jamais conseguiria vencer aquelas grades. Enquanto ele estivesse naquela prisão, Alice também se sentiria prisioneira.

Depois de alguns instantes, ela tentou falar no tom mais prático possível:

— Você procurou ajuda médica, Jake? O problema pode ser apenas físico.

— Não! — respondeu Jake, com os olhos fixos num ponto indefinido. — Eu estou inteiro, se é isso o que quer saber. Os médicos dizem que o problema é psicológico. Trata-se de um novo termo médico que eles empregam para explicar o que não conseguem entender. Bem, eles sempre encontram desculpas... a exaustão, o choque, a tensão... "Foi a guerra, capitão Sherwood, o desastre aéreo..." E dizem isso com tanta delicadeza! Alguns chegaram a me garantir que o tempo resolverá tudo, só que já se passou uma porção de tempo e nem as dores desapareceram! Estou com trinta e seis anos, Alice, e sou impotente... Impotente, sim! É exatamente essa a palavra! As pessoas fazem piadas sobre o assunto, mas não tem graça nenhuma quando se vive o problema. É como se eu não existisse mais.

— Pare com isso, Jake! — ordenou Alice, enchendo-se de coragem. — Você tem que acreditar nos médicos! Tem que acreditar que tudo voltará ao normal!

Ela sabia que estava apenas gritando palavras ao vento. Aquela era uma desgraça que todos os homens temiam e, de todos os homens, Jake era um dos menos capazes para enfrentá-la. Alice se lembrava bem de quando ele havia visitado Londres, durante a guerra... Era brilhante, determinado, autoconfiante, bem-sucedido. Era um homem que gostava de voar, de carros potentes e rápidos e da companhia de mulheres frívolas. Alice se lembrava, por exemplo, de Tilly.

Mesmo assim, aquele não era o momento para censura.

— Ouça, Jake, eu sinto muito e posso entender sua irritação...

Com os olhos fuzilando, Jake a interrompeu:

— A última coisa que quero ou preciso é que sintam pena de mim. E de você é que eu menos espero isso.

Outra vez ele afundou no sofá. Parecia exausto e tinha as feições contraídas pela emoção. Alice sentiu um terrível desespero por não poder ajudá-lo. Com uma experiência praticamente nula em sexo, como poderia auxiliá-lo num momento como aquele?

Sentando-se por alguns instantes, ela procurou pôr os pensamentos em ordem, tentando entender o que aquela desgraça significava para ele, o que havia significado no instante da descoberta. Como teria ele se dado conta da impotência? Teria sido em algum encontro malsucedido e humilhante com alguma garota igual a Tilly?

Como não se permitia externar tal indiscrição, Alice tentou levar a conversa em outra direção:

— Quando veio para a Europa, você... deixou alguma garota no Canadá?

Era a primeira vez que ela tocava naquele assunto, simplesmente porque não pensara nele antes. Agora, porém, achava que talvez Jake se demorava na Europa por não saber como falar a uma possível namorada sobre o problema.

— Saí do Canadá para ir trabalhar nos Estados Unidos — disse Jake, apático. — Eu... bem... acho que aproveitei bem a mocidade, mas nunca tive tempo para nada além disso. Sentia pelo trabalho o mesmo que algumas pessoas sentem pela bebida... era dependente, viciado. Hoje acho até uma estupidez, mas quando eu estava trabalhando não pensava em mais nada. É ruim quando se chega a esse ponto. — Fazendo uma pausa, ele olhou para Alice. — Você se incomoda que eu acenda um cigarro?

— Não, é claro que não. Espere um pouco.

Alice levantou-se e foi buscar o maço de cigarros que ele havia deixado sobre a mesa. Depois de acender um deles, Jake pareceu mais relaxado.

— Portanto, respondendo a sua pergunta, não deixei nenhuma garota no Canadá, ninguém em particular. Imagino que todas as garotas que conheci já devem estar casadas. O mesmo deve ter acontecido com a maioria dos homens de minha idade. A essa altura, porém, não faria sentido eu voltar para me casar, não acha? Bem, nunca tive mesmo muita inclinação para o casamento...

Jake bateu a cinza do cigarro, com os olhos fixos no cinzeiro.

— Bem que eu gostaria de voltar ao Canadá. Houve época em que tinha planos... Mas não posso ir desse jeito. — Dizendo isso, ele olhou para a bengala, encostada no sofá. — O retorno do veterano de guerra! — declamou Jake, como se lesse a manchete de um jornal. — Rapaz da cidade retorna da guerra, apoiado numa bengala... Está incapacitado para quase todo tipo de trabalho... e evidentemente não serve para nenhuma mulher!

— Pare com isso, Jake! — repreendeu-o Alice. Jake encarou-a, teimoso.

— Por quê? O que estou dizendo é a pura verdade, e você sabe disso. Além dos médicos, é a única pessoa que sabe. — Dando de ombros, ele acrescentou, num tom mais calmo: — Desculpe se não posso satisfazê-la, Alice. Teria gostado muito, honestamente.

Alice cor ou fortemente.

— Pare com isso, por favor! — ela pediu, furiosa, detestando o tom em que ele falava.

— Mas o que devo fazer? Continuar tentando para fracassar sempre? Você faz alguma idéia do que isso representa? Não, você não pode...

Alice levantou-se e passou a andar de um lado para o outro, nervosamente. Precisava saber o que fazer e o que dizer. O mínimo erro que cometesse poderia ser fatal.

Finalmente, num tom de voz que pareceu excessivamente calmo, ela se pronunciou:

— Um relacionamento entre um homem e uma mulher inclui outras coisas além de sexo.

— Que coisas? — perguntou Jake, com sarcasmo.

— A amizade, o conforto, o prazer de uma companhia compreensiva, poder conversar sobre assuntos que interessem a ambos, partilhar interesses. É muito bom ter alguém que... alguém que goste de você. — Alice estava começando a gaguejar, mas achou que devia persistir naquela linha. — O sexo não é tudo. Quando eu nasci, o casamento de meus pais terminou no que se refere a isso. Eu fui o que se chama de "parto difícil".

Minha mãe quase morreu e os médicos a proibiram de ter mais filhos. Depois disso meus pais viajaram um bocado, separados. Não se relacionavam sexualmente, mas continuavam amigos. Ainda gostavam um do outro, embora não gostassem muito de mim. Acho que me culpavam. Costumavam escrever longas cartas um para o outro. Não sei o que meu pai fazia para se satisfazer sexualmente... Provavelmente procurava outras mulheres. Mas não consigo imaginá-lo mantendo uma amante fixa. Não, não era desse tipo de homem... Prova disso é que nunca houve nem sombra de um escândalo. Minha tia Ethel sempre disse que meus pais tinham um "casamento perfeito", e acreditava mesmo nisso. Num certo sentido, foi realmente um casamento perfeito, porque havia amizade entre eles, respeito mútuo. Jamais brigavam. De uma forma ou de outra, foi um casamento que... deu certo. Conheci outros casais bem mais infelizes.

— Se eu tivesse um casamento assim, meus miolos estourariam — disse Jake, revoltado. — A mesma coisa aconteceria com você, Alice. Portanto, não me venha mais com essa asneira de castidade, amizade platônica. Está certo, seus pais eram amigos, não brigavam, não discutiam... E daí? Eles não tinham mesmo motivos para brigar! Isso não é gostar de uma pessoa! É simplesmente desistir, aceitar o fracasso e se esforçar para não torná-lo pior. É bem provável que eles preferissem ter uma briga daquelas para depois irem fazer as pazes na cama. Já pensou nisso? É na cama que tudo se resolve. Não importa se houve palavras duras e alguns pratos quebrados. É até bom, para esquentar o sangue.

Alice não soube o que dizer e ficou olhando para as próprias mãos, com ar de desalento.

— Sou como uma máquina que não funciona mais — comparou-se Jake, falando devagar. — Uma máquina pode ser a mais cara do mundo, mas, se não trabalha, vira sucata. Quando eu era mais jovem, trabalhei em armazéns ao lado de rutenos... Chamávamos de rutenos os oriundos da Europa oriental, não importa de que países viessem. Bem, aquilo, sim, era um mundo de homens, em que não se podia fraquejar.

A cada dia era preciso provar que se era capaz de permanecer no meio deles, fosse bebendo, brigando ou dormindo com prostitutas. Acho que... uma coisa como... como a que aconteceu comigo seria inconcebível para eles. E é inconcebível, até que acontece. Você pensava que eu estava morto até me encontrar no Louvre, naquela tarde. Disse que ficou contentíssima por saber que eu estava vivo. Só que eu não estou contente por estar vivo! Isso não é viver. Antes é que você estava certa, Alice. Pensou que eu estivesse morto, e estou morto!

CAPÍTULO IX

Quando acordou na manhã seguinte, Alice lembrou-se de que tinha um encontro marcado com Paul para as nove horas, no estúdio. Sentando-se na cama, ela se espreguiçou, antes de abraçar as pernas e apoiar o queixo nos joelhos. Ir trabalhar, fazer o projeto de mais um banheiro espalhafatoso para algum cliente endinheirado de Paul parecia uma coisa absolutamente sem sentido se comparada ao que ela ouvira de Jake na noite anterior. Só que Jake provavelmente diria que o problema era dele, não dela.

Olhando para o despertador, Alice constatou que havia se esquecido de ligar o botão do alarme, antes de se deitar. Os ponteiros marcavam oito e vinte.

— Ah, não... — ela resmungou, descendo da cama e despindo o pijama de seda.

Depois de lavar o rosto e pentear os cabelos, pegou no armário o primeiro vestido em que pôs a mão. Minutos mais tarde, desceu correndo a escada e dirigiu-se para o centro de Paris, certa de que chegaria atrasada e lamentando morar tão longe.

Havia, naturalmente, a chance não pouco provável de que Paul também se atrasasse, o que a faria chegar antes dele. Se Paul houvesse ido a alguma festa na noite anterior, o que acontecia com frequência, dificilmente apareceria antes das onze, mesmo que isso significasse deixar várias pessoas esperando. Alice sempre se perguntava como ele conseguia manter os clientes, que podiam muito bem recorrer a outro profissional.

A resposta era simples. Quando finalmente aparecia, Paul sabia envolver a todos com seu charme.

— Minha cara madame... — ele dizia, inclinando-se com elegância para beijar a mão cheia de anéis da cliente. — Eu dormi demais... A senhora entende...

Um sorriso travesso, um brilho nos olhos negros, a mão passando nos cabelos crespos, e a cliente invariavelmente sucumbia, rindo e apontando o dedo para o tratante.

— O senhor é um velhaco, monsieur Daquin!

Com um homem ele aplicava a mesma conversa, mas num tom bem diferente:

— Meu caro conde, suplico seu perdão. Dormi demais. O senhor... compreende, naturalmente.

O tom de conspiração que ele punha na voz, a sutil referência a uma noitada de prazeres, e o cliente imediatamente se sentia cúmplice daquele mundano charmoso.

— Naturalmente, amigo velho, naturalmente! Não precisa dar explicações...

O carro de Paul, um enorme Hispano-Suiza vermelho, não estava parado no lugar de costume. Alice respirou aliviada e retardou o passo, recobrando fôlego para subir a escada até o primeiro andar, onde ficava o estúdio.

Ninguém aguardava na sala de espera. Alice empurrou a porta e entrou no estúdio. Não havia ninguém ali além da secretária, Juliette, que estava curvada sobre a mesa de trabalho, abraçando o próprio corpo. Vestia um casaco preto bordado com contas e os braços compridos pareciam as pernas de uma aranha. Era como se ela quisesse se devorar. Os olhos, arregalados e com as pupilas dilatadas, fixaram-se em Alice, mas pareciam não ver nada. Juliette balançava o corpo para a frente e para trás, gemendo alguma coisa.

Alice soltou a pasta que levava e o material de trabalho espalhou-se pelo chão.

— Juliette? O que aconteceu? Você está doente? Juliette franziu a testa ao ouvir a voz de Alice. Finalmente, os lábios pintados em forma de coração abriram-se para sussurrar:

— Aquele salaud, aquele desgraçado, aquele porco imundo!

— Paul? — perguntou Alice, certa de que só podia ser do patrão que Juliette falava com tanto ódio.

— Ele me prometeu... — resmungou a moça, parecendo tentar focalizar a imagem de Alice com os olhos muito abertos. — Não deixe que ele entre em sua vida, Alice. Não o deixe nem chegar perto! — Saindo de onde estava, ela agarrou a outra pelo braço. — Você precisa fugir daqui, Alice, imediatamente!

— Mas do que é que você está falando? — perguntou Alice, assustada com o tom de voz da francesa.

Por um instante Juliette pareceu que ia começar a chorar, mas logo em seguida ela voltou a se sentar por trás da escrivaninha. Num gesto tão inesperado quanto violento, pegou o vidro de tinta e jogou-o para longe. O tinteiro espatifou-se contra a parede oposta, produzindo uma mancha azul que escorreu até o chão.

— Ele me prometeu! — gritou a francesa.

Antes que Alice tomasse qualquer atitude, Juliette mudou de ânimo. Começou a rir baixinho, aparentemente sem motivo. Alice se arrepiou.

Nesse momento ouviu-se uma voz masculina praguejando baixo. Alice voltou-se e viu Daquin, que acabava de chegar. O rosto bronzeado estava duro e impiedoso. O mau humor intensificou-se quando ele pôs os olhos em Juliette.

— Paul! — exclamou Alice, desesperada. — Ela está doente! O que devo fazer?

Paul fez uma careta.

— Essa ordinária não está doente.

— Acha que ela está bêbada? — perguntou Alice, incrédula. — Não pode ser, não a esta hora da manhã.

— Bêbada, não, está drogada — respondeu Paul, enraivecido.

— O... o quê?

— Eu avisei que a poria no olho da rua na próxima vez que isso acontecesse, e é o que vou fazer. Espere aqui... Vou chamar um táxi para levá-la embora. Não se preocupe. Ela faz barulho, mas é inofensiva.

Paul lançou um olhar de desprezo à secretária e saiu. Logo que retornou, dez minutos mais tarde, estalou os dedos para

Juliette, como se chamasse um cachorro.

— Vamos!

Incrédula, Alice viu quando a antes enraivecida secretária se levantou e, obedientemente, seguiu Paul até a saída, movendo-se como um zumbi.

Depois de embarcá-la no táxi Paul retornou. Parecia um pouco transtornado, mas era senhor da situação. Acendeu um cigarro, que segurou com os lábios no canto da boca, e começou a recolher os esboços de projeto espalhados pelo chão.

— Pronto! Vamos ver o que você me trouxe.

— O que ela estava querendo dizer, Paul? — perguntou Alice, ao mesmo tempo calma e determinada. — Insistiu em que você havia prometido alguma coisa.

Paul continuou a pôr os desenhos em ordem.

— Como é que vou saber?

— Alguém deve ter fornecido drogas a Juliette. Foi você? Foi isso o que prometeu a ela, mais drogas?

Ao ouvir aquela pergunta, ele ergueu os olhos dos desenhos que examinava.

— Não seja estúpida, Alice! Acha que eu me arriscaria a tanto por causa daquela vagabunda?

Em seguida Paul tirou o paletó, que pendurou numa cadeira. Depois, tirou as abotoaduras douradas, guardou-as no bolso da calça e enrolou as mangas da camisa. Finalmente tirou a gravata. Era seu ritual antes do início do trabalho. Juliette dizia que Paul tinha uma gaveta cheia de abotoaduras de ouro, todas oferecidas por clientes apaixonadas.

Sentando-se à mesa deixada vaga pela secretária, ele jogou em cima os desenhos.

— Eu não me meto com drogas, Alice. Sou um pecador impenitente, gosto de bebida e mulheres... Não tanto de bebida quanto de mulheres. Agora que respondi a sua pergunta, será que podemos trabalhar um pouco? É para isso que eu lhe pago.

Juliette não mais retornou ao escritório, sendo substituída por outra moça, eficiente e calma. Tinha os cílios compridos e o olhar langoroso de uma estrela de cinema. Por isso,

Paul deu a ela o apelido de "Theda Bara". A nova secretária sempre tratava o patrão por "monsieur Daquin" e nunca reagia aos gritos dele.

Paul não voltou a mencionar Juliette, como se ela jamais houvesse existido. A partir daquele dia, porém, Alice passou a vê-lo com outros olhos. Não lhe negava o direito de despedir Juliette, mas aquela aparente falta de sentimentos não podia ser normal. Paul nem demonstrava raiva. Agia como um cirurgião que houvesse amputado um membro gangrenado.

Na semana que se seguiu ao afastamento de Juliette, Paul manteve Alice bastante ocupada no novo trabalho, tão ocupada que ela mal teve tempo para se encontrar com Jake. Eles só puderam almoçar juntos, muito rapidamente, num restaurante que dava para a *lie de la Cite*.

— Estava esperando que você fosse comigo a meu marchand — queixou-se Jake. — Poderia me ajudar a decidir o que comprar.

— Não, não posso. Se for por uma questão de gosto, o seu é que deve prevalecer, não o meu. Se seu interesse for fazer um investimento... Bem, o homem de negócios é você.

Jake pôs o guardanapo sobre a mesa.

— Parece que você está se saindo muito bem nos negócios. Alice ergueu para ele os olhos verdes, em desafio.

— Pensei que só teria sua aprovação nisso. Não imaginei que você diria que está certo um homem trabalhar para viver, mas não uma mulher.

— Não foi o que eu disse — defendeu-se Jake. — Minha opinião é que uma mulher pode fazer o que bem entender. Mesmo assim, não sei se não preferiria a antiga Alice.

— Ainda sou a antiga Alice.

Ela estava ressentida, porque só havia tomado a decisão de cuidar da própria vida depois das conversas que tivera com Jake, em Londres. Esperava ouvir dele uma palavra de incentivo, um "Muito bem, Alice", o que até aquele momento Jake se recusava a dizer.

Jake sorriu para ela. Alice havia cortado os cabelos, mas não tão curtos quanto estavam em moda, uma moda que ele não gostava. Admirava, sim, aqueles cabelos de fogo "me ofereciam um glorioso pôr-do-sol. Só que agora aqueles cabelos rodeavam um rosto que parecia aborrecido. Alice não devia ter gostado das últimas palavras dele. Na certa esperava um incentivo que ele relutava em dar.

— Franzindo aresta desse jeito, vai acabar ficando com rugas — censurou Jake, em tom de brincadeira.

Alice ergueu a cabeça e olhou diretamente para ele.

— Diga-me uma coisa... E não brinque. Sinceramente, você acha que estou ficando obstinada e durona?

— Por Deus, não! — respondeu Jake, espantado. — Nem pense nisso. No entanto, está se ligando demais a esse tal Daquin e seu jeito esquisito de ganhar a vida.

— Não é esquisito. Muita gente gosta do que ele projeta.

— Qualquer um que precise perguntar a outra pessoa de que cor deve pintar a casa ou que móveis deve comprar só pode ser um idiota.

— Bobagem. Os clientes de Daquin são apenas pessoas ocupadas demais.

— Você é uma pessoa ocupada demais — resmungou Jake. Alice sorriu e pôs a mão em cima da dele.

— Na semana que vem estarei livre e poderemos almoçar direito, mais demoradamente. Eu prometo.

Os dedos compridos de Jake fecharam-se sobre os dela.

— Não estou lhe pedindo que perca tempo comigo, Alice — ele disse, pacientemente. — Só acho que deve ter mais tempo para si mesma.

— Eu tenho tempo, só que não agora. A propósito, preciso ir.

Dizendo isso, ela se pôs de pé.

— Está bem, está bem! Mas espere um pouco, porque ainda não paguei a droga da conta!

— Eu pagarei — ofereceu-se Alice —, estou ganhando muito bem.

— Não, senhora. Posso não servir para mais nada, mas por favor me deixe, como consolação, o prazer " másculo " de preencher um cheque!

Naquela noite Alice voltou tarde para o apartamento. Cansada demais para sair para comer, cortou um sanduíche, preparou uma xícara de café e pôs tudo numa bandeja. Quando foi chegando à sala com a bandeja, ouviu vozes altas na escada. Uma delas era estranhamente familiar. Falava um francês gramaticalmente perfeito, mas com um sotaque britânico tão carregado que se tornava quase ininteligível. A voz perguntou pela Srta. Morrell e logo em seguida ouviu-se uma batida na porta.

Quando Alice abriu, deu com uma figura corpulenta.

— Ah, aí está você, Alice. Lugarzinho esquisito esse que arranjou para morar.

— Gerry! — exclamou Alice, abraçando o primo e arrastando-o para o interior do apartamento. — Que milagre é esse? Mas sente-se. Vou fazer mais um pouco de café. Onde está hospedado?

De terno preto e gravata-borboleta, Gerard parecia um enorme pingüim.

— Andei procurando por você o dia inteiro, Alice. Quando estive aqui pela manhã, uma mulher me disse que você tinha ido "trabalhar". Depois ela me deu o número de um telefone. — Gerard tirou do bolso um pedaço de papel com o telefone do escritório de Paul laboriosamente anotado pela zeladora, a quem Alice dera aquela informação para alguma emergência. - Eu liguei e falei com um sujeito mal-educado... mas que me prometeu que lhe daria o recado.

— Só pode ter sido Paul — concluiu Alice, resignada. — Ele não me deu o recado. Mas não tem importância, Gerry. Agora, sente-se e tome um pouco de café.

— Na verdade, vim convidá-la para jantar conosco — disse Gerard, um tanto timidamente. — Há um táxi esperando lá embaixo.

— Conosco? — repetiu Alice, espantada. — Você conseguiu a proeza de fazer tia Ethel cruzar o canal da Mancha?

As faces de Gerard enrubesceram fortemente. Seguindo o velho hábito, ele tirou os óculos e passou a limpar as lentes com um lenço branco.

— Não... o fato, Alice, é que eu me casei e estou numa espécie de viagem de lua-de-mel... um pouco atrasada. Pretendíamos lhe fazer uma surpresa, mas espero também que fique contente. Afinal, você sempre foi amiga das Frobisher.

Alice desabou na cadeira mais próxima.

— Você se casou com Blanche...

Aquilo sempre estivera escrito no livro do destino e só Deus sabia o quanto Blanche havia trabalhado para tornar realidade. Mesmo assim, Alice precisava de algum tempo para absorver e digerir o fato consumado.

Agora era Gerard quem olhava para ela, espantado e divertido.

— Blanche? Por Deus, não! — O indisfarçado espanto que havia na voz dele falava mais que mil palavras. — Blanche não! Jennie! Jennie e eu estamos casados.

Mas é claro! Agora tudo parecia muito óbvio e Alice se espantava de não ter pensado naquilo antes.

— Oh, mas isso me deixa muito feliz! — ela exclamou, beijando o rosto do primo. — É... é perfeito!

— Sim... — gaguejou Gerard, encabulado. — E então, Alice, você vem? Elas estão esperando no hotel.

— Elas? Por Deus, Gerry! Quantas esposas você tem? Gerard riu da pergunta.

— Apenas uma. É que Jennie se sentiu... — Agora ele não estava mais rindo. — Tivemos alguns problemas com Blanche, que Jennie depois lhe explicará. Seja como for, já que não se trata bem de uma viagem de lua-de-mel, pelo menos não como deveria ser,

Jennie achou que deveríamos trazer a irmã dela. Mamãe aprovou, dizendo que isso daria à coisa um toque vitoriano.

As duas irmãs estavam sentadas no vestibulo do hotel. Jennie parecia ter desabrochado. Estava mais autoconfiante, mais bonita e, pelo que Alice pôde perceber ao abraçar a amiga, muito feliz. Mesmo naquele vestido preto de noite, tinha um aspecto radiante.

Blanche mantinha a aparência de sempre. Continuava bonita como antes, atraindo olhares dos homens que circulavam por ali. Havia ondulado os cabelos, seguindo a moda, o que até lhe ficava bem. Fumando um cigarro e sentada com uma perna cruzada sobre a outra, numa pose provocante, parecia consciente de que muitos olhos a observavam,

"Eu é que não levaria Blanche na minha lua-de-mel", pensou Alice.

Já estava ficando tarde e Gerard levou-as para o restaurante do hotel, como um potentado árabe que conduzisse um harém. Tratava-as por "meninas", coletivamente. Provavelmente seria sempre assim, até quando elas estivessem quarentenas. Talvez abrisse uma exceção para a esposa, a quem chamaria de "mulherzinha". Era o mesmo Gerry de sempre, doce, previsível e imutável como as leis da natureza.

— Nós nos casamos há três meses, mas não pudemos viajar logo — disse Jennie. — Estou disputando uma cadeira no Parlamento e a campanha eleitoral exige demais. Para falar a verdade, esta viagem de duas semanas a Paris é quase uma perda de tempo.

— Eu imagino, Jennie — falou Alice, impressionada. — Aposto que a velha tia Emma está absolutamente engajada em sua campanha.

Jennie fez uma careta e revirou os olhos.

— Bem, ela tem ajudado, mas eu não conseguiria nada sem o enorme apoio moral que recebo de Gerry. Tem sido difícil, porque todos imaginam que uma mulher que se elege para o Parlamento pensará apenas em cuidar das questões relativas à maternidade e ao bem-estar infantil, em dar suporte às reivindicações feministas. O mais complicado é convencer esses políticos de cabeça dura de que uma mulher tem condições de discutir qualquer outro tipo de problema e apresentar soluções.

— Por que partido você está concorrendo?

— Pelo Partido Socialista.

Aquilo fazia sentido, pelo que Alice conhecia da amiga. Mesmo assim ela olhou para o primo, pensativa. Gerry não podia ter mudado tanto.

Jennie interceptou aquele olhar e comentou:

— Bem, não espero pelo voto de meu marido, mas isso não importa, porque ele respeita meus pontos de vista. No princípio o pobre Gerry passou por maus bocados. Algumas pessoas, principalmente aqueles reacionários do clube, lamentaram que ele não estivesse conseguindo "controlar a própria esposa" e tentaram até chantageá-lo. Mas aos poucos estamos levando o barco através da tempestade.

— Quando pretende voltar para a Inglaterra, Alice? — intrometeu-se Gerard, mudando bruscamente de assunto.

— Eu... não sei — resmungou Alice, enquanto mastigava um pedaço de pão.

Por sorte o jantar começou a ser servido naquele instante, livrando-a de dar maiores explicações. Voltar para a Inglaterra era uma coisa que ela ainda nem havia considerado. Ao chegar a Paris, isso era uma questão aberta que dependia exclusivamente do sucesso que ela obtivesse no campo de trabalho. Agora, porém, tendo reencontrado Jake, nem pensava em retornar, pelo menos não enquanto ele permanecesse na França. A propósito, ela precisaria falar a Gerard e Jennie sobre o reaparecimento de Jake, o que não seria fácil.

Terminado o jantar, foram todos para a sala de estar do hotel, onde tomaram café. Logo depois Blanche pediu licença.

— Vou para o bar, onde há uma pista de dança e uma banda tocando. Provavelmente alguém me tirará para dançar. Não se preocupe, Gerard, que estarei em segurança. Não

aceitarei convite de nenhum dançarino profissional. E também não sairei do hotel, prometo.

— Deixe-a ir — cochichou Jennie ao relutante Gerard. Quando Blanche se afastou, mexendo provocantemente os quadris ao som da música que vinha do bar, Gerard disse o que pensava:

— Acho que ela não devia ir sozinha. Isso não é... droga... não é direito!

— Se você não a deixasse ir, ela ficaria de cara amarrada — argumentou Jennie, calmamente, voltando-se em seguida para Alice. — Você nem imagina o que passamos por causa de Blanche. Quando Gerry passou a ir a nossa casa com frequência, ela e mamãe insistiam em que o interesse dele era Blanche. Quando Gerry me pediu em casamento, mamãe ficou desnorteada, porque sempre me considerou o patinho feio da família. Blanche teve crises de histeria e me acusou das piores coisas. Jennie parou de falar e Gerard entrou na conversa:

— Em toda minha vida, nunca dei qualquer indicação de que tinha algum interesse em Blanche. Sou um advogado e lido com casos de quebra de compromisso. Quase todos os dias aparece em meu escritório alguma garota afirmando que foi enganada por um sujeito e exigindo uma gorda indenização. Eu nunca disse nada que pudesse dar falsas esperanças a Blanche. Meu Deus! Nem pensava nela!

Alice suspirou com tristeza. Gerard podia entender tudo de leis, mas não sabia nada sobre as mulheres. Agora ele estava enrubescido, embaraçado, talvez achando que havia falado demais. Jennie também parecia constrangida. Blanche era um fardo que ela precisava carregar, mas não devia ser fácil pedir ao marido que dividisse com ela aquele peso. Alice conhecia Jennie o suficiente para saber que ela não se sentia bem com isso. Chegaria uma hora em que precisaria tomar uma decisão, o que não seria fácil.

Pensando nisso, Alice lembrou-se de que também precisava tomar uma decisão e o melhor seria não deixar para mais tarde. Corajosamente, ela pôs a xícara de café sobre a mesinha ao lado.

— Vocês se lembram de Jake Sherwood, aquele amigo de Robbie? O avião dele foi derrubado quase no fim da guerra e todos nós pensávamos que Jake estivesse morto. Bem, não está. Ficou muito ferido... mas atualmente está em Paris, convalescendo.

Um silêncio mortal envolveu os três depois daquela notícia. Gerard e Jennie trocaram olhares.

— Bem, fico contente em saber que o sujeito conseguiu escapar — pronunciou-se Gerard, finalmente, com uma calma olímpica. — Só não posso dizer que me alegra saber que você se encontra com ele.

— Não sei o que você quer dizer com "se encontra com ele"

— rebateu Alice, num tom cortante. — Nós apenas almoçamos juntos algumas vezes. Ultimamente tenho trabalhado muito para Daquin e me sobra muito pouco tempo.

— Ainda bem.

— Sei que vocês não gostam de Jake, nenhum de vocês dois... — Alice olhou alternadamente para Gerard e Jennie.

— Mas eu gosto dele, e Jake precisa de mim.

— Por Deus, Alice! — explodiu Gerard. — Não sei por que você sempre tem que se envolver com quem não deve! Veja só como foi com Robbie Harris. Mesmo um caolho veria qual era o interesse dele!

— Isso é muita maldade, Gerry, e eu só o perdôo porque é meu primo. Sei que você sempre pensou que Robbie queria meu dinheiro.

— E também nisso eu estava certo, não estava? — inquiriu Gerard, alterado. — Então você não sabe o que aconteceu?

— Ante o olhar curioso de Alice, ele acrescentou: — Não, estou vendo que não sabe. Robbie casou-se recentemente e é hoje o terceiro marido de uma viúva frívola e riquíssima, muitos anos mais velha que ele.

— Mamãe diz que ela tem uns oitenta anos — completou Jennie. — Trata-se da Sra. Lyndhurst, presidente da empresa em que Robbie trabalhava.

Certas pessoas sempre conseguiam o que queriam sem muita dificuldade, ponderou Alice. Era como se tudo caísse do céu. Naquele primeiro encontro, a Sra. Lyndhurst havia lançado um olhar de cobiça sobre Robbie. Agora estava casada com ele. Por sua vez, Robbie também havia conseguido o que queria.

— Talvez não tenha importância o fato de ela ser muito mais velha que ele, se estão felizes — pronunciou-se Alice. — Pelo menos, Gerry, você não pode dizer que Jake está atrás de meu dinheiro. Ele já é rico, mais até que eu.

— Mesmo assim você está cometendo um erro! — insistiu Gerard. — Eu sabia que não daria certo você vir sozinha para

Paris. Veja só no que deu! Pois bem. Prepare-se para voltar conosco para Londres.

— Sinto muito, Gerry, mas não vou — declarou Alice, resoluta. — Ficarei aqui, cuidando de Jake.

— E é isso o que ele quer? — perguntou Jennie, com desconcertante frieza.

— Honestamente, Jen, não sei como responder a essa pergunta. É possível até que Jake não aceite de bom grado minha ajuda, mas é o que vou fazer, quer ele queira, quer não. — Alice enfrentou o olhar duro do primo e prosseguiu no discurso: — Antes de formar qualquer idéia, Gerard, por que não me acompanha numa visita a Jake? Poderá entender por que não posso ir embora, deixando-o sozinho. Jake precisa de mim, e eu quero estar ao lado dele. Mesmo que continue achando que estou tomando uma decisão errada, estou certa de que entenderá meus motivos. Por favor, Gerry... Você apóia sua mulher mesmo sem concordar muito com o que ela está fazendo. Também me deu apoio quando eu vim para Paris, mesmo não concordando. Por favor, não retire esse apoio agora, quando mais preciso dele. Também preciso de seu apoio, Jennie, embora saiba que jamais gostou de Jake. Vocês dois são meus amigos... meus melhores e mais queridos amigos. Se gostam de mim, por favor... Não posso abrir mão do apoio de vocês.

Alice não esperava que a visita fosse um sucesso, mas também não achava que resultaria num fracasso total. Mesmo preparada para tudo, sentiu um friozinho no estômago quando o táxi que a levava, juntamente com Gerard, parou na frente do prédio onde Jake morava. Apesar do dia claro, fazia frio e um vento insistente açoitava a cidade.

O encontro começou mal, com os dois homens se cumprimentando com absoluta formalidade. Jake, talvez por ser o anfitrião, mostrou-se um pouco mais caloroso. Gerard, porém, parecia mais formal do que nunca. Quando viu Jake caminhar coxeando para recebê-los, apenas estendeu a mão e disse, sem a menor ênfase:

— É bom voltar a vê-lo.

Logo em seguida, num gesto brusco, tirou do bolso o lenço branco e passou a limpar os óculos energicamente.

Jake cruzou o olhar com o de Alice e franziu a testa. Alice imaginou que talvez Gerard estivesse constrangido por ver o esforço que Jake era obrigado a fazer para caminhar. No entanto, não era isso que se via no semblante de Gerard. Ele não aparentava embaraço, mas sim um misto de raiva, frustração e desespero. Estava com as feições contraídas, os lábios pressionados um contra o outro.

Na ânsia de provar ao primo que Jake realmente precisava dela, Alice havia se esquecido de considerar o que Gerard poderia sentir ao se encontrar com um veterano de guerra, um homem cheio de cicatrizes pelo corpo e medalhas no peito, um herói que havia cumprido com seu dever. Para Gerard, que não havia combatido na guerra por ter sido considerado oficialmente "incapaz" para o serviço militar, aquilo era demais. O que ele não teria dado para fazer o mesmo sacrifício de Jake?

Finalmente Gerard guardou o lenço e ajeitou os óculos no rosto.

— Nós não fazíamos idéia, minha esposa e eu, de que Alice e você haviam se reencontrado.

Jake assentiu, com um leve sorriso.

— Alice me falou no casamento de vocês. Lembro-me bem da Srta. Frobisher, que conheci quando estive em Londres. O que está achando de Paris? — Sem esperar pela resposta, ele caminhou para o lado do bem sortido bar e falou, por cima dos ombros: — Bebe alguma coisa?

Gerard não respondeu de pronto, aparentemente pensando em recusar, mas finalmente aceitou:

— Um uísque, por favor. Peço que misture com um pouco de água, se não tiver soda.

Alice respirou aliviada e balançou a cabeça quando Jake olhou para ela.

— Para mim, nada.

Mesmo assim, acompanhou-o até o bar, dispondo-se a levar a bebida para o primo. Quando caminhava, às vezes Jake deixava cair o que estivesse na mão. Quando pegou o copo, ela ouviu o comentário de Jake, que cochichou:

— Então o velho Gerry me considera um herói. Se soubesse da verdade, perceberia a enorme vantagem que tem sobre mim.

Só mesmo Jake para definir com clareza aquela situação e reduzi-la a sua verdadeira dimensão.

Pouco depois estavam os três sentados, Gerard numa poltrona e Alice no sofá, ao lado de Jake. Gerard ergueu o copo num brinde, mas com certa apatia, como se estivesse com a mente longe dali. Depois de tomar um gole, ele pôs o copo de uísque na mesinha de centro.

— Naturalmente, estou apenas numa rápida viagem de férias. Mesmo assim, esperava dissuadir minha prima de prosseguir nessa carreira de desenhista em que ela se engajou.

— É mesmo? — falou Jake, um tanto friamente. — Por quê?

Gerard ficou muito vermelho.

— Talvez seja comum em seu país uma moça de família decente ir viver sozinha num lugar pouco recomendável, mas eu e minha mãe não concordamos com essa decisão de Alice.

— Alice é uma pessoa muito equilibrada — contrapôs Jake, antes que ela própria argumentasse contra o primo. — Além disso, Paris é uma cidade civilizada.

— Isso não vem ao caso! — devolveu Gerard. — E não há necessidade nenhuma de que ela trabalhe!

— Perdão, mas talvez algumas pessoas estejam dizendo, embora eu não seja uma delas, que a Sra. Gerard Daventry não tinha necessidade nenhuma de entrar para a política, que é uma coisa suja, sórdida e pouco apropriada para pessoas tímidas.

Alice achou que as veias do pescoço de Gerard iam estourar.

— Minha esposa faz isso com meu apoio e a proteção de meu nome. Tem atrás de si o marido e a família. Alice não!

Alice sentiu vontade de dizer que não representava muito ter o apoio de Blanche e de Maisie Frobisher, mas não quis deixar o primo ainda mais irritado. Mesmo assim, entrou na discussão, com todo vigor:

— Não seja antiquado, Gerry. Posso trabalhar para Paul sem precisar de um guarda-costas.

— Não conheço o sujeito — disse Gerard, agressivo, tomando em seguida mais um gole de uísque. — No entanto, pelo que me falou desse tal Paul Daquin, não estou muito inclinado a pensar que ele seja uma companhia adequada para você. f,

— E quanto a mim! — perguntou Jake. — Acha que sou uma companhia adequada para Alice?

— Como um homem que prestou tão relevantes serviços a Sua Majestade, espera-se que seja merecedor de total confiança!

— respondeu Gerard, quase gritando.

— Pode acreditar nisso — disse Jake, mexendo-se no sofá.

— Mas não se preocupe. Alice me falou um bocado sobre esse Daquin e acho que ela está em condições de lidar direitinho com a situação.

— Não me importa como você vê a situação! — declarou Gerard, ressentido. — Minha prima foi criada numa sociedade em que as mulheres merecem respeito automático. Não ensinaram a ela como "lidar" com uma situação difícil, especialmente do tipo a que você está se referindo.

— Parem com essa discussão! — intrometeu-se Alice, falando alto. — Parem os dois de falar de mim como se eu não estivesse aqui! Obrigada pelo apoio, Jake, mas sei como me defender sozinha.

Jake mostrou um meio sorriso.

— É, eu sei.

Num gesto teatral, Gerard pôs novamente o copo sobre a mesa de centro.

— Desculpe, mas já é hora de irmos embora, minha prima e eu. Minha mulher ficou sozinha no hotel com a irmã.

Ato contínuo ele se pôs de pé, obrigando o dono da casa a acompanhá-lo. Jake alcançou a bengala e iniciou a verdadeira via-crúcis que era levantar-se do sofá. Desgraçadamente, a bacia escolheu justamente aquele momento para entrar em colapso. Jake soltou um gemido de dor e desmoronou no chão.

Os outros dois correram para socorrê-lo. Gerard chegou primeiro, mas foi rechaçado por Jake.

— Largue-me, droga!

Gerard hesitou e olhou para a prima, ansioso, esperando dela uma orientação sobre o que fazer.

— Deixe que eu cuido disso — acorreu Alice. — Ele precisa mais de firmeza no corpo do que de ajuda. O problema é a bacia...

Parando de falar, ela segurou os ombros de Jake e logo ele estava de volta ao sofá. Tinha o rosto muito pálido e os cabelos sobre os olhos. Continuava praguejando contra a dor, embora baixinho e de forma incompreensível.

Com cara de assustado, Gerard pôs-se a recolher os cacos do copo que Jake havia deixado cair.

— E agora? — ele perguntou. — Devemos levá-lo para o hospital, chamar um médico ou o quê?

— Não, nada disso! — apressou-se em dizer Alice, com ênfase, ao mesmo tempo que se colocava entre os dois homens, de forma que Gerard não pudesse ver o sofrimento de Jake. — Ele está bem.

Gerard olhou para a prima, impressionado com a intensidade de seu instinto de proteção com relação a Jake.

Nesse instante apareceu Séraphine, a governanta, para recolher os restos do copo e limpar o tapete.

A simples presença dela e a normalidade dos gestos serviram para relaxar um pouco a atmosfera tensa.

— Vão embora, vocês dois — ordenou Jake, ainda sem muito fôlego, mas com determinação. — Voltem para o hotel. Deixem-me que estou bem.

No elevador, Gerard fixou os olhos no rosto pálido da prima.

— Entendo sua postura, Alice, mas acho que esse problema vai além de suas forças. Jake Sherwood é um homem independente e de temperamento explosivo. Jamais nos perdoará.

Alice ergueu a cabeça.

— Perdoar o quê?

— Por estarmos lá quando a coisa aconteceu, vemos que ele é praticamente um inválido.

O elevador parou no andar térreo, produzindo um som metálico.

— Ele não é um inválido! — declarou Alice, saindo do elevador quando a porta se abriu. — Apenas não consegue controlar a dor num momento de crise.

Na calçada, onde soprava um vento frio, Gerard segurou no braço da prima e continuou sua argumentação:

— Pois a questão é justamente essa, minha cara: ele não consegue controlar a dor e naturalmente se sente um inválido. Alice, é preciso encarar os fatos. Esse homem não é um dos nossos, não pensa como nós, não reage como nós, não vê as coisas como nós vemos. Sim, ele tem muitas qualidades, não vou negar, mas é um diamante bruto. Não se deixe impressionar por Jake ter aprendido a gostar de arte, ter adquirido um certo verniz de sofisticação. Com os César, os Borgia e os Bonaparte aconteceu a mesma coisa. O que se aprendeu na infância e as inclinações naturais sempre acabam vindo à tona. Você reparou nas marcas que Jake tem nas articulações dos dedos? Não foi na guerra que conseguiu aquelas cicatrizes, mas sim em brigas. Foi assim que ele cresceu. Quando tinha diferenças com alguém, em vez de discutir quebrava o queixo do desafeto! Jake Sherwood é do tipo de homem que só se sai bem entre homens. Se quer ver gente igual a ele, basta ir às estrebarias, às garagens ou às salas de jogos de bilhar. Em tempos de guerra eles são os melhores. Com as mulheres, porém, são geralmente os piores.

— Ele é apenas diferente, um homem que se fez por si! Você fala como se isso fosse um crime.

— Acho admirável um homem com garra e coragem pira os negócios — declarou Gerard. — Só que ele a deixará com o coração partido, Alice, igualzinho àquele copo de uísque, e talvez você não seja capaz de juntar os pedaços.

CAPÍTULO X

Blanche deu corda na vitrola e pôs-se a dançar na pequena sala de estar do hotel, ao som da música de jazz. Os brincos de pérola balançavam enquanto ela agitava as mãos, mas os cabelos artificialmente ondulados não se moviam um milímetro. Nas partes em que ela conhecia a letra da canção, cantava junto, com sua vozinha de menina. No resto, apenas acompanhava com um "tum-tum-tum" ou "be-bop".

Quando a irmã entrou na sala, toda sua animação desapareceu. Blanche desligou a vitrola e deixou-se cair numa cadeira.

— Pensei que você tivesse saído para dar uma volta por Paris, em vez de ficar trancada aqui — disse Jennie, com brandura. — A temperatura está bastante agradável.

— Eu já saí — respondeu Blanche, dispensando a sugestão. — Andei pela rua de Rívoli e tomei um café sob os arcos. Mas estava sem dinheiro e não adiantou muita coisa. Andei também naquela praça grande aqui perto, aquela que tem uma coluna grande no meio com uma porção de coisas gravadas.

Jennie suspirou.

— Bem, vamos tomar um chá. Gerry foi com Alice visitar o capitão Sherwood. Portanto, estamos por nossa conta.

Blanche pôs as duas mãos atrás da cabeça, com ar sonhador.

— É mesmo? Então, quer dizer que Alice reencontrou a antiga chama...

— Ele não é nenhuma "antiga chama" de Alice! — corrigiu Jennie. — Era apenas amigo de Robbie Harris.

— Calminha! Ele é solteiro, não é? Então, que diferença faz se era ou não amigo de Robbie? Robbie agora está casado, mas Alice não, e Jake Sherwood por acaso se encontra em Paris. — Blanche acendeu um cigarro, ignorando a forma ostensiva como Jennie foi abrir a janela. — Eu me lembro de Sherwood. Ele esteve naquela festa na casa de lady Harris, durante a guerra. É um homem muito bonito, cheio de... bem, você sabe... ele tem um quê que atrai as mulheres.

— Não sei do que você está falando — declarou Jennie, encarregando-se da bandeja de chá que um empregado do hotel havia trazido.

Aquele tom de voz enraiveceu Blanche, que contraiu o rostinho bonito.

— Deixe de ser fingida! Você nos enganou durante muitos anos com esse teatro. A estudiosa Jennie, que jamais piscaria o olho para um homem... Só que acabou me roubando Gerard!

Jennie olhou para cima, com ar de enfado.

— Não me venha outra vez com essa história! Sabe muito bem que não fiz isso. E não tem motivo nenhum para se lamentar tanto.

— Tenho bons motivos, sim! — rebateu Blanche. — Você é que tem tudo. Veja só a ajuda que recebeu de tia Emma, só porque saiu mais parecida com a família de nosso pai. Ela sempre diz que eu sou "igualzinha à mãe...", o que é outra forma de dizer que sou uma pessoa vulgar. Eu poderia cair morta no meio da rua, mas tia Emma não gastaria um tostão comigo nem que fosse para comprar uma coroa de flores. Gerard era minha única esperança para sair dessa situação, mas veja como fiquei! Sou a irmã que não se casou, sou eu que tenho que ficar em casa com mamãe, ouvindo sempre a mesma ladainha. A toda hora ela diz que se esforçou, gastou dinheiro comigo, mas eu desperdicei todas as chances. Que chances, meu Deus?

— Não vou discutir com você nesse tom, Blanche — disse Jennie, cortando o assunto. — O que me preocupa neste momento é Alice. Só espero que ela não faça nenhuma tolice.

— Como ir para a cama com Sherwood? Pois aposto que ela já fez isso. — Blanche levantou-se e foi até o espelho, evidentemente desinteressada por aquele assunto. Não gostava de nenhuma conversa em que não fosse o tema central. — Alice sabe cuidar dela mesma.

— Era o que eu pensava — arrependeu-se Jennie, suspirando. — Agora já não tenho tanta certeza. Gerard também está preocupado.

Blanche riu com malícia, parecendo mais interessada.

— Talvez seja melhor você torcer para que Alice esteja apaixonada por Sherwood, Jen. Do contrário pode passar mais tempo se preocupando com a prima do que com a esposa!

Ante o olhar da irmã, Blanche recuou e sentou-se novamente.

— Se fizer qualquer coisa que possa criar problemas entre Gerard e eu, Blanche, cortarei relações com você e mamãe, para sempre — ameaçou Jennie, com voz absolutamente calma. — Espero que tenha entendido bem o que eu disse.

Blanche emudeceu, avaliando o que aquela ameaça poderia significar. Jennie, agora circulando entre pessoas influentes, e Gerard, um próspero e bem-conceituado advogado, podiam abrir para ela portas que, de outra forma, estariam irremediavelmente trancadas. Blanche era bonita, mas garotas bonitas havia em abundância. A alta sociedade admitia apenas aquelas que tinham dinheiro ou eram bem relacionadas. Garotas bonitas sem dinheiro e sem quem falasse por elas eram consideradas aventureiras e rigorosamente excluídas. Podiam até ser convidadas para festas, mas acabavam esquecidas quando a beleza, seu único trunfo, já não chamasse tanto a atenção.

Blanche não gostava dos amigos de Jennie, sentindo-se uma ignorante no meio deles. Detestava aquelas conversas em que não era capaz de externar uma opinião, pronunciar uma única frase. Só que essas pessoas moravam em casas espaçosas e ganhavam bem em suas profissões. Quase todas dirigiam automóveis e iam passar as férias no sul da França. As mulheres vestiam-se bem e desfrutavam muita liberdade. Seria difícil imaginar uma delas na frente de um fogão, fritando um ovo. Era no meio daquela gente bem postada na vida que a Sra. Frobisher esperava encontrar um marido para Blanche. Antes da partida para a França, Maisie advertira Blanche de que não deveria fazer nada para aborrecer Jennie ou Gerard, porque precisava deles.

Mas era Blanche quem se aborrecia. Paris a aborrecia, aquele

O hotel a aborrecia, a companhia da irmã e do cunhado a aborrecia. Escapava deles sempre que podia, apesar da promessa feita a Gerard, e só se divertia um pouco quando era convidada por algum hóspede do hotel para tomar um drinque ou mesmo concordava em se trancar com o desconhecido num dos quartos. Blanche gostava dos homens, não pela conversa ou pela inteligência deles, mas sim por sua masculinidade. Adorava ouvir os elogios que eles faziam a sua beleza e ser tocada em todas as partes do corpo, de uma forma que às vezes deixava marcas. Alguns tinham tanta pressa que começavam a desabotoar-lhe as roupas antes mesmo de fechar a porta. Blanche ficava extremamente excitada naqueles encontros furtivos e apressados. Gemia de prazer, até perder por completo o controle.

Maisie Frobisher não tinha conhecimento dessas atividades de Blanche. Se soubesse, ficaria horrorizada, não pelo aspecto moral em si, mas porque um escândalo jogaria por terra todas as chances de Blanche. Também era possível prever a reação de Gerard e Jennie: uma vez descoberta, Blanche seria imediatamente expulsa de casa.

A princípio, superando as expectativas da mãe, Blanche até se divertia na companhia de Jennie e Gerard. Logo, porém, percebeu que não estava livre para fazer o que bem quisesse. E isso acontecia só com ela. Jennie, ao abraçar a carreira política, dedicava-se ao que gostava de fazer. Alice, de quem Blanche sempre havia sentido uma profunda inveja, vivia sozinha em Paris, livre para se envolver com o homem que quisesse, até mesmo Sherwood.

Mas Alice tinha dinheiro. Jennie também, graças ao casamento. Apenas ela, Blanche, enfrentava restrições de todo tipo, motivadas pela falta de fortuna e pelo fato de ser solteira.

Blanche apertou os olhos e contraiu os lábios, olhando para Jennie. Jennie... que havia roubado o marido que agora devia ser dela...

Num movimento rápido, que pareceu até difícil de ser seguido pelo olho humano, Blanche jogou o corpo para a frente, pegou a chaleira na bandeja de chá e jogou a água quente no rosto da irmã.

Apenas o instinto salvou Jennie. Alertada pelo brilho que detectou nos olhos da irmã, ela moveu rapidamente o corpo para o lado direito. A água quente atingiu a cadeira e escorreu para o chão, mas parte ainda lhe atingiu a manga do vestido.

Jennie sufocou um grito e pôs-se de pé, passando a limpar a roupa molhada com o guardanapo. Enquanto isso, meio exultante e meio assustada com seu gesto, Blanche encolheu-se na cadeira como um animal acuado.

— Nunca mais faça nada parecido com isso! — advertiu Jennie, asperamente. — Está ouvindo?

Blanche continuou como estava, sem dizer nada.

— Vou trocar de roupa — voltou a falar Jennie. — Chame uma camareira do hotel e diga que houve um acidente.

O mais discretamente possível, ela foi para o quarto e tirou o vestido molhado, vestindo um outro. Pouco depois Blanche entrou no quarto e sentou-se na cama.

— Desculpe-me, Jen — ela pediu, como uma criança arrependida. — Eu não queria fazer aquilo, honestamente.

Mesmo já acostumada com as mudanças de ânimo da irmã, Jennie voltou-se para encará-la. Blanche parecia dócil e inocente como uma menina bem-educada. Não era a primeira vez que se mostrava assim, mas agora Jennie estava com medo. Era impossível adivinhar o que se passava naquela mente doentia. Depois de escovar os cabelos com a mão trêmula, Jennie saiu do quarto sem dar resposta.

Deixada sozinha, Blanche ficou sentada na cama por alguns minutos, olhando os dois travesseiros. Depois, levantou-se e caminhou até o guarda-roupa, que Jennie, na pressa, havia deixado aberto. O vestido de noite, de cetim preto, estava no meio de outros.

Blanche estendeu a mão e tirou-o do cabide. Em seguida, encostou o vestido no corpo e voltou-se para o espelho, admirando o efeito.

— Este vestido não serve para você, Jen — ela disse para o quarto vazio. — Ele é lindo como eu, enquanto você é tão... feinha!

Depois disso, com gestos vagarosos, ela segurou firmemente o vestido pelos ombros e rasgou-o de cima a baixo.

Quando Gerard e Alice chegaram ao hotel, ela polidamente recusou o convite para jantar e nem entrou. Não queria se sujeitar à curiosidade de Blanche.

Durante algum tempo Alice ficou andando sem rumo, misturando-se às pessoas que aproveitavam o fim de tarde para fazer compras. Como não queria voltar logo para o apartamento, ficou ruminando na cabeça a decisão que havia tomado, tentando imaginar qual seria a reação de Jake quando ficasse sabendo. Provavelmente, a pior possível.

Talvez guiada por alguma intuição, ela finalmente se viu diante do prédio onde ficava o estúdio de Paul. Achou bom, porque precisava mesmo recolher alguns rascunhos que havia esquecido ali. Era quase noite de sábado e o estúdio devia estar fechado, mas Alice tinha a chave, dada por Paul para o caso de ela querer trabalhar no fim de semana. Naquela vez, porém, não foi preciso usar a chave, porque a porta se abriu quando ela girou a maçaneta. A porta do escritório estava meio aberta, indicando que ele havia ficado trabalhando até mais tarde, o que não era tão incomum assim. Outro indício da presença dele foi o aroma dos cigarros turcos que o decorador fumava.

Paul estava num dos cantos do escritório, de costas para a janela, estudando atentamente um esboço que tinha nas mãos. O cigarro, displicentemente colocado entre os dedos, oitava rolos de fumaça no ar. Vendo-o naquele momento, Alice pôde entender por que tantas mulheres se sentiam atraídas por aquele homem impiedoso, libertino e egoísta. Elas gostavam da emoção do risco, como as crianças que brincam com fogo, e, por isso sempre corriam para os braços de Paul. Em vários aspectos, ele e Jake eram muito parecidos, embora Jake não tivesse o costume de ferir as pessoas, a menos que se sentisse ameaçado, nem desprezasse a amizade de quem lhe devotava lealdade, o que Paul fazia com assustadora frequência.

Finalmente Paul percebeu a presença dela, mas não se mostrou surpreso.

— Você é uma artista muito talentosa, sabia? — ele elogiou, indicando o desenho que tinha nas mãos. — É uma desenhista de primeira linha.

Alice pôs a bolsa sobre uma mesa e estendeu a mão para pegar o desenho.

— Vim aqui justamente para apanhar isso.

— Estive pensando... — disse Paul, pondo a cinza do cigarro no cinzeiro já quase cheio. — Preciso de seu trabalho muito mais do que você imagina, porque tenho em perspectiva alguns contratos importantes e não vou conseguir dar conta de tudo sozinho. Jul... — Depois de hesitar por alguns instantes, ele disse de outra forma o que pretendia; — Minha antiga secretária era muito boa quando se tratava de lidar com arquitetos desconfiados e discutir com clientes. Theda Bara é competente, mas precisa receber tudo escrito, bem explicadinho. Além disso, tem a personalidade de um prato de macarrão. Para complicar, está apaixonada... Mas não é por mim Portanto, não me olhe desse jeito! O felizardo é um jovem gorducho que usa roupas baratas. Bem, o fato é que não se pode contar muito com ela. Mas você, Alice, tem todas as condições para lidar com os clientes, além de fazer parte do trabalho artístico que atualmente está a meu cargo. Já está trabalhando comigo há tempo suficiente para se sair bem nisso. Quanto aos contatos com os clientes, você é uma pessoa que causa boa impressão, é inteligente, bonita, tem classe... Em suma, é uma ótima mulher de negócios. O que me diz? Poderíamos jantar juntos e conversar mais sobre o assunto. — Paul consultou o relógio que tirou do bolso do colete. — Dê-me apenas algum tempo para lavar o rosto e fazer a barba. Tenho navalha aqui mesmo no escritório.

Para ganhar tempo, Alice pegou o desenho das mãos, dele. e o juntou a outros numa pasta.

— Preciso de tempo para pensar. Seja como for, não poderei jantar com você hoje. Eu... prometi a Jake que iria vê-lo.

Era mentira, mas Alice não estava disposta a conversar com Paul, pelo menos não naquele dia.

— Pensei que você tivesse me dito que esta tarde sairia com seu irmão — falou Paul, ressentido.

— Não é meu irmão, mas meu primo. Parece que você nato acredita em ninguém, Paul! Eu realmente saí com Gerry, como lhe disse que faria. Fomos juntos visitar Jake, mas prometi que voltaria.

Paul olhou bem para ela.

— Esse seu primo... O que ele está fazendo em Paris?

— Está passando a lua-de-mel. Paul soltou uma risadinha.

— Pobre coitado...

Alice lançou a ele um olhar de censura, recolheu a pasta com os desenhos e saiu do escritório, antes que Paul voltasse a falar em trabalho.

Na verdade, havia acabado de receber uma excelente proposta, pelo menos do ponto de vista profissional. No entanto, naquele momento era Jake quem lhe ocupava a mente. Talvez fosse esse o motivo da mentira, porque era com Jake que ela queria estar. De fato, iria ter com ele, porque de nada adiantaria deixar para mais tarde o que pretendia dizer a Jake.

Alice aproximou-se da beirada da calçada e acenou para um táxi que ia passando.

Jake não esperava que Alice voltasse naquela noite e estava sentado diante da escrivaninha, no escritório do apartamento, trabalhando. Quando ele levantou a cabeça, surpreso com a inesperada visita, Alice rapidamente se aproximou e segurou-o pelos ombros, para impedi-lo de levantar-se desnecessariamente, embora ele não tivesse feito qualquer movimento nesse sentido.

A mesa de trabalho era um verdadeiro mar de papéis cheios de cálculos e, entre eles, um mapa. Alice estendeu a mão e tocou o mapa com a ponta dos dedos.

— O que é isso?

— Ah, é um projeto que tenho na cabeça há algum tempo, uma idéia que tive durante a guerra. Ainda acho que daria certo... mas os acontecimentos me impediram de testá-lo na prática. Agora... — Depois de hesitar por alguns instantes, ele deu de ombros. — Vez por outra volto a trabalhar em idéias antigas. Isto aqui é um mapa ferroviário dos Estados Unidos e do Canadá, de costa a costa.

— E você está estudando isso pensando em transportar coisas?

— Transportar "coisas" é o objetivo principal de uma ferrovia, pelo menos no meu ponto de vista. Para transportar gente, existe hoje o avião. Naturalmente isso exigiria a construção de máquinas maiores, capazes de transportar um grande número de pessoas. Enquanto isso não acontece, os aviões pequenos vão ficando nos hangares dos aeroportos. São vítimas da guerra, como eu.

— Está falando numa companhia particular de aviação para transporte de passageiros? — perguntou Alice, incrédula.

— Por que não? O problema é que aqui as distâncias são muito curtas, porque as pessoas vivem em países do tamanho de um quintal. Não é preciso andar muito para bater com a cara numa fronteira. Por outro lado, na América do Norte, na América do Sul, na Rússia, na Austrália... nesses lugares, você teria praticamente que atravessar um continente para cruzar a fronteira. E atualmente, Alice, as pessoas querem atravessar essas vastidões territoriais, de uma forma como nunca aconteceu antes. Pense só na economia de tempo e nos inconvenientes que serão evitados pondo-se o avião a serviço

desse interesse. — Logo, porém, o entusiasmo pareceu desaparecer do semblante dele e Jake foi juntando os papéis. — Bem, é apenas uma idéia.

— Você vai precisar de alguém experiente em desenho comercial, como eu — disse Alice, de súbito, fazendo com que ele erguesse a cabeça para encará-la. — Estou falando sério! Quero dizer que precisará de alguém para criar o logotipo da empresa, desenhar o uniforme dos pilotos e demais funcionários, cuidar da decoração dos escritórios... Nesse aspecto tudo terá que ser realmente «ovo, porque se trata de uma atividade inovadora. Mesmo o interior dos aviões precisará ser pensado... Afinal de contas, você estará transportando pessoas, não gado. Até a cor das poltronas deverá ser cuidadosamente escolhida.

— É mesmo? — disse Jake, franzindo a testa.

— Claro! Algumas cores são repousantes, enquanto outras causam depressão... Oh, Jake! Eu adoraria fazer esse trabalho!

A voz de Alice vibrava e os olhos verdes brilhavam de entusiasmo.

— Sei... — murmurou Jake, pensativo, enquanto olhava para ela e enrolava num lápis um pedaço de papel. — Bem, pode ser... Vou pensar no assunto. Seja como for, não vamos tratar disso agora. O que a trouxe aqui? Imaginei que você fosse jantar com Gerard, a esposa e a cunhada dele.

— Não agüento ficar muito tempo perto de Blanche — reconheceu Alice. — Não suporto as intermináveis perguntas que ela me faz. Ainda bem que não foi com ela que Gerry se casou, o que sempre temi que viesse a acontecer. Blanche fez dessa perspectiva um verdadeiro projeto de vida e, tenho que admitir, hoje sinto uma certa pena dela.

Alice não estava preparada para a ênfase com que Jake comentou aquele assunto. Ele até apoiou as duas mãos na cadeira para aprumar o corpo enquanto falava:

— Pois isso não me surpreende. Que homem, em seu juízo perfeito, estaria disposto a se casar com Blanche? Muito menos Gerard, um advogado interessado em impressionar as pessoas pela sobriedade. Honestamente, você já pensou como seria quando Gerard convidasse um cliente importante para jantar em casa? Blanche deixaria marcas de batom nos copos dos convidados e atrairia a atenção dos homens para as meias de seda que estivesse usando.

Provavelmente ele estava com a razão, mas dizer aquilo chegava a ser uma crueldade. Alice viu-se tentada a concluir que talvez Jake não fosse muito diferente de Paul, mas logo mudou de idéia. Ele era diferente de Paul, sim. Tinha uma extraordinária sensibilidade, embora fosse capaz de externar julgamentos mordazes como o que acabava de fazer.

Mais por lealdade a Jennie, Alice tentou defender Blanche:

— Talvez não seja bem assim...

De nada adiantou, porque imediatamente Jake voltou à carga:

— Não seja ingênua, Alice! Conheci dúzias de garotas iguais a Blanche, dessas que trabalham em bares e, nas horas vagas, entregam-se em troca de dinheiro. E Gerard também conhece o tipo, acredite.

Jake ergueu os braços para sublinhar o que dizia. Talvez por estar sentado há muito tempo, aquele movimento provocou uma forte dor. Ele se apoiou na bengala, ergueu-se e passou a andar de um lado para outro. Prevendo que o movimento súbito depois de uma inatividade demorada poderia resultar numa queda, Alice passou a caminhar ao lado dele, de braço dado.

— Está um lindo dia, não acha? — perguntou Jake, em tom de brincadeira.

Alice alegrou-se por ele tentar mostrar-se mais bem-humorado.

— O que você achou de Gerry? — ela quis saber.

— Ele parecia um promotor de acusação perante um tribunal! Seu primo não gosta muito de mim, não é mesmo?

— Gerry não gosta de nenhum homem que seja meu amigo — resumiu Alice, dando de ombros. — Também não gostava de Robbie.

— Bem, nesse aspecto Gerard não tem por que se preocupar — disse Jake, batendo firme com a bengala no chão. — Pôde dizer a ele que sua pureza está assegurada.

— Ele quer que eu volte para a Inglaterra.

Jake hesitou de forma quase imperceptível, antes de perguntar calmamente:

— E é isso o que você vai fazer?

Alice conteve a respiração, percebendo que tinha pela frente uma tarefa mais difícil do que havia imaginado. Não seria fácil convencê-lo a aceitar o que ela havia decidido. No entanto, Jake precisava dela, estivesse ou não preparado para aceitar esse fato, e essa certeza levou Alice a falar com imprudência:

— Não. Já disse a ele e a Jennie que ficarei aqui, cuidando de você.

Eles pararam de andar a um só tempo, perto do piano. Já estava escuro lá fora, mas ainda estavam abertas as janelas que davam para o balcão, trazendo o barulho do tráfego parisiense e a pálida luz dos lampiões da rua. Sobre o piano um abajur estava aceso, jogando sua luz mortiça sobre os dois e sobre o Rencor, que Jake havia pendurado na parede. A garota com a braçada de papoulas parecia olhar para eles com um misto de curiosidade e simpatia.

Jake afastou o braço do de Alice e falou, calmamente:

— Não é isso o que eu quero, Alice. Já falamos o suficiente sobre o assunto. Não quero parecer ingrato, mas você é uma jovem linda e cheia de vida, além de ter muito talento. Quanto a mim, sou apenas um aleijado. Não vou permitir que desperdice seu tempo comigo.

De uma forma que surpreendeu a si própria, Alice retomou a palavra, enraivecida:

— Você é igualzinho a Gerard, igual a todos os outros! Vocês sempre sabem o que é melhor para mim e, só por coincidência, o "melhor" para mim é também o que vocês querem!

Ao mesmo tempo divertido e espantado, Jake ficou olhando naqueles olhos verdes escurecidos pela raiva. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Alice prosseguiu:

— Tudo o que ouvi desde que nos reencontramos foi o que você pensa ou quer! Que tal perguntar o que eu quero, o que eu penso?

Fez-se um demorado silêncio, até que sumisse o eco das palavras dela.

— Está bem — falou Jake, finalmente, sem qualquer expressão no rosto ou na voz. — O que você quer, Alice?

— Quero ficar aqui, tomando conta de você. Devo reconhecer que não gosto da expressão "tomar conta", mas é exatamente o que quero fazer. Quando não estamos juntos, não me preocupo com outra coisa que não seja você. Também acho que vive sozinho demais, Jake, o que o torna irritadiço, sensível a qualquer coisa. Precisa ter alguém aqui a seu lado, o tempo todo, para... para ajudá-lo a sair dessa casca. E quero que seja eu essa pessoa.

Concluído o discurso, que foi pronunciado com toda convicção, Jake arregalou os olhos.

— E pretende mudar-se para cá? — ele perguntou, com ironia. — Gerry ficaria uma fera!

— Sim, pretendo me mudar para cá. Naturalmente, isso não poderia ser feito sem um mínimo de formalidade. As pessoas que não sabem de sua... de sua impotência... bem, elas considerariam minha atitude um verdadeiro escândalo. Principalmente Gerry, Jennie e tia Ethel, pessoas que me amam e respeitam, passariam a me ver como uma perda que houvesse resolvido viver com um homem. Por isso, e em respeito a eles, prefiro que façamos algum tipo de cerimônia civil. Os franceses são muito bons nisso. Você sabe como é: o juiz com sua faixa colorida, discursos e tudo o mais. Na França as cerimônias

civis são respeitadas por todos. Não é como na Inglaterra, onde elas servem para os divorciados ou bígamos.

Jake ficou muito sério e respondeu com voz ameaçadora:

— Já lhe disse uma vez que não quero nenhum tipo de casamento de conveniência... e você também não quer!

— Lá vem você outra vez com a mesma história! — Alice bateu com o pé no chão, num gesto impulsivo.

Jake esboçou um leve sorriso, relaxando o semblante.

— Está novamente me dizendo o que eu quero. Pois bem, Jake Sherwood! Eu mesma já lhe disse o que quero. A cerimônia de casamento serviria apenas para deixar Gerry e os outros felizes.

— Sei, sei... Então, Srta. Morrell, quer dizer que está me pedindo em casamento. Evidentemente, a emancipação feminina foi muito além do que eu imaginava! Bem, fico muito lisonjeado.

Alice cerrou os punhos, furiosa.

— Não seja engraçadinho, Jake! Sabe muito bem que minha intenção não foi lisonjeá-lo, em nenhum momento!

— Realmente... Quero que me prometa uma coisa, Alice. Insisto nisso, porque a promessa terá que ser cumprida.

— O quê?

— Mude-se para cá, tome conta de mim, organize a cerimônia que quiser, mas nunca faça comigo o que fez com Robbie.

Tomada de surpresa, Alice pediu maiores informações:

— O que... O que foi que eu fiz com ele?

— Fingir. Você fingia com Robbie, manteve aquele noivado ridículo mesmo quando ele já não significava mais nada. Não faça isso comigo. No dia em que não quiser mais ficar a meu lado, basta me falar. Conseguirei uma anulação e cada um irá para seu lado. Seja porque você encontrou outra pessoa, o homem certo para fazê-la feliz, ou seja pelo que for. O motivo não tem importância. Só quero que, no dia em que tudo terminar, você me fale. Fale-me apenas a verdade, Alice, como sempre fez. Eu não suportaria pensar que você está mentindo para mim!

— Jamais mentirei a você, Jake — declarou Alice, num fio de voz. — Prometo.

Como Alice queria a presença de Gerard e Jennie, que retornariam para a Inglaterra no final da semana, a cerimônia de casamento foi organizada às pressas. Em certo sentido era até bom, pelo menos na avaliação de Alice, porque não dava tempo a ninguém para apresentar argumentos, discutir ou mesmo voltar atrás. Gerard e Jennie estavam apoiando a idéia, mas com evidente relutância. Jake não dava sinais de ter mudado de idéia e ela, Alice, queria que tudo se consumasse o mais depressa possível.

Às vezes, no silêncio da noite, uma voz impertinente e inaudível perguntava se ela não estava cometendo um outro erro. Alice não tinha dúvidas sobre seus sentimentos por Jake, diferentemente do que havia acontecido em relação a Robbie. No entanto, estava longe de ter certeza sobre o que Jake sentia por ela.

"Eu o amo", rebatia Alice, tentando se encher de confiança.

"Mas ele sempre amou carros velozes, máquinas voadoras e a sensação de liberdade", replicava a voz, com crueldade. "Será que você conseguirá substituir tudo isso? Ele já afirmou e reafirmou que não quer um casamento de conveniência. Acha prudente correr o risco de ignorar isso? Será que ele não terminará por odiá-la?"

Como se quisesse desafiar todas essas dúvidas, o dia do casamento amanheceu ensolarado e bonito, apesar do frio. Alice havia convidado Paul para a cerimônia. Era o patrão dela e Jake já havia expressado o desejo de conhecê-lo. Havia também o aspecto puramente prático, porque Paul serviria de par para Blanche, a dama de honra da cerimônia.

Paul havia recebido a notícia do casamento, juntamente com o convite, de uma forma muito previsível:

— Não entendo por que tomou essa decisão, Alice. O casamento não apresenta vantagem nenhuma, absolutamente nenhuma. E olhe que eu falo de cadeira, porque já fiz a experiência!

— Alguma coisa me diz que você não é do tipo que dá certo no casamento — ela respondeu, em tom cortante.

— E você é?

Paul podia ser tudo, menos tolo. Embora talvez ainda não soubesse a que conclusão chegar, já devia ter percebido que havia algo de estranho naquele casamento. Ela e Jake precisavam tomar muito cuidado com Paul.

Em vez de responder à pergunta, Alice fez uma recomendação:

— Não se atrase, pelo amor de Deus. Você se atrasa em tudo, mas dessa vez quero que seja pontual.

Provavelmente mais por peraltice do que para ser cortês, Paul não se atrasou. Ao contrário, até chegou antes da hora. A primeira visão de Alice ao descer do táxi foi a figura desengonçada do patrão, que se apressou em saudar a chegada da noiva. Estava excepcionalmente bem vestido e carregava uma pequena caixa embrulhada em papel prateado e amarrada com uma fita branca.

Alice soltou um suspiro de alívio.

Gerard também estava ansioso para ver Paul no local da cerimônia. Pelo que ouvira de Alice, temia que o francês chegasse meia hora atrasado, com a gravata fora do lugar e calçando meias furadas.

Alice havia cuidado para se apresentar bem no dia do casamento. Usava um vestido creme, perfeitamente adequado à temperatura amena daquele dia, e um casaco de lã creme, bem claro, com listras de pele de lince. Para segurar os cabelos rebeldes, usava um chapéu de abas largas na mesma cor do vestido.

— Você está linda, Alice — elogiou Gerard, beijando a prima. — Não tem mesmo dúvida sobre o que vai fazer?

— Absolutamente nenhuma, Gerry. Pode acreditar que é uma decisão muito bem pensada.

No instante em que pôs os olhos em Paul, Jake não precisou fazer muito esforço de memória.

— Acho que já nos conhecemos. Foi durante a guerra... Você era um daqueles pilotos franceses que foram nos visitar em nosso acampamento, na noite de Natal de 1917.

Os olhos de Paul brilharam de entusiasmo.

— Sim, é claro... o canadense. Eu me lembro de você! Nós estávamos muito bêbados naquela noite, e fomos até a aldeia encontrar algumas garotas...

Ante o constrangimento dos demais convidados, Paul interrompeu o que dizia e tentou sorrir.

— Desculpe, Alice... — ele gaguejou. — No dia em que vai se casar, um homem não deve ser lembrado do que andou fazendo quando era solteiro.

— Será que não podemos entrar? — sugeriu Gerard. — Não é direito as meninas ficarem de pé na calçada. — Enquanto escalava os degraus, ele cochichou para Alice: — Quem diabo é esse sujeito?

— Paul Daquin... meu patrão.

— Ah! Então, é o mal-educado com quem falei pelo telefone.

Felizmente, a cerimônia de casamento foi bem rápida. Jake estava com um aspecto muito distinto, pelo julgamento de Alice, e mostrou-se sério, como se de fato a estivesse tomando por esposa. Apoiava-se pesadamente na bengala, mas aparentemente não estava sentindo dores.

Alice não podia deixar de orgulhar-se. Jake era um homem muito bonito, uma presença que se destacava. Ao lado dele Gerard parecia insignificante. Quanto a Paul, mesmo bem vestido, dava a impressão de que estaria melhor na arquibancada de um hipódromo.

Ao mesmo tempo, era um choque para Alice descobrir que aqueles dois homens já se conheciam. Outra surpresa era a revelação de que Paul havia combatido na guerra, e como piloto. Ele jamais fizera qualquer referência a isso, nem mesmo por alto. Será que aquilo simplesmente não tinha importância para Paul? Ou será que, por causa da guerra, ele perdera a memória? Alice concluiu que, mesmo que convivesse com Paul durante anos, continuaria sem conhecê-lo. Conheceria alguns aspectos do caráter dele, mas não o que o transformara no que era.

Mas não devia pensar nisso agora. Depois da cerimônia, Alice sorriu nervosamente para Jennie quando o grupo se reuniu nos degraus do cartório para que Paul batesse uma fotografia. Todos se moviam obedientemente, seguindo a voz de comando de Gerard, que gritava:

— Juntem-se mais... Assim não! A noiva e o noivo devem ficar na frente.

— Diga a ele para andar logo com isso, pelo amor de Deus! — resmungou Jake para Alice, num claro indício de que já não agüentava mais.

Justamente nesse instante veio outra ordem de Gerard:

— Assim! Fiquem quietos!

Logo em seguida ouviu-se o clique da câmera e o grupo pôde se dispersar.

Jennie vestia-se com muita elegância, apesar da seriedade. Usava um vestido cinza com a saia abotoada num dos lados e um chapéu com uma pluma grande na aba. Blanche pusera um vestido cor-de-rosa, tonalidade não muito adequada àquela estação. Enquanto Gerard comandava a arrumação das pessoas para a fotografia, ela sorria o tempo todo para Paul, de uma forma cativante, o que não passou despercebido a Alice. Paul não se mostrou indiferente, mas tinha uma expressão enigmática.

Alice sentiu um arrepio desagradável correr-lhe pelo corpo. Blanche era uma namorada experiente, mas Paul ia muito além, porque era um libertino, um devasso. Sabia tirar vantagem de tudo, sem dar nada em troca. Se Blanche achava que Paul sucumbiria aos encantos dela, passaria por uma experiência muito amarga.

Mas a maior preocupação de Alice naquele momento era Jake, cujo humor começava a dar sinais de desgaste. Olhando de lado para Blanche, ele resmungou no ouvido de Alice:

— Ela parece uma boneca de porcelana.

— Fale baixo! Ela pode ouvir!

Com uma expressão de alívio no rosto de todos, o grupo se dirigiu ao restaurante onde seria servido um almoço patrocinado por Gerard. O primo de Alice havia se constituído in loco parentes, como ele próprio se definia.

— O pai da noiva sempre paga a conta em ocasiões como esta — argumentou Gerard.

— Portanto, assumirei essa responsabilidade, já que sou o único parente de Alice presente.

Foi um almoço bastante alegre, embora um pouco estranho. Sentadas em volta da mesa, as pessoas pareciam se estudar para estabelecer alianças, como negociadores de potências em conflito, tudo sob um disfarce de jovialidade.

Logo que sentaram, Paul afastou uma mecha de cabelos da testa e ofereceu a Alice a misteriosa caixa.

— Meu presente de casamento!

— Obrigada, Paul — agradeceu Alice, começando a desembulhar o presente!

Pouco depois ela tirou da caixa um bellissimo tinteiro de cristal, encaixado numa armação de prata e acompanhado por um suporte para pena de escrever, também de prata.

— É do Primeiro Império, exatamente igual ao que era usado pela imperatriz Josefina — explicou Paul.

— É uma peça lindíssima, Paul — disse Alice, realmente tocada, não só pela lembrança do presente mas também porque ele devia ter levado um bom tempo para encontrar algo de que, sem dúvida, ela gostaria muito.

— Para uma lindíssima dama! — devolveu Paul, esbanjando charme.

Aproveitando-se da distração dos outros, Jake inclinou-se para o lado de Jennie, sentada ao lado dele.

— Você não me parece muito feliz — ele observou. — Estive reparando... Está estampado em seu rosto que você desaprova tudo o que está acontecendo aqui. Qual é a objeção?

Jennie corou fortemente, mas conseguiu olhar calmamente para ele.

— É de supor que, numa festa de casamento, o noivo só tenha olhos para a noiva.

— É uma resposta inteligente, de uma mulher inteligente. Você não aprova esse casamento, não é?

— Alice é minha melhor amiga — respondeu Jennie, com calma. — É uma pessoa muito vulnerável. Jamais ela seria capaz de ferir alguém, mas não quero que seja ferida. Não sei muita coisa sobre você. Portanto, se me permite, deixarei para fazer um julgamento mais tarde.

— Realmente, você é uma mulher muito esperta e instruída. No entanto, nem tudo está nos livros, sabia?

Apesar desse e qualquer outro incidente, foi um almoço alegre e todos se demoraram à mesa, levantando brindes aos noivos. Blanche bebeu um bocado e ria muito, conversando com Paul. Quando a reunião ia se dispersar, Alice não se surpreendeu de ouvir o pedido de Paul a Gerar d, muito polidamente e com uma reverência.

— Mademoiselle Blanche não conhece Paris. Como parisiense, acho-me em condições de corrigir essa falha. Tenho sua permissão?

Ele seguia as normas da etiqueta, estritamente. O que estaria tramando? Imediatamente Alice se arrependeu daquele pensamento. Afinal, Paul mantinha um comportamento irrepreensível naquele dia. Era simpático com todos, além de ter oferecido um presente caro e de muito bom gosto.

Finalmente Paul conduziu a risonha Blanche ao Hispano-Suiza e os dois partiram.

— Aonde vamos em primeiro lugar? — perguntou Blanche, muito recatadamente.

Paul mostrou um sorriso matreiro.

— Acho que poderíamos começar por meu apartamento.

Alice já tinha estado no apartamento de Paul uma vez e o considerava uma extensão do escritório. Havia papéis espalhados por todos os lados, rascunhos, orçamentos e notas fiscais. No entanto, é claro que ela não estivera no quarto.

Blanche não fazia idéia disso, enquanto observava com curiosidade a decoração daquele cômodo, mas era ali que Paul concluía grande parte de seus negócios. Em consequência disso, era decorado com suntuosidade, chamando em especial a atenção o enorme cobertor branco de pele que cobria a cama. Aquele cobertor impressionou Blanche profundamente. Toda a atmosfera, aliás, lhe sugeria um estúdio de cinema ao qual só faltava uma vampe de lábios pintados e cílios compridos. Imaginando-se ela própria essa mulher, Blanche abriu um enorme sorriso. Ela só não sabia que o quarto tinha sido copiado de uma cena do cinema mudo, justamente porque Paul queria obter aquele efeito. Muitas clientes ricas já tinham ocupado o devido papel naquele cenário.

Blanche foi se despidendo com tanta naturalidade que Paul sorriu com cinismo. Sabia que não era o primeiro amante dela nem seria o último. Era fácil perceber que o champanhe a havia deixado relaxada, e predisposta ao amor.

— O champanhe melhora o desempenho de qualquer um, até o meu — ele murmurou, malicioso, enquanto acariciava as coxas dela.

Blanche não estava preparada para a violência com que ele a fez deitar-se na cama e soltou um gritinho. Mesmo assim, abriu os braços, convidativa.

— Ainda não — murmurou Paul, com voz rouca. Em seguida ele passou a beijá-la por todo o corpo, às vezes mordendo em partes sensíveis.

— Não... — gemeu Blanche.

Estava claro, porém, que ela não queria que ele parasse e Paul prosseguiu.

Quando finalmente eles terminaram o ato amoroso, Blanche deitou a cabeça no travesseiro e suspirou. Aos efeitos do álcool havia se juntado um sentimento de satisfação, o que a deixou tagarela. Se conhecesse melhor a psicologia masculina, saberia que aquela não era hora de falar, mas sim de adotar uma postura de repouso. Blanche, porém, que só se preocupava com o que ela própria pensava ou sentia, não percebeu que a tagarelice que antes havia divertido Paul agora talvez o irritasse.

A certa altura ele se levantou, vestiu um roupão de seda e acendeu um cigarro, sem oferecer a ela.

— Posso fumar também? — perguntou Blanche.

— É claro — ele respondeu, sem se voltar. — Pegue na caixa aí no criado-mudo.

Blanche seguiu a orientação, mas ele não teve a delicadeza de voltar à cama para acender o cigarro dela. Em vez disso, fez uma admoestação:

— É bom não demorarmos muito. O bom Gerard deve estar esperando que eu a leve de volta sã e salva.

— Gerry não se importa comigo — contrapôs Blanche, soltando no ar uma nuvem de fumaça. — Alice é que sempre esteve no pensamento dele.

Aquilo chamou a atenção de Paul, que sentou na beirada da cama e ficou olhando para ela, como se esperasse maiores informações. Blanche não se fez de rogada:

— Bem, ele esteve apaixonado por Alice durante muitos anos. Acho que ainda está, o coitado. Só se casou com Jennie porque não tinha chances com Alice.

Paul pôs o cigarro no cinzeiro de cristal e perguntou, casualmente:

— Mas por que Alice não se interessaria pelo respeitável e devotado Gerard? Imagino que ele tenha um bocado de dinheiro.

— Ele tem, sim, mas nesse aspecto nem chega perto de Alice.

Ela herdou uma fortuna, você não sabia?

Se não fosse tão tonta, Blanche teria percebido a mudança que se operou no homem com quem conversava.

— Não, eu não sabia — confessou Paul, apagando o cigarro. — E... ela é muito rica?

— Se é! — exclamou Blanche, com vulgaridade. — Alice nada em dinheiro! Herdou uma fortuna enorme do avô, que era um homem muito excêntrico. Quando ele morreu, deixou tudo para ela.

Paul ficou pensativo por alguns instantes.

— Nesse caso Jake é um homem de sorte — ele comentou.

— Ele não precisa do dinheiro dela, porque já é um milionário. Ganhou muito dinheiro na indústria automobilística, antes da guerra... Acho que ainda ganha, porque é acionista. — Num tom meio vago, Blanche acrescentou: — Jake é um homem de muitas posses.

A expressão de Paul, porém, não tinha nada de vago.

— Então, eles dois devem ter juntos um bocado de dinheiro.

— São riquíssimos. O dinheiro dela mais o de Jake... — calculou Blanche, cheia de inveja. — Neste momento, poucas mulheres em Paris são mais ricas do que Alice.

Aquilo despertou em Paul um pensamento perfeitamente lógico, mas cruel:

— Certamente ela seria uma viúva riquíssima, se alguma coisa acontecesse com ele...

Como ele disse aquilo em francês, Blanche apenas ficou olhando, com ar de apalermada. Paul sorriu e tratou de um assunto mais imediato:

— Ma chère, você tem um corpo lindo, mas talvez seja melhor vesti-lo para irmos embora. A esta altura Gerard deve estar andando de um lado para outro na frente do hotel.

Blanche fez cara de amuada.

— Parece que você está com medo de meu cunhado! Paul voltou-se para ela, esforçando-se para ser complacente.

— Não, mas acontece que sou um homem muito ocupado e tenho um bocado de trabalho a fazer. Portanto, acho melhor você se vestir. Se quiser tomar um banho, o banheiro é bem ali.

Dessa vez Blanche se encheu de revolta:

— Espere um pouquinho! Você não precisa ficar me dando ordens desse jeito!

Paul respirou profundamente.

— Só estou querendo lhe dizer que precisamos voltar logo para o hotel.

Abatida, Blanche resolveu mudar de tática:

— Só vou voltar para a Inglaterra daqui a dois dias. Será que poderemos voltar a nos encontrar?

Paul olhou para ela com uma frieza olímpica.

— Para quê?

Aquilo fez com que Blanche se revoltasse:

— Ora, seu pilantra! Não pode me tratar desse jeito, como se eu fosse uma prostituta!

Paul agarrou-a com força pelo pulso e obrigou-a a sair da cama.

— Vista-se imediatamente, ou a expulsarei daqui nua do jeito que está!

Quando Blanche o esbofeteou, ele apenas sorriu, complacente.

— Chérie, você pode não ser uma prostituta, mas é uma mulher muito vulgar.

Alice e Jake ficaram sentados à mesa do jantar, em silêncio, enquanto Séraphine tirava os últimos pratos.

— Você acha que ela se aborreceu com a minha vinda para cá? — cochichou Alice, quando a mulher se afastou.

Jake pareceu surpreso com a pergunta.

— Por que se aborreceria? Desde que você não invada a cozinha...

Quanto a isso não haveria perigo, porque o máximo que Alice conseguia fazer numa cozinha era uma omelete. Isso a fez lembrar-se do que dissera um general de Napoleão ao comentar o grande número de baixas causado por uma batalha: "É impossível fazer uma omelete sem quebrar os ovos". No entanto, as grandes vítimas das guerras não eram os mortos, mas sim os que ficavam como Jake. E as mulheres que amavam esses homens também tinham sua parcela de sofrimento.

Aquela estranha noite de núpcias estava sendo mais complicada do que ela havia imaginado, e certamente para ambos. Dep01S de se recolher ao quarto que ocuparia sozinha Alice ouviu Jake ao piano. Ele tocou durante um bom tempo, até que subitamente bateu com as mãos no teclado produzindo uma cacofonia de acordes dissonantes.

CAPÍTULO XI

Com a aproximação do Natal, as chuvas se intensificaram. Às vezes Alice ia até a janela e ficava observando as gotas que escorriam pela vidraça. Lá fora, as árvores desfolhadas pareciam sentinelas incansáveis em seus postos.

Alice lembrou-se dos natais passados na Inglaterra, quando ela e Gerard eram ainda crianças. Os dois adoravam enfeitar a árvore de Natal, enchê-la de penduricalhos e pequenas velas. Tia Ethel morria de medo quando as minúsculas velas eram acesas, temendo que aquilo pudesse provocar um incêndio na casa. Por isso, só permitia que elas fossem acesas na noite de Natal, e por apenas cinco minutos. Por precaução, Jessie, a empregada da casa, era obrigada a ficar ao lado da árvore com uma vasilha de água nas mãos.

Suspirando, ela ficou de costas para a janela, com os braços cruzados. Jake estava na mesa de trabalho, examinando a correspondência que havia chegado pela manhã. Às

vezes Alice o auxiliava, atuando como secretária, mas naquele dia ele não precisava de ajuda.

Jake estava examinando uma mesma carta há pelo menos cinco minutos. Era uma carta escrita a mão, num papel de muito boa qualidade. Mesmo a distância Alice podia ver que a caligrafia era firme e bem desenhada. Devia ser de uma mulher, uma pessoa que, por trás de um exterior calmo e bem organizado, escondia um temperamento fortemente emotivo. Aquela conclusão provocou em Alice um arrepio. Jake levantou a cabeça e percebeu que era observado.

— Você não pensou em viajar no Natal? — ele perguntou. Surpresa, Alice respondeu com outra pergunta:

— Para algum lugar onde haja sol?

— Não... embora possamos ir para um lugar assim, se você quiser. — Dizendo isso, ele pegou a carta que estava lendo há pouco. — Recebemos um convite. Lembra-se de que lhe falei na condessa, aquela que me salvou durante a guerra? Escrevi a ela, comunicando nosso casamento, e hoje chegou a resposta. A condessa, se diz ansiosa para conhecer você.

— Ah, sim... — murmurou Alice. Movendo-se devagar, aproximou-se da cadeira de Jake e pousou as mãos nos ombros dele. — Você gostaria de ir?

Jake ergueu uma das mãos e bateu carinhosamente na dela.

— Seria grosseiro recusar. O marido dela vai estar lá. Alice surpreendeu-se com aquela informação.

— Eu não sabia que também havia um conde. Você não me falou nele.

— É que durante a guerra ele estava foragido. O homem é dono de um jornal que, mesmo antes da guerra, era violentamente antigermânico. Por isso, durante a guerra, teve que se esconder em Paris, enquanto a esposa permaneceu no castelo da família, por trás das linhas inimigas. Pensei que, se você quisesse ir, poderíamos fazer a viagem de carro. Você sabe dirigir, não é? Não gosto muito de viajar de trem. De carro, podemos ir parando pelo caminho.

— Gerry me ensinou a dirigir — confirmou Alice, embora ainda em dúvida. — Mas onde vamos arranjar um carro?

— Nós temos um, o Sizaire. Resolvi não vendê-lo, embora atualmente não possa dirigir. Antes de meu último vôo, deixei o Sizaire no galpão de uma fazenda. Voltei depois da guerra para procurá-lo e ele continuava no mesmo lugar. Havia ratos morando no motor e galinhas que punham ovos no estofamento, mas o estado geral era surpreendentemente bom.

Mais tarde, quando a chuva passou, os dois foram até uma garagem ali perto, onde Jake deixava guardado o carro. O estado do Sizaire era excelente. Alguém devia limpar o carro e pôr o motor para funcionar com regularidade. Alice suspeitava que esse alguém era o próprio Jake. A pintura não mostrava qualquer defeito e o couro dos assentos estava perfeitamente limpo.

Como até então só havia dirigido o carrinho de Gerard, Alice não estava muito certa de que conseguiria pôr em movimento aquele monstro reluzente. Jake, porém não tinha qualquer temor em relação a isso. Foi explicando a ela as peculiaridades do carro, cheio de entusiasmo. Depois, enquanto Alice ficou sentada ao volante, observando, ele tirou o paletó, enrolou as mangas da camisa e enfiou a cabeça por baixo do capo levantado.

Jake assobiava alegremente enquanto sujava as mãos de graxa. Era evidente que estava feliz. Mexia nas peças e conversava com o motor, como se estivesse reencontrando um velho amigo. A mecânica sempre trazia à tona o entusiasmo de Jake. A agressividade e a postura defensiva desapareciam instantaneamente. Era como se estivesse em seu verdadeiro mundo. No único em que se sentia integrado.

A própria Alice se sentiu excluída, porque não podia participar daquela harmonia mística entre homem e máquina.

Minutos mais tarde Jake ergueu a cabeça e sorriu com satisfação, enquanto limpava as mãos numa estopa.

— Está tudo perfeito. O carro nos levará e nos trará de volta, sem qualquer problema.

— Só então ele reparou na palidez de Alice. — Você deve estar gelada! Só agora percebi como está frio aqui. Eu me concentrei no motor e me esqueci do resto.

Alice moveu os lábios arroxeados num sorriso.

— Não tem importância.

Mas tinha importância, sim. Desde o reencontro deles, em nenhum outro momento Jake havia se mostrado tão feliz. Parecia muito mais contente do que no dia do casamento. Alice sentiu crescer dentro de si um ciúme esquisito daquele Sizaire. Poderia ser uma estupidez sentir ciúme de uma máquina, mas não era a primeira vez que isso acontecia com ela. Também ficara enciumada quando o bimotor Sara ocupava os pensamentos de Robbie.

O tempo ainda estava chuvoso quando eles partiram de carro para o campo. Felizmente, o Sizaire se comportou muito bem nas mãos de Alice, o que provocou um elogio de Jake:

— Você é uma ótima motorista.

Aquela viagem não devia estar sendo muito confortável para Jake, suscetível ao balanço do carro. Ciente desse desconforto, era estranha a determinação que mostrara em fazer a viagem.

A certa altura eles tiveram que parar num café à beira da estrada, para que Jake pudesse caminhar um pouco. Ainda chovia e Alice correu até o pequeno café, dirigindo-se a uma mesa perto da janela. O lugar era na verdade um ponto de encontro de trabalhadores e estava cheio de homens corpulentos que bebiam vinho e enfumaçavam o ar com seus cigarros. Vários daqueles homens se voltaram à entrada de Alice, olhando-a de cima a baixo. Não pareciam hostis nem receptivos, mas evidentemente a olhavam como uma forasteira e, a julgar pelo Sizaire estacionado lá fora, burguesa, motivo para a julgarem com suspeita.

Alice tentou mostrar-se indiferente àquela reação, mas sentia-se horrivelmente deslocada e desejou que Jake tivesse entrado junto com ela. Se chegasse sozinho a um lugar como aquele, Jake seria tratado por aqueles homens como um igual, porque sabia entendê-los e era entendido por eles. Quando haviam se conhecido, em Londres, Jake parecia estar num mundo que não lhe pertencia. Agora, era ela quem se sentia assim.

O atendente aproximou-se para perguntar o que ela queria. Era um homem atarracado, de braços peludos, com a barba por fazer e que cheirava a suor. Quando ela pediu duas xícaras de café, o homem resmungou alguma coisa e se afastou. Alice ficou se perguntando, apreensiva, quem se encarregava de lavar as xícaras naquele estabelecimento.

Pela janela ela podia ver Jake caminhando sozinho no meio da chuva fina, endireitando o corpo para amenizar a dor. Nessa altura reparou que todos ali também o observavam. Provavelmente achava que ele estava louco, andando embaixo da chuva. Até o som das conversas cessou enquanto os homens acompanhavam com os olhos o caminhar de Jake.

Quando o homem retornou com o café, Alice achou-se na obrigação de dar uma explicação:

— Meu marido já vai entrar — ela disse, com o rosto enrubescido pelo embaraço. — É que... ele tem um problema físico e precisa se exercitar.

— Ah, oui? — disse o homem, com desinteresse, afastando-se sem outro comentário.

Finalmente Jake entrou e sentou-se de frente para ela, com as roupas e os cabelos molhados. Antes de tomar um gole de café, tirou do bolso um lenço e enxugou as faces.

— Agora estou bem — ele garantiu, mas Alice sabia que era mentira.

Nesse instante uma jovem se aproximou e pôs na frente de Jake um cálice de conhaque.

— Com os cumprimentos do chefe — ela disse, simplesmente.

Estava ali mais uma prova de perfeita identificação que havia entre Jake e aquelas pessoas. Aquela gente sabia que o esforço físico era a única forma de superar a dor. Entendia que, quando um homem seguia em frente mesmo tendo uma parte do corpo quebrada, fazia isso não porque quisesse, mas porque era obrigado. Jake não havia trocado uma única palavra com aqueles homens, mas instantaneamente se estabelecera, à entrada dele, uma atmosfera de mútua compreensão. Quando se levantaram para partir, todas as cabeças balançaram em muda despedida.

A partir dali a estrada foi se tornando pior. Os buracos mais fundos haviam sido preenchidos com cascalho, o que era um reparo inadequado. A cada solavanco do Sizaire Jake praguejava. Nos dois lados da estrada havia muitas construções em ruínas, mostrando que aquela região tinha sido palco de intensos combates. Viam-se pequenos cemitérios aqui e ali, onde estavam sepultados os que tinham tombado nas batalhas. Havia um trabalho em curso de transferência dos restos mortais daqueles homens para cemitérios mais dignos, mas ainda eram muitas as precárias sepulturas espalhadas pelo campo. Em algumas havia uma placa dizendo simplesmente "Um soldado inglês". Em outras, ainda mais lacônicas, lia-se apenas "Desconhecido".

— Talvez não seja bonito, mas pelo menos este lugar é tranquilo — avaliou Jake. — Lembro-me das horríveis explosões que ocorreram por aqui. À noite, no acampamento, eu costumava ficar lá fora olhando na direção da frente de combate. Havia sempre um clarão avermelhado no horizonte. Era um fogo que parecia não acabar nunca, como o fogo do inferno. Às vezes, pela manhã, eu sobrevoava a área. Via lá embaixo casas destruídas e outras ainda queimando. — Nesse ponto Jake apontou uma colina a cerca de trezentos metros da estrada. — Foi ali que meu avião se espatifou. A casa está bem perto.

— Jake — falou Alice, nervosa. — A condessa acha que nós... somos como outros casais, não é?

— Não se preocupe — tranquilizou-a Jake. — Ela não vai nos pôr na mesma cama. Em casas desse tipo, marido e mulher sempre dormem em quartos separados.

Momentos mais tarde ele tocou no braço de Alice e apontou um desvio para a direita.

— É ali!

Alice girou o volante e eles passaram entre as duas imponentes colunas da entrada. O carro passou a trafegar na pista particular com pavimento de pedra.

Na França, todas as casas de razoável tamanho eram chamadas de châteaux. Algumas eram castelos de verdade ou mesmo palácios, outras apenas o centro de vastas propriedades rurais. A casa da condessa era grande, uma construção de pedra bem antiga, com torreões e janelas altas. Parecia o lugar ideal para esconder um homem ferido e caçado.

A chuva era apenas uma leve garoa quando eles desembarcaram do Sizaire diante da entrada principal. Nesse instante ouviu-se uma voz chamando por eles, bem alto. Alice voltou-se e viu um velho com roupas de campônio e um chapéu deformado na cabeça que se aproximava correndo, desengonçado como uma aranha grandalhona.

— É Maurice! — exclamou Jake, com um sorriso de satisfação. — Foi ele quem me tirou dos destroços do Camel e me arrastou até aqui.

— É você, capitain! — perguntou o francês, quase sem fôlego por causa da corrida.

— É bom ver você, Maurice — disse Jake, apertando efusivamente a mão do velhote. — Esta aqui é minha esposa.

Maurice virou a cabeça para examinar Alice. Os olhinhos pretos eram vivos e desconfiados. Ela pretendia sorrir para ele, mas o sorriso desapareceu ante a hostilidade que se via naqueles olhos. Mais uma vez, Jake era bem recebido, ela não.

— Madame está esperando — disse o velho, fazendo um gesto de cabeça na direção da casa.

Quase no mesmo instante, ouviu-se uma melodiosa voz de contralto:

— Jake?

Jake jamais havia feito uma descrição da condessa para Alice, mas de alguma forma ela construíra uma imagem para a salvadora dele. Pensava encontrar uma matrona gorducha e velha, um exemplar perfeito da aristocracia decadente, com modos e postura das antigas gerações. Por isso, ver a mulher que descia os degraus da entrada para recebê-los representou um verdadeiro choque.

A condessa não devia ter ainda quarenta anos e era uma dessas belezas cuja elegância não sofre os efeitos da idade. Vestia roupas simples, mas caras, sem dúvida cortadas por algum renomado costureiro de Paris. Ela sorriu para os recém-chegados, mostrando os dentes pequenos, e estendeu a mão branca com anéis nos dedos.

— Vamos entrar. Vocês querem ficar ensopados aí fora?

Esse tempo!

— Olá, Monique — cumprimentou-a Jake, num jeito terno, beijando a face que ela ofereceu. — Você me parece muito bem.

Uma vez sozinha no quarto que iria ocupar, Alice abriu a mala e, enraivecida, foi jogando as roupas em cima da cama. Jake devia tê-la prevenido! Podia pelo menos ter feito uma descrição da condessa. Agora sentia-se traída. Se soubesse, teria insistido para que se hospedassem em algum hotel do lugar, por mais modesto que fosse. Para falar a verdade, nem teria concordado com aquela viagem. Jake a tinha feito de tola diante daquela mulher sofisticada e bela, e naturalmente a condessa havia percebido o espanto no rosto de Alice.

E o pior era a suspeita que ia se insinuando na mente dela, como um câncer maligno: provavelmente tinha sido na cama de Monique que Jake tomara conhecimento da própria impotência. De fato, aquela situação tinha todas as características do eterno e clássico triângulo. O forasteiro obrigado a ficar escondido durante tanto tempo, o marido ausente por causa da guerra, a esposa bela e solitária...

Alice ainda não tinha sido apresentada ao conde, mas já começava a vê-lo como uma pessoa dócil, tola, como ela própria tinha sido. Ele estava vindo de trem de Paris, segundo dissera Monique, e chegaria antes do jantar.

Desconsolada, Alice ficou olhando o que havia espalhado sobre a cama. A recomendação de Monique tinha sido para que se deixasse para a camareira a tarefa de desfazer as malas, mas ela não estava disposta a descer já. Apenas para ganhar tempo, foi jogando as peças nas gavetas do armário, indiscriminadamente.

Conforme a previsão de Jake, tinham sido reservados para eles quartos separados, mas contíguos. Uma porta discreta dava passagem do quarto dela diretamente ao dele. Alice deu três passos e fechou o trinco da porta, só para o caso de Jake querer agir com a informalidade de todo marido. Mas por que ele faria isso? Já estavam casados há dois meses e em nenhum momento ele havia entrado no quarto dela, nem ela no dele. Alice conformara-se porque aquele era um casamento de conveniência. Até já estava acostumada com a idéia de que dificilmente chegaria o dia em que Jake a amasse tanto quanto ela o amava. Só não havia pensado na possibilidade de o coração dele pertencer a outra mulher.

— Eu tinha o direito de saber! — ela se lamentou, baixinho. — E ele não tinha o direito de me tratar de forma tão desumana!

Dez minutos mais tarde, Alice pôs um vestido verde que lhe ficava muito bem, escovou os cabelos e desceu para se juntar a Jake e à condessa. Ainda no alto da escada, Concluiu que eles estavam no salão, porque ouviu com clareza a voz de Jake. Ele parecia animado e Alice sentiu-se mal com a perspectiva de interromper a conversa dos dois.

Monique devia estar bem perto da porta, porque a voz dela chegava com clareza ainda maior:

— Então, você se casou? Confesso que foi uma surpresa para mim, mas naturalmente Henri e eu ficamos contentíssimos.

Só podia ser mentira! Henri, sim, tinha motivos para ficar contente com a notícia, mas não Monique.

— E ela é uma artista? Acho isso admirável.

Fez-se uma pausa, até que Monique voltou a falar, num outro tom:

— Tenho a impressão de que ela não gosta de mim, sua Alice.

— Bobagem! — desmentiu Jake, de pronto. — Como pode gostar ou desgostar, se mal a conhece? Alice é uma pessoa muito... tímida. Dê-lhe tempo e ela irá se abrindo.

"Pois sim!", pensou Alice, revoltada. O pior era ouvir o próprio marido falando dela com outra mulher. Mas era bem feito para ela, por ter cedido à tentação de ficar ouvindo às escondidas.

Sem querer ouvir mais, Alice girou nos calcanhares e seguiu na direção oposta à do salão. Atravessou a sala de jantar, onde uma criada arrumava a prataria sobre a enorme mesa, e transpôs a porta de vidro que dava para o terraço.

Finalmente havia parado de chover, mas fazia frio e o crepúsculo aproximava-se rapidamente. Alice debruçou-se na balaustrada de pedra e ficou contemplando o jardim, que ocupava uma extensa área. Era um jardim bem ao estilo francês e com canteiros simétricos separados por calçadas de pedra.

Não demorou muito para que aqueles instantes de paz fossem perturbados por passos leves atrás dela.

— Ah, aí está você, Alice querida. Por que não entra? Está muito frio aqui fora.

Alice virou-se e conseguiu sorrir para a condessa, que estava a meio caminho entre ela e a porta.

— Não estou com frio. Só vim aqui para respirar um pouco de ar puro.

Monique hesitou, talvez achando estranha aquela explicação.

— Meu marido acaba de chegar de Paris — ela disse, depois de um instante. — Não quer entrar para conhecê-lo?

— Sim, claro.

Um minuto mais tarde as duas entraram no salão. Jake estava de pé, conversando com um estranho enquanto se apoiava na bengala. Provavelmente estava sentindo dores, mas Alice não se condeou. Estava firmemente determinada a nunca mais se envolver tanto na vida do marido.

— Este é Henri, Alice — apresentou Monique.

O estranho voltou-se e inclinou-se polidamente na frente de Alice.

— Madame Sherwood? É uma grande honra...

O conde devia ter bem mais de sessenta anos, provavelmente o dobro da idade da esposa. Era um homem magro, de cabelos prateados e rosto de traços bem marcados, onde chamavam a atenção os olhos profundos e inteligentes. Ao lado daquele homem Monique parecia não a esposa, mas a filha dele.

Alice reparou que a condessa girava no dedo o anel de diamante. Apesar do aparente autocontrole, aquela mulher estava com os nervos à flor da pele. Não podia haver dúvida: o marido idoso refugiado em Paris, um piloto jovem e belo escondido na casa... Tinha sido inevitável.

Já era bem tarde da noite quando eles se recolheram aos quartos. Antes de se despedir no frio corredor, Jake perguntou, naquele seu jeito direto:

— O que há de errado? Você esteve muito quieta. Alice sentiu um arrepio e cruzou os braços.

— Eles são seus amigos — ela respondeu, cedendo ao impulso de se queixar: — Você devia ter me contado que Monique era jovem!

— Mas que importância tem isso? — inquiriu Jake, perplexo.

Alice sentiu vontade de gritar que tinha importância, sim, mas controlou-se. Mesmo assim, quis mostrar que tinha suas razões.

— Foi por isso que fiz papel de boba quando fomos apresentadas. Ela toda elegante, sofisticada... e eu de boca aberta, mais parecendo uma pateta.

— Ora, mas essa agora é muito boa! — exclamou Jake, exasperado. — Eu teria lhe contado, se soubesse que era tão importante para você. Não sei por que as mulheres se preocupam tanto com essas coisas. Eu jamais imaginaria... E a pobre Monique achando que havia ofendido você de alguma maneira.

Será que a explicação era tão simples assim? Seria possível as suspeitas dela serem apenas fruto da imaginação?

— Está frio aqui — resmungou Alice. — Boa noite.

Apressadamente ela se dirigiu ao moderno banheiro instalado no fim do corredor. Quando retornou ao quarto, ouviu ruídos no aposento ao lado. Jake movimentava-se a duras penas, provavelmente apoiando-se nos móveis, enquanto gemia e soltava pragas. A primeira decisão de Alice foi não oferecer ajuda. Instantes mais tarde, porém, percebeu que aquilo seria a negação do objetivo daquele casamento. Depois de respirar fundo, ela deu duas batidas na porta, virou o trinco e entrou.

O quarto estava em meia obscuridade, iluminado apenas pelo abajur na mesinha-de-cabeceira. De pé ao lado da cama, Jake lutava contra a tampa de um frasco de linimento que não queria se soltar. Estava completamente nu.

Alice parou à soleira da porta. Como pintora, não era a primeira vez que via o nu masculino. Além disso, não devia ficar embaraçada, já que estava ali para ajudá-lo. Só que não era embaraço o que estava sentindo. Aquela aceleração nas batidas do coração, o suor, o tremor que ameaçava a firmeza das pernas... Não, aquilo era simplesmente o instinto mais antigo do gênero humano, quando uma mulher se mostra pronta para ser possuída pelo homem.

De nada adiantaria fingir que não queria que Jake a tomasse nos braços e a deitasse naquela cama. Jake voltou-se e pôs os olhos no rosto pálido de Alice.

— O que está fazendo aqui?

Havia um certo desafio na forma como a olhava. Alice pensou que ele fosse cobrir a própria nudez ao se dar conta da presença dela, mas Jake não fez isso.

— Eu vim... vim ver se você estava precisando de alguma coisa — gaguejou Alice.

Jake ergueu o frasco com o remédio.

— Só se for para me ajudar com isto. É para aliviar a dor, mas para que serve se não...

Enraivecido, ele deu uma batida forte no lado da tampa, o que a fez saltar para o alto e cair ao chão.

— Ora, veja só! — resmungou Jake. — Parece que essa coisa ficou com medo de apanhar. Parece também que eu não consigo fazer nada direito!

Aquele reconhecimento das próprias limitações fez Alice recuperar um pouco da autoconfiança.

— Você não vai conseguir aplicar o remédio sozinho — ela disse, aproximando-se. — Deixe-me fazer isso.

Jake virou-se um pouco para o lado.

— Nem sei se você deveria estar aqui!

— Mas eu sou sua esposa! — argumentou Alice, com veemência.

Jake não poderia ter argumentos contra essa afirmação. Eles estavam legalmente casados; ninguém poderia alterar tal fato.

Como Jake apenas ficasse olhando para ela, cheio de espanto, Alice manteve a ofensiva:

— Vamos, deite-se para que eu possa massagear seus quadris.

Depois de hesitar por alguns instantes, ele se submeteu.

Alice não estava preparada para ver a extensão da cicatriz desenhada nos quadris dele e sentiu um arrepio. Mesmo assim, conseguiu manter a compostura que o momento exigia.

— Aquele médico velho... — ela resmungou. — Eu sei que ele fez a operação na cozinha, mas que diabo de instrumentos usou? Facas de cozinha?

— Provavelmente — resmungou Jake, com um sorriso triste. — Eles me deram conhaque para beber e fiquei bêbado demais para ver o que faziam comigo.

Alice sentou-se na beirada da cama e começou a espalhar o linimento, com cuidado e vagar. Agora ela se censurava por ter ficado tão furiosa. Onde estava sua compreensão com um homem que havia passado por tantos sofrimentos? Além disso, sempre estaria pronta a perdoá-lo pelo que quer que fosse. Amava-o o suficiente para isso.

— Pronto! — disse Alice, depois de algum tempo, apanhando a tampa do frasco e recolocando-a no lugar, com desnecessário cuidado.

Jake girou o corpo e sentou-se na cama, ajeitando o travesseiro para apoiar as costas. Sem demonstrar qualquer sinal de dor, ele agora exalava força, graça e dignidade.

— Teve um efeito ótimo, sabe... — disse Jake, num tom brincalhão.

— O remédio? — perguntou Alice, ingenuamente. Jake sorriu e balançou a cabeça.

— Não, o jeito como você fez a massagem.

— Alice ficou com as faces em brasa. Quando tentou se afastar da cama, Jake a releve pelo pulso.

— Alice... não é que eu não queira. Eu quero, sim, e muito. Às vezes, quando demoro para dormir à noite, fico ouvindo seus movimentos na cama. Nessas horas, confesso que só penso em você. Fico imaginando como seria, como poderia ser se...

— A porta de meu quarto nunca esteve trancada — lembrou Alice, falando baixinho. — Você poderia entrar na hora que quisesse.

— Sim, eu sei. — Jake estendeu a mão e tocou na saia da camisola dela. — Tire.

Com os dedos trêmulos, Alice desabotoou a camisola e tirou-a por cima da cabeça, jogando-a ao chão.

Jake ficou olhando demoradamente aquele corpo nu, com um brilho intenso nos olhos cinzentos. Depois, correu os dedos pelos seios dela, tocando-os de leve.

— Você deve estar pensando que eu estou sendo macio, já que não posso fazer o que outros homens fazem, mas a questão não é apenas provar virilidade. Não, é mais que isso. Talvez para as mulheres o amor seja um sentimento que provoque reações no coração, mas para um homem... para a maioria dos homens, ele entra nas entranhas. Ser capaz de fazer amor com a mulher por quem se sente atraído, possuir o corpo dela é fundamental. Nisso o homem não pode falhar, entende? Quando ele fracassa, está não só negando o prazer e criando constrangimento, mas também revelando a inexistência de um sentimento dentro de si. É como se desmentisse todas as palavras e juras de amor ditas antes àquela mulher. Quando um homem ama, a única forma... a forma mais eloqüente de dizer isso é com o próprio corpo. Está me entendendo, Alice? É por isso que nunca fui a seu quarto. Alice mostrou um ar de dúvida.

— Mas você teve outras mulheres antes de me conhecer, provavelmente mesmo depois de me ter conhecido. Amava essas mulheres da forma como acabou de me descrever?

— Não. Esse era outro tipo de necessidade, uma válvula de escape. Um homem não precisa estar apaixonado por uma mulher para levá-la para a cama. Às vezes tudo se resume a um simples reflexo mecânico. Alice, você não deve se preocupar com essas outras mulheres. Não precisa sentir ciúme ou seja lá o que for. Elas não significavam nada naquela época e não significam nada hoje. O que importa é o que estou lhe falando agora.

— Eu compreendo...

— Talvez — falou Jake, parecendo descrente. — Lembra-se da noite em que nos conhecemos e de como você ficou enraivecida quando eu me ofereci para tomar o lugar de Robbie? Eu não estava querendo dizer que você era uma -garota fácil, mas sim que via em você uma pessoa muito especial. Naquele instante, pensei que poderíamos realizar juntos alguma coisa igualmente muito especial.

— E ainda não podemos? — perguntou Alice, quase em desespero.

Jake mexeu-se nos travesseiros.

— Não sei. Talvez só exista uma forma de descobrir. — Significativamente, ele passou a mão pelo ventre dela, desceu pelas coxas e parou nos joelhos. — Fique aqui esta noite, Alice, comigo.

Jake era seu marido, mas aquela era a primeira vez que Alice o via nu e ficava nua diante dele. Era também a primeira vez que ele pedia que dormissem juntos.

Alice achou melhor não responder com palavras. Apenas levantou o lençol e deitou-se ao lado dele.

Jake afastou-se um pouco para ceder espaço e virou-se de lado para abraçá-la. Não havia calefação naquele quarto, mas Jake estava quente, chegando a transpirar.

Muito previsivelmente, aqueles movimentos tiveram reflexos nos quadris de Jake. Quando ele soltou um gemido e resmungou uma praga, Alice percebeu que a autoconfiança demonstrada antes começava a desmoronar.

— Apague a luz — ela sugeriu, esperando que a escuridão ajudasse a ambos.

Jake estendeu a mão e pressionou o interruptor do abajur, deixando o quarto totalmente às escuras. Depois, deitou-se de costas e ficou em silêncio por alguns instantes.

— Alice — ele chamou, finalmente. — Talvez seja mais fácil se você vier aqui e...

— Sim, é claro... — ela se dispôs, de pronto.

Por causa do problema físico de Jake, talvez eles devessem ter tentado aquela posição logo no começo, pensou Alice, enquanto se ajeitava com cuidado por cima dele. Nesse instante ele voltou a falar, com voz rouca e cheia de ânsia:

— Mesmo assim, pode ser que não...

— Não tem importância, Jake! — interrompeu-o Alice. — Eu não me incomodo, nem mesmo se... Seja ou não a forma correta, eu não me incomodo de tentar. Se não der certo desta vez, estarei disposta a tentar outras. Vai acabar dando certo, e você tem que acreditar nisso.

Não deu certo. Depois de algum tempo, Jake afastou-se para o lado e ficou em silêncio na escuridão. A frustração dele pairava pesadamente no ar.

Alice também estava desolada, como se dividisse com Jake a responsabilidade pela impotência dele. Queria ajudá-lo, mas não sabia como. Tinha que haver uma maneira de derrubar aquela barreira que havia na mente de Jake.

Alice não sabia muita coisa sobre sexo. Nesse aspecto, estava sendo uma vítima da criação rígida que tivera. Talvez ela devesse recorrer à ajuda de uma mulher mais velha e experiente, que pudesse aconselhá-la a encontrar uma solução. Mas como discutir com uma terceira pessoa sobre aquele assunto? Jake jamais a perdoaria se o segredo fosse traído.

Talvez o melhor fosse apenas tentar confortá-lo naquela hora de desespero. Movendo a mão por baixo dos lençóis, Alice tocou de leve no ombro dele. Instantaneamente Jake se encolheu, contraindo todos os músculos do corpo.

— Vá embora, Alice, por favor.

Ela apenas se resignou a obedecer.

CAPÍTULO XII

Alice acordou ao mesmo tempo que se iniciava mais uma cinzenta manhã de inverno. Era véspera do Natal, mas ela não estava com ânimo para festas. O próprio tempo não parecia muito propício a comemorações.

Alice pegou o presente que havia comprado para Jake, um livro sobre pintores franceses do século XVIII, e o pôs em cima da cesta de nozes. Havia embrulhado cuidadosamente aquele livro, ainda em Paris, depois de escrever na página de rosto um oferecimento no mínimo impessoal. Mas tinha que ser impessoal mesmo, porque alguma coisa como "Meu adorado marido" seria muito pouco apropriada.

Ainda era muito cedo, mas mesmo assim ela resolveu vestir-se para descer. A velha criada que varria a sala de jantar saudou-a e apressou-se em abrir a porta de vidro que dava para o terraço.

Lá fora estava ainda mais frio. Alice enfiou as mãos nos bolsos e saiu correndo pelo meio do jardim, na direção do pomar. Pouco depois já pisava no chão sem calçamento, sujando os pés na terra preta e molhada.

Às margens do bosque ela cruzou com um grande raposo que voltava para a toca depois de uma noite de pilhagem. Espantado, o animal parou e ficou olhando para a intrusa, com o nariz preto apontado.

— Você é um bicho muito bonitinho — disse Alice, carinhosamente.

Õ raposo mudou de direção e pôs para trabalhar as pernas finas, buscando refúgio no meio do mato.

Muitos anos antes aquele lugar tinha sido um verdadeiro pomar, mas agora as árvores frutíferas não mais produziam.

O mato crescia por todos os lados, predominando as ervas daninhas. Havia também muitos arbustos, profundamente enraizados, o que dificultava a movimentação. Depois de uma primeira tentativa, Alice decidiu que não se embrenharia ali. Aquele bosque parecia hostil e frio.

Nesse instante um pombo torcaz levantou vôo, fazendo barulho com as asas. Assustada, Alice soltou um grito e recuou.

— O que está fazendo aqui, madame?

Alice voltou-se e pôs os olhos no velho Maurice, a poucos metros de distância. Era uma figura recurvada e cheia de marcas deixadas pelo tempo, como as árvores daquele pomar abandonado. Aproximando-se, o velho levantou um pouco a cabeça e olhou para ela, parecendo imitar os gestos de um passarinho.

Outra vez Alice não gostou do que viu naqueles olhos pequenos e brilhantes. Devia sentir gratidão pelo homem que havia salvado a vida de Jake, mas só sentia hostilidade naqueles olhos.

— Este lugar é muito úmido, madame — advertiu o francês, em sua voz fanhosa. — Vai acabar pegando uma gripe.

— Já ia mesmo voltar — disse Alice, na defensiva. O velho balançou a cabeça em aprovação.

— Faz bem, madame. O ar da manhã é perigoso, sabia? Percebendo aquela obstinação em mandá-la embora, Alice resolveu resistir.

— Foi o senhor quem salvou meu marido durante a guerra, não foi? — ela perguntou, só para dizer alguma coisa, já que conhecia a resposta.

— Máquinas voadoras! — resmungou o velho. — Quando eu era criança, seria chamado de maluco qualquer um que dissesse que uma guerra poderia ser combatida nas alturas. No entanto, o velho mestre era um balonista. Sabe do que estou falando, madame... um balão?

Movendo vagarosamente os braços, ele imitou um Balão de ar quente levantando vôo.

— Sim, eu sei o que é um balão, mas quem era o "velho mestre"? — perguntou Alice, curiosa.

— O pai de madame, ora... o pai da condessa! — Maurice parecia espantadíssimo por ela não saber daquilo. — O chateau pertence a ela. Ele não tinha filho homem, o velho amo, e tudo ficou para madame. Há quatrocentos anos a família vive aqui. Eles permaneceram mesmo durante a Grande Revolução. Ninguém os perturbou. O povo os amava e ofereceu proteção.

— E você, Maurice, passou toda sua vida aqui, trabalhando para essa família?

— Toda minha vida, madame, menos durante a outra guerra, quando eu era jovem e me alistei como soldado.

— A outra guerra? — perguntou Alice, que não percebeu logo a que ele estava se referindo.

— A guerra de 1870, madame. Fomos jogados dentro dos vagões dos trens, como gado, e mandados para as frentes de combate, onde os prussianos praticamente nos dizimaram... como gado. O próprio imperador... — Agora havia uma ponta de orgulho na voz dele. — O próprio imperador foi nos passar em revista.

Alice mostrou-se interessada.

— Napoleão III?

— Ele mesmo, com aqueles bigodes e a barbicha. — Para ilustrar o que dizia, Maurice juntou a ponta dos dedos e encostou-os ao queixo. — Levou junto a bela e arrogante esposa espanhola. Coitado... Ele foi nos revistar porque tinha medo de voltar a Paris. O povo de lá queria pendurá-lo numa corda amarrada em algum poste de iluminação da cidade!

Maurice soltou uma gargalhada, como se houvesse dito algo muito engraçado. Aquilo fez aumentar em Alice a repulsa que sentia pelo francês.

— Preciso voltar — ela disse, querendo livrar-se da companhia dele.

— Sim, madame, sim — aprovou Maurice, aproximando-se mais e outra vez mexendo a cabeça como um passarinho. — Volte, madame. Não ganhará nada aqui, intrometendo-se nas coisas, sendo curiosa... Isso não dá bons resultados! Volte para Paris, madame!

Alice ficou tão furiosa que nem quis dar resposta. Apenas girou o corpo e saiu caminhando na direção da casa, com a cabeça bem erguida.

Jake havia comprado para ela um bracelete de prata cravejado de turquesas. Os presentes foram trocados com um simples e formal "Feliz Natal". Alice tentou dizer que havia gostado do presente, o que era verdade, mas ele se afastou antes que ela concluísse a frase. É claro que não tocara no assunto, mas devia estar traumatizado pelo que havia acontecido na noite anterior. Apreensiva, Alice pensou que talvez ele estivesse atribuindo a ela toda a culpa.

Para completar a reunião, Monique informou que o velho Dr. Berthier, que operara Jake durante a guerra, havia sido convidado para o almoço.

— Berthier está com oitenta e dois anos e sai muito pouco — disse a condessa. — Ainda tem a mente esperta o suficiente para saber o que acontece a sua volta... mas cansa-se com facilidade.

De fato, o médico era um velhinho esperto e de modos cavalheirescos. Vestia-se à antiga, mas seria um despropósito obrigá-lo a seguir a nova moda. Era um exemplar perfeito da belle époque, um velho boulevardier que não havia perdido o charme e a elegância de uma geração já quase extinta.

— Em sua época, Berthier foi um homem e tanto! - cochichou Monique ao ouvido de Alice — Muitas atrizes e mulheres da aristocracia perderam a cabeça por causa dele. Era também um homem de coragem. Durante a guerra de 1870, apresentou-se voluntariamente para servir como cirurgião do Exército, tornando-se uma lenda pela dedicação com que tratou dos feridos, sempre nas piores condições.

Havia algo naquele velho e simpático cavalheiro que não ajudou Alice a defini-lo. Ele era um médico da família ao velho estilo, um homem a quem se podia fazer qualquer confidência.

Isso despertou uma ponta de esperança no coração de Alice, que buscou uma aproximação logo depois do almoço. Berthier havia se refugiado na biblioteca para fumar um charuto.

Quando ela começou a se desculpar por perturbá-lo, ele não a deixou terminar.

— Ah, aí está você, minha cara! — exclamou o velho cirurgião, como se já esperasse ser procurado por ela. — Entre, entre!

Alice sentou-se ao lado dele, perto da lareira da biblioteca.

— Fico muito feliz por poder agradecer pessoalmente pelo que o senhor fez com Jake — ela declarou, com sinceridade.

Berthier agitou o charuto no ar, como se desse pouca importância ao próprio feito.

— Ele é um homem muito forte, seu marido! Não morreria com facilidade.

— Dr. Berthier... há uma coisa sobre a qual quero lhe falar... — disse Alice, hesitante.

— Espero que não me entenda mal, mas realmente não sei mais com quem falar.

O médico pôs no cinzeiro a cinza do charuto e olhou para o rosto pálido da interlocutora.

— Imagino que seja o mesmo assunto sobre o qual seu marido esteve discutindo comigo.

— Ele... discutiu com o senhor?! — exclamou Alice, tomada de surpresa.

— Ah, sim. Trata-se de um probleminha relacionado ao amor.

Era uma forma simpática de abordar o assunto, mas quando Alice voltou a falar foi com uma amargura que surpreendeu a si própria:

— Bem, Jake não vê a coisa como um probleminha. É algo que está arruinando a vida dele!

Berthier apagou o que restava do charuto e ficou olhando para o cinzeiro.

— Fumar é uma coisa muito ruim. Sou médico e tenho que reconhecer esse fato. Na minha idade, porém, nada parece ter mais muita importância. Isso é verdade para um velho como eu, mas não para um homem jovem como Jake Sherwood. Sei disso muito bem porque também já fui jovem.

O velhote sorriu com malícia e piscou um olho para Alice. Em seguida, continuou:

— Em geral as pessoas relutam em falar no problema que afeta seu marido. Por isso, muita gente acredita que se trata de um problema cujas características são pouco conhecidas, mas posso lhe assegurar que essa crença está muito longe da verdade. A impotência pode ocorrer a qualquer tempo, e pelas mais variadas razões. No caso de seu marido, estou certo de que é resultado do esgotamento físico combinado com o choque psíquico. A tensão sofrida por quem participava de combates diários, a queda do avião, a operação que fui obrigado a fazer nas piores condições, o fato de ter ficado escondido aqui durante tanto tempo, para depois descobrir que estava quase aleijado... Não é de admirar que, depois de passar por tantas provas, o corpo humano se sinta incapaz de realizar certas funções. Em casos assim, muitas vezes as ações mais naturais e simples se transformam em verdadeiras aventuras. O corpo entra em choque.

— Acho que estou entendendo — murmurou Alice.

— Seu marido tenta fazer amor... e descobre que não consegue. É que ele está num prolongado estado de choque. Você já imaginou o que uma descoberta como essa significa para um homem jovem, viril, bem-sucedido, um homem que sempre teve em plena atividade todas suas funções físicas, psicológicas e... perdoe-me... sexuais? Na primeira vez ele não acredita e tenta novamente, apenas para sofrer outra frustração. Acaba por acreditar, e o que isso significa? Significa a perda da autoconfiança, porque o homem se convence de que está incapacitado para a atividade sexual. Ele tem medo de insistir e voltar a falhar. Às vezes, enche-se de coragem e resolve tentar, mas tem tanto

medo de fracassar... que acaba fracassando. E assim a coisa segue, num círculo vicioso. Então, ele acaba fazendo o que quase sempre faz um homem nessas circunstâncias: casa-se. Não vou perguntar que motivos você teve para se casar com Sherwood. É possível, minha cara, que tenha olhado para esse herói ferido e resolvido se dedicar a ele por inteiro. Sendo isso verdade, seria um gesto nobre e admirável, mas muito perigoso.

Berthier sorriu para ela e balançou a cabeça, em reprovação.

— Agora ele se vê casado com uma mulher jovem e bela que, com desprendimento, dedica-se a cuidar dele. Não é uma situação agradável, especialmente para um homem tão independente. Ele fica ao mesmo tempo grato... e ressentido. A suas preocupações acrescenta-se agora o senso de responsabilidade. Temendo que essa mulher esteja apenas desperdiçando sua juventude, e por causa dele, o homem fará tudo para que o sacrifício dela valha a pena. — Berthier fez uma pausa, antes de concluir: — O que ele quer, acima de tudo, é dar a ela um filho.

Alice conteve a respiração.

— Um filho? Mas Jake nunca falou em...

— Não a você, talvez, mas procure entender por que a situação atual é tão desesperadora para ele. Agora, quando fracassa, está fracassando justamente nos braços da mulher que mais desejava possuir.

— O senhor está querendo dizer que foi um erro eu me casar com Jake — concluiu Alice, cheia de amargura. — O que devo fazer?

— Dê tempo ao tempo — aconselhou o médico. — Enquanto isso, encoraje-o a buscar sucesso em outras atividades. A autoconfiança pode ser recuperada de várias maneiras e o que seu marido está precisando é obter sucesso em algum empreendimento, triunfar, realizar algo que o faça ser visto pelas outras pessoas como um vencedor. A oportunidade acabará aparecendo, pode acreditar.

Antes de fazer uma última recomendação, o velho cirurgião voltou a pousar nela os olhinhos espertos.

— E ele tem de acreditar que você o ama, confiar em você de forma irrestrita.

Depois disso eles ficaram em silêncio e, muito mais tarde, o médico cochilava na poltrona. Alice deixou-o ali e saiu da biblioteca. Precisava pôr ordem nos pensamentos. Não sabia exatamente o que Jake havia falado com Berthier nem se o médico o havia entendido corretamente. No entanto, como dissera Monique, Berthier ainda era muito esperto e se interessava pelo que acontecia a sua volta. Não havia motivos para supor que ele não havia entendido direito o que Jake lhe dissera. Um filho... Jake queria um filho...

Alice ficou deprimida e, pela primeira vez, perguntou-se se teria forças para persistir naquele propósito. Antes, sempre que pensava em desistir, era porque Jake a deixava enraivecida. Mas a raiva passava e a determinação permanecia intacta. Agora, porém, era ela própria quem achava ter tomado uma decisão errada.

Será que Gerard e Jennie estavam certos quando demonstravam pouco entusiasmo em relação a Jake? Era possível. Afinal de contas, eles estavam de fora, podiam ver a situação com clareza e sem paixão. Ela, ao contrário, estava cega pelo desejo de continuar ao lado de Jake e pelo medo de voltar a perdê-lo. Agora, tudo levava a crer que já o havia perdido.

Durante o resto daquele dia Alice buscou uma oportunidade de conversar com Jake, mas ele claramente evitava ficar a sós com ela. Na certa estava enraivecido pelo fiasco da noite anterior e jogava sobre ela toda a culpa.

Depois do jantar, Jake sentou-se para jogar xadrez com o conde, e Monique envolveu-se numa animada conversa com Berthier. Alice disse aos outros que estava com um pouco de dor de cabeça por causa do vinho e foi cedo para a cama. Quando ela passou pela mesa de xadrez, o conde ergueu um pouco o corpo e fez uma reverência, desejando

boa-noite. Jake apenas levantou a cabeça e olhou diretamente para ela, com, claro antagonismo.

Alice estava na cama há cerca de quinze minutos, com um livro aberto nas mãos, mas sem conseguir se concentrar na leitura, quando ouviu batidas na porta. Imediatamente fechou o livro e o pôs de lado. Só podia ser Jake, querendo se desculpar por ter sido tão rude.

— Entre! — disse Alice, com a respiração contida. Foi Monique quem apareceu à porta, hesitante.

— Posso entrar?

— Sim, é claro — respondeu Alice, um tanto friamente. Monique fechou a porta e atravessou o quarto, sentando-se na borda da cama. Ainda era uma mulher bela e elegante, mas quando se estava bem perto, como Alice naquele momento, era possível ver as rugas que marcavam aquele rosto de pele muito alva. A vida não tinha sido muito complacente com a condessa. Agora tudo estava superado, é claro, mas as cicatrizes permaneciam. Tocada por aquela constatação, Alice sentiu uma inesperada onda de simpatia em relação a Monique.

— Desculpe por eu ter saído tão cedo da festa — ela disse, meio encabulada. — Espero que isso não tenha parecido uma descortesia.

— É claro que não, Alice querida. — Monique tocou na mão dela com os dedos compridos, num dos quais brilhava um diamante. — Vim ver como você está. Precisa de alguma coisa?

— Não, obrigada.

— Alice... — começou Monique. — Sei que você não gosta muito de mim, e acho que é porque imagina que Jake e eu... Mas está enganada, muito enganada. Nunca existiu nada disso.

Alice ficou tão surpresa com o que dizia a condessa que, quando falou, foi apenas para fazer uma pergunta idiota:

— Não?

Monique mostrou uma expressão de amargura, o que acentuou as rugas no rosto delicado.

— Sei que você e Jake não estão felizes juntos, e isso me entristece muito, porque ele é um homem que já passou por muitos sofrimentos. Quando chegou aqui, durante a guerra, Jake estava tão ferido que todos nós achamos que ele iria morrer. Foi por causa de você, Alice, que ele resistiu à morte. Jake não parou de pensar em você um só instante e isso lhe deu forças para resistir.

Monique empurrou para trás uma mecha de cabelos pretos, mesclada por alguns fios brancos.

— Quando Jake estava convalescendo, eu costumava vir aqui para conversar com ele. Você foi sempre o único assunto dessas conversas, mas isso não parecia cansá-lo. Às vezes ele me perguntava se estava me aborrecendo. Eu sorria e dizia que não, é claro, porque sabia o quanto era importante para ele falar em você. O melhor remédio para Jake era a esperança de um dia voltar a vê-la. Quando ele me escreveu dizendo que vocês dois haviam se casado... Oh, Alice! Fiquei tão feliz! Quando vocês chegaram, porém, logo percebi que havia algo de errado. Não vou lhe perguntar qual é o problema, Alice, mas peço que não desista, por favor... Quando estava ferido, quase à morte, Jake resistiu por sua causa. Agora, será que você poderia suportar um pouco mais, por causa dele! Alice sorriu com abatimento.

— Será que vale a pena?

— Sim! — respondeu Monique, ansiosa, segurando na mão dela. — Vale muito a pena, desde que você queira isso de coração. — A condessa respirou fundo e relaxou o aperto na mão de Alice. — Talvez você ache, já que meu marido, Henri, é bem mais velho que eu, que nosso casamento é apenas de conveniência. Pois não é. Eu sempre amei e

admirei Henri, apesar de termos passado por momentos difíceis. Nós nunca tivemos filhos. Se tivéssemos, talvez tudo fosse mais fácil. À proporção que os anos foram passando, Henri adquiriu o costume de dizer que eu devia ter me casado com um homem mais jovem, alguém de minha idade. Isso parecia afetá-lo muito. Não tinha muita importância nos primeiros anos, porque a diferença de idade não era tão evidente. O tempo, porém, é implacável. Mas pode acreditar que não estou arrependida. Com toda a honestidade, afirmo que, se neste momento aparecesse aqui uma fada me oferecendo a possibilidade de retornar à juventude e o direito de escolher o homem que quisesse, eu outra vez escolheria Henri. O casamento não é fácil, Alice, e nunca é exatamente como imaginamos. No entanto, se duas pessoas de fato pertencem uma à outra, o que pode ser capaz de separá-las? — Inclinando-se um pouco, ela beijou Alice na face. — Amanhã você se sentirá bem melhor, querida.

Alice não acreditava muito nessa possibilidade, mas sorriu para a condessa.

Jake recolheu-se bem tarde, já perto da meia-noite. Alice ouviu os movimentos dele e, pouco depois, uma leve batida na porta que comunicava os dois quartos. Afinal de contas, ele se resolvera a ir vê-la. Alice achou que aquilo podia ser obra de Monique, e a esperança de antes foi substituída pelo ressentimento.

Jake entrou, sentou-se numa cadeira perto da cama e perguntou, como se fizesse um desafio:

— Está se sentindo melhor?

— Não estou tão mal assim — respondeu Alice. — Você veio aqui por vontade própria ou foi mandado por Monique?

— Não recebo ordens de Monique! — ele rebateu, cheio de brios. — Pretendia vir vê-la... mas o jogo de xadrez estendeu-se muito. Além disso, resolvi esperar a partida de Berthier, por uma simples questão de cortesia.

Alice não disse nada. Jake ficou em silêncio por alguns instantes e, quando voltou a falar, foi com a cabeça abaixada, sem olhar para ela:

— Quero que me desculpe por ter passado o dia mal-humorado, e quero que me desculpe também por ontem à noite.

— Ai, meu Deus! — exclamou Alice, enraivecida. — Você não precisa se -desculpar!

— Preciso, sim, porque a decepcionei. Sei que você queria fazer amor comigo, mas o único resultado foi ficarmos os dois transtornados e desapontados. — Jake cobriu o rosto com as mãos e ficou com a voz trêmula. — Desculpe, Alice. Eu não consigo, jamais conseguirei.

Alice jogou o lençol para o lado e correu para abraçá-lo com força, como se quisesse protegê-lo de qualquer perigo.

— Não diga isso, Jake, por favor! Não foi culpa de ninguém! E não chore, meu querido... Você nunca fez isso antes.

— Droga! — praguejou Jake. — É, eu nunca fiz isso, pelo menos não desde os seis anos de idade. Mas estou bem agora, Alice... estou bem. — Soltando-se dos braços dela, ele repetiu: — Estou bem. Volte para a cama, ou vai acabar pegando um resfriado. Esta casa mais parece um pote de gelo.

Com relutância, Alice voltou para debaixo do cobertor e ficou olhando enquanto ele se recompunha, limpando os olhos umedecidos. Observando aquele esforço, foi Alice quem sentiu vontade de chorar, mas respirou fundo e voltou a falar:

— Você não tem nada que ficar decepcionado, está ouvindo? Sua situação não ficou muito diferente de como seria se eu não houvesse aparecido. Quanto a mim, não estou me queixando de nada, sinceramente. Só que você não vai desistir, Jake, porque eu não deixarei.

— Sim, Alice — disse Jake, agora em tom de brincadeira. — Meu Deus, como você é furiosa! É verdade que, durante a guerra, comparecia a reuniões das feministas?

— Eu ia, sim... mas para servir chá.

Jake fez uma cara de espanto e ela começou a rir.

Com os olhos cinzentos, ele percorreu aquele corpo escondido por baixo do cobertor. Por quanto tempo ainda ela permaneceria intocada, até que surgisse alguém? Sem dúvida, apareceria um amante para realizar o que ele, Jake, não havia conseguido. Primeiro esse amante possuiria o corpo daquela mulher. Depois, tomaria conta do coração.

Ninguém, nem mesmo Alice, seria capaz de avaliar a dor que aquela perspectiva provocava em Jake. Era uma dor terrível, um fogo que queimava dentro do peito dele. Berthier havia tentado confortá-lo, mas aquele médico era apenas um velho. Talvez ainda se lembrasse do fogo que lhe corria nas veias quando era jovem, mas certamente já havia se esquecido das verdadeiras chamas.

— Chamas! — exclamou Jake, sem saber bem por quê. Alice arregalou os olhos, espantada, e ele se viu obrigado a alinhar uma explicação:

— Quando meu avião se espatifou contra aquela colina, senti o cheiro do combustível espalhado e fiquei esperando pelas chamas. Antes mesmo que elas viessem, comecei a sentir o calor, lembrei-me dos homens que já tinha visto queimados pelo fogo...

Alice sentiu um arrepio pelo corpo e o coração acelerado, como num instante em que se faz uma descoberta. Esforçando-se para pensar com coerência e não se deixar cegar pelo raio de luz que aparecia na escuridão, ela argumentou:

— Mas você não foi queimado, Jake. O fogo só começou mais tarde, depois que Maurice o tirou dos destroços.

O medo das chamas... Todo o pesadelo que eles viviam agora estava ligado àquele momento de puro horror, o medo do fogo e de seu terrível poder de destruição. A perspectiva da tragédia iminente havia criado um bloqueio na mente de Jake, uma mão de ferro que apertava e se recusava a soltar.

Alice estendeu a mão e acariciou a dele.

— Você não foi queimado, Jake! Apenas pensou que morreria no meio das chamas, teve medo de uma coisa que acabou não acontecendo.

Com os olhos fechados, Jake agitou a cabeça como se um inseto o perturbasse. Alice retomou a argumentação:

— Aconteceu com outras pessoas, Jake, mas não com você!

— Às vezes eu sonho com isso — ele revelou, num tom rouco. — Hoje nem tanto, mas antes sonhava com frequência, principalmente quando estava escondido nesta casa. Acordava molhado de suor, ouvia o barulho do avião se espatifando e sentia o cheiro do combustível. Em geral acendia a luz e ficava lendo até o dia amanhecer, porque tinha medo de dormir e voltar a sonhar a mesma coisa. Você... consegue entender isso?

Alice apertou com força a mão que antes acariciava.

— Sim, Jake, eu entendo. Mas está acabado. É apenas coisa do passado.

Jake ficou olhando para ela por alguns instantes, pensativo. Depois, afastou a mão rispidamente.

— Uma ova que é coisa do passado! Ainda tenho de lutar minha própria guerra, Alice! A guerra pegou minha vida e triturou-a por inteiro, deixando-me apenas os pedaços.

Jake disse aquilo com uma expressão dura no rosto, o que deixou Alice sem palavras. Depois de alguns instantes, ele voltou a falar:

— Já lhe pedi desculpas, e pode acreditar que fui sincero. Mesmo assim, não vou deixar que nenhum de nós dois passe outra vez por um constrangimento como aquele.

Ele estava se referindo à noite anterior. Mas Alice sentia que algo de muito importante havia acontecido, uma coisa que deixava em segundo plano aquele fiasco. Agora havia uma chave capaz de abrir a porta que dava entrada a mente de Jake. Por outro lado, não seria fácil fazer uso dessa fonte.

CAPÍTULO XIII

Ansiosa para conversar sobre aquela descoberta com alguém que pudesse ajudá-la, Alice procurou o Dr. Berthier na tarde do dia seguinte. Fazia sol, apesar do frio, e o ar puro contribuiu para deixá-la quase otimista.

Berthier morava numa casa estreita e alta, cercada por jardins e protegida por um muro de mais de dois metros. A idosa governanta, que recebeu Alice à porta e conduziu-a a uma sala até onde chegava o cheiro de café recém-coado, informou que o doutor estava "com seus livros". Isso logo se explicou. É que o velho era um bibliófilo, um ávido colecionador de edições antigas.

Berthier recebeu a visitante num escritório com estantes cheias de livros antigos que exalavam um odor de couro ressecado e pergaminho. Em seu jeito de falar cheio de floreios, declarou-se encantado por vê-la.

— Um velho como eu recebe bem poucas visitas de mulheres bonitas. Sente-se, minha cara. Suplico que não repare no aspecto sombrio do ambiente que a cerca...

— Que bobagem, Dr. Berthier! Seu escritório é muito simpático.

Em seguida Alice passou a contar o que havia se passado entre ela e Jake na noite anterior. Berthier escutou com atenção. Ao fim da narrativa, juntou os dedos e ficou balançando a cabeça para a frente e para trás, vagarosamente.

— Hum... num... é possível... Sim, é possível. A mente antecipando um evento... Isso às vezes acontece. — De súbito ele ergueu os olhos azuis e muito vivos. — Considera boa sua saúde, madame?

— Muito boa — respondeu Alice, espantada. — Nunca fico doente. Berthier apontou o dedo para ela, como se a censurasse.

— Ah! E o que considera doença. — Ante a hesitação da jovem, ele resolveu ajudá-la: — Você dorme bem?

— Sim... — gaguejou Alice, dominada por um natural desejo de ser franca e honesta. — Para falar a verdade, às vezes não durmo muito bem, não como gostaria. Acho que fico preocupada com Jake.

— Tem dores de cabeça? Fica deprimida, nervosa, irritada? Há ocasiões em que se sente doente, embora procure se convencer de que está perfeitamente saudável?

Todas aquelas perguntas mereceriam resposta afirmativa, o que fez Alice corar.

— Sim, às vezes... Eu trabalho muito. Sou uma mulher que abraçou urna carreira profissional, o que talvez o surpreenda.

— Um médico nunca se surpreende com nada, minha cara. — Berthier sorriu e inclinou-se para tocar na lombada de um volume antigo na prateleira ao lado dele. — Rabelais. Diz-se que não é um escritor recomendável para as damas. Talvez por isso os homens hoje o leiam com tanta avidez, considerando-o engraçado e pornográfico. É uma interpretação equivocada, naturalmente. Rabelais também era médico. Como tal, entendia que nosso corpo é criado para funções básicas e simples, o que determina nossa vida física e a forma como vemos o mundo. Os teólogos, é claro, teriam muito o que acrescentar a isso, mas eu não sou teólogo e falo apenas do corpo e da mente. Você acha que apenas seu marido sofre por não conseguir fazer amor com você, o que ele sem dúvida gostaria muito. No entanto, minha cara, também você está sofrendo. Se quer mesmo ajudá-lo, precisa não só saber que ele precisa de você, mas também reconhecer que você precisa dele. Acho que tem ignorado esse fato.

Alice ficou em silêncio por alguns instantes, mas teve de reconhecer que ele havia diagnosticado muito bem a situação.

— Sim... mas agora penso de forma diferente. Berthier abriu um sorriso e bateu com as mãos nos braços da poltrona.

— Você é uma jovem notável! Vê com clareza e tem coragem para encarar a verdade. Isso já é meio caminho andado. — Berthier fez uma pausa e olhou bem para ela sério. — No entanto, minha cara, pode crer que o resto do caminho será cheio de dificuldades.

Não estava chovendo em Paris, mas um frio intenso dominava a cidade. O apartamento no tranqüilo bulevar estava deserto, já que Séraphine, a governanta, tinha ido passar as festas de fim de ano com uma filha casada que morava na Bretanha. A primeira providência de Alice foi procurar o zelador, para pedir a ligação imediata do sistema de calefação do apartamento. Quando retornou, encontrou Jake na cozinha, fazendo café. Ele assobiava uma canção antiga e parecia feliz da vida, talvez por estar outra vez em casa. Provavelmente já havia conseguido afastar da lembrança a frustrante tentativa amorosa de alguns dias antes.

Alice ficou contente por vê-lo feliz, mesmo depois daquela estafante viagem. Minutos mais tarde eles se dirigiram à sala de estar para tomar o café recém-coado. Era bom estar outra vez em casa, só eles dois.

Alice mal havia sentado quando a campainha começou a tocar furiosamente.

— Eu atendo... — ela se prontificou, resignada.

Sem esperar por um convite, Paul foi entrando mal a porta se abriu.

— Por onde vocês andaram? — ele inquiriu, afastando uma mecha de cabelos de cima dos olhos. — Há dias que tenho procurado pelos dois. Ninguém atende ao telefone.

— Sente-se, Paul — sugeriu Alice, com calma.

Paul sentou-se sem tirar o sobretudo, enquanto olhava significativamente para o bule de café. Alice foi até a cozinha e voltou instantes mais tarde com mais uma xícara.

— O zelador podia ter-lhe informado que fomos passar o Natal no campo.

Paul pareceu genuinamente espantado.

— Mas o que foram fazer no campo, por Deus do céu? Ainda mais nesta época do ano...

— Queríamos um pouco de paz e tranqüilidade, ficar ao pé da lareira, comer uma comidinha gostosa — respondeu Jake, olhando diretamente para ele.

— O que você quer, Paul? — perguntou Alice. — Não deve ser nada muito urgente, é claro.

Descuidado como sempre, Paul colocou a xícara; de café no braço da poltrona, de onde ela poderia facilmente cair sobre o tapete. Alice apressou-se em resgatar a xícara e a depositou sobre a mesa de centro.

— Vocês sabem que dia é hoje? — perguntou Paul, logo mostrando um sorriso de triunfo. — Ah! Estou vendo que não se lembram! Hoje é o último dia do ano e vim convidá-los para uma festa. Quero que passem comigo a noite do ano-novo.

Francamente, ir a uma festa era o que Alice menos queria fazer.

— Pelo amor de Deus, Paul! Eu dirigi um bocado e estou cansadíssima.

Paul não quis aceitar a desculpa.

— Descanse algumas horas, se quiser. Todos estarão lá e vocês não podem faltar! Estou esperando pelo menos umas cem pessoas.

— Em seu apartamento? Mas lá não cabe tanta gente, Paul!

— Não, chère Alice, não será no apartamento. Aquilo é apenas meu pied-à-terre em Paris, exclusivamente para receber clientes e... namoradas. A festa será em minha casa. — Ao ver o espanto no rosto de Alice e Jake, ele abriu um sorriso de triunfo. — Sim, crianças, eu tenho uma casa! Fica a apenas vinte quilômetros de Paris e vocês poderão muito bem ir de trem. Não terão desculpa para faltar. Além disso, lá não faz tanto frio como aqui.

Teatralmente, ele esfregou as mãos e olhou em volta.

— Há quanto tempo você tem essa casa, Paul? — perguntou Alice, ainda tentando digerir a informação que acabara de receber.

— Há uns cinco anos. Comprei-a por quase nada, porque estava num estado deplorável, quase em ruínas. Passei esses cinco anos fazendo as reformas, mas agora a casa está prontinha, um brinco! Quando eu me aposentar, o que acontecerá quando estiver velho demais para trabalhar ou fazer amor, é para lá que irei.

— Muito conveniente — observou Jake, secamente. Paul pegou de volta a xícara e sorriu. No entanto, sorria para si próprio, não para os outros.

Alice sentiu um frio na barriga, porque conhecia aquele sorrisinho cruel. Alguma coisa o divertia e ela já fazia idéia do que podia ser. Paul sabia... sem dúvida havia descoberto o que de fato existia entre ela e Jake. Devia ter meditado, juntado os fatos, até chegar à verdade.

— É muita gentileza sua, Paul, mas realmente não podemos ir — apressou-se a dizer Alice.

— Eu gostaria de ir — pronunciou-se Jake, com calma. Fez-se um breve silêncio. Finalmente, Paul tomou o resto do café e pôs-se de pé.

Depois que ele foi embora, Alice olhou para Jake com ressentimento.

— Por que aceitou o convite? Viu que eu não estava com vontade de ir. Estou cansada.

— É a noite de ano-novo. O que sugere que façamos, se não formos à festa? Que fiquemos aqui olhando um para a cara do outro, até que dê meia-noite, e depois cada um vá para seu respectivo quarto?

Alice engoliu em seco. Havia muita agressividade na voz de Jake. Era como se a companhia dela servisse apenas para lembrá-lo da própria incapacidade. Se saíssem, pelo menos ele teria distração por algumas horas.

— Está bem, se é o que você quer...

Jake desviou o olhar e fez uma sugestão, agora já sem tanta Agressividade:

— Você pode usar seu vestido cor-de-rosa, aquele com babados que parecem lencinhos pendurados.

Ele se referia a um vestido rosa salmão que realçava os cabelos de Alice. Era bem decolado, cheio de sensualidade, comprado num momento de pura irreflexão.

Depois de ficar sabendo que Paul tinha uma casa de campo, ou pelo menos nas imediações de Paris, o que para os parisienses era o mesmo que uma casa de campo, Alice estava preparada para tudo. Mesmo assim, surpreendeu-se com o que viu. A casa ficava no centro de um vasto terreno cercado por muros altos. Era uma construção do Primeiro Império, datada do início do século XIX, na certa erguida por algum burguês que havia enriquecido à sombra das campanhas guerreiras promovidas por Napoleão.

Estava escuro quando eles desembarcaram do táxi que os transportou desde a estação local e, por isso, não foi possível examinar com mais cuidado a fachada da casa. Mas havia luz em todas as janelas e de longe já se escutavam a música e as vozes animadas. Quando eles entraram, uma criada de uniforme e ar cerimonioso apareceu para se encarregar do casaco de pele de Alice, enquanto um criado vestido como um mágico pegava o sobretudo e o chapéu de Jake. Sem dúvida, aqueles dois estavam ali por conta do bufê especialmente contratado para a festa. O serviço era feito na mais perfeita organização, exatamente o oposto de como Paul agia no trabalho. Aquilo comprovava a suspeita de Alice de que a postura desleixada do decorador não passava de uma fachada cuidadosamente encenada. Ele sabia muito bem o que estava fazendo e sempre previa três lances adiante, como num jogo de xadrez. Alice não se surpreendeu quando viu, por uma porta entreaberta, um tabuleiro com as peças arrumadas. Paul tratava as pessoas como se estivesse movendo peões.

O resto da casa, à proporção que eles foram atravessando a multidão de convidados, só confirmou essa impressão. Nada ali tinha a vulgaridade do estilo nouveau-riche que Paul servia a seus clientes. Ao contrário, aquela casa havia sido restaurada com muito amor, cuidado e bom gosto. Numa palavra, era linda. Como o burguês que a construía na

primeira década do século XIX, Paul um dia perderia o sórdido interesse em ganhar dinheiro e iria morar ali, sozinho.

O próprio Paul se destacou do meio dos convidados para dar boas-vindas aos recém-chegados.

— Vocês conseguiram chegar, finalmente. Você está linda, Alice. — Dizendo isso, ele a beijou na face. — Vou arranjar bebida para vocês.

— Como tem gente aqui! — exclamou Alice.

— É verdade, e alguns eu nem sei quem são... Espere. Está vendo aquele sujeito de bigode preto, que está tentando passar a mão no traseiro daquela garota? É Laroche, o magnata da indústria bélica. Ele comprou uma casa em Neuilly e quer que façamos um projeto de restauração.

Mesmo ali, os negócios estavam em primeiro lugar. Alice até já- imaginava o que Laroche queria. O homem tinha dinheiro demais e queria que as pessoas não se esquecessem disso. Haveria tapetes de pele, muitas pinturas a óleo, uma enorme mesa de jantar, banheiros com torneiras de ouro... e tudo em meio a uma profusão de cores.

Jake encontrou um conhecido e começou uma conversa, enquanto Alice foi reconhecida por um cliente que logo a abordou. Durante mais ou menos uma hora eles ficaram naquela confusão de vozes e bandejas de drinques que passavam. A certa altura Alice viu, horrorizada, que Paul vinha na direção de onde ela estava, trazendo Laroche pelo braço. O magnata estava evidentemente bêbado e fez uma reverência espalhafatosa ao ser apresentado, o que quase o fez cair ao chão. Em seguida ele beijou a mão de Alice, uma experiência profundamente desagradável, já que os lábios do homem estavam molhados de uísque.

Como era muito comum em situações como aquela, Paul desapareceu logo após a apresentação. Laroche começou a falar pelos cotovelos, tocando sem cerimônia nos ombros dela com os dedos suados e olhando-a com olhos injetados.

Alice começou a sentir náuseas, não só por causa daquele homem desagradável, mas por tudo o que acontecia ali. Havia um cheiro forte de álcool no ar, misturado com o odor da transpiração das pessoas, que não paravam de se movimentar.

— Com licença! — exclamou Alice, afastando-se do boquiaberto Laroche e marchando para fora do salão.

O hall estava deserto, com um ar bem menos impregnado. Alice respirou fundo e passou as costas da mão pela testa. Não sabia onde Jake estava, mas não sentia a menor vontade de ir procurá-lo no meio daquela multidão. Ficar andando sozinha pela casa talvez parecesse uma descortesia, mas bem que ela gostaria de conhecer o esconderijo secreto de Paul.

Cedendo a esse impulso, Alice foi subindo a escada, parando para examinar as pinturas que, na parede da direita, acompanhavam a subida dos degraus a intervalos regulares. Alguns daqueles quadros eram de pintores ingleses e retratavam cenas de caça. Talvez Paul já houvesse morado na Inglaterra, já que falava inglês com tanta perfeição.

A escada terminava num corredor e Alice empurrou a primeira porta que encontrou, sem ao menos pensar no que estava fazendo. Para seu desespero, constatou que havia entrado no quarto de Paul. Havia objetos pessoais jogados aqui e ali e um cinzeiro cheio de pontas de cigarros. Alice quis sair dali imediatamente, mas teve a atenção chamada por uma fotografia pendurada na parede.

A foto mostrava um jovem em uniforme de aviador, de pé ao lado de um bimotor. Num dos cantos alguém havia escrito em francês: "Julho, 1917". O rapaz estava encostado na fuselagem do avião e sorria para a câmera. Era Paul, com o mesmo ar libertino e desleixado, mas mostrando ainda o charme da juventude, o que fazia uma enorme diferença.

Aquela foto deixou Alice com o coração cheio de uma indescritível pena, porque representava o passado de todos eles. Jake também estava de uniforme quando ela o havia conhecido. Era um pouco mais jovem e parecia muito feliz em poder voar, enfrentar o perigo.

— Ora, ora, mas que surpresa agradável! — exclamou Paul, às costas dela. — Não imaginava que a encontraria aqui, Alice, esperando por mim.

Alice girou o corpo para encará-lo. Paul estava encostado no batente da porta, com um copo de champanhe numa das mãos e uma garrafa de Heidsieck na outra. Tinha o colarinho aberto e a gravata-borboleta apenas pendurada. Com aquele sorriso descarado no rosto, não era mais que uma caricatura do jovem da foto, desenhada com cinismo.

— Desculpe, Paul... — gaguejou Alice. — Eu estava andando pela casa e... Deve ter sido a curiosidade profissional... Além disso, queria me ver livre daquele Laroche horroroso. Por que me abandonou daquele jeito?

— Oh, dor! — exclamou Paul, como se sofresse uma enorme decepção. — Você estragou tudo, Alice! Eu estava certo de que este era um encontro amoroso.

— Não imaginei que você viria até aqui e por isso me arrisquei a olhar a fotografia — ela se apressou em dizer.

Paul piscou um olho com malícia.

— Bem, agora estou aqui. Se não era para ser um encontro amoroso, podemos fazer com que seja.

Enquanto dizia isso, ele deu um passo adiante e voltou-se para fechar a porta.

— Paul! — exclamou Alice, horrorizada.

Talvez ele apenas houvesse bebido um pouco além da conta e estivesse agindo como não agiria em outras circunstâncias. Por outro lado, Alice conhecia aquele homem o suficiente para saber que, se estava determinado, não seria dissuadido com uma simples recusa.

— Não fique assustada — recomendou Paul. — Não tenho a intenção de estuprá-la. Acha que faria isso com a casa cheia de gente? E não teria graça nenhuma. Mas o fato é que juntos poderemos criar uma atmosfera de muito encantamento.

— Há muita gente na casa, sim, inclusive meu marido! — lembrou Alice, com rudeza.

— Ah, a esposa virtuosa... Que coisa mais chata. — Paul deu alguns passos pelo quarto e parou ao lado dela, olhando para a foto com ar crítico. — Nem sei por que mantenho isso aí, já que não gosto de me lembrar dessa época. Foi um inferno em vida, do princípio ao fim. Para nós franceses foi muito pior, sabe... foi muito pior do que para os outros. Os canadenses, os ingleses, os americanos, os australianos... esses estavam lutando em território estrangeiro, voando em céu estrangeiro. Mas nós, não... O que víamos lá era nosso próprio país sendo destruído pelas bombas, estranguiado... “lo arame farpado... — Paul fez uma pausa e deu de ombros. — Esse aí era um excelente avião, um Nieuport. Acho que é por isso que guardo a fotografia... por causa da máquina. No fim da guerra ele estava cheio de furos, mas continua voando admiravelmente. Era como uma mulher apaixonada que reagisse às carícias de amor.

Terminado o discurso, Paul caminhou até a cama e depositou a garrafa de champanhe no chão. Em seguida, tirou o paletó e jogou-o para o lado. Por fim deixou-se cair de costas na cama, com as mãos atrás da cabeça.

Alice aproximou-se da cama, sinceramente tocada pelo que acabava de ouvir.

— O que o trouxe aqui, Paul?

Antes de responder, Paul ficou olhando demoradamente para ela.

— Meus convidados estão se divertindo, mas me aborrecem! Você... é uma mulher muito bonita, Alice. Tem tudo o que um homem pode querer.

Alice ficou furiosa ao ouvir aquelas palavras.

— E quando foi que chegou a essa conclusão? Quando descobriu que eu era o que vulgarmente se chama de “ricaça”?

Ela não podia ter certeza de que Paul sabia da herança deixada pelo velho Nat Morreu, mas desconfiava que Blanche havia falado mais do que devia. Para reforçar essa suspeita, era evidente a mudança de atitude do decorador em relação a ela desde o dia do casamento.

Paul soltou uma risada.

— Você não tem nada de vulgar, minha cara, nem eu. Somos dois artistas, almas sensíveis perdidas numa sociedade de bárbaros. Sempre a achei bonita e talentosa, além de considerá-la uma excelente mulher de negócios! — Paul sentou-se na cama e apoiou as duas mãos nos joelhos. — Juntos, Alice, como sócios, poderíamos fazer muito mais do que apenas amor. Ganharíamos fortunas. O que me diz?

— Atualmente eu já trabalho para você.

— Ba! — ele exclamou, dando um tapa no ar. — Estou falando em tempo integral, sócios de verdade, em tudo.

Paul enfatizou as últimas palavras, erguendo as sobrancelhas para sentir a reação dela.

— Você está se esquecendo de que sou casada.

— Pois se divorcie e case-se comigo — sugeriu Paul, com a maior naturalidade.

— Não seja impertinente! Paul não se deu por vencido.

— Seria muito melhor para você. Faço idéia de como é seu casamento, Alice querida. Vocês dois não... Estou certo? Ou melhor, ele não consegue...

— Isso é um problema passageiro! — rebateu Alice, furiosa, sem perceber que apenas confirmava a suspeita dele. — E você não tem nada a ver com isso!

— Sei, sei... Então, o amor superará tudo, não é? Imagino que ele ainda lhe diz todos os dias que a ama.

Na verdade, Jake jamais dissera que a amava. A crueldade daquelas palavras atingiu o coração de Alice.

— Você é um canalha, Paul — ela o definiu, calmamente. — O que mais me espanta é um homem com seu passado não ter o mínimo sentimento de lealdade. — Ela disse aquilo indicando a foto em que Paul aparecia vestido de aviador. — Não consigo entender. O companheirismo que havia entre os pilotos deve ter significado alguma coisa para você. Jake também era piloto e vocês dois chegaram a se conhecer durante a guerra... fizeram uma farra juntos. Agora, você tenta seduzir a mulher dele. Não acha isso errado?

Paul deu de ombros.

— Não. Lancelot era membro da Cavalaria, mas isso não o impediu de cobiçar Guinevere, mulher do rei Artur. Você, querida Alice, é uma Guinevere dos tempos modernos. Está casada, mas não tem um casamento verdadeiro. Isso não os faz feliz, nem a você nem a ele. Não tente fingir que é de outra forma. Acha que eu não sou capaz de perceber quando há rachaduras num relacionamento? É claro que sou, porque eu próprio já passei por tudo isso.

Paul sorriu com inesperada amargura. Deitando-se novamente, ficou olhando um ponto fixo do teto.

— Minha mulher era de uma tradicional família da Normandia. Descendia de Robert, o Demônio, um meio-irmão de Guilherme, o Bastardo. Sei que os ingleses o chamam de "o Conquistador", mas nós franceses preferimos um nome que se aproxima mais da realidade. Não sei se você sabe, mas era praticamente impossível uma jovem permanecer virgo intacta se se aproximasse do castelo do velho Robert. Minha mulher tinha um orgulho enorme disso. É esquisito, porque hoje em dia a família inteira fica horrorizada ao menor sinal de um escândalo. Não haveria problema se o escândalo ocorresse no século XVII, só que eu não estava no século XVII. Portanto, não podia ser aceito.

— Por que se casou com ela? — perguntou Alice, curiosa. — Estava apaixonado?

Paul franziu a testa, procurando responder com cuidado:

— Não foi exatamente isso. Ela era bonita, apesar de um pouco aguada. Tinha o que se pode chamar de charme de uma colegial. — Depois de dizer isso, ele riu das próprias palavras. — No fundo, era uma egoísta, uma gata mimada. Seja como for, acabei passando das medidas. Nós dois saímos para um passeio no campo e começou a chover. Perto de onde estávamos havia um providencial celeiro e... bem...

— Não precisa contar — poupou-o Alice. — Posso adivinhar o resto.

— É, acho que sim. Para falar a verdade, não precisei fazer muito esforço, porque ela estava excitada, entusiasmada mesmo! Depois veio a consequência: o pai dela exigiu que eu me casasse, por causa do estado da moça. — Paul voltou a sentar-se e fez um gesto elegante com uma das mãos. — E eu me casei. Naturalmente, não era a mim que eles queriam. Queriam apenas respeitabilidade.

— Mas ela estava... Você tem um filho? — perguntou Alice, incrédula.

— Sim, mas nem o conheço. Como já disse, eles queriam apenas a certidão de casamento e a cerimônia... só para evitar o escândalo e legitimar a criança. O casamento em si não durou muito tempo. Depois de seis semanas ela voltou para papai e mamãe. Mas não foi culpa minha. Eu estava então com vinte anos e via com ansiedade a perspectiva de ser pai. Meu sogro me procurou e pediu, em termos muito diretos, que eu saísse da vida da filha dele. Até me pagou para isso, com muita generosidade. Com o dinheiro, é claro, vieram instruções muito detalhadas. Eu devia sair da cidade para nunca mais voltar. E não devia tentar conseguir a custódia da criança!

— Que absurdo... — murmurou Alice, sinceramente tocada. — Isso deve ser muito ruim para vocês todos... para a criança, para a mãe e para você.

— Não precisa chorar, Alice querida. Isso é uma coisa que acontece o tempo todo, com frequência maior do que você imagina. Como já lhe disse, ela era uma garota mimada demais. Acho que, mais tarde, acabaria mesmo por deixá-la.

— Bem, pois eu não vou deixar Jake! — declarou Alice.

— Também não vou traí-lo, e muito menos com você! Devia sentir vergonha por pensar em enganar uma pessoa como Jake, que já passou por tanta coisa...

— Não me venha agora falar na guerra! — cortou Paul, num tom rude. — Naquela época tudo era diferente. Nós éramos diferentes, mais jovens, mais ingênuos, talvez até estúpidos. Acreditávamos em tudo o que nos diziam... Ah, como fomos tolos! — Paul virou a cabeça e olhou nos olhos dela.

— A guerra me ensinou uma coisa, Alice, mas não tem nada a ver com companheirismo. Trata-se do *saue qui peut*, o "salve-se quem puder". Era cada um por si, para matar ou ser morto. Você faz idéia de quantos amigos eu perdi? Eles foram derrubados, queimados vivos ou dados como desaparecidos, o que quer dizer que jamais se soube que fim tiveram... E você vem me falar de lealdade? Nós é que fomos traídos! Essas pessoas lá embaixo, que estão comendo minha comida, bebendo minha bebida e balançando os corpos gordos ao som da música... Você acha que elas dão hoje a menor importância a esse sacrifício? Mandaram erguer monumentos, contribuíram para que recebêssemos mantimentos, pagaram a lápide das sepulturas e agora estão interessadas apenas em se divertir.

— Essa é uma visão cínica, Paul, e totalmente equivocada — definiu Alice, séria.

— Acha que estou errado? — Paul sorriu, virou-se de lado e apoiou-se no cotovelo, segurando a cabeça com a mão. — Acha que estou sendo intolerante demais? Então, venha até aqui e me ensine como devo reagir.

Para reforçar o convite, ele bateu com a mão na colcha da cama.

— Não! E você não pode estar pensando que eu concordaria com isso! — A essa altura ela vacilou. — Você não pensa isso, não é, Paul? Não acha que eu...

— Por que não? A esta altura Jake já deu por sua falta. A próxima coisa que ele vai fazer é procurar por mim. Verá que eu também desapareci, somará dois mais dois e... Jake deve estar achando que você está aqui comigo, Alice, na cama. Pode apostar nisso.

Ele não vai acreditar quando você disser que não aconteceu nada. Portanto... — Paul sorriu com malícia. — Você não tem nada a perder. Venha até aqui e prometo que vai gostar muito.

— Vou descer agora mesmo! — decidiu Alice, girando o corpo e caminhando para a porta.

Paul desceu da cama e rapidamente atravessou o quarto para impedir a fuga.

— Pare com esse puritanismo idiota, Alice! — ele disse, segurando nos ombros dela. — Ninguém mais dá importância a isso. Hoje há nesta casa pelo menos umas cem pessoas, irias você não encontrará entre elas um só marido leal ou uma única esposa fiel!

Em seguida ele puxou-a para perto e tentou beijá-la.

Alice recuou e esbofeteou-o no rosto, com força. Quando a bofetada ecoou pelo quarto, Paul encarou-a com firmeza, as marcas dos dedos dela no rosto pálido.

Por um momento Alice sentiu um terrível medo, mas a reação dele não foi violenta como ela temia.

— Não precisava fazer isso, Alice — disse Paul com brandura.

— Você está bêbado, Paul! — ela devolveu. — Deixe-me passar. Paul ergueu as duas mãos, num gesto de submissão.

— É livre como um passarinho, minha cara Sra. Sherwood. — Depois de abrir a porta, ele acrescentou: — Não estou bêbado, Alice, e saberei esperar. Sabe o que fiz com minha aliança de casamento? Joguei-a no rio. O que pretende fazer com a sua?

— Continuarei a usá-la — respondeu Alice sem se alterar. Paul riu de um jeito tão engraçado que ela quase também começou a rir, apesar da raiva. Ao mesmo tempo, sentia pena do outro Paul, o que havia por trás daquela fachada de cinismo, o jovem que, depois de ser rechaçado pela aristocrática família da esposa mimada, resolveu jogar no rio a aliança de casamento. O estrago iniciado no casamento desfeito havia sido completado pela guerra. O Paul de agora era resultado daquilo tudo, e seria impossível mudá-lo.

Jake havia mesmo sentido falta de Alice, o que confirmava a previsão de Paul. Quando ela desceu, ele estava sentado a um canto, correndo os olhos pelos grupos de convidados, como se a procurasse. Alice abriu caminho na multidão e aproximou-se.

Jake não disse nada. Apenas ficou olhando para o rosto enrubescido de Alice, esperando que ela falasse.

— Eu não... Não aconteceu nada! — disse Alice, furiosa.

— Não perguntei nada — devolveu Jake, num tom neutro. — Nem ia perguntar.

— Mas foi mais ou menos assim no dia em que nos conhecemos, não foi? Eu estava andando num jardim escuro, tropeçando nas coisas, depois de ter saído de uma festa para tentar chegar ao quarto de Robbie. Agora você acha que estive fazendo a mesma coisa.

— E você estava? — ele perguntou, aparentando pouco interesse.

Alice estava a ponto de chorar de raiva.

— Não, já disse que não! Estava andando pela casa, só por curiosidade, e acabei encontrando Paul. Sim, ele me fez propostas que não deveria ter feito, mas só porque estava bêbado. Felizmente não insistiu. Nesse instante uma voz se destacou das demais:

— Faltam cinco minutos para meia-noite!

Um desconhecido pôs uma taça de champanhe na mão de Alice. Em seguida ao anúncio fez-se um estranho silêncio. Com a respiração contida, as pessoas ficaram escutando o tique-taque do relógio da parede, até que os ponteiros se juntaram ao som das doze badaladas. Então foi uma gritaria geral. Todos se confraternizavam enquanto a banda tentava competir com o vozerio.

— Já é 1921 — disse Jake, inclinando-se para beijar a face de Alice. — Feliz ano-novo, Sra. Sherwood.

Alice abraçou-o com força, escondeu o rosto no peito dele e desatou em lágrimas.

— Vamos para casa, Jake. Vamos voltar para Paris... agora!

— Claro — concordou Jake, com calma. — Qualquer coisa que você queira, Alice. — Por cima da cabeça dela ele ficou olhando a debochada figura de Daquin, perto da porta, com o braço no ombro de uma atraente morena. — Qualquer coisa que você queira...

Nesse instante eles foram cobertos por uma chuva de confetes coloridos jogados por uma gorducha que ria muito alto.

CAPÍTULO XIV

Em fevereiro, uma visita de rotina ao especialista proporcionou a Jake uma inesperada novidade. O cirurgião havia chegado à conclusão de que boa parte das dores que ele sentia nos quadris era causada por fragmentos de osso que estavam ali desde o dia do desastre. Uma operação para removê-los não apresentaria problema e, segundo o especialista, traria resultados positivos.

A idéia de voltar a se internar num hospital e submeter-se a mais um período de convalescença não deixou Jake muito entusiasmado. Mesmo assim ele acabou concordando. As dores haviam aumentado tanto ultimamente que devem ter influenciado na decisão.

— Acho que não tenho escolha — ele disse, conformado. A operação foi marcada numa clínica perto de Vincennes e o próprio especialista seria o cirurgião.

— Acredito que temos motivos para ficar otimistas, madame Sherwood — disse o médico.

Aquele homem tinha a irritante mania de tratá-la como uma Criança de cinco anos que fosse incapaz de entender a mais simples explicação de um médico.

Nem bem a operação foi marcada, chegou um telegrama de Gerard, procedente da Inglaterra.

— O que houve? — perguntou Jake, ao ver a expressão de Alice depois de ler o telegrama.

— Tia Ethel morreu — ela respondeu, muito pálida, sentando-se na cadeira mais próxima. — Não posso acreditar. Ela sempre foi uma mulher tão saudável... Está certo que já era idosa, mas não me lembro de tê-la visto adoentada uma única vez.

— Quando será o enterro? — perguntou Jake.

— Terça-feira... mas não vou poder ir. É o dia em que você se internará na clínica.

Jake deu três passos vagarosos e pôs a mão no ombro dela.

— Ouça, Alice: acho que você deveria ir... e quero que vá. Sua tia sempre foi muito boa com você. Foi ela quem a criou. Para Gerard seria muito importante você estar lá, no enterro da mãe dele. A Sra. Daventry era uma excelente pessoa e eu me lembro dela muito bem. Não vou precisar de você aqui, Alice... Calma, calma! — Ao ver que ela ia protestar, Jake procurou se explicar: — Não foi isso o que eu quis dizer. Não é que eu não a queira a meu lado, mas bem gostaria que não estivesse... Droga! Procure entender, Alice. Apenas não quero que me veja numa cama de hospital!

— Sim, eu compreendo — disse Alice.

Jake sorriu e, pela primeira vez desde a frustrada tentativa amorosa na casa de Monique, beijou-a na boca.

— Reconheço que sou uma pessoa difícil de se conviver, Alice, mas eu a avisei.

Alice ficou com os olhos rasos de lágrimas.

— Isso não tem importância, Jake, sinceramente.

— Bem, tem importância para mim. Eu sinto muito. Gostaria... gostaria que fosse de outra forma.

Alice levantou-se e segurou na nuca dele com as duas mãos.

— Eu te amo, Jake, e é por isso que estou aqui.

— Sim, é claro — disse Jake, enigmático, enquanto afastava as mãos dela. — Agora é melhor você ir telegrafar para Gerard avisando que irá ao enterro.

A Sra. Daventry havia morado durante muito tempo naquela região de Londres e tinha muitos amigos. Mesmo assim, Alice surpreendeu-se com o número de pessoas que compareceram ao enterro, naquela manhã fria e cinzenta de fevereiro. O frio intenso da noite havia provocado uma geada e, mesmo agora, já perto da hora do almoço, viam-se gotículas esbranquiçadas de gelo na rei vâ que cercava as sepulturas.

Sentada num dos primeiros bancos da capela onde se velava o corpo, Alice não havia reparado na presença de Robbie. Só depois do sepultamento, quando Gerard se ocupava em receber pêsames de uma fila de pessoas de preto, foi que ela viu o ex-noivo, um pouco destacado do grupo que cercava os familiares da falecida. Alice atravessou a multidão e aproximou-se para apertar afetuosamente a mão de Robbie.

— Oi, Alice — ele a saudou. — É bom ver você. Bem que eu gostaria que fosse em outra ocasião.

Robbie beijou-a na face, como se cumprimentasse uma irmã. Parecia um pouco mais velho e havia adquirido alguns quilos. Além disso, havia deixado crescer um bigode loiro, o que até lhe ficava bem.

— Foi bondade sua ter vindo, Robbie — falou Alice, sem esconder a satisfação de revê-lo. — Tia Ethel sempre gostou muito de você.

Robbie mostrou um sorriso amargo.

— Nisso ela foi uma exceção. Eu estava por perto, visitando minha mãe. Mamãe já passou dos setenta, como você deve saber, mas continua bastante saudável. Só não está aqui por causa desse tempo frio, mas me pediu que a representasse.

Soprou um vento gelado e os dois saíram caminhando de volta à capela, de braços dados. Era estranho, mas naquele momento Alice sentia-se muito mais próxima de Robbie do que durante o noivado.

Dentro da capela estava um pouco mais quente, mas não muito. Agora o lugar estava vazio e havia no ar um cheiro forte de flores e cera de vela queimada. Robbie caminhou até onde estava a placa em homenagem ao irmão dele, uma placa dourada, limpa e bem polida.

— Mamãe vem aqui uma vez por mês para polir esta placa. Nunca esquece. Acho que jamais se conformará com a perda de Phil, assim como sei que não gosta muito de mim. Bem, ninguém é obrigado a gostar de um filho. Não vou dizer que alguma vez ela tenha sido injusta, mas sempre percebi, mesmo quando eu e meu irmão éramos pequenos, que era de Phil que mamãe gostava mais. Atualmente o quarto dele é mantido do jeito que ficou no dia em que partimos depois de nossa última licença. Em cima da cômoda há um maço de cigarros vazio, um exemplar do Almanaque da Criança, que ele ganhou quando fez dez anos, em 1904... e um retrato de Harriet Bingley. A propósito, você sabia que Harriet está se saindo muito bem no palco? Nos cartazes o nome dela aparece seguido da frase: "Oriunda da aristocracia".

Robbie disse aquilo em tom teatral, mas apenas para desviar um pouco do primeiro assunto, ao qual logo retornou:

— Mas eu também gostava de Phil, Alice. Não havia quem não gostasse dele. Meu irmão era um homem melhor do que eu, em todos os aspectos. Se tivesse voltado da guerra, faria algo de aproveitável na vida, o que não é bem meu caso...

— Sua esposa não veio com você nessa visita a lady Harris? Robbie mostrou o mesmo sorriso travesso e charmoso de antigamente.

— Ah, não! Mamãe não suporta Edith, e vice-versa. Mamãe diz que Edith tem origem obscura, veja só! Na verdade, ela foi dançarina de teatro, isso há muitos anos.

— Você é feliz com ela, Robbie?

— É um casamento... satisfatório — ele respondeu, dando de ombros. — Edith faz o que quer. Afinal de contas, o dinheiro é dela, é ela quem me dá casa, comida e roupa.

Portanto, toma todas as decisões. Costumo dizer que estou morando na casa de Edith, como de fato estou, mas sou uma espécie de móvel da casa. Não sou tão inativo como uma mesa, naturalmente... Talvez uma boa comparação seja com um gramofone, que executa uma tarefa para satisfazer o dono. Nesse aspecto, meu campo de atuação é a cama.

— Você nem mesmo gosta dela? — perguntou Alice, com desalento.

— Num certo sentido, sim. Apesar daquela máscara de frivolidade, Edith é uma pessoa decente. Também não posso dizer que não seja generosa ao abrir a carteira, porque isso ela é. Edith teve uma vida dura. — Robbie fez uma pausa e ficou sério. — Sim, eu gosto um bocado dela. Acho que ela também gosta de mim... do jeito que as mulheres gostam de seus cachorrinhos de estimação.

Agora eles estavam sentados num dos compridos bancos de madeira. Robbie voltou-se para olhá-la com um sorriso brincalhão nos lábios.

— Não sei qual vai ser sua reação a isso... porque Gerard me disse que você trabalha para Paul Daquin, mas uma das piores coisas que tenho de aturar é a decoração daquela casa.

— Não me diga que é obra de Daquin! — exclamou Alice.

— Sim. Edith o trouxe à Inglaterra especialmente para realizar o trabalho, depois de ouvir de alguém que ele estava fazendo furor em Paris. Mas a decoração é uma coisa horrorosa. Há uma profusão de pequenas almofadas, cheias de babados e penduricalhos... o tipo de coisa feita para ter um ar feminino, mas que na verdade não tem. — Robbie fez uma pausa e pensou um pouco. — Num certo sentido, acho que se parece muito com a própria Edith. Quanto a isso, Daquin acertou em cheio.

— Reconheço que ele às vezes faz coisas horrorosas... mas as pessoas gostam — ponderou Alice, como se precisasse se justificar. — É o que elas querem.

Robbie respirou fundo.

— Eu só queria ver se você tivesse que viver num lugar assim, Alice, como eu tenho.

— A casa em que ele mora é bem diferente. Foi construída há mais de um século e o próprio Daquin cuidou da restauração com o mais absoluto bom gosto. Como decorador profissional, porém, ele cede à vontade dos clientes. Prostitui-se artisticamente, segundo suas próprias palavras, mas ganha um bom dinheiro com isso.

— Sorte dele — comentou Robbie, com uma risadinha, mas logo mudando de tom. — Como vai Jake?

— Está para fazer uma nova operação e o médico se mostra otimista. Tonrara1 que a cirurgia tenha mesmo bons resultados.

— Coitado. Jake é um que passou por maus bocados... Deverei ir a Paris pelo final do mês e talvez faça uma visita a vocês dois.

— Que bom, Robbie! Jake ficaria muito contente. Vou lhe dar o endereço.

— Irei sozinho — acrescentou Robbie, pegando o pedaço de papel que ela entregou e enfiando-o no bolso. — Edith vai a Monte Carlo para jogar nos cassinos e, nessas ocasiões, não gosta de me ter por perto.

— Por quê?

Ao responder, Robbie pareceu mais amargurado que constrangido: — É que ela não vai apenas para jogar...

— Está querendo dizer... outros homens? — Alice arregalou os olhos, incrédula. — Não, é claro que não.

— É claro que sim. Mas ela é cuidadosa... não faz essas coisas quando estou por perto. Não que Edith esteja enjoada de mim ou coisa parecida. Apenas quer deixar bem claro que é uma mulher independente... e quê eu poderei ser substituído a qualquer minuto.

— E quanto a você? O que aconteceria se fizesse a mesma coisa?

— Estaria liquidado tão logo ela soubesse do fato — respondeu Robbie, pensativo. — O dinheiro faz coisas esquisitas com as pessoas. Eu sempre pensei que seria muito bom ser rico, mas descobri que Edith é uma espécie de prisioneira de si mesma. Como paga todas as contas, não consegue imaginar que alguém possa querer dela qualquer coisa além de dinheiro. Acho que sou a única pessoa que Edith acredita realmente gostar dela. — Robbie mostrou um sorriso peralta e continuou: — É claro que também gosto muito do dinheiro! Mesmo assim, se ela amanhã perdesse tudo o que tem, eu não a deixaria. Muita gente a considera durona, mas na verdade Edith é uma pessoa muito vulnerável.

— Ela não merece você — declarou Alice, convicta.

— Talvez ele é que tenha conseguido o que merecia! — emendou Robbie, pensativo. — Mas consegui também que precisava. Sou um fraco, Alice, preciso de alguém que me organize. Vivia me aproveitando de Jake, porque ele sempre teve personalidade forte. Nesse aspecto Edith se parece muito com Jake. No começo, não tinha nada além da vontade de sair da base da pirâmide social, e chegou ao alto à custa de muito esforço, coragem e determinação. Eu a admiro por isso. Jamais conseguiria a mesma coisa, se dependesse apenas de minha própria capacidade. Sem Edith, ainda estaria vendendo apólices de seguro, de porta em porta. Jake é o oposto de mim, porque tem a mesma determinação de Edith. Ele nunca entrega os pontos. Não importa qual seja a dificuldade que tenha de enfrentar, sempre consegue superá-la. É um lutador. Mais que isso, é um vencedor.

Mais tarde, depois do almoço, Alice subiu até o sótão que antes lhe servia de estúdio. A porta rangeu ao ser empurrada e o lugar cheirava a mofo. Agora ninguém mais ia ali, ninguém usava o espaço que tinha sido só dela. Havia teias de aranhas pelos cantos e a clarabóia estava imunda. O cavalete continuava encostado no fundo do estúdio, vazio.

Alice caminhava pelo sótão, com as mãos às costas, quando Gerard apareceu. Por alguns instantes ele ficou parado à porta, indeciso, como se esperasse um convite para entrar.

— Entre, Gerry — disse Alice. — Afinal de contas, esta casa é sua.

Gerard entrou e deixou-se cair na velha poltrona em que costumava se sentar para vê-la trabalhar.

— Era sua casa também, Alice — ele lembrou, sério. — Ainda é sua casa... na hora em que quiser voltar.

Alice sentou-se num banquinho de madeira e encarou o primo.

— Você está mesmo é especulando, Gerry querido, para saber se meu casamento está em crise.

— E está?

— Ainda não! — respondeu Alice, com um brilho de desafio nos olhos verdes.

Gerard cocou a cabeça.

— Bem... lembre-se de que ainda sou advogado. Se precisar de alguma orientação...

— Num processo de divórcio? Nunca! Jamais deixarei Jake, pode acreditar! — Em seguida ela resolveu levar o combate para o campo do adversário: — E seu casamento? Você é feliz com Jennie?

— Sim! — respondeu Gerard, com uma firmeza que não admitia contestação.

— Vocês não pretendem ter filhos?

Aquela era uma pergunta bem pessoal, mas afinal de contas eles estavam em família. A propósito, seria bom que um deles dois, Gerard ou ela própria, produzisse um herdeiro, ou a família não teria continuação. Do jeito como estavam as coisas, era pouco provável que ela engravidasse. Jake queria um filho, segundo dissera Berthier, só que...

Gerard ficou mexendo no algodão do enchimento da poltrona, que aparecia num buraco do forro. — Daqui a alguns anos, talvez... Estávamos morando aqui, com minha mãe, e não seria justo submetê-la à confusão que a chegada de uma criança sempre provoca. Teríamos que arranjar lugar para uma babá e tudo o mais.

Alice correu os olhos pelo estúdio quase vazio.

— Bem que podia ser instalado aqui o quarto da babá.

— Não! — descartou Gerard, decidido. — Este espaço é seu e ninguém irá ocupá-lo.

— Reparando no ar de espanto da prima, ele tentou se explicar: — Seria quase um sacrilégio, Alice. Às vezes, quando estou sozinho na casa, venho até aqui e sinto-me como se não estivesse mais sozinho, como se tivesse sua companhia... Bem, quanto a ter filhos, é preciso levar em conta a carreira de Jennie. Ela está sempre ocupada demais. Aliás, isso era uma coisa com que minha mãe jamais concordou. As duas se davam muito bem, eram amicíssimas, mas mamãe não conseguia entender uma mulher trabalhando fora. Não é de admirar, porque ela nunca entendeu sua ida para Paris. Eu também não entendi. — Gerard fez uma pausa e mudou de assunto: — Pretendemos visitar a América no verão, Jennie e eu. Ela faz parte de um comitê que vai estudar os efeitos da Lei Seca.

— Meu Deus! — exclamou Alice. — Espero que ela não tenha aderido aos que pregam a proibição total da venda de bebidas alcoólicas.

Gerard riu daquela observação.

— Pelo menos por enquanto, acho que o uísque com soda que costumo tomar à noite não está ameaçado. Estou muito interessado na viagem, porque atravessar o oceano deve ser uma coisa fascinante, mas não tenho tanto interesse assim em discutir com os congressistas sobre a conveniência de manter a nação sóbria.

— Jennie deveria conversar com Jake sobre o assunto — sugeriu Alice. — Ele acha a idéia uma tolice. Quando leu no jornal os argumentos de um adepto da proibição, segundo o qual "ao esvaziarmos os bares esvaziaremos as prisões", Jake disse que não foi isso que aconteceu nos Estados Unidos, onde as prisões continuam cheias. O lugar dos bêbados foi ocupado pelos traficantes de bebidas. A polícia está tão ocupada em reprimir as quadrilhas que se dedicam ao mercado negro de bebida que não tem tempo para caçar os verdadeiros criminosos, os assassinos, os assaltantes, os estupradores. Jake argumenta também que muita gente passou a destilar aguardente para consumo próprio, usando como matéria-prima batata, milho ou outros produtos, e isso acaba trazendo prejuízos ainda maiores. Muitos consumidores dessas aguardentes ficam paralíticos ou mesmo cegos.

— Meu Deus! — exclamou Gerard, — Não o deixe falar com Jennie, ou acabarei perdendo a oportunidade da viagem!

Era uma preocupação desnecessária, porque dificilmente Jake e Jennie estariam de acordo em alguma coisa. Alice lamentava muito isso, mas sabia que aqueles dois tinham personalidades igualmente fortes e antagônicas.

— Ele é bom para você, Alice? — perguntou Gerard, de chofre.

Alice não poderia mentir, não para Gerard.

— Ele não chega a ser grosseiro comigo, massas vezes fica muito irritado por causa das fortes dores que sente. Sempre acaba se arrependendo depois. Estamos muito esperançosos com essa operação que está para ser feita. Pelo menos, a se acreditar no especialista...

Alice levantou a cabeça e ficou olhando a empoeirada clarabóia. Jake estava se submetendo a mais uma cirurgia, e sem a companhia dela. Ele havia deixado claro que não a queria por perto naquela hora, mas ela sabia que deveria voltar, imediatamente.

A cirurgia foi um sucesso maior do que se esperava. Pelo menos uma vez, o especialista havia acertado. Três semanas depois da operação, Jake já se movimentava pelo apartamento, ainda de bengala, mas pela primeira vez desde 1918, quando havia ocorrido o desastre, sem sentir-dor.

A diferença que isso operou nele foi extraordinária. Agora Alice lembrava-se sem saudade da época em que ele padecia de dores terríveis e, por causa disso, não conseguia se concentrar em nada, ficava irritado, passava noites em claro. Finalmente

livre daquele sofrimento depois de três longos anos, Jake até já falava em voltar a dirigir o Sizaire.

— E por que não? — ele insistiu, quando ela não quis concordar. — Deixe de ser ranzinza, Alice. Se eu me sentir cansado, encostarei o carro e pronto... Apenas isso.

— Você acha mesmo é que eu não dirijo direito, não é? — rebateu Alice, tentando esconder, a preocupação que a assaltava.

O que ela mais temia era que Jake, indo além do que lhe permitia a convalescença de uma operação recente, acabasse tendo que voltar à frustrante imobilidade de antes.

— Não, você é incrível ao volante — ele disse, rindo, pára em seguida ficar sério. — Só que precisa parar de me tratar como criança, um bebê que esteja aprendendo a andar! Preciso voltar a fazer tudo o que fazia antes.

— Sim, eu sei, mas será que pode ir devagar? Você anda saltitando por aí como um cabrito, meu Deus!

— Está com medo de que eu fuja para longe de você? — perguntou Jake, outra vez rindo.

Aquela provocação deixou Alice irritada e ressentida.

— Isso não é justo, Jake!

— Tem razão, não é justo — ele se penitenciou. — Sabe de uma coisa? Eu não esperava que você levasse essa história tão longe. Alice olhou para ele com ar de espanto.

— Que história?

— Esse nosso casamento maluco. O que eu pensava era que, depois de um ou dois meses, você acabaria se cansando de bancar a caridosa.

Bancar a caridosa! Essa agora era muito boa! Jake caminhou até o barzinho, num canto da sala, e destampou uma garrafa de conhaque.

— Quero ser honesto com você, Alice. Não pense que não sou grato pelo que você fez e ainda está fazendo por mim. No entanto, francamente, imaginava que a esta altura você já estaria cansada disso. Sabe muito bem que eu nunca quis essa... essa situação. É muito bom ter você por perto, mas eu conseguiria me arranjar sozinho. Além disso, você está desperdiçando sua mocidade... Essa operação tornou as coisas mais fáceis para mim, e até espero voltar a dirigir o Sizaire, mas aquele cirurgião não seria capaz de operar um milagre. Não adianta nos iludirmos. Estou muito longe de ser o que já fui ou o que gostaria de ser. Ainda sou um aleijado e talvez continue assim até morrer. Você não precisa de mim, Alice. Precisa de alguém... diferente.

— Você sabe que me machuca muito quando fala assim, não sabe, Jake? — queixou-se Alice. — Acha mesmo que é apenas isso o que estou fazendo, que estou sendo caridosa?

— E não é? Alice enrubesceu.

— Talvez, mas não faria a mesma coisa por ninguém mais além de você.

— Então, minha doce benfeitora, por que faz isso por mim? Alice quis dizer que era porque o amava, mas sempre se saíra mal quando tentava declarar isso. Qualquer gesto de afeição era invariavelmente repellido por Jake.

Era como se houvesse um muro entre eles, uma barreira que pouco a pouco parecia se tornar intransponível. Por outro lado, às vezes Alice tinha a impressão de que Jake esperava alguma coisa dela, mas não sabia o quê. Não raro, erguia a cabeça e o surpreendia a olhá-la, com ar soturno, como se a acusasse de alguma coisa e esperasse o reconhecimento da culpa. Alice nem imaginava o que podia estar na cabeça dele, mas aquilo vinha acontecendo desde a festa de ano-novo na casa de Paul.

A chegada da primavera produziu em Paris o efeito mágico de sempre. Os jardineiros voltaram aos parques, trabalhando ativamente nos canteiros cheios de flores. As crianças também reapareceram, escapando da reclusão forçada pelo inverno, e eram vistas correndo entre as árvores cheias de vida e alegria.

A primavera trouxe também Paul de volta à vida de Alice e Jake. Há algum tempo que eles não o viam, em parte porque o decorador tinha ido esquiar na Suíça, integrado à comitiva de uma dama da alta sociedade.

Paul estava com a pele bronzeada, bem-disposto e trazia um bom estoque de mexericos da sociedade para contar. Logo passou a freqüentar o apartamento com assiduidade, sendo recebido como amigo por Jake e Alice. Às vezes chegava com uma pasta cheia de esboços para discutir com Alice, o que sem dúvida era uma tentativa de fazê-la voltar ao trabalho. Nessas ocasiões, Jake ficava sentado, escutando em silêncio a discussão dos dois. Talvez não entendesse nada do que estava sendo dito, mas ficava olhando alternadamente para Paul e Alice, de uma forma tão intensa que às vezes a deixava constrangida.

Muitas vezes Paul mostrava-se ansioso por incluir Jake na conversa. Punha de lado os desenhos e puxava outro assunto. Sempre acabava falando do único tema que interessava a ambos: aeroplanos. A partir daí, a conversa era dominada por reminiscências de problemas ocorridos durante vôos e comentários sobre os avanços das máquinas voadoras.

Nessas ocasiões Alice ficava aborrecida, e não só porque era excluída do diálogo entre aqueles dois entusiastas da aviação. Era evidente o efeito que aquilo produzia em Jake, cujos olhos brilhavam quando se falava de aviões.

Uma tarde, voltando das compras, ela viu o Hispano-Suiza vermelho de Paul estacionado na frente do prédio de apartamentos, cercado por um grupo de curiosos garotos em uniformes escolares. Paul estava no apartamento, fumando um cigarro e falando, excitadíssimo, das maravilhas de um caça bimotor do tempo da guerra que havia comprado.

— Hoje em dia é possível adquirir um desses aviões por quase nada. Com o fim da guerra, a Europa inteira ficou atulhada de aviões que estão sem uso. Em geral precisam de reparos.

O que eu comprei é uma máquina inglesa, um Camel. Deixei-o guardado no hangar do aeroclube.

Enquanto falava, ele gesticulava muito, os cabelos pretos caindo na testa.

— Eu pilotava um Camel quando fui derrubado — disse

Jake.

— Eu sei. Gostaria que você fosse comigo dar uma olhada no avião, Jake. Como conhece bem a máquina, poderá me dar boas orientações.

Durante mais uma hora eles continuaram naquele assunto, discutindo os detalhes técnicos do avião que Paul havia comprado. Alice abriu as janelas para fazer sair a fumaça e foi até a varanda. Lá embaixo o Hispano-Suiza já não estava cercado por um batalhão de admiradores e a rua estava vazia e ensolarada, mas quieta. Apoiando os cotovelos no parapeito, ela tentou não prestar atenção nas vozes que vinham da sala. Finalmente Paul fez menção de partir.

Esforçando-se para não mostrar sua raiva, Alice ofereceu-se para acompanhar o visitante e foi com ele até a porta do elevador. Paul sorriu, como se a desafiasse. Sabia que ela estava enraivecida com ele.

O elevador rangia enquanto se aproximava do andar, mas era muito vagaroso. Alice não agüentou mais.

— Que tipo de jogo é esse, Paul? Por que está fazendo isso com Jake?

— Fazendo o quê? — ele rebateu, agressivo. — Conversando sobre um assunto sobre o qual ele gosta de falar? — Paul apontou o dedo para ela. — Escute aqui, Alice: você é possessiva demais em relação a Jake, sabia? Parece um dragão... embora seja o mais lindo dragão que eu já vi. Não quer que ele se encontre com ninguém, converse com ninguém, tenha uma vida independente da sua.

— Isso não é verdade! — negou Alice, horrorizada com o quadro que ele havia pintado.

— É verdade, sim. Deixe o homem viver a própria vida. Se ele quer conversar comigo sobre aviões, não devia precisar de sua permissão para isso.

— Ele é um homem doente...

— É um piloto! — interrompeu-a Paul, implacável. — Uma vez piloto, sempre piloto. Se você não consegue entender isso, Alice, então não interfira.

Depois disso ele entrou no elevador, deixou que a porta se fechasse e foi embora. Alice voltou para o apartamento, caminhando devagar. Jake estava na varanda, aproveitando os últimos raios de sol antes que caísse a noite fria. Pensativo, ele contemplava as nuvens que malhavam o céu.

— Jake? — chamou-o Alice, da janela. Imediatamente ele voltou a cabeça.

— O que foi?

As palavras ficaram na garganta de Alice, que voltou correndo para a sala e afundou numa poltrona. Pouco depois Jake também entrava.

— O que é agora? — ele perguntou, irritado. — Não precisa me dizer, porque já adivinhei! Você não gosta quando eu converso sobre aviação com Daquin. Jamais gostou mesmo da idéia de voar. Detestava o fato de que Robbie era um piloto e certamente não gosta de eu também ter sido piloto. Mas ouça bem, Alice: eu era aviador antes que você me conhecesse e continuo a ser um piloto. Posso estar temporariamente em terra, mas voltarei a voar. Preciso voltar a voar!

— Por quê? — gritou Alice, e suas palavras ecoaram na sala. Jake sentou-se na outra poltrona, esforçando-se para manter a calma.

— Procure entender, por favor. Você não sabe o que é estar lá em cima, absolutamente sozinho. É uma sensação de... liberdade total. Não é apenas excitante ou divertido... é estar finalmente livre da terra. Foi esse o eterno sonho do homem desde os tempos imemoriais, desde quando Ícaro alçou vôo na direção do sol com suas asas de cera! Uma vez no alto, a pessoa quer continuar lá para sempre, voando, voando...

Nesse ponto ele perdeu um pouco do entusiasmo, para continuar com mais sobriedade:

— Quando eu sobrevoava as trincheiras, olhava aqueles pobres-diabos lá embaixo, meio enterrados vivos, movendo-se na lama em meio a ratos e cadáveres, e chegava à conclusão de que nós, eles e eu, não estávamos lutando a mesma guerra. É nisso que somos diferentes, não apenas eu, mas também Robbie, Daquin e todos os pilotos da guerra. Éramos como os gladiadores. Tratávamos o combate abertamente, lá no alto, homem a homem. Lá embaixo enfrentava-se um inimigo que nem se podia ver, embora ele às vezes estivesse a apenas alguns metros de distância. Conosco, não... Nós víamos o nosso oponente, um homem igual a outro qualquer, igual a nós mesmos. Em vez de odiá-lo, nós o respeitávamos, porque partilhávamos com ele a mesma paixão pelo ar. Havia mais rivalidade que inimizade. Queríamos mostrar ao adversário que éramos melhores do que ele, enquanto ele era movido pelo mesmo desejo.

— Eu tenho tentado entender — disse Alice, com tristeza. Jake sustentou firmemente o olhar dela.

— Então, Alice, deve ter percebido por que preciso voltar a voar. Esta inatividade me faz sentir como se tudo houvesse sido arrancado de mim. Sou apenas um corpo sem alma, não tenho nada.

— Você tem a mim — lembrou Alice, num fio de voz. Jake balançou a cabeça, com desalento.

— Não, nem isso... não na forma como eu gostaria. Quero voar, Alice. Se conseguir isso, sei que conseguirei qualquer outra coisa, voltarei a ser o mesmo de antes.

— Então é isso, não é? — perguntou Alice, não conseguindo mais guardar para si aquele tormento. — Você não se importa comigo, não quer saber o que tudo isso significa para mim, se fico ou não preocupada. Quando nos conhecemos, durante a guerra, eu o

via como um mal-educado, pretensioso e egoísta. Pois sabe de uma coisa, Jake Sherwood? De lá para cá você não mudou nada, nadinha!

— Não pedi que você viesse morar comigo aqui — respondeu Jake, friamente. — Foi idéia sua! Aceitei apenas para agradá-la. Não posso ser chamado de egoísta quando fiz exatamente o que você queria. Mas pelo que parece, moça, não é fácil agradá-la. Bem, já que estamos falando um do outro com tanta franqueza, deixe-me lembrá-la de que, quando nos conhecemos, na Inglaterra, você era apenas uma garota mimada, bonita, rica e totalmente inútil. Andava sempre escoltada pelo fiel Gerard, que sempre estava pronto a satisfazer a suas mínimas vontades. Isso não rendeu muita coisa para ele, coitado! Gerard não era o que você queria e foi descartado. O mesmo aconteceu com Robbie. Agora, Alice, é possível que eu não seja do jeito que você quer, mas não me confunda com Gerard ou Robbie. Se não gosta de como estão as coisas por aqui, pode sair por aquela porta! Foi esse nosso acordo, lembra-se? Você me prometeu que, quando se satsurasse de mim, me diria isso claramente e daríamos tudo por encerrado. Portanto, se está saturada, esta é a hora de falar.

— Como é que você pode fazer isso comigo? — revoltou-, se Alice, sem querer acreditar no que ouvia.

— Você é que está fazendo isso consigo mesma — emendou Jake, impiedoso. — Acho que devia voltar a trabalhar. Daquin está com um novo projeto e quer sua ajuda. Por que, - não vai até o estúdio para dar uma olhada no que ele está pretendendo fazer?

Mais parecia que ele a estava entregando a Paul, de mão S, beijada. Será que queria se ver livre dela? Será que de fato s acreditava em todas aquelas palavras cruéis que havia pronunciado? Só que Alice não aceitaria aquela sugestão, porque era que Jake achava que ela queria. Sem dúvida, acreditava que Paul era amante de Alice, tinha essa crença desde a festa de Ano Novo. Bem, quanto a isso, não havia nada que ela pudesse fazer.

Mas por que ele tinha essa suspeita? Buscando a resposta, |Alice procurou examinar a situação do ponto de vista de Jake. Para começar ela era uma mulher sozinha. Vivia com Jake sob o mesmo teto, mas não partilhava com ele a mesma cama, que era o que importava. Nunca mais ele havia tentado fazer amor com ela desde aquela terrível noite na casa de Monique. Provavelmente se detestava pelo fracasso e talvez estivesse começando a detestá-la também. Por isso, queria encontrar uma atitude ou palavra dela que justificasse esse sentimento. Afinal de contas, não podia odiá-la sem motivos. O trabalho dela com Paul era o motivo perfeito. Alice achou que ali estava a resposta. Ah, como podia ter sido tão cega e estúpida? Como podia ter imaginado que seria impossível Paul continuar a ter alguma participação na vida dela sem que se formasse uma suspeita na cabeça de Jake? Bem, era preciso desfazer aquele equívoco.

— Jake, a única coisa que Paul e eu temos em comum é o trabalho. Jamais fui para a cama com ele. Eu não o trairia, e você não tem motivos para... não tem o direito de pensar que eu seria capaz disso.

— Mulheres ricas e com tempo ocioso costumam passar as tardes no costureiro ou com o amante, não é assim? Pelo menos é o que sempre ouvi falar.

A expressão do rosto dele era de pura hostilidade.

— Eu não tenho tempo ocioso, Jake — defendeu-se Alice. — Sou uma artista, uma mulher que trabalha. E sou sua esposa!

— Não, você não é minha esposa! Nunca foi e nunca será!

— Só porque você não tenta! — argumentou Alice, com a voz trêmula de emoção. — Não devíamos estar aqui discutindo! Devíamos, sim, estar na cama, tentando tornar realidade nosso casamento!

— Já lhe disse que não vou passar por isso outra vez! — rebateu Jake, enraivecido. — Se é isso o que você quer, vá procurar Daquin ou outro atleta sexual como ele! Pode

acreditar que não vou fazer nada para detê-la. Só peço que não fique aqui me atormentando!

Em seguida ele apoiou-se na bengala e se pôs de pé. Chegou bem perto de onde ela estava e agarrou-a pelos ombros, sacudindo-a com força. Estava com o rosto tão desfigurado pela raiva que a deixou assustada.

— Que droga, Alice! — ele gritou. — Por que não faz de uma vez o que estou dizendo? Acha que sou cego ou idiota? Pensa que não percebo o que está no pensamento de Daquin? Sempre que ele vem aqui, vejo como a olha. É como se a estivesse vendo nua. Por que não vai lá e mostra tudo o que ele lesta tão ansioso para ver? O que está esperando? — Com um violento puxão, ele rasgou a parte de cima do vestido dela.

Vá e tire a roupa na frente dele, porque de nada adiantaria [fazer isso em minha frente!

— Jake! — gritou Alice, tentando escapar. Transtornado, Jake continuou a rasgar o vestido dela, fazendo o mesmo com a roupa de baixo. Estava tão fora de si que chegou a feri-la com as unhas em algumas partes do corpo. Quando finalmente conseguiu se livrar, Alice correu para o outro canto da sala. Jake apoiou-se no braço da poltrona, [ofegante e com o rosto molhado de suor.

Alice procurou cobrir-se com o que restava do vestido e disse, com determinação:

— Não vou fazer o que você me sugeriu, Jake! Jamais farei isso!

Jake voltou-se para ela com os olhos apertados.

— Escute bem o que vou dizer, Alice. Esse nosso casamento pode ser apenas de fachada, mas não vou permitir que me faça de tolo!

Alice não se preocupou mais em segurar os trapos do vestido.

— Pois vou procurar Paul! Direi a ele que não quero continuar trabalhando... e também que ele não deve vir aqui nunca mais!

—Não! — reagiu Jake, de imediato, movendo-se com dificuldade na direção de onde ela estava. — Não, Alice, espe... Você não precisa fazer isso. Tem uma carreira em ascensão, uma coisa que sempre quis fazer. Não quero que resista agora... não por minha causa. Você é uma excelente desenhista, excelente pintora. Não vou permitir que ponha a perder tudo o que já conseguiu até agora, assim sem mais nem menos. Ouça... Preciso de algum tempo para refletir. Vamos deixar de lado esse assunto, pelo menos por algum tempo.

— Não podemos simplesmente deixar o assunto de lado, Jake! — argumentou Alice. — É claro que você continuará pensando a mesma coisa. Achará que eu...

— Agora não, Alice — ele a interrompeu, erguendo uma das mãos. — Desculpe por ter gritado com você... Reconheço que às vezes sou um sujeito difícil, que gosta de fazer prevalecer sua vontade.

Jake parecia esgotado, sem forças para continuar lutando..Nesse instante, o amor que Alice sentia por ele manifestou-se de tal forma que ela sentiu vontade de chorar. Mesmo assim conteve as lágrimas, para não aumentar o sentimento de culpa de que ele devia estar possuído. Aproximando-se, ela o envolveu num abraço e murmurou:

— Eu sempre estarei aqui, Jake, a seu lado. Não tem a mínima importância se...

— Sim, eu sei — ele a interrompeu, soltando-se do abraço e caminhando para a porta. Ali, voltou-se e concluiu, falando devagar: — Talvez eu é que devesse ter desaparecido, há muito tempo. Consegui enganar a morte naquele desastre de avião e, até hoje, estou pagando por essa ousadia. É bem provável que esteja chegando a hora de um ajuste de contas com o destino.

CAPÍTULO XV

Três meses mais tarde, Paul e Alice foram almoçar com La-roche para discutir os últimos detalhes da reforma da casa que o magnata da indústria bélica havia comprado.

Paul havia conseguido fechar um contrato garantindo a realização do trabalho. No entanto, Laroche não expunha com clareza o que queria e apresentava as idéias mais absurdas, algumas das quais Paul rechaçava com firmeza, afirmando que não podia pôr em jogo sua reputação.

Por fim chegou-se a um consenso e partiu-se para o planejamento das várias etapas do trabalho, que agora tinha um certo caráter de urgência. Depois do almoço, antes de se despedir, Laroche disse que queria tudo terminado em no máximo dois meses. Logo em seguida Paul e Alice ficaram a sós na mesa do restaurante.

— Ufa! — exclamou Paul, aliviado, pedindo ao garçom uma dose de conhaque.

Alice não quis beber mais nada.

— Não gosto desse homem, Paul — ela declarou. — Farei o trabalho, é claro, mas não quero ter que discutir mais nada com ele. Você que cuide disso.

Paul deu de ombros.

— Está bem, se é assim que você quer. Só espero que consigamos terminar tudo dentro do prazo.

O restaurante agora estava quase vazio. Na rua, ao contrário, circulava uma verdadeira multidão que fazia compras ou apenas olhava as vitrines. Durante algum tempo Alice ficou olhando para fora, observando os passantes. Depois, voltou-se para Paul, que ainda fazia anotações referentes à reforma da casa de Laroche.

— Jake me disse que seu avião já está em perfeito estado, Paul. Pelo jeito, os mecânicos realizaram um bom trabalho.

— É verdade, mas tive que ficar em cima deles o tempo todo. Não pagaria àqueles preguiçosos apenas para ficarem encostados na fuselagem, conversando. O motor é que estava falhando... mas acho que o problema já foi resolvido.

Durante alguns instantes, Alice ficou alisando a toalha da mesa.

— Agora que você já não precisa dos conselhos de Jake no conserto do avião, eu gostaria... gostaria que não o levasse ao aeroclube com tanta frequência. Isso o deixa inquieto. Você sabe que ele quer muito voltar a voar, mas não pode.

— Já levantei vô com o bimotor algumas vezes e ele sempre fica me observando. — Por alguns instantes, Paul ficou com o olhar distante. — É uma maravilha de avião, tão simples que pode ser pilotado por uma criança. Eu sei como Jake se sente, Alice, porque também sou piloto. Não posso impedi-lo de se interessar pela máquina, e, além do mais, isso tem me rendido excelentes conselhos. Se juntarmos os conhecimentos de todos os mecânicos do aeroclube, não chegaremos à metade do que Jake sabe. Você se preocupa demais, Alice. Esse interesse não fará nenhum mal a ele.

Alice fez um gesto de impaciência.

— Só queria saber por que você o envolveu desse jeito. Paul estendeu o braço por cima da mesa e segurou na mão dela.

— É que eu gosto de vocês dois. Sei que você me considera um porco egoísta e reconheço que são muito poucas as pessoas de quem realmente gosto. Acontece que você e Jake são duas dessas pessoas. Para falar a verdade, talvez sejam as únicas... É apenas isso!

— Você gostar desusar as pessoas, Paul — acusou Alice, com veemência. — Não quero nem pensar que eu e Jake estamos sendo usados por um homem que se diz nosso amigo.

Paul bateu com a mão na pasta cheia de papéis.

— Tudo o que uso são suas idéias.

— Sim, mas você está me pagando por isso. O que me preocupa é o que toma sem pagar. No dia em que me casei com Jake, por exemplo, você saiu com Blanche. — Alice olhou bem nos olhos dele e perguntou: — Você a levou para a cama?

— Sim — respondeu Paul, com franqueza.

— Pois não devia. Conheço Blanche há anos e, agora que Gerry e Jennie estão casados, ela é uma espécie de parenta minha. Você é um sem-vergonha, Paul.

— Ora, Alice! Eu estava cheio de champanhe, e ela também. Algumas bebidas atuam na cabeça, mas o champanhe vai direto às entranhas. Não foi culpa minha.

— Em sua própria avaliação, você nunca tem culpa de nada! Ainda bem que não respondeu a minha pergunta com uma mentira.

— Acha que eu mentiria para você? — perguntou Paul, levando a mão dela aos lábios. — Mentiria para qualquer um, mas não para você, Alice. Juro.

Enquanto ele beijava a mão dela, ninguém duvidaria que estivesse sendo sincero. Alice, porém, tinha suas dúvidas. Aquele era o homem que lhe havia sugerido que se divorciasse de Jake para ficar com ele. Na ocasião estava um pouco bêbado, e a bebida muitas vezes faz soltar a língua, embora também funcione como fator de desinibição. Quando está bêbado, não raro um homem revela segredos que guardaria com cuidado se estivesse sóbrio.

Pouco depois os dois saíram do restaurante e se dirigiram, no carro de Paul, ao estúdio. Não havia ninguém lá, já que naquela tarde Theda Bara estava de folga. Paul começou a examinar os recados deixados sobre a mesa, enquanto Alice se dirigia ao espelho para arrumar os cabelos.

Ultimamente ela andava com ar de cansaço. Talvez tirar umas férias fosse uma boa idéia. Sem dúvida Jake a acompanharia a St. Tropez ou Monte Carlo, se convidado. Mas que diabo iriam eles fazer lá? Os cassinos não a atraíam, muito menos o convívio com a alta sociedade. Em no máximo dois dias ela estaria suplicando para voltar.

Alice afastou-se do espelho, tirou o casaco e pendurou-o atrás da porta. Não estava com a mínima disposição para trabalhar, talvez por causa do almoço, que a deixara sonolenta. Paul ergueu a cabeça dos papéis que examinava e olhou para ela.

— O que houve? Não precisa me dizer, porque já adivinhei. As coisas na cama não andam bem entre você e Jake, não é isso?

— Olhe aqui, Paul — começou Alice, com impaciência. — Você não tem nada a ver...

Antes que ela concluísse a frase, Paul atravessou o espaço que os separava e segurou-a pelos ombros, com delicadeza.

— É claro que tenho muito a ver com isso. Como já lhe disse, gosto muito de vocês dois. Às vezes a verdade dói, Alice, e neste caso é verdade que você e Jake não fazem bem um ao outro. Seria muito melhor para ambos se se separassem. Estão apenas se torturando... Será que não vê isso?

— Não! — respondeu Alice, decidida. — Já lhe disse isso antes!

— É verdade. Eu até estava um pouco bêbado e andei dizendo umas bobagens... Ou será que não foram bobagens? Nós dois daríamos muito certo como sócios, Alice. Fiz a proposta e você já teve tempo mais que suficiente para pensar. Continuo esperando pela resposta.

— Minha resposta continua sendo não.

Alice sentiu uma ponta de remorso, porque talvez não estivesse sendo justa com Paul. Afinal, ele é que a havia descoberto, lançando-a no meio artístico e arranjando trabalho para ela. Só que Paul queria algo além de uma simples sociedade... e isso estava fora de questão.

— Jake também tem um projeto — revelou Alice. — Quer criar uma companhia de aviação para transporte de passageiros. Ele acredita que, no futuro, o avião será um dos meios de transporte mais requisitados.

Paul franziu a testa.

— Acho até que ele tem razão, mas não vai precisar de você para realizar o que quer. Quanto a mim, Alice, preciso de você, todo este negócio precisa de você. — Para enfatizar o que dizia, ele fez um gesto abarcando todo o escritório. — E eu, pessoalmente, também preciso de você, por motivos muito próprios.

Quando Alice balançou a cabeça, opondo-se ao que ouvia, ele apertou mais as mãos nos ombros dela.

— Você não pode continuar dormindo sozinha, Alice. Isso é desumano! Não percebe que precisa de mim?

Em seguida ele a puxou para mais perto. Estava com a voz rouca e um leve cheiro de conhaque no hálito.

Alice sentia a cabeça leve. Normalmente evitava beber no almoço, mas naquele dia havia tomado três copos de vinho enquanto comia, além de um cálice de licor depois da sobremesa. A mistura do Bordeaux com o Benedictine agora fazia seu efeito. Somando-se a isso o cansaço e a depressão, ela se sentia solitária, carente de alguém que oferecesse compreensão. Por isso não esboçou resistência às carícias de Paul, nem mesmo quando ele apertou levemente os seios dela.

— Não, Paul... — murmurou Alice, sem convicção. Sem forças nos músculos para resistir, ela se deixou levar até o sofá que havia num dos cantos do escritório e que certamente já fora palco de muitos encontros amorosos. O assento do sofá cedeu ao peso dos dois. Paul respirava pesadamente, enquanto enfiava a mão por baixo da saia dela para acariciar as coxas. Meio tonta, Alice se deu conta de que não demoraria muito para que tudo se consumasse...

Nesse instante eles ouviram um barulho forte. Alguém abria a porta e entrava no vestíbulo do escritório. Em seguida eles ouviram a voz juvenil de Theda Bara:

— Sou eu, monsieur Daquin. Esqueci aqui meus sapatos, que havia apanhado pela manhã no conserto. Esta noite vou dançar com meu noivo...

— Droga! — resmungou Paul, correndo para interceptar a entrada da secretária.

Alice voltou a raciocinar com clareza, com a mente ativada pelo imprevisto. Com dedos trêmulos, foi abotoando a blusa. O acaso a havia livrado de cometer um erro irreparável. Quando Paul conseguiu se livrar de Theda Bara e retornou, ela estava sentada por trás da mesa, já composta.

Um simples olhar bastou para que ele percebesse que a chance estava perdida.

— Que garota maluca! — comentou Paul, rindo. — Bem que esse rapaz com quem ela vai se casar podia ser do tipo que gosta de bater em mulheres.

— Desculpe, Paul — pediu Alice. — Não sei o que deu em mim, mas minha atitude foi indesculpável.

— Pois eu sei o que deu em nós dois. Chama-se natureza humana.

-- Não... chama-se beber demais e perder a noção da realidade. Se tivesse acontecido mesmo alguma coisa... seria ridículo!

— Podia ser muitas coisas, Alice, mas nunca ridículo — contradisse-a Paul, abrindo a pasta em cima da mesa. — Bem, vamos trabalhar.

O jardim da casa de Maisie Frobisher não podia ser comparado aos das famílias ricas, mas era ali que ela gostava de tomar o chá da tarde sempre que estava sozinha, o que ultimamente vinha acontecendo com certa frequência. Desde o casamento de Jennie, Blanche vinha intensificando suas saídas, sem nunca dizer com clareza por onde andava. Naquela tarde, porém, o destino dela era conhecido: ia jogar bridge na casa de respeitáveis vizinhos. Maisie ficou olhando enquanto a filha se afastava, envergando um elegante vestido azul, no vinho em folha, e tendo no pescoço um colar de contas com muitas voltas, que era a última moda.

Maisie conhecia o mundo e não era tola. Aquele vestido devia ter custado muito mais do que Blanche poderia pagar. E ainda havia o colar e outros acessórios... Sem dúvida a conta havia sido paga por algum homem, na certa casado. Maisie só esperava que a filha tivesse o bom senso de ser discreta. Blanche estava ainda com vinte e nove anos e naquela tarde faria dupla no jogo de bridge com o Dr. Cummins, cuja esposa havia morrido dois anos antes. Cummins estava com cinquenta e dois anos, era calvo e costumava soltar uma gargalhada alta e irritante. Por outro lado, era sócio majoritário de

uma clínica e, segundo se dizia, estava procurando uma mulher com quem se casar. Tinha uma sólida e bonita casa de tijolinhos, à qual não faltava nem uma quadra de tênis, e recentemente havia trocado uma charrete com cavalo por um Ford. Tinha em casa duas empregadas fixas e uma faxineira diarista, sem falar no rapaz que lavava o carro a cada dois dias. Por tudo isso o médico era reconhecido como um bom partido, ainda mais para uma moça que já estava para completar trinta anos, não tinha fortuna nem vinha de uma família tradicional.

Ouviram-se um barulho, seguido pelo aparecimento de uma desleixada mocinha de catorze anos, a última na longa lista de empregadas da família Frobisher. Com os cabelos escapando da touca e as roupas em desalinho, Ellen trazia a bandeja de chá.

— Está bem assim, senhora?

Maisie suspirou. Não havia bolo, mas a moça tinha preparado alguns sanduíches. As fatias de pão eram muito grossas e o recheio reduzido, além do que Ellen havia esquecido de tirar a casca do pão. Aquela garota tinha que ser despedida. Maisie mandou-a de volta à cozinha, escolheu o sanduíche menos desengonçado e recostou-se para olhar o álbum de recortes, o que só gostava de fazer quando estava sozinha.

Mais que tudo, ela gostava de lembrar a moda de vinte e cinco ou trinta anos antes. Com os dedos brancos e finos Maisie foi passando as páginas que mostravam fotos em sépia em que, invariavelmente, aparecia a faixa grega. Hoje em dia não havia nada tão elegante. As moças estavam até deixando de usar espartilho. Mesmo mulheres que precisavam de algum disfarce na silhueta preferiam não usá-lo.

Outra vez a barulhenta Ellen apareceu para tirar Maisie de suas reminiscências.

— A Sra. Daventry veio visitá-la, senhora.

Maisie escondeu o álbum de recortes embaixo de uma almofada e levantou-se para beijar a filha.

— Não esperava sua vinda hoje, querida. Jennie sentou-se e tirou o chapéu.

— Estava aqui perto.

Maisie contemplou a filha casada com uma espécie de estranhamento. Jamais conseguiria entender o que aquela jovem desajeitada, feiosa e inteligente podia ter para que Gerard a escolhesse no lugar de Blanche. Também não compreendia por que Jennie se vestia com tanta simplicidade, além de não usar nenhuma jóia.

— Você está muito mal-arrumada! — disse Maisie, sem meias palavras, mas com um certo ar de preocupação materna!.

Jennie não se abalou.

— Obrigada, mamãe. Onde está Blanche?

Nesse instante Ellen reapareceu com mais uma xícara, que pôs sobre a mesa do jardim, estabana como sempre.

— Aí está. Imaginei que a senhora gostaria de tomar um pouco de chá. Querem que eu corte mais alguns sanduíches?

As outras duas recusaram a oferta e Ellen se afastou, não sem antes esbarrar na cadeira de Jennie.

Com otimismo na voz, Maisie informou que Blanche estava na casa dos Watson, jogando bridge em dupla com o Dr. Cummins.

— Acho que ele gosta de Blanche, e é um homem bem situado na vida.

— Esse jeito de falar dá a impressão de que o homem é um suburbano — censurou Jennie. — Se quer mesmo conquistar Algy Cummins, Blanche deve tomar cuidado para não cometer nenhuma gafe.

— Não seja tão severa com sua irmã — rebateu Maisie, assumindo à defesa da filha preferida. — Você é que deveria se aconselhar com ela. Veja só como se veste!

— Mamãe, estive numa reunião de trabalho, no comitê de... Maisie ergueu a mão para interrompê-la.

— A cada dia que passa, você fica mais parecida com aquela velha e demente Emma Frobisher. Vai acabar igualzinha a ela... tendo apenas causas nobres para defender. Não sei como você conseguiu roubar Gerard de Blanche, mas desse jeito não vai mantê-lo por muito tempo. — Mesmo vendo que a filha ficava vermelha de raiva, Maisie continuou: — Escute aqui, Jennifer! Você teve muita sorte em se casar com Gerard, porque ele é um bom homem, dos quais há bem poucos hoje em dia. Mas conquistar um homem não é nada se comparado ao que é mantê-lo. Talvez Gerard não quisesse mesmo a pobre Blanche, mas você não foi exatamente a primeira escolha dele. Gerard queria Alice Morrell, aquela garota de cabelos vermelhos de quem você era tão amiga. Além disso, os dois são primos. Está certo que ela se ligou a outra pessoa, mas ainda está por perto. Esteve aqui há poucos meses, para o enterro da tia. Você tem que fazer uma escolha, minha filha! Não pode continuar nessa carreira maluca! Concorrer ao Parlamento... Pois sim! Vai ter que esquecer essa história, Jennifer, ou verá como é difícil manter o casamento. O que Gerard fica fazendo enquanto você comparece a todas essas reuniões? Quem fica em casa para recebê-lo quando ele volta depois de um dia de trabalho? Certamente não é você! Nessas horas você está em algum comitê, reunida com outras mulheres que usam vestidos fora da moda como esse seu... chapéus horrorosos como aquele!

Maisie disse aquilo apontando com desdém o chapéu que Jennie havia posto sobre a mesa.

— Você não compreende, mamãe, e não estou disposta a discutir.

Jennie levantou-se e, num gesto de desafio, pôs o chapéu de volta na cabeça.

— Ao que parece, Jennifer, sua atitude não está muito de acordo com as normas da etiqueta.

Jennie olhou para a mãe com ar de surpresa, mas não deu resposta. Apenas foi embora.

Quando Jennie chegou em casa, Gerard já estava lá, o que foi possível constatar pelo chapéu pendurado no cabide. Naquele dia ela realmente pretendia chegar antes dele, mas a reunião havia se estendido além do tempo previsto, o que a obrigara, pela terceira vez naquela semana, a chegar em casa depois do marido. Não devia ter ido visitar a mãe, o que, no final, acabara sendo um encontro desagradável. Para piorar, Maisie não tinha dito nada que Jennie ainda não estivesse se questionando, no íntimo.

Quando ela perguntou por Gerard, a criada fez um gesto com a cabeça.

— Está no sótão.

Então ele tinha ido ao antigo estúdio de Alice... Jennie sabia que Gerard costumava ir ali quando estava sozinho em casa. Depois de hesitar por algum tempo, ela começou a subir a escada. No primeiro andar, parou para se olhar no espelho. Não era e nunca tinha sido bonita. Desde menina Jennie havia se acostumado a conviver com aquela realidade. Era inteligente, enquanto Blanche ficava com a beleza. Alice, por seu turno, combinava as duas coisas. Jennie não sentia ciúme de Alice, mas aquilo não parecia justo.

Depois de ajeitar os cabelos, ela continuou a subir a escada. Gerard estava sentado na velha poltrona, segurando o copo de uísque com soda e contemplando um quadro pintado por Alice pendurado atrás da porta. Pareceu surpreso com o aparecimento de Jennie.

— Oi, moçona. Não sabia que já estava aí.

Alguns homens se dirigiam a suas esposas por nomes mais carinhosos. Chamá-la de "moçona" era como se Gerard estivesse falando com uma cadela de estimação.

— Desculpe pelo atraso, Gerry — disse Jennie, meio constrangida. — Estive na casa de minha mãe.

Gerard não disse nada e ela sentou-se no mesmo banco de madeira que Alice havia ocupado na última vez em que estivera ali.

— Você vem aqui para estar com ela, não é, Gerry? — perguntou Jennie, com a maior sobriedade.

Ainda bem que Gerard não tentou fingir que não tinha ouvido. Depois de refletir por alguns instantes, ele alisou o bigode e disse:

— É mais do que isso. Quando venho aqui, é como se estivesse voltando no tempo. Aqueles foram dias felizes, antes que viesse a guerra para mudar tudo. Nós éramos muito jovens. Lembro-me de Alice trazendo para cá seus materiais de pintura, enquanto eu estudava para os exames... Nós éramos... muito inocentes.

— Tenho pensado naquela viagem à América — apressou-se em dizer Jennie. — Eles não vão mesmo precisar de mim. Se você não quer ir, Gerry, podemos ficar na Inglaterra... ou fazer uma viagem de recreio, só nós dois.

Gerard olhou para ela com curiosidade.

— Que história é essa agora?

— Eu não sou Alice, mas gosto muito de você, Gerry — explicou-se Jennie, num fio de voz. — Às vezes parece que gosto mais de minha carreira, mas isso não é verdade.

Gerard pôs o copo no chão, ao lado da poltrona.

— Eu sei — ele disse, levantando-se e aproximando-se para beliscar carinhosamente as bochechas de Jennie, que olhou ansiosa para cima. — Ouça, Jen...; quando nos casamos, eu a queria exatamente do jeito como você era. Se quisesse algo diferente, teria procurado outra pessoa. Gosto muito de Alice, sim, gosto muito... Quando era mais jovem, acho até que o que sentia por ela ia um pouco além disso. No entanto, não teria dado certo se chégássemos a nos casar. Alice teve sensibilidade para compreender isso, o que só vim a perceber mais tarde. Agora ela tem o que quer com Sherwood, e eu tenho o que quero com você. Nada que qualquer outra pessoa diga sobre esse assunto tem a menor importância.

Jennie levantou-se e encostou a cabeça no peito dele.

— Quero muito que sejamos uma família de verdade, Gerry.

— Alice disse que este sótão poderia muito bem ser transformado em quarto para uma babá — comentou Gerry, abraçando-a. — Era justamente nisso que eu estava pensando quando você entrou aqui. Não sei o que você acha, mas pode ser que minha prima tenha razão.

— Agradeço por me receber, Sra. Frobisher — disse o Dr. Cummins, numa voz levemente fanhosa.

— Por Deus do céu, doutor! — exclamou Maisie. — O senhor é mais do que bem-vindo... já que é um amigo de minha querida Blanche.

Maisie passou a mão pelos cabelos pintados, esforçando-se para não deixar transparecer o entusiasmo. Mas não era fácil, porque enfim surgia uma real oportunidade de se ver livre da filha encalhada. Quando o médico mandou um bilhete dizendo que queria conversar em particular a respeito de Blanche, ela mal pôde acreditar. Precisou até recorrer à ajuda de um pouco de conhaque... na verdade, duas doses.

— Como médico, Sra. Frobisher... — começou Cummins, um tanto hesitante. — Como médico, não pude deixar de reparar, porque os sintomas estão todos lá. A senhora entende...

Maisie juntou as sobrancelhas, intrigada. Mas não disse nada, e o médico continuou:

— Há muito tempo que me interesso pelo trabalho do Dr. Freud, de Viena.

Maisie empalideceu. O médico continuou falando de sintomas e tratamentos, tomando o cuidado de lembrar que Blanche era jovem o suficiente para apresentar resultados positivos se submetida à terapia correta. Aos poucos, foi ficando claro que ele não estava ali para pedir Blanche em casamento, mas sim para dizer que a adorada filha de Maisie padecia de algum tipo de doença mental.

Maisie cerrou os punhos, quase ferindo com as unhas a palma das mãos.

— Dr. Cummins, o senhor está enganado. Blanche é uma moça perfeitamente saudável! O que pode haver de errado com ela?

Agora ela falava num tom agressivo, não só por causa do desapontamento, mas também por estar possuída por uma genuína raiva. Como é que aquele desgraçado podia criticar Blanche? Sentava-se ali, com aquela pose de cientista, tentando convencê-la de que Blanche estava doente. Ah, não! Aquilo era demais!

— O que pode haver de errado com ela? — repetiu Maisie, gritando.

Os lábios secos do Dr. Cummins tremeram de nervosismo, enquanto ele se perguntava como a Sra. Frobisher reagiria à palavra "esquizofrenia". Mais provavelmente com incompreensão. No entanto, não era esquizofrenia o primeiro diagnóstico que lhe ocorreria. Qualquer especialista que tivesse contato com Blanche Frobisher logo pensaria em "ninfomania".

Cummins pigarreou, limpando a garganta.

— Cara Sra. Frobisher, não fique alarmada. Hoje em dia, graças a Deus, as doenças mentais estão deixando de ser encaradas de forma Supersticiosa. Conheço uma clínica muito boa...

Maisie soltou um grito e partiu para cima do médico, tentando atingi-lo com as unhas. Desencavando o vocabulário obscuro que usava na distante juventude vivida em Whitechapel, soltava palavras e outros impropérios. Não, aquilo não podia estar acontecendo com Blanche...

Escapando milagrosamente ao primeiro ataque, Cummins correu para a porta e alcançou a segurança da rua.

Alice e Jake não tinham voltado a falar em Paul. No entanto, como ela continuava a trabalhar com o decorador, era impossível impedi-lo de ir ao apartamento. Nessas horas os dois homens sempre acabavam falando de aviões. Além disso, continuavam indo juntos ao aeroclube, o que deixava Alice tensa durante horas, até que Jake retornasse. Quando voltava, ele ficava circulando pelo apartamento durante um bom tempo, inquieto, sem conseguir se concentrar em nada, fosse na correspondência ou mesmo no piano.

Para complicar, ele agora havia adquirido a mania de agir meio às escondidas, o que não estava de acordo com seu jeito franco. Por puro acaso, Alice acabou descobrindo que de tinha feito várias visitas a alguns advogados franceses, sem dizer nada a ela. Aquela descoberta a deixou alarmada. Será que Jake estava tratando de uma separação legal sem ao menos consultá-la? Ou será que estava apenas cuidando de assuntos relacionados com uma das empresas de que era acionista? Mas por que não comentava nada com ela?

Numa manhã ensolarada, perto da janela que dava para a varanda do apartamento, Alice fingiu-se ocupada em arrumar o cavalete para começar uma aquarela. Enquanto isso, disfarçadamente, observava Jake aprontando-se para sair. Ele estava ainda mais esquisito do que nos últimos três dias. Alice tinha quase certeza de que o destino dele seria o aeroclube. Finalmente ela não agüentou mais. Afastou-se do cavalete e foi sentar-se no braço da poltrona.

— Não tenho o costume de lhe perguntar aonde vai, não é?

— É — respondeu Jake, erguendo a cabeça para olhá-la. Com o rosto sem maquiagem e os cabelos desarrumados,

Alice mais parecia uma criança rejeitada. Os olhos verdes muito abertos deixavam claro que ela estava preocupada. Bem que ele gostaria de se aproximar para abraçá-la, confortá-la, afagar aqueles cabelos de fogo, acariciar aquela pele macia. Mas... o que faria em seguida?

Jake ainda a desejava e não podia continuar vivendo aquele pesadelo. O desejo sem posse o consumia por dentro, pouco a pouco. Ultimamente esse tormento havia se intensificado, porque ele não conseguia se livrar da suspeita de que Alice buscava conforto nos braços de outro homem.

Jake não podia culpá-la por isso. Não podia nem odiá-la, porque a responsabilidade cabia apenas a ele. Nos últimos meses Alice praticamente havia renunciado à própria vida para se dedicar a ele.

— Você é uma belíssima mulher, Alice — disse Jake. — Não me lembro de ter visto outra como você.

Há muito tempo ele não dizia palavras tão ternas. De um momento para outro, o antagonismo que havia entre eles parecia ter se afastado, como uma névoa.

— Você também sempre foi muito especial para mim — ela respondeu. — Meu mundo mudou por sua causa, Jake. O que eu sou hoje, seja o que for, é obra sua.

Jake sorriu e balançou a cabeça.

— Não. Você está diferente, sim, mas não por influência minha. Quando a reencontrei, você já estava em outro mundo,- era lá que eu deveria tê-la deixado. — Ele se aproximou e ergueu a mão para afagar os cabelos dela. — Eu sempre quis tomar conta de você, Alice, mas acho que agora não precisa mais de mim. Sei que deve estar se perguntando o que ando fazendo, por que tenho passado tanto tempo com os advogados. Só estou tentando me certificar de que você terá condições de cuidar de tudo sem muita dificuldade, se por algum motivo eu não estiver por perto... Antes de mais nada, quero que me desculpe se a tenho feito sofrer. Em nenhum momento foi essa minha intenção.

Alice experimentou uma estranha sensação, como se recebesse um golpe de ar, mas isso era impossível, porque as janelas estavam fechadas.

— Todos os casais têm seus problemas — ela disse, devagar. — Eu me casei com você porque queria estar a seu lado, o que tem acontecido. Portanto, não pode ter sido tão ruim assim.

Jake segurou o rosto dela com as duas mãos e olhou-a nos olhos.

— Não, tem sido muito bom. Você apareceu quando eu mais precisava, Alice. Sua companhia nesses últimos meses... bem, isso tem sido para mim uma coisa mais do que especial. Bem que eu gostaria... Teria sido muito bom se pudéssemos ter passado algum tempo juntos, isso antes. Entende o que estou querendo dizer? Poderíamos ter realizado alguma coisa juntos, mesmo durante um curto período. É engraçado, mas nunca temos todo o tempo que pensamos ter. Se as pessoas percebessem como o tempo passa depressa, cuidariam para não desperdiçá-lo. Se soubesse disso, naquela época, eu não teria hesitado. Poria você no Sizaire e a levaria para o campo, onde a possuiria no meio das árvores. Mas não fiz isso e nós não...

— Você me devia ter feito a proposta — lamentou Alice.

— E você teria concordado?

Havia tanta ansiedade nos olhos dele que Alice sentiu as faces em brasa.

— Acho que sim.

O rosto de Jake se iluminou.

— Está vendo? Como eu disse, nós vamos deixando passar as chances! Uma vez li um poema que um sujeito escreveu para a filha, isso há alguns séculos. Acho que naquela época as pessoas tinham os mesmos sentimentos das de hoje. Bem, o poeta falava na "carruagem alada do tempo", o que chamou minha atenção. Eu era aviador e me considerava uma espécie de condutor de uma carruagem alada. Como eu, o poeta sentia a exigüidade do tempo, só que tinha consciência disso.

— É Andrew Marvell — disse Alice. — Lembro-me de ter lido esse poema quando estava na escola.

— Ninguém lia poesia na escola que frequentei... a menos que quisesse ser reprovado. Comprei meu primeiro livro de poemas numa barraca que vendia e comprava objetos usados, numa rua pobre da cidade, onde imigrantes se dedicavam a esse tipo de comércio. Lembro-me de que o dono da barraca pegou o livro com muito respeito, olhando para mim com igual reverência. Talvez pensasse que estava tratando com uma pessoa instruída. Bem, levei o livro para casa e li-o da primeira à última página, embora

não tenha gostado de alguns dos poemas. Mas é preciso reconhecer que Marvell sabia ir ao cerne das questões. Referindo-se a Carlos I, por exemplo, disse: "Nada do que ele fez ou disse foi comum". Sabe... se as pessoas pudessem dizer isso de mim, depois de minha morte, confesso que ficaria um bocado contente.

Jake sorriu e inclinou a cabeça para beijá-la. Os lábios dele estavam quentes, proporcionando algo de que ela há muito tempo sentia falta. Naquele instante Alice lembrou-se daquele primeiro beijo roubado, muitos anos antes, que tinha sido sua primeira e real lição de amor.

O som insistente de uma buzina veio da rua.

— É Daquin! — exclamou Jake, indo abrir a janela para contemplar o céu azul por cima dos telhados de Paris. — Está um lindo dia, um dia perfeito para voar.

— Paul não precisa de você lá! — começou Alice. Jake, porém, já estava a caminho. Perto, da porta ele parou e voltou-se.

— Adeus, Alice. Eu estava falando sério, ainda há pouco. Foi um período muito bom.

Outra vez Alice experimentou uma estranha sensação. Não conseguiu identificá-la logo, mas quando ficou sozinha começou a se perguntar se não era medo.

Minutos mais tarde ela andava pelo apartamento, inquieta, incapaz de se concentrar no que quer que fosse. Acabou entrando no quarto de Jake.

Alice quase não ia ali e jamais entrava quando Jake estava lá. Sentando-se na beirada da cama, ela olhou detidamente para todos os cantos, como se pudesse encontrar ali a solução para um enigma. Mas tudo o que viu foi a confirmação de algo que já sabia: aquele homem vinha de um mundo diferente do dela, um mundo que parecia não querer admiti-la. Os livros eram em geral sobre engenharia, mesclados por algumas biografias e uns poucos volumes sobre arte. O que ela dera de presente no Natal estava sobre a mesa-de-cabeceira, com o marcador entre as páginas, dando a entender que Jake o vinha lendo na cama.

Alice sabia que ele tinha o costume de ler antes de dormir, às vezes ficando até de madrugada. Via por baixo da porta que a luz ficava acesa e ouvia o barulho das páginas sendo passadas. Só não saberia dizer se ele permanecia acordado até tão tarde por causa da dor ou para não ser assaltado por aquele pesadelo...

A certa altura os olhos de Alice pousaram no paletó de Jake, pendurado nas costas de uma cadeira. Levantando-se, ela deu dois passos e pegou o paletó, como uma esposa preocupada em cuidar das roupas do marido. Depois, foi até o armário e pegou um cabide. Quando estava pendurando o paletó, reparou que havia alguma coisa num dos bolsos de dentro. Pelo tato, parecia ser um cartão dobrado.

Alice não tinha ido ali movida por nenhuma intenção de bisbilhotar, mas não resistiu à curiosidade e enfiou os dedos no bolso do paletó para tirar o papel dobrado. Parecia bem antigo, dando a impressão de que era carregado ali há muito tempo, talvez anos. Quem sabe, passava de um paletó a outro para estar sempre ao alcance da mão, como uma espécie de lembrança ou talismã. Aquele papel devia ter sido branco, mas agora estava amarelado. Alice foi até a mesa que havia a um canto e desdobrou o papel, com cuidado. Depois de fazer isso, franziu a testa, intrigada. Tratava-se do cardápio, em inglês, de um restaurante londrino. Era um cardápio da época da guerra, o que ficara claro pela data impressa no alto. Não havia nenhum motivo óbvio para que Jake carregasse aquele cardápio no bolso durante tantos anos.

Alice virou o papel. Nas costas do cardápio estava escrito, na letra de Robbie, o endereço da Sra. Daventry. Por baixo, já quase apagado, os rabiscos de um mapa de ruas. Agora ela se lembrava... lembrava-se claramente daquela noite, tantos anos antes, quando estava com Robbie num restaurante de West End e Jake aparecera acompanhado pela esfuziante e oxigenada Tilly. Robbie havia explicado a Jake como chegar na manhã seguinte à casa da Sra. Daventry, para pegar Alice e levá-la à estação de trens. Alice lembrou-se com incrível clareza do instante em que Jake dobrou o papel e,

casualmente, guardou-o no bolso do uniforme da RAF. Desde então, carregava-o no bolso do paletó que estivesse vestindo.

Com cuidado, Alice dobrou o papel e o pôs de volta no lugar de origem. Em seguida, pendurou de novo o paletó nas costas da cadeira e saiu do quarto. Aquele era um segredo de Jake, algo que ela não devia saber. Mas doía um pouco a constatação de que ele não queria que ela soubesse.

Minutos mais tarde alguém tocou a campainha e Alice foi atender. Quando abriu a porta, soltou uma exclamação de alegria.

— Robbie! Oh, entre! Por que não avisou que viria? Jake foi... bem, ele saiu, mas é claro que teria ficado se soubesse que você estava para chegar. Você ficará até que ele volte, não é?

Pouco depois eles estavam na sala de visitas. Sentado numa das poltronas, Robbie sorriu para ela.

— Acabo de pôr Edith num trem para Cote d'Azur, com uma volumosa bagagem e a companhia de um desastrado príncipe russo. Ela pagará o que ele perder no pano verde, dará uma cigarreira de ouro como prêmio pelos serviços prestados e enxotará o coitado com um pontapé no traseiro. — Robbie soltou uma risadinha. — O bom em Edith é que posso confiar nela... não em sua fidelidade, mas em sua consistência!

E aqui estou eu, livre para me divertir à vontade em Paris. Mas conte o que tem feito desde a última vez em que nos encontramos.

Alguém a quem fazer confidências era o que Alice mais vinha precisando naquelas últimas semanas. Assim sendo, logo ela se viu contando tudo a Robbie. Falou de Paul, do bimotor, das idas de Jake ao aeroclube e do efeito que aquilo tudo estava causando nele.

— Sei... — murmurou Robbie, cruzando as pernas, o que fez ressaltar o sapato de duas cores. — Não vejo como você conseguirá impedi-lo de fazer isso, Alice. Daquin está certo, a seu modo. Jake é um piloto, tem isso no sangue. Lembro-me de como ele ficava aborrecido quando era obrigado a permanecer em terra por causa do mau tempo, durante a guerra. Às vezes perambulava pelo acampamento, outras procurava dormir, mas não conseguia esconder a irritação. Mal o tempo melhorava, lá estava ele subindo no avião.

— Mas agora é diferente, Robbie, porque Jake não pode mais pilotar um avião. Sei que essas conversas com Paul só servem para deixá-lo frustrado, infeliz! Pode acabar acontecendo algo de muito ruim, porque nenhum ser humano é capaz de suportar uma pressão assim durante muito tempo.

— Espere um pouco, Alice — pronunciou-se Robbie, com firmeza, o que em parte serviu para acalmá-la. — Qual é o ponto de vista de Daquin? Ele deve perceber o efeito que essas conversas e essas visitas ao aeroclube produzem em Jake; não é?

Alice suspirou e passou a mão pelos cabelos.

— Eu não sei, Robbie. Não gosto nem de pensar nisso, mas Paul...

Quando ela interrompeu o que dizia, Robbie inclinou-se para a frente. "-

— Vamos, Alice. Lembre-se de que somos velhos amigos. Se você não pode me contar, a quem mais contará?

— Oh, Robbie! Nem imagina o quanto estou feliz por tê-lo aqui! Bem... Jake não sabe disso, mas Paul tem umas idéias malucas sobre eu me divorciar para... para me casar com ele,

Paul.

— Não me diga — falou Robbie, num tom brando. — Então ele lhe fez essa proposta? E o que levou Paul a ter essa idéia?

Alice enrubescceu de raiva.

— Eu é que não fui! Eu não... se é isso o que você está pensando! Você não conhece Paul. Ele... ele está sempre pensando, maquinando planos. Na fachada é um boêmio, um leviano, mas por dentro é como uma máquina, trabalhando, produzindo.

Robbie voltou a se recostar na poltrona e ficou olhando para ela.

— Escute aqui, Alice. Edith não precisa me dizer quando está flertando com alguém, porque eu sei. Se você andou... pulando a cerca com esse tal Daquin, pode acreditar que Jake já sabe! E não olhe desse jeito para mim, minha flor. Sou seu amigo, lembra-se? Você tem no mínimo o dever de ser honesta comigo.

— Estou sendo honesta com você, Robbie — garantiu Alice, falando devagar. — Eu não dormi com Paul, não "pulei a cerca", como você diz. Não quero fazer isso. Às vezes até sinto repulsa por Paul. No entanto, parece que Jake não está muito certo disso. Quando Paul vem aqui para discutir comigo cores, distribuição de espaços e coisas assim, Jake senta-se numa dessas poltronas e fica nos observando. Sei muito bem o que ele pensa nessas horas: acha que Paul é meu amante. Na certa Jake pensa que eu correria para os braços de Paul se arranjasse um jeito de me livrar dele com dignidade. Não gosto de admitir isso, nem para mim mesma, mas é essa a conclusão a que cheguei.

Robbie cocou a cabeça.

— Jake deve ter algum motivo para suspeitar, mesmo que esteja enganado, principalmente se estiver enganado. Que motivo é esse, Alice?

Alice levantou-se e caminhou até a janela, apertando nervosamente as mãos. O céu estava azul e claro, um dia perfeito para voar, como dissera Jake.

— Jake dorme num quarto, eu durmo em outro — ela revelou, com apatia na voz. — Tem sido assim desde que nos casamos. Todas aquelas coisas terríveis que aconteceram durante a guerra o afetaram muito. Ao ser derrubado, ele pensou que seria consumido pelo fogo. Isso não aconteceu, é claro, mas... mas acabou produzindo uma espécie de bloqueio. Desde aquele dia, Jake nunca mais... nunca mais... Alice não conseguiu concluir a frase, mas isso não foi preciso.

— Ai, meu Deus! — exclamou Robbie, soltando um assobio.

Fez-se um demorado silêncio. Era uma situação terrível, mas Alice sentia-se aliviada por ter revelado o segredo. Depois de algum tempo, voltou-se para Robbie, cruzou os braços e olhou-o de frente.

— Como você já deve ter adivinhado, Jake pensa que eu busco consolo nos braços de outro homem. Tenho certeza de que ele sabe que Paul tem tentado me convencer a pedir o divórcio, mas o pior de tudo é Jake pensar que é isso o que eu quero.

Robbie ouviu aquilo tudo numa postura relaxada, mas logo se pôs de pé, tão bruscamente que quase a assustou.

— Sente-se, Alice, que vou lhe servir um drinque. Não discuta, florzinha. Apenas faça o que estou dizendo.

Alice obedeceu e voltou a ocupar a poltrona onde estivera sentada. Três minutos mais tarde Robbie retornou e pôs um copo na mão dela, enquanto bebericava o próprio uísque.

— Muito bem, Alice, agora quero que me conte tudo bem direitinho, desde o começo. Então, você e Jake estão vivendo juntos, mas não como marido e mulher. Daquin sabe disso?

— Acho que sim, porque ele é muito esperto. É por isso que tenho medo dele.

— Calma, menina. Está começando a ficar nervosa outra vez. Beba seu uísque.

— Não gosto de uísque.

— Não tem importância, beba assim mesmo. Então, Daquin sabe de tudo e acha que isso o deixa numa situação privilegiada? Ora, Alice! Você deve fazê-lo ver que isso não tem nenhum apoio na realidade. Que problema pode haver nisso, meu Deus? Basta que você dê um fora nele, um fora bem dado. Mande-o nadar no Sena, de preferência com um tijolo amarrado no pescoço!

Alice ficou em silêncio, olhando para um ponto fixo na parede. Aquilo chamou a atenção de Robbie.

— O que foi? — ele se apressou em perguntar.

— É que... existe uma coisa que Paul pode fazer! — disse Alice, pondo o corpo sobre a mesinha de centro, tão nervosamente que derramou um pouco do uísque. — Sim, existe!

Não está vendo, Robbie? Paul pode fazer seu trabalho em Jake, continuar falando sempre sobre aviões, levando-o ao aeroclube, fazendo com que ele fique cada vez pior, até que...

Ela parou de falar, o que deixou Robbie nervoso.

— Até que o quê, pelo amor de Deus?

Alice ficou olhando o pedaço de céu azul que aparecia na janela.

— Até que Jake tente voar novamente. É isso o que Jake mais quer, e é por isso que tem falado tanto com os advogados.

Robbie ficou olhando para ela, com a boca aberta. Alice levantou-se e correu para segurar no braço dele, sacudindo-o.

— Robbie, temos que ir àquele aeroclube para impedi-lo disso! Jake pretende levantar vôo com o avião de Paul... Tenho certeza! Oh, como pode ser tão estúpida, tão cega? — Alice cerrou os punhos, agoniada. — Quando ele disse aquilo tudo, antes de sair, eu devia ter adivinhado. Mas não... deixei-o ir. Robbie, Jake vai se matar! É esse o jogo de Paul, e Jake caiu direitinho!

— Jake não seria tão estúpido! — contrapôs Robbie.

— Uma vez Jake me disse que, se tivesse que viver um casamento sem significação, igual ao que meus pais viveram ou o que eu e ele estamos vivendo agora, preferiria estourar os miolos. Bem, dar um tiro na cabeça não está muito de acordo com o jeito de ser de Jake. Ele é um aviador e foi essa a forma que escolheu para dar um fim em si próprio.

— Não! — rebateu Robbie, segurando-a firmemente pelos ombros. — Nenhum piloto faria o avião cair de propósito! Pode ser que Jake tenha mesmo alguma idéia maluca na cabeça, mas quando estiver lá em cima o treinamento e o instinto prevalecerão. Ele levantará vôo com aquela lata velha e a trará de volta à pista, com toda a segurança!

— Você está se esquecendo de Paul — disse Alice, com voz fraca. — Quando tem algum plano, ele não esquece o mínimo detalhe. Outro dia, durante um almoço, mencionou um certo problema mecânico no avião. Logo se apressou em afirmar que estava tudo em ordem, mas... suponhamos que nem tudo esteja assim tão em ordem. — Com o medo estampado nos olhos verdes, ela se voltou para o ex-noivo. — Pense nisso, Robbie.

CAPÍTULO XVI

Robbie balançou a cabeça, recusando-se a aceitar o que Alice dizia. Mesmo assim estava preocupado, o que transparecia na palidez do rosto.

— Vamos com calma, Alice! Esse seu amigo Paul pode ser um libertino, inescrupuloso e imoral, mas isso não faz dele um assassino. Sim, porque é disso que você o está acusando. Ele foi um piloto de guerra, e nenhum piloto manda um companheiro deliberadamente para a morte.

— Não tenho tempo agora para discutir com você — disse Alice, enquanto vestia o casaco. — Vou pegar o Sizaire e correr para aquele aeroclube. Você pode vir comigo, se quiser.

— É claro que eu vou! — declarou Robbie, com ênfase. — Onde está o carro?

— Numa garagem aqui perto. Acho que há gasolina suficiente no tanque.

A curta distância entre o prédio de apartamentos e a garagem pareceu uma travessia de quilômetros, tão grande era a ansiedade de Alice. Eles iam quase correndo, esbarrando nos passantes.

— Acho melhor eu dirigir — ofereceu-se Robbie, ofegante. — Você está nervosa demais.

Alice agitou a cabeça, de pronto.

— Não! Você não conhece o caminho e não está acostumado com o trânsito de Paris.

Robbie submeteu-se e ocupou o banco ao lado dela.

— Está bem, mas vá devagar! Não adiantará nada se formos detidos por algum guarda.

Logo, porém, Robbie pôde perceber que Alice era uma excelente motorista. Mesmo assim, fechou os olhos quando ela entrou numa curva em alta velocidade, cantando pneus. Ainda bem que o Sizaire era um carro estável.

Na frente da sede do aeroclube, o Hispano-Suiza vermelho reluzia solitário. Com o coração em disparada, Alice estacionou o Sizaire ao lado do outro carro e desembarcou, acompanhada por Robbie.

O lugar estava calmo, parecendo até um deserto. Uma leve brisa de primavera balançava as folhas novas e muito verdes das árvores. Aquele silêncio era um contraste forte com o barulho do centro de Paris, por onde eles haviam passado. O único som audível era o de um bimotor que cortava as poucas nuvens, lá no alto.

— É um Camel — identificou Robbie. — É um velho bimotor do tempo da guerra. Nosso esquadrão era composto por aviões como aquele.

— É o avião de Paul — revelou Alice.

Depois disso ela saiu correndo para contornar um dos cantos da sede do aeroclube, dirigindo-se à pista de pouso. Foi seguida por Robbie, que pisava firme no chão de cascalho. Uma figura solitária estava encostada na cerca, fumando um cigarro, numa postura relaxada. Olhando por cima do ombro, Paul pareceu surpreso ao ver a aproximação deles dois.

— Alô, Alice. O que a trouxe aqui?

— Onde está Jake? — quis saber Alice, sem se preocupar em responder à pergunta dele.

Paul, por sua vez, também ignorou a pergunta dela e fez um gesto na direção de Robbie, com ar de desconfiança.

— Quem é esse?

— Um amigo, meu e de Jake. Diga logo onde está Jake, Paul! — ela insistiu, cada vez mais ansiosa.

Paul ergueu as sobrancelhas escuras, imperturbável, e fez um leve gesto de cabeça.

— Lá em cima.

Em silêncio, os três levantaram os olhos para acompanhar o bimotor que, graciosamente, cortava o céu azul. Alice abriu os lábios secos e murmurou, horrorizada:

— Você não tinha o direito...

— Escute aqui, Alice — cortou Paul, com calma. — Eu não encostei um revólver na cabeça do homem para obrigá-lo a entrar no avião. Ele queria voar. Teria sido difícil para mim impedi-lo.

Pela forma como ele pronunciou aquelas palavras, qualquer um diria que estava sendo sincero. Só que Alice conhecia Paul muito bem.

— Mas você sabia que as condições dele recomendavam tudo, menos pilotar aquele avião!

Uma nuvem de fumaça cobriu o rosto bonito de Paul, que jogou fora o cigarro pela metade.

— Ele é um aleijado e está um pouco enferrujado... mas foi um ás da aviação durante a guerra. Tinha uma reputação que ia além de nosso meio. Jake Sherwood era uma lenda. Aquele avião me pertence, custou um bom dinheiro. Você acha que eu gostaria de vê-lo se espatifar no chão? Se confiei em Jake, por que você não pode confiar?

Em seguida ele enfiou a mão no bolso para pegar o maço de cigarros. Alice segurou no braço dele com tanta ânsia que o fez soltar o maço, espalhando os cigarros pelo chão.

— Não quero ouvir nenhuma dessas suas explicações simplistas, Paul! — ela esbravejou. — O que quero saber é que chances tem Jake de fazer pousar em segurança aquele avião!

— Todas as chances! — respondeu Paul, com veemência. — Que coisa, Alice! Eu não o teria deixado levantar vôo se não tivesse plena confiança na perícia de Jake, como acabei de dizer.

— E como está a máquina? — ela perguntou, friamente. Paul olhou diretamente para ela, mas mesmo assim era impossível dizer com certeza o que ia na cabeça daquele homem.

— O motor estava rateando, mas os mecânicos o consertaram. Esta manhã fiz uma revisão junto com eles.

— É bom que você esteja certo, amigão — pronunciou-se Robbie, falando pela primeira vez. — Do contrário, terá que dar algumas explicações. Recomendo que vá pensando logo no que vai dizer, porque também sou piloto e sei direitinho o que vou perguntar.

Com a boca meio aberta e a raiva estampada no rosto, Paul virou-se para dar uma resposta. Ao ver a determinação que havia nos olhos de Robbie, porém, mudou de idéia e permaneceu em silêncio. Em seguida, abaixou-se para recolher os cigarros, dos quais acendeu um. Naquele gesto foi possível ver que a mão dele tremia um pouco, mas não seria possível dizer se era de nervosismo ou raiva.

Por cima da cabeça deles, o bimotor preparava-se para dar o último giro sobre o aeródromo antes da aterrissagem. Robbie passou o braço por cima dos ombros de Alice, para confortá-la.

— Acalme-se, menina. Jake é um piloto como poucos, e parece que está se saindo muito bem lá em cima. Ele precisava fazer isso. Precisava mostrar a si mesmo, tanto quanto a nós, que ainda tem condições de voar. Sempre foi obstinado como uma mula.

— Não — murmurou Alice. — O que ele quer é me deixar livre. Jake pensa que, quando ele não estiver mais a meu lado, poderei construir uma vida nova, provavelmente com...

— Depois de hesitar por alguns instantes, ela apontou para Paul e concluiu, em tom de escárnio: —...com esse animal! Só que jamais farei isso!

Paul voltou-se para ela, muito pálido, mas um fato novo o impediu de dizer o que queria. Um barulho diferente no motor do avião fez com que os três erguessem a cabeça ao mesmo tempo. O motor rateou por alguns instantes, ficando depois em silêncio.

— O combustível não está passando... — concluiu Robbie.

— Ele pode planar... — Depois de molhar o dedo na saliva, o rapaz ergueu a mão no ar. — Diabo! Ele está vindo na direção errada e o vento pode pegá-lo pela cauda!

Paul afastou-se por trás deles, mas nenhum dos dois reparou enquanto ele caminhava depressa na direção da sede do aeroclube. O avião agora parecia estar voando baixo demais. Era até possível ver a cabeça e os ombros do piloto, lutando com os instrumentos.

Em seguida o bimotor inclinou-se para o lado e começou a descrever uma curva. Com a respiração contida, Alice quase podia ouvir as batidas do próprio coração. Foi quando o avião começou a descer com mais rapidez, como um grande pássaro que voasse na direção deles.

— Meu Deus! — exclamou Robbie. — Ele não vai conseguir. Vai se espatifar.

Aos olhos fascinados e horrorizados de Alice, tudo parecia estar acontecendo muito vagarosamente, como um filme passado em câmera lenta. O bimotor ia chegando perto, perdendo altitude a cada instante. Oscilava de um lado para outro, antes de começar a girar como uma folha seca. Aquilo foi se acelerando mais e mais. Finalmente o avião mergulhou e tocou o chão. Ricocheteando, voltou ao ar e girou sobre si mesmo, para

voltar a cair, dessa vez em definitivo. Na queda, as duas asas se partiram antes que o aparelho finalmente parasse, um esqueleto desfigurado do que antes tinha sido.

Bem antes disso, porém, Robbie havia se posto em movimento, pulando a cerca que limitava a pista de aterrissagem. Agora corria na direção dos destroços do avião. Um jovem mecânico surgiu de algum lugar, correndo para o mesmo ponto. Alice passou por baixo da cerca, tirou os sapatos e seguiu o exemplo dos dois.

— Volte! — gritou Robbie, não a deixando se aproximar dos destroços do Camel. — Essa coisa pode explodir a qualquer minuto!

— Jake! — ela conseguiu dizer, mostrando com a mão. Enquanto uma silhueta meio visível se mexia no interior da fuselagem, eles ouviram uma voz fraca:

— Diabo! Será que alguém pode me ajudar?

— Agüente firme, amigão — respondeu Robbie. — Já vamos tirá-lo daí.

Em seguida ele se voltou para o mecânico e começou a mostrar, gesticulando muito, o que queria que o rapaz fizesse. Alice sentiu o cheiro forte do combustível que se espalhava.

— Oh, não... — ela murmurou.

Nesse instante alguma coisa a fez virar a cabeça. Lá longe, perto da sede do aeroclube, Paul os observava. Ao ver que Alice o olhava, o espectador solitário virou-se e começou a se afastar. Alice correu atrás dele, gritando:

— Paul! Pelo amor de Deus! O combustível está vazando!

Paul hesitou por alguns instantes. Depois, como se tomasse uma decisão, pulou a cerca e correu para onde estavam Robbie e o jovem mecânico.

À margem do campo de pouso, Alice ficou observando enquanto os três homens abriam caminho entre os arames e ferros contorcidos para retirar o piloto. Era uma luta contra o tempo. Finalmente eles conseguiram tirar Jake do meio dos destroços e começaram a arrastá-lo para longe dali. Mesmo a distância era possível ver que ele protestava, como se não quisesse ser carregado, até que os outros o sentaram no chão, à sombra do hangar.

Alice correu até ia e caiu de joelhos na frente dele. Jake tinha uma escoriação embaixo do olho esquerdo e um corte grande na testa, que sangrava abundantemente. Fora isso, parecia não ter sofrido nenhum outro ferimento.

— Eu consegui! — ele repetia, cheio de vibração e orgulho. — Eu consegui, Alice!

— Oh, Jake! —ela exclamou, apertando-o contra o peito e sujando as mãos e o vestido de sangue.

Jake abriu um sorriso enorme, como um menino orgulhoso de uma façanha recentemente realizada.

— Eu não lhe disse que conseguiria? — Só então ele reparou na presença do amigo e antigo companheiro de farda. — Meu Deus... é você, Robbie?

— Você é um idiota, desmiolado — disse Robbie, também sorrindo. — Será que não vai aprender nunca?

Sem se importar com a censura, Jake soltou uma gargalhada, mostrando os dentes brancos em contraste com a máscara de sangue.

— Sou um piloto, lembra-se?

Ninguém prestava atenção em Paul. Tendo se afastado do grupo no instante em que Alice abraçou Jake, ele agora se dirigia para os destroços do Camel.

— Mas... para onde ele está indo? — exclamou Robbie, finalmente reparando naquilo.

— Devia se afastar dali. O que aquele maluco está pretendendo fazer?

Quando estava a poucos metros do avião, Paul tirou um cigarra do bolso e acendeu-o, com a maior naturalidade.

— Ele não pode fumar ali! — disse Robbie, como se não estivesse acreditando no que via.

Como sempre, Paul parecia saber muito bem o que estava fazendo. Tirando o cigarro da boca, ele examinou-o para ver se estava bem aceso. Em seguida, inclinou-se para a frente e jogou o cigarro no meio dos destroços. Imediatamente depois, girou o corpo e afastou-se correndo, consciente de que estava pondo em risco a própria vida.

Houve um estrondo forte e uma bola de fogo se elevou, consumindo os restos do Camel. Alice, Jake, Robbie e o mecânico ficaram olhando, boquiabertos, a fumaça que subiu ao céu azul.

Paul agora estava bem longe da fogueira que havia provocado. Depois de passar as duas mãos pelos cabelos, ele ergueu a cabeça e passou pelo grupo, como se não reparasse na presença daquelas pessoas.

Ninguém pronunciou uma só palavra. Pouco depois, o silêncio foi quebrado pelo barulho do motor do Hispano-Suiza, que se afastou com os pneus girando forte no chão de cascalho.

— Eu não preciso de médico! — gritou Jake, pela décima vez. — Robbie, diga isso a ela, homem!

— Ela tem razão — contrariou-o Robbie, com firmeza. — Você passou por um desastre feio e está com um corte enorme na testa. Sempre achei que você tem a cabeça dura, mas é possível que tenha sofrido um traumatismo. Acho melhor procurar o médico.

— Traumatismo! Essa agora é boa! Então eu pareço um homem que sofreu um traumatismo? Pareço, hein?

Agitando-se no sofá, Jake afastava as mãos que queriam ajudá-lo.

— Não dê ouvidos a ele — recomendou Robbie, olhando para Alice. — Em seu lugar, eu mandaria chamar o médico. Enquanto isso, vou fazer um chá, um chá de verdade. Robbie dirigiu-se à cozinha e Jake continuou seus protestos:

— Eu não gosto de chá!

Indiferente à recusa dele, Alice chamou Séraphine e mandou-a chamar o médico. Depois, voltou-se outra vez para Jake.

— Eu não preciso de médico! — ele insistiu.

— Está bem, mas ele vem assim mesmo — rebateu Alice, balançando a cabeça. — Oh, Jake! Como você pôde...

Mais calmo, ele apertou os olhos cinzentos e sorriu.

— Eu precisava fazer aquilo.

Alice passou a mão pelos cabelos dele, onde havia placas de sangue endurecido.

— É, você precisava... Bem, o médico não pode vê-lo desse jeito. Vou buscar um pouco de água.

Minutos mais tarde ela retornou com uma bacia de água e um pano limpo, ao mesmo tempo que Robbie chegava com o chá. Jake olhou alternadamente para os dois.

— Isso é pior do que o desastre em si, sabiam?

Alice sentou-se no sofá e começou a limpar o rosto dele, tomando cuidado para que o ferimento não voltasse a sangrar. Enquanto isso, Robbie punha generosas colheradas de açúcar no fumegante "chá. Depois de pôr a caneca na mão de Jake, sentou-se de frente para o casal.

— Escute aqui, paspalhão! Então eu venho visitá-lo, depois de tantos anos, e acabo descobrindo que você foi fazer acrobacias aéreas! Que coisa mais feia... Um homem em sua idade!

Os dois riram, ante o olhar de reprovação de Alice. Em seguida Jake tomou um gole de chá.

— Mas que diabo é isso? — ele perguntou, fazendo uma careta.

— Apenas chá preto, açúcar, um pouco de leite condensado que encontrei no armário e conhaque.

— Tem gosto de... não sei o quê.

Robbie recostou-se na poltrona e cruzou as pernas.

— Você nos deu um susto e tanto, Jake. Quando estava correndo para aquele avião, pensei que precisaríamos chamar um padre no lugar do médico. Mas o que foi que houve?

— O combustível foi cortado e... Ai! — O protesto foi provocado pela mão de Alice, que limpava perto do ferimento. — Mas o que há com vocês dois? Por que não me deixaram no meio daqueles destroços? Trouxeram-me para cá só para me torturar!

Robbie riu daquela acusação.

— Não, foi porque gostamos de você, seu pilantra. Alice cheirou a caneca de chá e fez uma expressão de dúvida.

— Não se deve dar bebida alcoólica a um homem ferido. Jake e Robbie olharam para ela.

— É o que dão na RAF — disseram os dois, ao mesmo tempo.

Quando o médico chegou, logo ordenou que o paciente fosse para a cama. Mesmo assim declarou que, a julgar por aquele primeiro exame, não havia constatado nenhum ferimento sério. Um hematoma grande embaixo do olho esquerdo desapareceria dentro de no máximo uma semana. O corte na testa, embora mais sério, não apresentava perigo. Certamente deixaria uma cicatriz, mas nada "de muita significância", conforme o jeito pomposo de falar do médico.

Depois que o homem partiu, deixando Jake convenientemente medicado, Robbie também se preparou para ir embora. Antes de sair, perto da porta, olhou para Alice.

— Esse sujeito... Daquin... Você vai precisar tomar cuidado com ele. Não podemos provar nada. O desgraçado agiu rápido e destruiu todas as evidências, juntamente com o avião. Agora o Camel não é mais que um monte de cinzas.

— Não há necessidade de provas, Robbie — disse Alice, com firmeza. — Eu sei, e Paul já percebeu isso. É o que basta.

Robbie não parecia compartilhar essa opinião, mas não disse nada. Os dois saíram do apartamento e ele apertou o botão para chamar o elevador.

— Está ocupado por alguém que vem subindo — disse Alice, observando a luzinha vermelha. — Espere um pouquinho.

Robbie beijou-a na face e pôs o chapéu na cabeça.

— Não tem importância. Irei pela escada. São só alguns lances. Cuide-se bem, Alice, e boa sorte com nosso doente. Voltarei aqui amanhã.

Logo em seguida ele desapareceu, descendo os degraus da escada. Alice girou o corpo para voltar ao apartamento. Nesse exato momento o elevador parou naquele andar, com um rangido metálico. A porta se abriu e Alice voltou-se novamente, dando de cara com Paul.

O decorador era a última pessoa que ela esperava ver. Talvez por isso, ficou parada onde estava, tomada de espanto, quando na verdade devia entrar no apartamento e bater a porta na cara dele. Paul estava muito pálido e parecia tenso. Com as mãos nos bolsos, ele ficou parado, em silêncio, como se esperasse que ela falasse primeiro.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Alice, em voz baixa e cortante, os olhos verdes fuzilando. — Como ousa aparecer em minha frente?

As faces de Paul ficaram levemente coradas.

— Vim saber como está Jake — ele respondeu, encolhendo os ombros e desviando os olhos. — Vim também para pedir desculpas.

— Desculpas? Desculpas!

Alice mal podia acreditar no que estava ouvindo. Será que ele de fato pensava que, apenas fazendo uma encenação de candura, conseguiria se livrar de mais uma enrascada, como conseguira em tantas outras situações?

— Desculpas, sim! — gritou Paul, com inesperada ferocidade.

— E que desculpa pode ter? Eu jamais sonharia que alguém pudesse ser capaz de fazer o que você fez, Paul!

— Eu queria você — ele se justificou, mais parecendo uma criança de quem houvessem tomado o brinquedo preferido. — Jake estava no caminho. Pensei que, sem ele, talvez você acabasse me aceitando.

— Pois devia ter percebido que isso jamais aconteceria, com ou sem Jake! Eu não poderia amar você, Paul. Houve época em que até gostei de você, mas agora... — Alice olhou-o da cabeça aos pés, com desdém. — Só consigo sentir desprezo. Paul encolheu-se um pouco.

— É mais ou menos isso o que estou sentindo por mim mesmo'. Não tenho orgulho do que fiz.

— Pelo menos não está negando! Robbie acha que você ateou fogo no avião para destruir as possíveis provas. Foi isso mesmo?

— Não! — respondeu Paul, enraivecido. — Seu amigo Robbie pode pensar o que quiser! Pus fogo no avião por causa do que fiz... porque foi provavelmente a pior coisa que já fiz até hoje. Aquele avião representava o que há de pior em mim, e por isso o destruí! Acredite ou não, é essa a verdade.

Ele parecia sincero, mas Alice não poderia mais acreditar em nada que partisse daquele homem.

— Não vou continuar trabalhando com você, Paul — ela disse, com calma. — Sem dúvida já percebeu isso.

Paul balançou afirmativamente a cabeça.

— Sim, é claro. É uma pena, porque fizemos boas coisas juntos. Você não se incomoda que eu use seus desenhos na casa de Laroche? — Alice deu de ombros e ele continuou: — Pagarei tudo o que lhe devo, por intermédio do banco. Não precisaremos nos encontrar.

Alice ficou olhando para ele, com apatia. Era evidente que Paul não havia extraído nada daquela lição. Logo voltaria a ser o mesmo de antes, arquitetando seus golpes, usando as pessoas. Mas ela não estaria por perto e, assim, não correria riscos.

Paul parecia querer dizer mais alguma coisa. No entanto, deve ter percebido o que ia no pensamento dela e preferiu entrar outra vez no elevador, indo embora.

Jake abriu os olhos, e reparou que as cortinas estavam puxadas, o que deixava o quarto numa semi-obscuridade. Consultando o mostrador fosforescente do relógio de pulso, constatou que já eram quase cinco da tarde. Certamente o médico lhe tinha ministrado algum sedativo, o que o fizera dormir por algum tempo. No entanto, um simples sonífero não teria poder para atenuar a ação da adrenalina que lhe corria pelo corpo. Estava acordado, e bem acordado, com todos os nervos em perfeita atividade e cheios de uma nova vida.

Com gestos pousados, Jake foi mexendo os braços e as pernas, flexionando cada articulação. Moveu também a cabeça para os lados e para a, f rente, repetidas vezes, e verificou que não sentia dor em nenhum desses movimentos. Estava tudo em ordem. Finalmente, explorou com os dedos a região embaixo do olho esquerdo. Ali, sim, estava dolorido, o que fazia supor uma aparência horrível para o rosto.

Jake repousou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos. Era como se tivesse vivido outra vez o desastre que o havia tirado da guerra. Lembrava-se de ter gritado o nome de Alice, a força que o mantinha no mundo dos vivos. A imagem em que a via na fronteira entre a vida e a morte jamais saíra de sua cabeça. Por Alice, e apenas por ela, ele havia resistido. Durante muito tempo parecera que aquela batalha terrível não resultaria em nada, mas agora era diferente. A vitória, tão duramente perseguida, estava bem ali ao alcance da mão.

Na penumbra do quarto, Jake chamou:

— Alice?

Quando abriu os olhos, viu o rosto de pele muito alva emoldurado pelos cabelos de fogo. No centro ressaltavam aqueles olhos de um verde indescritível. Só que agora a imagem era real, não apenas um delírio.

— Por onde você andou? — ele perguntou.

Alice entendeu de imediato o sentido da pergunta: o que a impedira de tomar posse daquela parte da vida dele que devia pertencer a ela?

— Estive sempre aqui, Jake.

Alice sorriu para ele, hesitante. O rosto de Jake estava transfigurado pelo hematoma embaixo do olho e pelo corte na testa, que o médico fechara com cinco pontos. No entanto, havia uma fascinante beleza naquele rosto, emanada principalmente do intenso brilho dos olhos cinzentos. Era como se não estivesse ali o mesmo Jake com que ela vivera os últimos meses, mas sim um homem novo, renascido, embora o semblante fosse o mesmo.

Alice sentiu um frio percorrer-lhe a espinha. Por pouco, por muito pouco não havia perdido aquele homem. Outra vez passou pela cabeça dela a imagem do Camel rodopiando no ar e arrebatando-se no solo. Jake havia combatido a morte de frente, absolutamente sozinho.

— Você ia me deixar para trás — ela murmurou, como o lamento de uma criança perdida. — Como pôde tentar uma fuga tão irresponsável... tão estúpida? O que é que eu iria fazer sem você?

— Eu sempre a fiz ficar com raiva — penitenciou-se Jake. — Venha cá, que vou aplacar essa raiva...

Jake sentou-se na cama e segurou o rosto dela com as duas mãos. Colando os lábios nos dela, forçou-a a deitar-se de costas e cobriu-a com o próprio corpo. Alice se viu prisioneira, mas não queria lutar por liberdade. Ao contrário, queria cada vez mais sentir o peso do corpo musculoso que a comprimia. Foi um beijo demorado e cheio de ânsia, durante o qual as mãos deles trabalharam freneticamente, explorando o corpo um do outro.

A certa altura, Jake ergueu um pouco a cabeça e olhou para ela, com um misto de ternura e paixão.

— Acho que agora você não está enraivecida, mas sim excitada.

— Sim — confessou Alice. — Você sempre me fez sentir isso... desde nosso primeiro encontro. Eu queria resistir a esse sentimento, mas não conseguia.

— Não resista — recomendou Jake, começando a tirar as roupas dela.

Bem devagar as peças foram sendo jogadas no chão, uma a uma. Com os lábios molhados e tonta de desejo, Alice esperou passivamente apenas serpenteando o corpo para facilitar a ação dele. Em seguida Jake se inclinou para lhe beijar os seios, descendo dali até o umbigo. Logo estava outra vez deitado por cima dela, mordendo-a de leve no pescoço e nos ombros. Alice sentiu a mão dele se insinuando por entre as coxas, forçando uma abertura, e murmurou, apreensiva:

— Jake...

— Está tudo bem — ele garantiu, com calor na voz. — O pesadelo acabou e eu estou acordado. Estou livre! Sei que posso fazer o que quiser e o que mais quero no mundo é você.

Alice respondeu de pronto, com uma declaração que veio da alma:

— Eu também te quero, Jake.

Ao ouvir isso, ele mostrou um sorriso cheio de ternura, compreensão e amor. Agora eles não precisavam dizer mais nada, agiam em perfeita sintonia. Deitando-se de costas, Jake abriu os braços num convite cheio de promessas. Talvez ainda fosse difícil para ele assumir a posição do macho dominador e possessivo, mas naquele instante aquilo não tinha a menor importância. Cheia de amor, Alice acomodou o corpo por cima do dele.

— Agora... — disse Jake, com a voz rouca de prazer. No instante seguinte foi como se eles não fossem mais duas pessoas, mas apenas uma, os corpos se confundindo no momento do êxtase.

Minutos mais tarde, um raio avermelhado do pôr do sol penetrou por entre as cortinas para iluminar os corpos nus dos dois amantes. Relaxados e cansados, eles pareciam em total imobilidade nos braços um do outro. Jake mexeu um pouco a cabeça e murmurou, ao ouvido dela:

— Eu te amo, Alice, sempre a amei. Nada do que aconteceu comigo até hoje pode significar mais para mim do que o momento que vivemos instantes atrás. Agora, sim, posso dizer que você é minha mulher... e eu sou seu marido.

Alice apoiou-se no cotovelo e olhou para ele, sorrindo.

— Você sempre foi...

Em cima da mesa-de-cabeceira, o despertador batia compassadamente, como um coração pulsando. Alice abraçou-se outra vez a Jake e ficou imaginando se ele sentia as batidas do coração dela, a força vital de um corpo querendo se adaptar ao ritmo do outro.

Quando eles se separaram, ele comentou:

— Aquele vôo... Percebi que o motor estava com problemas tão logo o avião começou a subir. Podia ter aterrissado logo em seguida, sem nenhum problema, mas não queria desperdiçar aquela chance. Você compreende, não é, meu amor?

— Compreendo — murmurou Alice, outra vez aninhando a cabeça no peito musculoso.

Jake afagou os cabelos dela e passou a ponta dos dedos por trás da orelha, o que a deixou arrepiada.

— Eu sempre quis ser o melhor em tudo, Alice... desenhar o melhor motor de automóvel, ser o melhor piloto. Mesmo quando estava convalescendo e comecei a aprender piano, achei que deveria ser um excelente pianista. Mas o que de melhor me aconteceu foi você, Alice. Nem sei o que fiz para merecê-la... porque sempre fui um sujeito egoísta. Depois que a conheci, porém, nada do que eu fizesse teria qualquer importância se você não estivesse incluída. Era como se eu houvesse encontrado uma pérola rara e estivesse disposto a pagar qualquer preço para possuí-la. Se precisasse sacrificar minha própria vida para merecer seu amor, acredite, eu me submeteria a esse sacrifício... porque sem você não sou nada.

Alice segurou o rosto dele com as duas mãos.

— Você é minha vida — ela declarou, com ternura. — E minha vida, tudo em mim pertence a você.